

PAULA ARANTES BOTELHO BRIGLIA HABIB

“EIS O MUNDO ENCANTADO QUE MONTEIRO LOBATO
CRIOU”: RAÇA, EUGENIA E NAÇÃO.

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas sob a orientação da
Profª. Drª Maria Clementina Pereira Cunha.

Este exemplar corresponde
à redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em

25/02/03

BANCA EXAMINADORA.

Profª. Drª. Maria Clementina Pereira Cunha.
(orientadora)

Prof. Dr. José Roberto Franco Reis.
(membro)

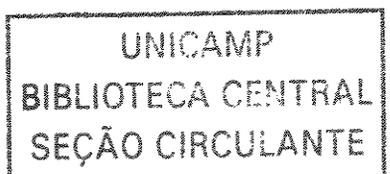
Profª. Drª. Silvia Hunold Lara
(membro)

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira
(suplente)

Maria Clementina Pereira Cunha
José Roberto Franco Reis
Silvia Hunold Lara

CAMPINAS, 2003.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



UNIDADE	RE
Nº CHAMADA	UNICAMP H114e
✓	EX
TOMBO BC/	53555
PROC.	124/03
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	01/05/03
Nº CPD	

CM00182317-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

15 15 299012

H114e	<p>Habib, Paula Arantes Botelho Briglia "Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou" : raça, eugenia e nação / Paula Arantes Botelho Briglia Habib. -- Campinas, SP : [s.n.], 2003.</p> <p>Orientador: Maria Clementina Pereira Cunha. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 2. Eugenia. 3. Racismo. 4. Nacionalismo. 5. Literatura brasileira - História e crítica. I. Cunha, Maria Clementina Pereira. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------	---

8645 1511 5798

Para Vovô Abílio e Vovô Botelho,
Para Tio Waldemar, Tio Carlos e Tio Edinho.
(in memoriam)

Para meus pais, Haroldo e Céres.
Para meu irmão, Lucas.

RESUMO

O objetivo deste estudo é abordar uma parte da vida e da obra de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) investigando como dialogou com teorias raciais e com a Eugenia. No contexto histórico das primeiras décadas do século XX discutir a nação significou discutir a constituição racial do povo brasileiro e suas possíveis conseqüências para o futuro do Brasil. Assim, pretendi analisar como o autor participou e divulgou o projeto de intervenção social, que em um sentido mais amplo, vinculava-se ao tema da regeneração nacional.

ABSTRACT

The aim of this study is to approach the life and the works of José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), investigating the way he dialogued with racial theories and eugenics. In the historical context of 20th Century first decades to discuss the nation concerning to discuss the racial makeup of the Brazilian people and his possible consequences to the Brazil future. Thus, I intend to analyze how the writer announced and propagated the project of social interferences, which in a more extensive meaning, was linked to the theme of national regeneration.

**O Mundo Encantado
de Monteiro Lobato**

*Quando uma luz divinal
Iluminava a imaginação
De um escritor genial
Tudo era maravilha
Tudo era sedução
Quanta alegria
E fascinação
Relembro...
Aquele mundo encantado
Fantasiado de dourado
Oh! Doce ilusão
Sublime relicário de criança
Que ainda guardo como herança
No meu coração
Glória a este grande sonhador
Que o mundo inteiro deslumbrou
Com suas obras imortais
Vejam quanta riqueza exuberante
Na escritura emocionante
Com seus contos triunfais
Os seus personagens fascinantes
Nas histórias tão vibrantes
Da literatura infantil
Enriquecem o cenário do Brasil
E assim...
E assim
Neste cenário de real valor
Eis o mundo encantado
Que Monteiro Lobato criou*

(Batista da Mangueira, Darcy e
Luiz)
Samba-Enredo da Estação Primeira de
Mangueira -1967

ÍNDICE:

AGRADECIMENTOS	11
INTRODUÇÃO:	15
<i>Capítulo 1: Da Roça para a Posteridade.</i>	21
1.1) <i>E tudo começou no Buquira.</i>	21
1.2) <i>A redenção pela ciência.</i>	37
1.3) <i>Higiene e Eugenia – Lições Paulistanas.</i>	46
<i>Capítulo 2: “Nada que lembre o passado”: a Literatura a serviço da Eugenia.</i>	65
2.1) <i>Maior que o Pão Açúcar.</i>	65
2.2) <i>Manhãs cariocas.</i>	71
2.3) <i>Desventuras de um turista sueco.</i>	83
2.4) <i>O único romance.</i>	90
<i>Capítulo 3: A Eugenia no Sítio de D. Benta:</i>	127
3.1) <i>O lúdico a serviço da nação:</i>	127
3.2) <i>O lugar da negra.</i>	132
3.3) <i>Um passeio pela Grécia Antiga: o passado e o futuro.</i>	139
CONCLUSÃO:	167
FONTES E BIBLIOGRAFIA	171

AGRADECIMENTOS

Ufa! Durante boa parte dos momentos finais desta dissertação, pensava no quão prazeroso e gratificante seria escrever estas páginas. Mas agora percebi que a tarefa não é das mais simples. Em primeiro lugar, porque significa o fim de um trabalho e de uma etapa de minha vida que, apesar das dificuldades, incertezas e inseguranças, já está deixando saudades. Além disso, agradecer pessoas tão especiais, que me proporcionaram o deleite e a felicidade de cruzarem meu caminho é, digamos assim, impossível.

Um primeiro agradecimento é para a Capes/ CNPQ pelo apoio financeiro. Também aos funcionários dos arquivos e bibliotecas que consultei pela atenção e paciência; em especial gostaria de registrar alguns deles: “Seu” França, do Café da Biblioteca Nacional, pelas balas de café depois do meu kibe com Mate Leão (vício de carioca); Sílvia e Carmem do CEDAE – IEL, pelos papos divertidos em alguns momentos de desânimo e pelo carinho e interesse pela pesquisa; e “Muchacho” da Biblioteca do IFCH, não apenas por me “salvar” de algumas suspensões pelos atrasos com os livros, mas e, principalmente, pelas brincadeiras com o meu sotaque.

Maria Clementina Pereira Cunha é um dos agradecimentos mais difíceis. De aluna “rebelde”, ainda em começos de 1997, no curso de Introdução à História, tornei-me sua orientanda - daquelas que continuam a dar trabalho. E ela, pacientemente, foi me ensinando a ser menos teimosa (o que não concordo, mas ela insiste) e radical. Meu porto seguro durante todo esse tempo, soube mesclar com a firmeza e sabedoria que lhe são característicos, os “puxões de orelha” e as conversas de amiga que, talvez, ela não imagina, mas foram imprescindíveis para a finalização do trabalho. Minha dívida é enorme e eterna. Só me resta o muito obrigado!

Luciana Barbeiro e Uliana Dias, do CECULT sempre me receberam de braços abertos. Muitas vezes, foram minha “salvação” quando minhas estripulias com o computador não eram bem sucedidas. Com isso, tornaram-se amigas prontas a me socorrer e, principalmente a me animarem nos períodos de surtos, dos quais os mestrandos tanto falam.

Minha turma da Linha de Pesquisa em História Social da Cultura foi uma grande descoberta. Todos se mostraram interessados no meu tema de pesquisa, proporcionando discussões extremamente frutíferas para o trabalho. Além disso, entre uma Linha e outra

Ana Carolina Feracin, Célio Tasinafo, Eneida Mercadante, Marcelo Balaban (que me presenteou com uma das edições da Revista do Brasil) e Socorro Rangel, sempre me fizeram rir de tudo, inclusive de mim mesma, tornando o trabalho muito mais divertido e agradável.

Leonardo Affonso de Miranda Pereira foi quem me apresentou ao “mundo das letras”, ainda no Banco de Crônicas do CECULT. Sua orientação segura e paciente sempre me acompanhou desde a graduação até o Exame de Qualificação, no qual seus comentários ajudaram não apenas neste trabalho, mas para a vida. Também parte da Banca de Qualificação, Silvia Lara teve um excepcional cuidado com meu texto e suas observações foram fundamentais. Robert Slenes, com sua calma foi uma referência importante, desde uma matéria sobre Viajantes, ainda no curso de História. Sidney Chalhoub, apesar das constantes brincadeiras com meu tema, sempre foi um interlocutor importante e um exemplo de profissional.

Minha turma de graduação, História 97, é excepcional. Seja pela admiração intelectual que tenho por vocês ou pelas cervejas na cantina, churrascos e festas na Unicamp que participamos juntos, ou ainda pelo apoio que sempre me deram (até mesmo, no início da faculdade, fazendo revezamento para me consolar pela saudade). Vocês passaram a fazer parte da minha vida: Ana Teresa, Adriano Arruda, Adriano Mascarenhas, Bianca Motta, Eduardo Spinola, Felipe Calori, João Paulo Mesquita, Luiz Eduardo, Luiz Estevam, Marcelo Yok, Rodrigo Miranda.

Para alguns 97 que também participaram destas aventuras durante seis anos, devo um agradecimento em especial. Márcia Alvim e Karen Andrade sempre conseguiam me fazer rir, mesmo quando meu “bom-dia” era atravessado por causa do frio. Juliana Meirelles, companheira de literatos e, principalmente amiga de todas as horas, muitas vezes, se mostrou mais empolgada do que eu com esta dissertação. Com ela, aprendi que no final as coisas sempre dão certo. André Cortes de Oliveira, com sua agitação e tagarelice constantes, nunca perdeu uma chance de fazer uma piada com meus arroubos de “rabugentice”, trazendo o bom-humor de volta.

Com Henrique Polidoro a identificação foi imediata. Ele, porque percebeu que eu era “rádio velho” (qualquer pilha serve) e, eu porque sempre caía na pilha. Mas tirando as brincadeiras, foi um amigo sempre presente e fiel, apesar de quase nunca aparecer por

Campinas. Obrigado pelos socorros que sempre me deu. Claudia Roberta de Campos também é daquelas que perde a amizade, mas não perde a piada. Companheira de muitos finais de tarde na cantina, sempre tinha um tempo para ouvir meus momentos de desespero com a tese. Obrigada pelo colo e pelo ouvido!

Marli Naomi sabe bem o que passei. Juntas escrevemos nossas dissertações e, com isso nos aproximamos mais ainda. Amiga para todas as horas também, soube ouvir meus monólogos sobre Monteiro Lobato ou sobre a chuva e o sol com a mesma paciência e dedicação, próprios aos japoneses. Além disso, sempre que eu fazia alguma trapalhada com o computador (e foram algumas) várias vezes, o socorro vinha em poucos minutos. Muito obrigada pela força que me deu em todos os sentidos. Agora, pode respirar aliviada...

Albina Albuquerque Pereira é um caso a parte. Nos aproximamos, ainda em 97, por causa do choro constante de ambas. De choronas e “reclamonas”, passamos a colegas de profissão, que sonhavam em aprender latim e fazer escavações. De colegas aficionadas por livros bem velhos, passamos a amigas que não tem quase nada em comum. Mas aprendemos a lidar uma com a outra. O tempo me ensinou a lidar com seu silêncio e você, com minha fala compulsiva e às vezes até, descontrolada. E, agora, somos quase irmãs! Na verdade, acho que só não somos de sangue. Obrigada pelo que fez por mim e por estar “tomando conta” de meus pais e meu irmão para mim, tá?

Sem fazer parte da turma 97 algumas pessoas aproximaram-se ao longo do tempo: Ana Gomes, companheira dos momentos finais; Analia Chernavsky, parceira de pesquisas e de alguns chopes cariocas e campineiros; Ana Carolina Nery, que me presenteou com vários personagens do Sítio; Flávio Bocarde, que acompanhou tudo desde o início; Lia e Michelle, mais festeiras do que eu; Tatiana Favaro, que sempre acreditou no trabalho.

Alguns amigos cariocas, que conheço desde os três anos de idade, apesar da distância geográfica, também me acompanharam nesta empreitada. Eu, a única que me afastei, aprendi que amizade a gente leva para qualquer lugar. Leonardo Pereira, Ricardo Alves, Bruno Rocca, Vinícius Romano, Marcelo Rodrigues e Igor Barbosa. As meninas foram especiais: Juliana Lázaro, a mais esquecida de todas, nunca se esqueceu de mim. Alice Rival parecia sentir e me ligava quando mais estava precisando e me fazia rir com suas mil e umas confusões. Fernanda Mattos foi talvez, quem mais me incentivou a fazer História e a vir para a Unicamp, desde os nossos primeiros chopes no Baixo Gávea.

Débora Sayão nunca me deixou desistir, mesmo quando eu estava certa disso. Companheira da paixão pelas Humanas e fã de Lobato e seus personagens do Sítio sempre me incentivou em tudo, desde os tempos de colégio, passando pela organização de uma festa surpresa de despedida na véspera da minha mudança para cá até as últimas linhas deste trabalho! Valeu! Carolina Neves é daquelas que nunca gostou de História; passou os seis anos perguntando como eu conseguia. Mas, mesmo assim, seu apoio foi crucial, principalmente na reta final, quando muitas vezes virou meu despertador ligando do Rio para me acordar e me mandar para o computador. Muito obrigada despertador! Muito obrigada amiga!

Minha família é mais que especial! Além de numerosa – de ambos os lados - sempre, de uma maneira ou de outra, cada um a seu jeito, esteve próxima. Se fosse agradecer um por um, por tudo que sempre fizeram e pela torcida, talvez, ficasse maior que a dissertação. Portanto, na impossibilidade de demonstrar minha gratidão, vou apenas citá-los: Vovó Nalita, Tia Zeza, Tio Adalberto, “Padinho”, Simone, Gustavo, Letícia, Tia Solange, Tio Carlos, Iuri, Irina, Igor, Tia Marlene, Vovó Mary, Tia Izaura, Tio Mário, Frederico, Maria, Tia Nicolina, Tia Miriam, Tio Fred, Alice, Daniel, Tia Herta, Joel, Laura, Tio Cláudio, Tia Mônica, Gabriel, Marcos, Ciro, Tio Paulinho, Moreno, Natan, Igor, Isaac, Mariah, Tia Marinha, Eduardinho, Tio Juninho, Laís, Tio Jasson, Luciene, Lara e Samuel. Meu amor por vocês é incondicional!

Lucas, meu irmão, apesar do talento para a História não quis seguir a profissão da irmã. Mas, mesmo com a distância sempre esteve presente, perguntando sobre o trabalho e, principalmente com uma piada na ponta da língua para me fazer rir, ou uma bronca pela bagunça que continuo fazendo. Meus pais, Haroldo e Céres são simplesmente inexplicáveis. Responsáveis pela minha paixão pela leitura e, principalmente por Monteiro Lobato, entenderam e não reclamaram das minhas constantes rebeldias e chatices. Apesar da saudade e da eterna pergunta - “Paula, quando você vai voltar para casa?” - nunca deixaram de me apoiar e me amar incondicionalmente. Seus exemplos de vida me acompanharão para sempre e meu agradecimento espero conseguir fazer ao longo dela. Amo vocês! Muito obrigado por tudo que são e que fizeram por mim.

INTRODUÇÃO:

*“Deste ponto de vista vejo bem o Brasil em conjunto e posso julgar sua mentalidade. É o caso perdido que eu já supunha aí. Para cura-lo era preciso uma campanha tremenda que o convencesse de 4 coisas. 1)Que não é um país novo como os jornais e todo o mundo vivem a proclamar, e sim um país dos mais velhos do mundo. Idade se conhece pelos sinais da ação do tempo no organismo, rugas, cabelos brancos, arterio-esclerose etc e não vejo povo que apresente mais destas coisas. Herdou em 1500 a decrepitude de Portugal e aperfeiçoou-a a ponto que importa português para remoçar o sangue. 2)Que o que o brasileiro chama inteligência é uma coisa muito velha no mundo e conhecida por burrice. Somos imensamente burros, tão burros que não nos apercebemos disso. Inda não vi um jornal daqui falar na inteligência do americano. No dia em que eles descobrirem que são inteligentes é possível que comecem a desandar a emburrecer, do mesmo modo que no dia em que nos convenceremos da nossa burrice hereditária é possível que comecemos a ficar inteligentes. Sempre o nosce te ipsum. 3)Convencer-se que é pobre, talvez mesmo o mais pobre de todos os países pobres do mundo, pobre de pedir esmola quanto povo souber ganhar e juntar dinheiro. Essa convicção será o primeiro passo para o enriquecimento. 4)Convencer-se que é um doente. Neste pormenor vejo uma doença nova que aí não me chamou muito a atenção: paralisia. Um país onde um sujeito para ir de um ponto a cem milhas de distância precisa, salvo honrosíssimas exceções, montar num nosso irmão cavalo e gastar 150 horas da sua vida é positivamente um país paralítico. O americano faz essas 100 milhas com o dispêndio de 2 horas de vida”.*¹

Com este trecho, um tanto longo, podemos ter uma pequena idéia daquilo que será tratado nesta dissertação. Tendo como foco central o escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) e algumas de suas principais obras, pretendo mergulhar no projeto político subjacente aos seus textos e alguns de seus significados históricos. Monteiro Lobato, considerado um dos maiores escritores brasileiros, ao longo de sua vida demonstrou uma grande preocupação com os rumos da nação, sempre pensando em seu país e divulgando isso em folhas de revistas, jornais e livros. Seu maior objetivo era levar o Brasil na direção do progresso e da civilização, assim como a maioria de seus companheiros de ofício.

Este trecho de uma carta escrita por Lobato a um amigo quando residia em Nova York e que abre estas páginas resume bem as idéias do autor sobre o Brasil, numa circunstância de deslumbramento com o poderio e o progresso norte-americanos. Éramos um país atrasado em relação, principalmente, aos Estados Unidos. Atrasados

¹ Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva. New York, 9/09/1927. Arquivo Arthur Neiva – CPDOC/FGV.

financeiramente, mentalmente, tecnicamente. Na visão do autor, entretanto, o pior atraso de todos e aquele que causava os outros três citados não aparece explicitado nesta epístola – mas está presente em vários outros textos, como veremos: éramos atrasados racialmente.

Uma das principais questões a ser abordada nesta dissertação é o modo pelo qual o autor paulista imaginava o caminho a ser percorrido pelo Brasil e seu povo para alcançar seu ideal de pátria. Como escritor, acreditava na idéia cristalizada por sucessivas gerações de literatos de que, através de sua pena, poderia modificar o mundo, mais especificamente seu país. Para tanto, criou estratégias exemplares que serão também objeto de análise. Para isso precisaremos entender um pouco da trajetória de Lobato e de sua literatura.

Essa carta não foi a única na qual Lobato falou de nosso atraso e miséria. Para Arthur Neiva existem muitas outras. Em diversas cartas para Godofredo Rangel, seu amigo de 40 anos de correspondência, o autor fala de sua quase repulsa pelo povo brasileiro, seus governantes e sua elite. E como o próprio autor nos disse na “Escusatória” de seu livro² de cartas com o amigo mineiro organizado e publicado sob sua direção, apesar de as cartas não serem um gênero nobre das letras, é nelas que podemos encontrar o verdadeiro homem:

“O gênero “carta” não é literatura, é algo à margem da literatura.... Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante desse monstro chamado Público, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito. (...) Mas cartas não... Carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana.”³

Mas muito mais que conversas com um amigo, Lobato nos deixou uma vasta literatura, tanto de cunho “adulto” quanto de cunho “infantil” que, quando lida de uma maneira despreocupada e inocente, nos encanta e apaixona com seu mundo mágico ou sua capacidade de revelar as mazelas de seu tempo e apontar caminhos para sua superação. Entretanto, se fizermos uma leitura considerando-a como testemunhos históricos, percebemos um autor quase decepcionado por ter nascido brasileiro e disposto a resolver com as armas intelectuais e políticas de seu tempo aquilo que considerava o problema nacional. Evidentemente, isso significou corroborar e divulgar idéias que, mesmo que

² Monteiro Lobato. *A Barca de Gleyre. Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1946. Obras Completas de Monteiro Lobato. 1º Série. Literatura Geral. Volumes 11 e 12. 1ª Edição.

³ Idem. Página 17.

compartilhadas com diversos outros “tutores da nação”, trazem certas implicações para sua obra sobre as quais a historiografia e a crítica literária têm jogado pouca ênfase e pouca luz. E é enquanto testemunhos históricos para o historiador social que aqui será encarada não só a literatura lobatiana como suas cartas. Assim como qualquer documento histórico, a obra literária pode ser interrogada de acordo com suas especificidades. Buscar as condições de produção e a “determinação objetiva” de cada texto torna-se essencial, para alcançar os objetivos anunciados acima.⁴

No primeiro Capítulo vamos analisar como se constituiu a figura de um Lobato nacionalista. A construção desta imagem de Monteiro Lobato teve início já em 1914, quando o autor publicou sua primeira crônica e a personagem Jeca Tatu. Elogiado e aclamado por alguns e criticado por outros intelectuais de seu período, nosso autor foi, aos poucos, fazendo fama e, principalmente tornando-se cada vez mais conhecido não só de seus colegas de profissão, como também do grande público. Vinculado a grandes lutas e bandeiras políticas, muito foi discutido acerca de sua posição na sociedade brasileira. Hoje em dia, temos a idéia de um retrato cristalizado, parado no tempo mas, de certa forma, fora de foco. Portanto uma das preocupações é embarcar com Lobato novamente em sua época, para contextualizar suas idéias e seus objetivos. A questão nacional e seus desdobramentos, discutidos na época por todos seus os contemporâneos, esteve sempre no centro de sua literatura e será abordada como uma importante chave para desvendar os vários caminhos lobatianos; desta forma, a literatura será tomada aqui como um veículo privilegiado de divulgação de idéias políticas e sociais – perspectiva, de resto, expressamente assumida por muitos escritores brasileiros desde o século XIX.

Como escritor e editor Monteiro Lobato exerceu uma forte influência no Brasil do início do século passado. A chamada revolução editorial brasileira foi realizada pelas mãos do autor, que muito contribuiu para a indústria editorial nacional. Também pelas páginas de diversos periódicos Lobato divulgou suas idéias em um período no qual, a imprensa tinha

⁴ A relação entre História e Literatura será aqui encarada com base nos seguintes livros: Antonio Candido [et. Al.]. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992; Flora Süssekind. *Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987; Leonardo Affonso de Miranda Pereira. *O Carnaval das Letras*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994. Nicolau Sevcenko. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1999; Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira (org.). *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

um papel crucial na vida brasileira, visto que estes eram um dos poucos locais, talvez o único, para a apresentação de projetos. E espaço na imprensa nosso autor teve de sobra. Desta forma, como parte integrante deste restrito grupo de intelectuais, ele pode ser considerado como um gancho crucial para a compreensão desta sociedade e dos meandros que nossos literatos utilizaram para a gestação e finalização de suas idéias, até o ponto em que divulgaram com o intuito de ensiná-las e aplicá-las.

O objetivo central deste Capítulo ao analisar cartas, entrevistas, prefácios escritos por Monteiro Lobato, além de suas biografias e críticas à sua obra, é entender de que maneira a idéia de uma “pedagogia literária” foi construída, experimentada pelo escritor e compartilhada por seus críticos e leitores. Queremos discutir ainda como Lobato participou da construção de sua auto-imagem e como a fortuna crítica do escritor utiliza-se disso para, muitas vezes, absolvê-lo de suas idéias. Iniciaremos, portanto, a análise com a crônica de Lobato que o lançou no mundo das letras: “Urupês”, de 1914, na qual foi delineada a figura do Jeca-Tatu, passando pela também famosa campanha pelo saneamento do Brasil, em 1918, a “grande reforma” do Jeca, que passou a se chamar Jeca-Tatuzinho, em 1919. Outra preocupação no Capítulo 1 será discutir a bibliografia especializada sobre raça, eugenia e ciência. Entrelaçada com as personagens acima citadas, essa literatura nos permitirá uma melhor compreensão das idéias e propósitos de Monteiro Lobato ao escrever as obras que serão analisadas nos capítulos seguintes: *O Choque das Raças* e a saga lúdica do Sítio do Pica-Pau-Amarelo, entendendo, de certa forma, como a literatura do autor foi posta a serviço de seus fins políticos e sociais. No contexto dos anos 20/30, discutiremos o que era ser defensor dos projetos eugênicos no Brasil, procurando mostrar que, em nome da ciência, grande parte dos intelectuais, políticos, médicos aceitaram e difundiram tais teorias. Acreditando serem os tutores da nação e, portanto, os únicos capazes de dirigi-la rumo ao progresso e à civilização, esses homens enxergavam a ciência como tábua de salvação para um país miscigenado. Em nome da verdade científica, propunha-se, entre outras coisas, o branqueamento da população brasileira.

No segundo Capítulo discutiremos diretamente a relação de Monteiro Lobato com as teorias raciais e com a eugenia. Lobato, de um modo particular, participou dos movimentos pró-eugenia e divulgou essas idéias. Assim, nesta parte da dissertação, trata-se de buscar indícios que demonstrem esta ligação que tem sido mantida pudicamente na

penumbra por seus intérpretes. O escritor paulista escreveu um único romance em toda a sua carreira. Pouco conhecido, pouco divulgado e, acima de tudo, pouco estudado, *O Presidente Negro ou O Choque das Raças. O Romance americano de 2228* pode ser considerado um hino de louvor à eugenia e às teorias raciais. Publicado em 1926, em forma de folhetim, no jornal carioca *A Manhã* de propriedade de Mário Rodrigues e logo em seguida vendido em formato de livro, o romance, apesar de ambientado em outro país e num futuro bem distante, não pode nem deve ser desprezado em uma abordagem que busque aproximar Lobato de seu contexto. Principalmente se pensarmos numa época na qual o pensamento autoritário estava se constituindo no Brasil e que muitos intelectuais tiveram um papel ativo neste empreendimento.

Nesta obra de Monteiro Lobato, o racismo e a eugenia estão explícitos, bem expostos e formulados. O livro pode ser considerado um manual extremamente didático de como essas teorias deveriam ser aplicadas por um governo autoritário com o propósito de formar homens eugenicamente perfeitos: a máxima dos eugenistas, *mens sana in corpore sano*, foi perfeitamente ensinada pelo autor paulista. Desta forma, o que será discutido neste Capítulo são as implicações que uma suposta relação entre Lobato e, por exemplo, Renato Kehl, Presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil, ou Lobato e Arthur Neiva, considerado junto com Belisário Penna, um dos maiores sanitaristas brasileiros e, outros intelectuais, médicos e cientistas, podem ter acarretado para a obra lobatiana como para a sociedade de seu tempo. Queremos entender e discutir em particular a dimensão racista explicitamente de sua obra e seus nexos com a história social, política e intelectual do país.

No terceiro e último Capítulo estudaremos a obra mais famosa de Monteiro Lobato: *O Sítio do Pica Pau Amarelo*. O mundo mágico de Dona Benta, Emília e companhia, que encantou e encanta até hoje gerações e gerações de brasileiros, será analisado sob uma perspectiva que enfatize suas relações com a eugenia. Este estudo será realizado com base nos conceitos e idéias implícitos na obra, mas em comum acordo com as propostas eugênicas e da sociedade autoritária e conservadora do período. Um dos principais problemas desta obra é o caráter velado e pedagógico do racismo que, com o objetivo de educar e divertir as crianças, forma cidadãos que crescem aceitando hierarquizações, regras e conceitos impostos pela sociedade. O objetivo é discutir o lugar de uma literatura infantil

para um eugenista do início do século XX que, ao mesmo tempo em que discrimina os negros dentro de sua história e tudo aquilo que é considerado popular, nos apresenta uma família eugenicamente perfeita: branca, feliz, saudável e inteligente, tornando natural sua sociedade ideal.

Mas qual seria a sociedade ideal de Monteiro Lobato? Certamente podemos vislumbrar duas: a que encontramos em *O Choque das Raças* e na saga do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. A história narrada por Miss Jane tem uma característica muito peculiar: é o projeto de sociedade eugênica e livre da raça negra, que tanto incômodo e desgosto causava aos intelectuais e “pensadores” da nacionalidade brasileira. Tida como um exercício ‘menor’, literatura onírica e descomprometida, permaneceu oculto na estante da crítica como obra sem importância, voltada para um país distante ao norte do Equador. A coleção do Sítio, para crianças, também contém um projeto de sociedade que, apesar de não estar explícito, como na obra anterior, contém os mesmos elementos constituintes. Entretanto, essas obras tiveram destinos distintos: se a primeira caiu no esquecimento do público e dos críticos e até do catálogo das obras de Monteiro Lobato foi retirada, a outra é um dos principais motivos de enaltecimento e de culto ao autor, evidência de seu elo profundo com a brasilidade que tornou “imortais” suas histórias e personagens.

Percorrendo estes caminhos, o objetivo central desta dissertação não é, diferente do que possa parecer, destruir um mito ou negar o encanto de páginas que marcaram sucessivas gerações de brasileiros nas quais, evidentemente, me incluo. Pretende-se chamar a atenção para uma outra faceta deste escritor tão popular e cultuado, tanto no meio acadêmico quanto pelas pessoas em geral, - através do livro ou da TV - para enxergá-lo em seu tempo histórico, como um sujeito que viveu intensamente seus equívocos e contradições.

Capítulo 1: Da Roça para a Posteridade.

1.1) E tudo começou no Buquira.

“Senhores: Conheceis, porventura, o Jeca Tatu, dos *Urupês*, de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista?”.⁵ Assim como Rui Barbosa, que iniciou um de seus discursos por ocasião de sua campanha presidencial, também teremos como ponto de partida um dos personagens mais famosos criados pelo autor. O recurso de citar o político é comum entre a bibliografia especializada em Monteiro Lobato. Entretanto, a resposta para o questionamento de Barbosa suscitou diversos debates no meio literário acerca do sucesso do escritor paulista, que para uns foi fruto da citação do político, enquanto que para outros a fama e o prestígio alcançados por Lobato era inevitável, decorrência do talento.

A personagem “Jeca Tatu” popularizou-se e tornou-se referência para caracterizar ou estigmatizar pessoas da roça, caipiras. Entretanto, o objetivo do autor ao descrever o caboclo nacional em 1914, pelas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, com certeza não foi esse. A “invenção” desta personagem que, em cartas para Godofredo Rangel, aparecia desde 1912, ano que já residia na fazenda do Buquira, herança de seu avô, foi uma forma encontrada para desabafar sua insatisfação com o país e denunciar as mazelas nacionais. E nesse caso específico, entenda-se como “mazelas nacionais” os problemas financeiros enfrentados pelo fazendeiro José Bento Monteiro Lobato ao administrar quase dois mil alqueires de terras⁶ em meio à crise pela qual o Brasil passava e ao início da primeira Grande Guerra Mundial.

Monteiro Lobato nunca foi uma unanimidade nacional. Seja porque o Jeca Tatu foi criticado por alguns de seus pares, seja por acusações de antinacionalismo, quando se encantou pelos Estados Unidos, seja pela sua polêmica com os modernistas que teve início

⁵ Rui Barbosa, “A Questão Social e Política no Brasil”, Conferência pronunciada no Teatro Lírico a 20 de março de 1919. *Campanha Presidencial*. Obras Completas de Rui Barbosa, Volume XLVI 1919, Tomo I. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1956. Página 63.

⁶ “(...) e a Monteiro Lobato cabe, como herança, a Fazenda Buquira, uma enorme propriedade, abrangendo 1515 alqueires de terras, que acrescidas de outras do espólio paterno, perfazem cerca de dois mil alqueires, um fazendão mesmo naqueles tempos”. Edgard Cavalheiro. *Monteiro Lobato. Vida e Obra*. Tomo I. São Paulo, Editora Brasiliense, 1955. 3º Edição. Página 120.

com o artigo sobre a exposição de Anita Malfatti em 1917, ou ainda por suas posições muitas vezes divergentes da maioria. A questão é que ao longo dos anos, principalmente após o grande sucesso que foi e que continua sendo a saga infantil do Sítio do Pica-Pau-Amarelo, a bibliografia passou aos poucos a cultuá-lo e mistificá-lo como um escritor essencialmente nacional e preocupado com os problemas brasileiros. Não que isso não seja a mais pura verdade. Monteiro Lobato seja o escritor, o editor, o político, o adido comercial, o fazendeiro, o jornalista, o intelectual e tantas outras denominações que podemos atribuir-lhe, de uma forma ou de outra, esteve sempre envolvido na luta para solucionar as questões sociais, políticas e econômicas que afligiam o Brasil do início do século passado. Entretanto, as soluções em que investiu e tentou pôr em prática estão longe da imagem idílica e conciliadora que foi construída para Lobato – ele próprio transformado em personagem de uma determinada leitura da história do país.

A bibliografia especializada, muitas vezes procura centrar sua análise nas principais obras de Lobato, com o intuito de demonstrar as possíveis influências de sua trajetória de vida refletida em seus textos, sejam os direcionados para o público adulto ou para o público infantil. Sua fortuna crítica teve início ainda quando Lobato era vivo. Não foi após sua morte, como acontece com muitos literatos que nosso autor conseguiu fama e prestígio nacional e internacionalmente. O sucesso, inesperado ou não, veio com Jeca Tatu e as discussões que surgiram em torno de sua veracidade como o caboclo genuinamente nacional foi muito bem resumida pelo principal biógrafo de Lobato:

*“Enquanto o público ia consumindo as edições, ferrava-se na imprensa uma celeuma rumorosa em torno do Jeca Tatu. Acontecera que Monteiro Lobato lançar, sem saber, está claro, um tipo destinado a provocar discussões sem conta, a fazer carreira, a permanecer como um dos poucos tipos da literatura brasileira”.*⁷

A celeuma à qual Cavalheiro refere-se foi a repercussão que a personagem causou e as respostas em forma de outros personagens, que procuraram mostrar que o caboclo não era o que havia sido representado por Lobato. Mas o sucesso foi maior que a discussão em torno da personagem e a cristalização do caboclo como “piolho da terra” tornou-se perpétua. Além disso, o discurso de Ruy Barbosa, já citado, foi mais uma ajuda que o autor

⁷ Edgard Cavalheiro. *A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1955. Cadernos de Cultura, 76. Página 7.

teve. Apesar de *Urupês* já estar na 3ª Edição, em menos de dois anos, o próprio Lobato afirmou que a citação do “Águia de Haya” fez com as vendas alavancassem:

*“O discurso do Ruy foi um pé de vento que deu nos Urupês. Não ficou um para remédio, dos 7000! Estou apressando a quarta edição, que irá do oitavo ao décimo segundo milheiro. Tiro-as agora aos quatro mil. E isto antes de um ano, hein? O livro assanhou a taba – e agora, com o discurso do Cacique-Mor, vai subir que nem foguete. (...) Tenho no prelo outro livro, sem nome ainda. Coisas velhas. Infame exploração da reclame do Ruy...”*⁸

Além do esgotamento que Ruy Barbosa propiciou nas edições do livro de Lobato, seu discurso, anos mais tarde ainda seria objeto de discussão nos meios literários. Sete anos após a campanha presidencial de Ruy Barbosa, ou do Cacique-Mor, Bráulio Gomes escreveu uma crônica para o jornal carioca *A Manhã*, no qual o autor paulista estava escrevendo, afirmando que um sério engano estava sendo cometido em relação a Monteiro Lobato e sua obra. Segundo Gomes uma mal intencionada versão girava em torno do sucesso literário de Lobato. Para a maior parte dos críticos e “correligionários de Monteiro Lobato” que nunca se preocuparam em corrigir, nem mesmo o próprio Lobato, a versão diria que o sucesso literário do autor só ocorreu devido ao discurso de Barbosa. Indignado com este pensamento escreve:

*“A propósito do sucesso desse livro e, portanto, do renome do seu autor, querem os demolidores que ambos esses invejáveis acontecimentos tenham resultado de certas referências feitas por Ruy Barbosa ao livro, fixando a figura ridícula e então recém-lançada do Jeca Tatu. Para eles, se o verbo inflamado do maior dos brasileiros mortos, não houvesse incidido casualmente sobre o assunto que fazia motivo a uma de suas últimas e memoráveis conferências políticas – se não fora isso, Monteiro Lobato continuaria desconhecido e os seus livros continuariam amontoados nas estantes do Leite Ribeiro...”*⁹

O autor do artigo não explicita quem teria divulgado tal versão, mas afirma que muito antes da conferência, Monteiro Lobato já havia esgotado edições sucessivas de *Urupês* e que mais ainda, havia firmado seu nome com as crônicas do “Saneamento do Brasil”, das quais trataremos mais adiante.

⁸ Monteiro Lobato. *A Barca de Gleyre. Quarenta Anos de Correspondência Literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1946. Tomo II. Página 194/195. S. Paulo, 20/4/1919.

⁹ Bráulio Gomes, “Monteiro Lobato e um desabafo”. *A Manhã*, 11/07/1926. Caderno *Arte e Cultura*.

Agrippino Grieco, também no mesmo jornal, afirmou que Lobato faria sucesso mesmo sem Ruy Barbosa e que na verdade, era o político quem precisava de Lobato na tentativa de ser presidente da República: *“Talvez Monteiro Lobato haja sido vítima do louvor de Ruy Barbosa. Muitos crêem que, se o grande homem não lhe houvesse endossado cheque, ele nada levantaria na praça. Um engano, tanto mais quanto a sua fama, embora menos rumorosa, já se vinha fazendo aos poucos e, mesmo sem o reclamo do mestre, ele teria, mais dia menos dia, o seu público e a sua notoriedade”*.¹⁰ Vítima ou não do discurso de Ruy Barbosa a verdade é que a marca Monteiro Lobato foi sendo construída ao longo dos anos.

Se Monteiro Lobato já era Monteiro Lobato em 1926, nos anos seguintes, principalmente após o sucesso do Sítio do Pica-Pau-Amarelo, seu nome passou a ser cultuado nos meios acadêmicos. Aclamado como o pai do Jeca, de Emília, o grande nacionalista que travou dignas batalhas pelo saneamento, pelo petróleo, pelo ferro - lutas que despertaram paixões. A crônica “Uma Velha Praga”, na qual o autor deu os primeiros indícios daquilo que viria a ser sua primeira personagem, publicada em 12 de novembro de 1914 nas páginas do principal jornal paulista, não foi a primeira experiência de Monteiro Lobato como escritor. Anteriormente já havia colaborado em jornais de cidades do interior paulista e no jornal do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo, pela qual formou-se bacharel em 1904. Entretanto, o texto estampado com destaque na página 3 do *O Estado de São Paulo* apareceu com aquilo que ficaria conhecido no Brasil inteiro e até mesmo em outros países: as iniciais de seus dois primeiros nomes abreviadas, J. B. de José Bento e a “marca” inconfundível de seus dois últimos nomes, Monteiro Lobato, em destaque.

Homem de idéias fortes e criativas, antes de aventurar-se realmente pelo campo literário pensou em construir uma fábrica de doces em vidro, um sanatório em São José dos Campos ou um colégio em Taubaté. Mas esses desejos ficariam apenas nas cartas para o amigo mineiro Godofredo Rangel, com quem se correspondeu durante 40 anos. Os assuntos nestas epístolas eram os mais variados - desde esposas e filhos até e,

¹⁰ Agrippino Grieco, “Monteiro Lobato. *Urupês*”, *A Manhã*, 10/9/1926. *“De resto, o outro é que precisava dele, porque, crítico e divulgador de gênio, nunca teria a imaginação plástica necessária para criar o tipo Jeca Tatu, de que tanto precisava no momento para amesquinhar os brasileiros em geral, à impossibilidade de vir a ser presidente da República”*. Idem. Esta crônica de Grieco é a primeira de uma série que serão analisadas mais detidamente no Capítulo 2.

principalmente, literatura. Grande parte das primeiras obras de Lobato foi discutida, comentada ou como diria o próprio autor, “gestadas” nas cartas trocadas com o amigo. Foi assim com o conto “Bocatorta”, que teve sua primeira referência na correspondência em 1909, em carta de 20 de maio, na qual o texto é apresentado como o número 1:

*“Segue o meu n.º1. Está pronto, só faltando a brunidura final. Quero que dele digas com a mais absoluta isenção. Meu fito principal é criar um impressão fortíssima no espírito do leitor – coisa de que ele não esqueça nunca. Tê-lo-ia conseguido? A cena final me parece inédita – não a encontrei nunca. A existência do atoleiro é atestada por um naturalista alemão em livro de viagem, e foi dessa leitura que a idéia veio”.*¹¹

Assim seria durante muitos anos. Monteiro Lobato discorrendo sobre suas idéias ainda em gestação, enviando os originais de seus contos e crônicas para Rangel e, muitas vezes, aceitando as sugestões dadas pelo amigo também bacharel: *“Seguem os teus Mãe e Exame e o meu Bocatorta refundido – e creio que melhorado. Teus conselhos abriram-me os olhos. Como estava infame o outro!”*.¹²

Com a crônica que foi o início da carreira literária do autor não seria diferente. Em carta de 1912 pergunta a Rangel: *“Já te expus a minha teoria do caboclo, como piolho da terra, o Porriço decalvans das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nessa teoria, um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência européia”*.¹³ Nem o livro nem o romance foram escritos. Mas aos poucos até a publicação como crônica da carta que foi enviada para a seção de “Queixas e Reclamações” podemos encontrar percorrendo as páginas do livro que ganhou o nome em homenagem ao quadro de Charles Gleyre, *Ilusões Perdidas*, diversos trechos daquilo que viriam a ser “Uma Velha Praga” e “Urupês”.

O fazendeiro, que desde a morte de seu avô em 1911, havia assumido a administração da fazenda, nas cartas para Rangel, demonstrava um misto de entusiasmo com a nova vida e, preocupação e revolta em ter que lidar com aqueles que mais tarde

¹¹ Monteiro Lobato. *A Barca de Gleyre. Quarenta Anos de Correspondência Literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1946. Tomo I, Volume 11. Página 237. Obras Completas de Monteiro Lobato. 1.º Série, Literatura Geral, Volume 11. Areias, 20/5/1909.

¹² Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Tomo I. Página 238. Areias, 2/6/1909.

¹³ Idem. Página 327. Fazenda, 7/2/1912. Dois meses antes Lobato afirmou estar pensando em um romance brasileiro: *“E cá a tenho ainda no útero mental, para o mais belo e original romance brasileiro do século vinte: O PARAÍBA”*. Idem. Página 322. Fazenda, 10/12/1911.

chamaria de Jecas Tatus. Fazia planos de ampliação da criação de galinhas¹⁴ ao mesmo tempo em que reclamava dos caboclos, que segundo ele, não queriam trabalhar e ainda colocavam fogo na mata. “A maior delícia da minha vida da roça aqui é justamente lidar com pintos, com perus, com bois e cavalos, e do bípede humano só me meter com esta insuficiência mitral que é o caboclo da roça. Mesmo assim só lido com eles através do ‘administrador’, a ponte de ligação”.¹⁵ Assim, a idéia do homem da roça como o “piolho da terra” foi aos poucos sendo construída pelo autor *in loco*.

Lobato, provavelmente sabendo que o recurso de falar da Primeira Guerra surtiria efeito, iniciou comparando os prejuízos causados por esta com a queimada que devastava a mata. Sua crônica começou com uma mistura de reclamação e desabafo; afirmou que o interesse nacional estava voltado para os acontecimentos dos “vons alemães”: “*Andam todos, em nossa terra, por tal forma embevecidos, quando não estonteados, pelas proezas infernais dos belacíssimos ‘vons’ alemães que não sobram olhos para enxergar males caseiros.*” Entretanto, a I Guerra Mundial serviu apenas como elemento de comparação, pois Lobato acreditava ser a “voz do sertão”.¹⁶ Voz esta que alertaria os cidadãos urbanos, que se havia um fogo de guerra na Europa, que um “*um fogo não menos pernicioso devasta as nossas matas com furor não menos germânico*”.

Sua intenção era descrever, em forma de protesto, os prejuízos que a seca e o fogo causaram na serra da Mantiqueira, região que observou.¹⁷ De acordo com Lobato, a queimada teve início em Agosto que “*por força da seca excessiva do inverno, o fogo lambeu montes e vales, sem um momento de tréguas, durante o mês a fio*”. Ainda segundo ele, o fogo se estendeu até final de Outubro, momento no qual escreveu. Fez uma minuciosa descrição do estado da mata depois do fogo. Sua preocupação era, mais uma vez, a falta de atenção com os prejuízos causados pela seca e a atenção demasiada com os

¹⁴ “*Empenha-se na fixação de uma nova raça de galinhas por meio de cruzamentos de Wiandotte-Silver-Laced com uma raça crioula. Aplica processos americanos, toma-se de lírico entusiasmo pelas possibilidades que se lhe apresentam. Constrói um grande lago perto da casa, enchendo-o de marrecos de Pequim, patos indígenas, gansos, mergulhões. Importa cabras Toggenburg, galinhas Orpingtons, porcos Yorkshire e Duroc Jersey. Planta mais café, mais feijão, mais milho e arroz. Remodela chiqueiros, reforma a máquina de beneficiar café, instala ‘americanamente’ as suas Leghorns, enche os pastos de capim Rodes*”. Edgard Cavalheiro. *Monteiro Lobato*. Op. Cit. Página 121.

¹⁵ Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 332. Fazenda, 19/9/1912.

¹⁶ Monteiro Lobato, “Uma Velha Praga”. *O Estado de São Paulo*. 12/11/1914.

¹⁷ “*A serra da Mantiqueira - região que observamos, ardeu como uma aldeia belga e é hoje um cinzeiro imenso, entremeado, cá e acolá, de manchas de verdura (...)* Tudo o mais é crepe negro”. Idem.

prejuízos causados pela guerra. A descrição do autor mostrou seu entrosamento com os problemas do campo: contabilizando os prejuízos, Monteiro Lobato falou do gado morto e das plantações, passando pelas aves silvestres até as cercas e aramados destruídos. Afirmou que esses prejuízos somados dariam números extremamente elevados, entretanto: *“felizmente no Brasil subtrae-se, mas não soma”*.

Monteiro Lobato afirmou que secas são normais nesta época do ano na região sobre a qual escreveu. Entretanto, segundo ele, nunca tão forte e com conseqüências tão graves, o que fez com que acreditasse ter o ano de 1914 parentesco com o ano 1000, *“de macabra memória”*. Com esta comparação e após ter exposto algumas de suas preocupações, o fazendeiro cronista perguntou qual seria a causa *“da renitente calamidade”*.

A partir desta pergunta, Lobato iniciou sua descrição daquilo que entendeu ser a causa do problema das queimadas: o caboclo. Sua primeira investida contra o homem rural foi muito sintomática: *“A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar a ela como o Argas o é aos galinheiros ou o Sarcoptes mutuaus á perna das aves domésticas”*.¹⁸ Ou seja, o caboclo foi comparado aos piolhos, às pragas que assolam o meio rural. É interessante observar que o cronista fazendeiro, mais uma vez, já havia exposto essa idéia alguns dias antes da publicação da crônica para Rangel:

“(…) Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontâneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-galinhas, ou como no pombo o piolho-de-pombo, ou como no besouro o piolho-de-besouro-espécies incapazes de viver em outros meios. O caboclo, piolho-de-serra, também é incapaz de outra piolhagem que não a da serra”.¹⁹

Assim, esta crônica, que tornou o autor conhecido no meio literário brasileiro, estava sendo elaborada e discutida com Rangel. É interessante, pois nesta mesma carta, o cronista fazendeiro descreveu o caboclo desde o período de gestação até o dia em que *“(…) aparece o pó da Pérsia que afugenta a piolhada: o italiano”*.²⁰ O relato de Lobato para Rangel é impressionante. Suas idéias sobre o caboclo eram as mesmas que encontramos na crônica *“Uma Velha Praga”*. Entretanto, talvez por estar se dirigindo apenas para um

¹⁸ Monteiro Lobato, *“Uma Velha Praga”*. Op. Cit.

¹⁹ Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*. Op. Cit. Página 362. Fazenda, 20/10/1914.

²⁰ Idem. Página 363/364.

amigo, o autor tenha sido muito mais cruel e explícito, deixando, desde já, transparecer seu preconceito:

*“Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêndea, no útero duma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro. (...) Cresce no chão batido das choças e do terreiro, entre galinhas, leitões e cachorrinhos, com uma eterna lombriga de ranho pendurada no nariz. (...) Produz uns piolhinhos muito iguais ao que ele foi, com a mesma lombriga nas ventas. (...) a obra de pilhagem e depredação do caboclo”.*²¹

Na crônica publicada no *O Estado de São Paulo*, Monteiro Lobato também fez uma descrição da vida e dos hábitos do caboclo: *“Chegam silenciosamente, ele e a ‘sarcopta’ esposa, com um filho ao peito, outro à orela da saia, já de pito na boca e faca à cinta. (...) Abancam. Em três dias, uma choça que ele denomina casa, brota da terra como urupê”*. A partir deste momento, segundo o autor, o caboclo e sua família tomam conta da terra, com o objetivo de tirar dela tudo aquilo que ela poderia proporcionar.

Assim, o caboclo apareceu como uma figura parasitária, indolente, preguiçosa, ignorante, que nada faz além de tornar o solo estéril, prejudicando o desenvolvimento do país: *“Este funesto parasita é o caboclo, espécie de homem-baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela, na sua penumbra”*. Entretanto, Monteiro Lobato não pareceu perceber ou não quis perceber que as queimadas eram consequência da grande seca, já aqui mencionadas pelo próprio autor e da qual ele reclamou: *“Em Agosto, por força da seca excessiva do inverno; (...) Vieram em começos de Setembro chuvas leves, chuvinhas de apagar poeira, e, breve, novo ‘verão de sol’ se estirou por Outubro a dentro, dando azo a que se torrasse tudo quanto escapara à sanha de Agosto”*. O discurso de Lobato foi o discurso de uma grande parte da oligarquia paulista, que estava tendo prejuízos financeiros com a lavoura. E assim, o lucro que não estava obtendo, para o cronista fazendeiro, era culpa do caboclo, e não da seca.

Desta forma, o autor acreditava no progresso e na civilização, que supunha trazida para o meio rural brasileiro pelo imigrante: *“À medida que o progresso vem chegando, com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da terra, vai ele [o caboclo] refugindo*

²¹ Idem. Página 363.

em silêncio, (...), de modo a se conservar sempre na beirada, mudo e sorno. Encoscorado em uma rotina de pedra, recua, para se não adaptar".²²

É interessante observar que este progresso do qual Lobato falou não chegou à região que habitou. O decadente Vale do Paraíba, região à qual a Fazenda do Buquira pertencia, não foi "privilegiada" com as novas técnicas agrícolas, a imigração e etc. O próprio autor não nos apresentou sinal de que essa civilização vinda da Europa havia chegado até ele. Seus conhecimentos, acerca dessas inovações, foram adquiridos, talvez, por dois motivos: o primeiro através de uma viagem que realizou em 1907 ao Oeste Paulista; o segundo motivo, provavelmente, era suas constantes viagens à capital paulista e suas leituras periódicas de jornais, livros e revistas que mandava buscar na capital.

Nesta viagem pelo Oeste Paulista, relatada ao amigo Godofredo Rangel, Monteiro Lobato ficou maravilhado, como próprio autor nos conta, com a Terra Roxa do interior de São Paulo. "*Vim de lá maravilhado e todo semeado de coragens novas, pois em toda a região da Terra Roxa (...) recebi nas ventas um bafo de seiva, com pronunciado sabor de riqueza latente*".¹⁹ O autor retornou tão encantado com a região visitada que fez planos com Rangel de mudarem-se para lá a fim de participarem do progresso e da civilização que estavam sendo trazidos pelos imigrantes e financiados pelo café. Além disso, não queria apenas mudar-se para lá: tinha um outro objetivo que era ganhar dinheiro, mesmo que fosse como bacharel: "*Lá ninguém mora; apenas estaciona para ganhar dinheiro. (...) Estou apertando minhas cunhas para ser nomeado para Ribeirão ou coisa equivalente*".²⁰

Lobato mostrou-se assustado com a grande colheita feita na região no ano em que a visitou, além da inevitável comparação com a região que habitava: "*Costumes, hábitos, idéias, tudo lá é diferente destas nossas cidades do velho S. Paulo e da tua Minas. Em Ribeirão dizem que há 800 'mulheres da vida', todas 'estrangeiras e caras'. Ninguém ama ali a nacional*".²¹ Entretanto, sua maior preocupação era a falta de italiano na região do Vale do Paraíba, que para o viajante bacharel era sinônimo de progresso e civilização. Ou seja, na concepção do autor, as terras que não podiam se beneficiar do avanço do imigrante estariam perdidas: "*Saiamos destas nossas cidades cloróticas, Rangel, onde não dá*

²² Monteiro Lobato, "Uma Velha Praga". Op Cit.

¹⁹ Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*. Op. Cit. Página 153. Taubaté, 18/01/1907.

²⁰ Idem. Página 154. Grifos do autor.

²¹ Idem. Página 153.

italiano".²² Desta forma, podemos perceber que uma das maiores preocupações de Monteiro Lobato ao escrever "Uma Velha Praga" era a falta de incentivo do governo, aliado a uma mentalidade atrasada do fazendeiro, que por falta de dinheiro e talvez, orientação não investiu em novas técnicas, na melhoria do solo e na plantação de outros gêneros que não o café.

Esta preocupação do autor pode ser visualizada de maneira mais explícita no conto "Café! Café!" de 1900. Foi publicado no livro *Cidades Mortas*²³, uma coletânea, em 1919 pela edição da Revista do Brasil, então propriedade do autor. O livro trata, como o próprio nome sugere, das cidades decadentes do Vale do Paraíba e a maior parte de seus textos foi escrito entre 1900 e 1918. Entretanto, apesar da distância temporal de alguns desses contos, o tema foi o mesmo. Os do início do século XX foram primeiramente publicados em jornais pequenos, como *O Povo* de Caçapava, a *Tribuna de Santos* e *O Minarete*, publicação dos tempos de estudante de Direito de Lobato. Alguns desses, antes de serem compilados em um livro, foram publicados entre 1916 e 1918 na *Revista do Brasil*.

No conto "Café! Café!" a personagem principal, o Major Mimbua, era dono de uma enorme propriedade produtora de café no Vale do Paraíba. Entretanto, com a crise do café no governo Campos Salles (grande colheita na região Oeste de São Paulo e a política do funding loan) e a explosão do Oeste Paulista, Mimbua foi acumulando prejuízos: "*Já ia para três anos que o produto das safras não bastava para cobrir os custeios. Três déficits sucessivos devoraram-lhe as economias e estancaram as fontes*".²⁴ A principal crença do Major era a de que o café dava para tudo e que plantar outros produtos, principalmente mantimentos, era besteira e não tinha necessidade. Lobato afirmou que essa era uma mentalidade atrasada e para provar sua tese compara a mentalidade do Major com a do caboclo:

²² Idem. Página 154.

²³ A edição consultada é bem mais recente: Monteiro Lobato, *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980. 21ª Edição. 1ª Série: Literatura Geral. Obras Completas de Monteiro Lobato. Na primeira edição, 1919, havia um subtítulo "*Contos e Impressões*".

²⁴ Monteiro Lobato, "Café! Café!", *Cidades Mortas*. Op. Cit., Página 107.

*“Todo ele (o Major) rescendia a passado e rotina. Na cabeça já branca habitavam idéias de pedra. Como essas famílias de caboclos que vegetam ao pé dos morros numa casa de palha, cercada de taquara, com um terreirinho, moenda e o chiqueiro e toda a imensidade azul e verde das serras e dos céus a insulá-las da civilização, assim a cabeça do major”.*²⁵

O conto narra a história desse Major através de sucessivas colheitas de café que não conseguiam dar lucro ao fazendeiro, muito pelo contrário. Apenas lhe traziam prejuízos, os quais Mimbua não conseguia cobrir. Seus agregados tentavam convencer o dono da fazenda de que ele deveria plantar outras coisas: *“Aconselharam-lhe o plantio de cereais; o feijão andava caro, o milho dava bom lucro. Nada!”*²⁶ Mas o Major continuava acreditando que o café dava para tudo e que se o preço estava baixo, logo subiria novamente: *“O café dá para tudo. Isso de plantar mantimento é estupidez. Café. Só café. (...) E se baixar sobe de novo. Vocês não entendem dessa estória”.*²⁷ O tempo foi passando no conto, a situação do café não melhorava e a do Major só piorava. Apesar da ótima colheita da fazenda de Mimbua, o que era vendido não cobria as despesas com plantio, empregados e alimentação. Aos poucos, o senhor de terras foi sendo abandonado por seus agregados, começou a passar fome, mas o cafezal estava sempre impecável.

Lobato descreve a “rotina de pedra” do Major que, todo dia, levanta-se cedo e ficava até tarde a cuidar da plantação, exterminando pragas e bichos da sua menina dos olhos. Entretanto, Mimbua precisou começar a vender pedaços da fazenda para pagar suas dívidas e para ter condições de continuar mantendo as plantações, uma vez que seus empregados aos poucos foram indo embora da fazenda. Durante o conto o Major Mimbua foi ficando completamente maluco, magro e desnutrido, garantindo que o café dava para tudo e que o preço iria subir:

*“O velho Mumbua estava um espetro, já nu de todo, os olhos esbugalhados a se revirarem nas órbitas com desvario. Um espetro sem carnes, só pele calcinada e ossos pontiagudos. Mas quando a boca se abria naquela barba hirsuta, o que vinha era uma coisa só: - Há de subir, há de subir, há de chegar a sessenta mil réis em julho. Café, café, só café!...”*²⁸

²⁵ Idem. Página 106.

²⁶ Idem. Página 107

²⁷ Idem.

²⁸ Idem. Página 109.

De acordo com André Luiz Vieira de Campos foi com este conto que Monteiro Lobato apresentou os primeiros aspectos do caboclo “*que desenvolveria plenamente com o Jeca Tatu*”.²⁹ Entretanto, é preciso notar que o tema principal do conto não é o caboclo e sim a mentalidade petrificada e atrasada do fazendeiro. Na história, diferentemente de “Uma Velha Praga” ou “Urupês”, os problemas não são decorrentes do caboclo e sim, da falta de investimentos, o que para Lobato, denotava uma mentalidade atrasada não só dos fazendeiros, mas principalmente, do povo brasileiro, como veremos mais adiante.

Mas a cristalização de uma das personagens mais famosas de Monteiro Lobato só aconteceu na crônica, publicada no mesmo jornal paulista, “Urupês”. Se em “Uma Velha Praga” o caboclo ganhou diversos nomes como Manoel Peroba, Chico Marimbondo, na seguinte, o autor lhe concedeu a certidão de nascimento definitiva, com nome e sobrenome: Jeca Tatu. O autor desenvolveu a imagem do caboclo descrevendo sua vida, seus hábitos, suas superstições e sua casa. Lobato alegou que era preciso enxergar o verdadeiro caboclo brasileiro. Seu ataque foi direcionado a duas correntes; o indigenismo e o caboclisto. A primeira é uma crítica ao índio idealizado de José de Alencar, o “*gentil romancista*”²³, que havia forjado índios perfeitos e de “*virtudes romanas*”²⁴ A segunda corrente diz respeito a também idealização do sertanista, orgulhoso, corajoso e com físico perfeito. Além disso, Lobato criticava a visão idílica do sertão brasileiro, imortalizado por Afonso Celso e Manuel Bonfim²⁵.

Desta vez, entretanto, o cronista fazendeiro é mais cruel com o caboclo: “*o grande cultor da lei do menor esforço*”, na visão do autor, não era raça (europeu) e nem sub-raça (o índio), ou melhor, uma raça que ele não podia definir. O Jeca era apenas um selvagem, que nada o removia da sua posição de cócoras, símbolo da sua subserviência e nada consegue fazer se assim não estiver:

²⁹ André Luiz Vieira de Campos, *A República do Pica-pau Amarelo. Uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1986. Página 09.

²³ Monteiro Lobato, “Urupês”. *O Estado de São Paulo* – 23/12/ 1914. José de Alencar, autor de *Ubirajara* (1874) e *Iracema* (1865) é considerado um dos grandes expoentes da corrente dos românticos. Veja: Alfredo Bosi. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1975.

²⁴ Monteiro Lobato, “Urupês”. Op. Cit.

²⁵ Afonso Celso (*Por que me ufano do meu país*, 1900) e Manuel Bonfim (*Através do Brasil*, 1910) entre outros, faziam parte da chamada literatura ufanista, que descrevia as maravilhas do país e de seu povo. Lúcia Lippi de Oliveira. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

*“Porque a verdade nua e despida dos mantos diáfanos da fantasia, manda dizer que entre as raças e sub-raças de variado matiz social formadoras do nosso povo, metida de permeio entre o europeu transplantado, criador de artes e indústrias, e o selvagem de taboinhas no beijo, uma exista a vegetar de cócoras, insensível ao evoluir circumvolvente”.*²⁶

Como nos mostra o maior biógrafo de Monteiro Lobato, *“para seu criador, Jeca Tatu era a mais pura expressão negativas do ser humano. Dele nada se salvava. Nem o corpo, nem o espírito”.*²⁷

Vieira de Campos acredita que o Jeca Tatu foi a representação de Lobato acerca das conseqüências da escravidão e sua abolição: *“Podemos concluir que o Jeca Tatu, caipira do Vale do Paraíba paulista, representava um tipo de relação social herdada da escravidão, que marginalizou os homens livres, ao colocá-los sob a proteção do grande proprietário”.*²⁸ Entretanto, a idéia de associação do atraso brasileiro e Jeca Tatu ganha mais significado se pensarmos também em termos raciais. Além da questão do caboclo, que para Vieira de Campos pode ser entendido como o negro liberto e o imigrante, é interessante observar as idéias de Lobato sobre patriotismo: *“Patriotismo é sentimento desconhecido, ignorante como é de tudo que concerne ao país”.* Ou seja, na visão do cronista seria praticamente impossível levar o país ao progresso e à civilização se uma de suas forças produtivas pertencia a uma estirpe de selvagens, que na concepção de Monteiro Lobato era inapta à civilização e principalmente, sem idéia de pátria.

O parágrafo final da crônica é emblemático sobre o pensamento de Lobato acerca do caboclo: *“Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive”.*²⁹ Em outras palavras, para o pai do Jeca Tatu, o caboclo não era nada; ou melhor era um ser execrável, que não fazia parte de raça nenhuma e que tinha um único destino: atrapalhar o desenvolvimento do país.

Mas se Monteiro Lobato acreditava estar fazendo uma grave denúncia sobre alguns problemas que atingiam as zonas rurais brasileiras ao criar sua primeira personagem de sucesso, alguns colegas de ofício do autor não concordaram com tal visão pessimista do caboclo nacional. Em resposta ao Jeca Tatu, diversas personagens foram criadas com o

²⁶ Monteiro Lobato, “Urupês”. Op. Cit.

²⁷ Edgar Cavalheiro. *Monteiro Lobato*. Op. Cit. São Paulo, Brasiliense, 1962. Tomo II. Página 145.

²⁸ André Luiz Vieira de Campos. Op. Cit. Página 20.

²⁹ Monteiro Lobato, “Urupês”. Op. Cit.

objetivo de mostrar que o brasileiro não era aquele descrito pelo autor paulista, como Mané Chique-Chique de Ildefonso Albano e Juca Leão de Rocha Pombo. Entretanto, o que ficaria não só na memória popular, mas na memória de dirigentes e políticos foi o caboclo que além da indolência, da preguiça e de ser o maior culpado, na visão de Lobato, pelos problemas rurais brasileiros. Marisa Lajolo resume muito bem a repercussão do Jeca Tatu: “Ao longo de toda a vida do escritor, depois de sua morte e até mesmo hoje, a imagem do Jeca continua a espreitar seu criador em reaparições luminosas e esporádicas. O Jeca volta e meia ressurgue no cenário nacional – ainda que à revelia de seu criador – reacendendo velhas polêmicas”.³⁰

Com o Jeca, como já dito, o autor tornou-se conhecido. O artigo foi reproduzido em diversos jornais e revistas³¹. Mas Lobato continuava na fazenda do Buquira tendo que lidar com aqueles de quem tinha falado mal. Da roça passou a enviar colaborações para *O Estado de São Paulo* e tornou-se mais conhecido ainda. E nas cartas para Rangel sabia disso e não escondia o orgulho que sentia de estar sendo lido e admirado:

*“Recebi hoje uma carta do J. Carlos a propósito do meu artigo sobre a Caricatura. Carta cheia de adjetivos. Decididamente estou a caminho de glória nacional, coisa que a gente sabe pelo número de adjetivos que chove sobre nossa cabeça. Uma revista feminina de S. Paulo (até elas Rangel!) transcreve-me qualquer coisa e em linda nota chamariz me trata de flamante colorista. (...) É a Glória que começa, Rangel. Os adjetivos vão se chegando, como ratinhos ao queijo”.*³²

Orgulho e vaidades que acompanhariam o autor ao longo de toda a vida e que de certa forma, ajudaram na decisão de vender a fazenda e mudar-se com a família para a capital, ficando mais perto das redações de jornais e revistas, do agito cultural da cidade que tantos frutos renderiam ao autor. Entretanto, os temas rurais nunca abandonaram a obra de Lobato, sendo sua obra mais famosa a coleção de livros para crianças, totalmente ambientada em um Sítio perfeito e harmônico.

³⁰ Marisa Lajolo. *Monteiro Lobato. Um brasileiro sob medida*. São Paulo, Moderna, 2000. Página 53.

³¹ “A *Velha Praga* não cessa a peregrinação. Já foi transcrita em sessenta jornais, conforme me informa o Sinésio Passos, redator de um jornal de Guaratinguetá. Acho muito, e se o consigno é para frisar a ignorância em que andamos de nós mesmos: a menor revelação da verdade faz o público arregalar o olho”. Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Tomo II. Volume 12. Página 10. Caçapava, 16/1/1915.

³² Idem. Página 18. Fazenda, 6/2/1915.

Em 1917 a venda da fazenda foi concretizada e Lobato chega a São Paulo para deixá-la apenas em 1925, quando se muda para o Rio, como veremos no próximo Capítulo. O autor já gozava de fama e prestígio, pois além da colaboração para o jornal paulista, em março de 1916, com o conto “A Vingança da Peroba”, seu nome passou a aparecer como mais um colaborador na *Revista do Brasil*, fundada em janeiro do mesmo ano pelo grupo do jornal *O Estado de São Paulo*, como por exemplo, Plínio Barreto, José Pinheiro Machado Júnior e seu idealizador Júlio de Mesquita. O novo periódico encantou de imediato o autor: “Já viste a *Revista do Brasil*? É caso de tomares uma assinatura. Nasceu de boa estirpe, está bem aleitada pelo *Estado*, é a única nesse gênero em todo o país – e é *nossa*”.³³ O conto, já aqui citado publicado na *Tribuna de Santos* em 1909, “Bocatorta” é novamente estampado nas páginas da *Revista* no oitavo número, em agosto de 1916. Iniciava-se aqui a saga de reedições e republicações de Lobato ao longo de sua carreira literária.

De colaborador assíduo do periódico, Monteiro Lobato passou a proprietário da *Revista do Brasil* em 1918. Assim, de posse de um maquinário e com idéias há muito sendo gestadas, o autor começou a editar livros, já que a maior parte dos vendidos no Brasil era impressos no exterior. Como nos mostra Tânia Regina de Luca “A aquisição da *Revista do Brasil*, periódico que desfrutava de grande reputação nos meios intelectuais, coadunava-se perfeitamente com os projetos de Lobato, que poderia então fundar sua editora sob a prestigiosa chancela da revista”.³⁴ E foi exatamente isso que Monteiro Lobato fez.

Com a marca Edições da Revista do Brasil, lançou seu primeiro e um dos seus maiores sucessos literários: *Urupês* em 1918, com ilustrações do próprio³⁵. Muito dos

³³ Idem. Página 64. Fazenda, 20/1/1916. “Na sua origem a *Revista do Brasil* foi concebida enquanto instrumento de ação pelo grupo do jornal *O Estado de São Paulo*, que acreditava na capacidade transformadora e pedagógica da palavra escrita. Lobato, integrante ilustre dessa plêiade, nunca deixou de comungar dessa opinião”. Tânia Regina de Luca. *A Revista do Brasil. Um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo, Editora UNESP, 1999. Página 71.

³⁴ Tânia Regina de Luca. Op. Cit. Página 66.

³⁵ Em 1917, Lobato publicou, sem autoria *Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, pela Seção de Obras do Estado de São Paulo, após fazer uma pesquisa pelas páginas do jornal aos leitores. “Logo que chega a São Paulo, Monteiro Lobato amiúda sua colaboração na imprensa e organiza, para o jornal *O Estado de São Paulo*, uma pesquisa sobre o saci-pererê. Empolga-se com o assunto e transforma o resultado num livro de trezentas páginas. Com uma bela capa vermelha de Wash Rodrigues, impresso à custa do próprio Lobato e com vários anúncios que ajudavam a financiar a impressão, o livro é assinado com o pseudônimo de *Demonólogo Amador*. Contém depoimentos de leitores, ‘causos’, reprodução de quadros e de esculturas e

contos compilados no livro haviam sido anteriormente publicados na *Revista do Brasil* com outros nomes, como por exemplo “Os Faroleiros”. Com o título de “Cavalaria Rusticana” na edição nº20, em agosto de 1917, Lobato explica a Rangel o motivo da mudança de nome: “A minha *Cavalaria Rusticana*, que vou mudar para *Os Faroleiros* porque toda gente confunde ‘cavalaria’ com ‘cavalaria’ (que cavalos!), é uma colcha de retalhos cosida com panos de diversas épocas e de várias qualidades – linho, algodão, estopa”.³⁶ A princípio, o livro chamar-se-ia *Doze Mortes Trágicas*, mas por sugestão do já amigo Arthur Neiva, importante sanitarista brasileiro, o nome foi mudado. Curiosamente, na 1ª Edição de *Urupês*, as duas crônicas, “Uma Velha Praga” e “Urupês”, que tornaram Lobato conhecido no meio literário não foram incluídas; erro reparado já na 2ª Edição, esta preparada no mesmo ano, devido ao rápido esgotamento.

*“Esgotada num mês a primeira edição deste livro, sai agora a segunda, aumentada, revista e com vários pronomes recolocados pelo Sr. Adalgiso Pereira, (...). E para ela entra mais uma, como direi? – o gênero é inclassificável – mais uma indignação: Velha Praga. E também o artigo Urupês”.*³⁷

Se Monteiro Lobato considerava suas duas crônicas de estréia como denúncias das mazelas nacionais, para Vieira de Campos por esta fase da produção do autor pode se entender “que a visão de Lobato sobre o trabalhador brasileiro está determinada por dois fatores condicionantes: a imagem racista da população brasileira e a necessidade de atualização das formas de dominação sobre os trabalhadores livres”.³⁸ Acerca da atualização das formas de dominação sobre os trabalhadores livres, Monteiro Lobato iria, anos mais tarde, encantar-se com as idéias de Henry Ford e seus modos de produção³⁹ almejando semelhante industrialização para nosso país, principalmente após sua estadia em Nova York, como adido comercial do governo brasileiro, na qual teve a oportunidade de conhecer as instalações da fábrica Ford em Detroit.

partituras de música. Arrebatou os leitores, que por certo se reconheciam nos narradores e nas personagens dos ‘causos’ que liam”. Marisa Lajolo. Op. Cit. Página 29.

³⁶ Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Tomo II. Página 157/158. Caçapava, 11/10/1917.

³⁷ Monteiro Lobato, “Prefácio da Segunda Edição de *Urupês*”. *Urupês*. São Paulo, Edições da Revista do Brasil, 1918. Página 3.

³⁸ André Luiz Vieira de Campos. Op. Cit. Página 11/12.

³⁹ Uma curta, mas excelente análise da fascinação de Monteiro Lobato pelas teorias de Henry Ford pode ser encontrada em Antonio Luigi Negro. *Linhas de Montagem. O Industrialismo Automotivo e a Sindicalização dos Trabalhadores (1945 – 1978)*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2001.

Entretanto, a imagem racista da população brasileira, da qual já tivemos alguns indícios com a personagem Jeca Tatu, foi sendo ao longo dos anos aprimorada pelo autor paulista. Se em 1914 Lobato acreditava que o caboclo nacional não tinha solução e que para plagiarmos o próprio, “nada paga a pena” no Brasil, no ano de publicação de *Urupês*, o autor parece ter encontrado uma solução satisfatória não apenas para ele, como para toda uma gama de intelectuais, médicos, sanitaristas e homens dispostos a levar o Brasil em direção ao progresso e à civilização. Obra essa definida por eles como patriótica e de suma importância.

1.2) A redenção pela ciência.

Em 18 de Março de 1918 tinha início pelas páginas do jornal *O Estado de São Paulo* a campanha pró-saneamento empreendida por Monteiro Lobato. Num total de 16 crônicas⁴⁰ publicadas ao longo do primeiro semestre do ano, o autor procurou demonstrar, de diversas maneiras, que o Brasil estava doente e que era preciso saneá-lo.

*“O conjunto de artigos denuncia a precariedade da saúde pública brasileira e defende a campanha sanitária liderada por Miguel Pereira, Belisário Penna e Arthur Neiva. Suas entrelinhas representam também uma autocrítica deste Monteiro Lobato ao Monteiro Lobato anterior, que em 1914 não soubera compreender o caboclo incendiário de Buquira”.*⁴¹

Entretanto, além de lermos uma autocrítica, que mais tarde seria concretizada com um pedido de desculpas ao Jeca, podemos ler também a comunhão entre Lobato e as teorias raciais que estavam em voga no Brasil.

⁴⁰ “Saneamento do Brasil - A Ação de Oswaldo Cruz I” - 18/03/1918; “Saneamento do Brasil. 20 Milhões de Opilados” - 19/03/1918; “Saneamento do Brasil. Três Milhões de Papudos e Idiotas III” - 20/03/1918; “Saneamento do Brasil. Doze Milhões de Impaludados IV” - 21/03/1918; “Saneamento do Brasil. Diagnóstico V” - 22/03/1918; “Saneamento do Brasil. Reflexos Morais VI” - 23/03/1918; “Problema do Saneamento: Primeiro Passo” - 05/04/1918; “O Saneamento. Déficit Econômico, função do Déficit da Saúde” - 07/04/1918; “O Problema do Saneamento. Um Fato” - 12/04/1918; “A Fraude Bromatológica” - 14/04/1918; “Rondônia. Visão do Futuro e Visão do Passado (I)” - 19/04/1918; “Rondônia (II)” - 23/04/1918; “Problema do Saneamento. Início da Ação I” - 12/05/1918; “O Problema do Saneamento. Iguapé II” - 15/05/1918; “O Problema do Saneamento. A Casa Rural III” - 24/05/1918; “Saneamento e Higiene. As Novas Possibilidades das Zonas Cálidas” - 03/06/1918.

⁴¹ Marisa Lajolo. Op. Cit. Página 54.

Com um caráter claramente pedagógico, o cronista sanitarista iniciou a série com um “hino” de louvor ao cientista do Instituto de Manguinhos, Oswaldo Cruz. Já de início partia para o ataque contra aqueles que, na sua visão, ainda insistiam na idéia de um país com muitas riquezas e com um povo perfeito. Segundo o autor, “*nós, brasileiros, vivemos de longa data num delicioso mundo da lua*”. E continuou afirmando que a fraude que era imputada ao povo eram apenas retóricas que afirmavam a “*a tríplice miragem da nossa riqueza, da nossa inteligência e da nossa invencibilidade*”. Lobato, a partir disso, procurou demonstrar que tal visão ufanista não passava de mentiras e fantasias de pessoas, como o conde Afonso Celso, que nunca haviam tido contato com o mundo rural.

Monteiro Lobato afirmou que de nada adiantava sermos o país mais rico do mundo, como alguns gostavam de alardear, na fauna e na flora. Admitiu, sim, essa riqueza, mas para ele, nada disso adiantaria, se não tivéssemos a riqueza monetária. A inteligência nunca havia nos dado nada. Nem nas artes, letras, ciências, nem na capacidade de organização do país: “*Não nos deu ela (a inteligência) sequer esse elemento primordial da vida das coletividades, administração e justiça, isto é, organização perfeitamente adaptada ao meio*”. Em relação à invencibilidade, Lobato foi obrigado a aceitar que realmente nunca havíamos sido vencidos em guerra, assim como o Japão. Porém, afirmou também que não fazia sentido vangloriar-se desta façanha, já que: “*O nosce te ipsum preceito fundamental do progresso, pedra básica de toda criação social, e individual, não o praticamos ainda*”.

Entretanto, Monteiro Lobato afirmou que aos poucos, “*damos a impressão de um povo que estremunha no despertar de um longo sono de ópio*”.⁴² Ou seja, com o passar do tempo, havíamos resolvido prestar mais atenção aos problemas brasileiros e, segundo o autor, o primeiro passo já havia sido dado. Oswaldo Cruz, o grande exemplo a ser seguido havia erradicado a febre amarela na cidade do Rio de Janeiro e tinha deixado discípulos no Instituto de Manguinhos⁴³: “*Esse fato teve uma altíssima significação não percebida no momento: era o moderno espírito científico a tomar pé no país da rotina*”.

Ao longo da crônica, Monteiro Lobato fez um pequeno panorama da história da higiene, que segundo ele, teve início com Pasteur. O cientista francês, através das pesquisas, havia descoberto o reino “bacterial” e a causa de diversas doenças. Além disso,

⁴² Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. A Ação de Oswaldo Cruz I” – Op. Cit.

⁴³ Sobre a febre amarela e as políticas de higiene no Rio de Janeiro, ver Sidney Chalhoub. *Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

como o auxílio do microscópio e do laboratório, Pasteur era a concepção mais bem acabada de sábio: “*O verdadeiro sábio não emite opinião: consulta o laboratório e repete o que o laboratório diz sem enfeite nem torsão*”. Ou seja, aqui já podemos perceber alguns indícios da credibilidade que Lobato atribuía à ciência; a ciência fala em nome da verdade.

Da mesma maneira que Pasteur formou legiões de sábios na Europa, o cronista afirmou que Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, também congregou diversos cientistas. Além disso, esses sábios radicados no Instituto de Manguinhos, norteados de acordo com Lobato, pelo “*fecundo critério pasteuriano*”, estariam contaminados pelo maravilhoso espírito científico.

“*Oswaldo, Gaspar Vianna, Chagas, Neiva, Lutz, Astrogildo, Chaves Villela e Belisário Penna fizeram num lustro o que a legião de chernovizantes anteriores não fez num século*”.⁴⁴ Para Lobato, esses homens de ciência seriam a salvação do país. Através deles e de seus métodos modernos e científicos, seria possível tornar o saneamento uma obra real. E para o autor, o maior exemplo disto era o livro de Belisário Penna, *Saneamento do Brasil*⁴⁵:

“*Assim foi que de lá [Instituto de Manguinhos] reboou esse veementíssimo brado de angústia que é o livro de Belisário Penna, - O Saneamento do Brasil - voz de sábio que escarna ao vivo as mazelas do país idiotizado, enxangue, leshimanioso, papudo, faminto na proporção de 80%, e grito de indignação dum homem de bem contra a ftiíriase organizada em sistema político que roi com fúria acarina o pobre organismo inanime*”.⁴⁶

O livro de Belisário Penna, publicado pela primeira vez no final de 1917, serviu claramente de parâmetro para a série de crônicas escritas por Monteiro Lobato. Penna viajou pelos sertões brasileiros juntamente com Arthur Neiva em 1912, pelo Instituto Oswaldo Cruz. Desta viagem resultou, além do livro de Penna, o diário de viagem escrito pelos dois⁴⁷. Da mesma maneira que Lobato citou os dois sanitaristas nesta primeira crônica, nas seguintes seus nomes aparecem como exemplos a serem seguidos e louvados.

⁴⁴ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. A Ação de Oswaldo Cruz I”. Op. Cit.

⁴⁵ “*Enquanto tratava da impressão [do livro Urupês], Lobato entrou em contato com um texto que iria influenciá-lo profundamente, levando a repensar seus juízos sobre o mundo rural: Saneamento do Brasil, de Belisário Penna, obra-chave (...)*”. Carmem Lucia de Azevedo, Márcia Camargos, Vladimir Sacchetta. Monteiro Lobato. *Furacão na Botocúndia*. São Paulo, Editora SENAC, 1998. Página 111.

⁴⁶ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. A Ação de Oswaldo Cruz”. Op. Cit.

⁴⁷ Belisário Penna; Arthur Neiva. *Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte a Sul de Goiás. Estudos feitos à requisição da Inspetoria de Obras contra a seca*. Dr.

Saneamento do Brasil está dividido em duas partes: na primeira, intitulada “Demolição”, o autor procurou demonstrar os diversos tipos de doença e a situação em que a população rural encontrava-se. Na segunda parte, “Reconstrução”, Pena traçou um plano de como erradicar as doenças e melhorar a vida no campo, tornando a população livre das doenças físicas e mentais.

Da mesma forma, Monteiro Lobato procedeu em suas crônicas. O cronista-sanitarista elegeu, nas três crônicas seguintes⁴⁸, as três principais mazelas que atacavam o país: malária, Doença de Chagas e a ancilostomose. “*Não bastava o ancilostomo. Não bastava o barbeiro. Vem completar a trinidadade a anofelina que veicula o hematozoário de Laveran, pai da malária*”.⁴⁹ Assim, Lobato descreveu, para as três doenças, todos os dados possíveis sobre a larva ou inseto que contamina; pormenorizou a infecção no ser humano; identificou os sintomas sentidos pelo doente; e finalmente, seu principal objetivo: como evitar tudo isso.

Em “Saneamento do Brasil. 20 Milhões de Opilados II”, crônica na qual afirmou que 70% da população estava doente devido à ancilostomose, Monteiro Lobato chamou grande atenção para a contaminação através da pele, principalmente pelos pés. Ou seja, seu grande brado, nesta crônica foi a luta pela construção de fossas no campo e para que a população passasse a usar botas, afirmando que a erradicação desta doença era muito fácil e ao mesmo tempo muito difícil: “*Facílimo e difícilimo. Como calçar este país, único no mundo que anda de ‘pé no chão’? Como inocular na inteligência bruxoleante do povo a necessidade da fossa?*”⁵⁰ É interessante notar que Belisário Penna dedicou um capítulo inteiro de seu livro a conscientizar sobre a importância das fossas e a maneira correta de construí-las: “*Desse péssimo hábito [o de não construir fossas], filho da ignorância e da ausência de educação higiênica, resultam conseqüências funestas para a saúde, a vitalidade e a energia de nossa gente, conseqüentemente para a economia do país*”.⁵¹

Arrojado Lisboa. Rio de Janeiro, Manguinhos, 1918. Reimpresso das “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz”. Tomo VIII. Fac. III 1916.

⁴⁸ “Saneamento do Brasil. 20 Milhões de Opilados II” -19/03/1918; “Saneamento do Brasil. Três Milhões de Papudos e Idiotas III” - 20/03/1918; “Saneamento do Brasil. Doze Milhões de Impaludados IV” - 21/03/1918.

⁴⁹ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. Doze Milhões de Impaludados IV”, Op. Cit.

⁵⁰ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. 20 Milhões de Opilados II”, Op. Cit.

⁵¹ Belisário Penna. Op. Cit. Página 235.

Na crônica seguinte⁵² Monteiro Lobato explicou as causas da Doença de Chagas. Segundo ele, baseado em Belisário Penna, um dos principais motivos da transmissão da doença é o tipo de habitação rural: *“Paredes de pau a pique, ripadas de taquara, barreadas a mão e colmadas de sapé, palmas ou cascas de árvores”*.⁵³ Alguns meses depois, Lobato retoma ao assunto da habitação rural, afirmando que uma casa de sapé, no meio da paisagem, podia até ser romântica. Entretanto, de acordo com o cronista-sanitarista era necessário impor, assim como nas cidades, normas para a construção da habitação rural. Além disso, Lobato expôs que em climas frios ou temperados, a função da habitação era de servir como abrigo, uma vez que o inverno funcionava como agente de desinfecção. Entretanto, *“nos climas quentes, onde não há expurgo periódico pelo frio, e a vida inferior é uma perene bacanal, a casa, além de sua função de abrigo, há de ter uma função defensiva contra o excesso da vida invasora”*.⁵⁴

Um dos motivos que levaram Monteiro Lobato a escrever esta crônica, podemos supor, foi o Código Sanitário. Em relação às moradias, o Código havia legislado não só para as cidades como também para o campo. Segundo Lobato, a população recebeu com bastante irritação este novo código, idéia de Arthur Neiva, fazendo com que as fazendas, sítios e sítios passassem a ser obrigadas a cumprir normas de construção. O motivo seria evitar mais casas de barro, foco de irradiação do barbeiro, sendo o sapé substituído por tijolo e cimento.⁵⁵ De forma extremamente preconceituosa, o autor afirmou que essas casas de sapé só eram encontradas no Brasil e na África e que isso deveria ser motivo de vergonha nacional:

“Se São Paulo tiver bastante grandeza de ânimo para, respeitando a lei, operar lentamente a reforma do tipo condenado de casa rural, dentro de alguns anos os nossos campos apresentarão o aspecto dos argentinos e norte-americanos. Esta mácula vergonhosa da casa de barro e palha não se vê por lá, e talvez que só se encontre na África e em paizinhos aleijados pela caquexia”.⁵⁶

⁵² Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. Três Milhões de Papudos e Idiotas III” - Op. Cit.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Monteiro Lobato, “O Problema do Saneamento. A Casa Rural III”. Op. Cit.

⁵⁵ Sobre os vários tipos de construções propostos por engenheiros, ver: Marisa Varanda T Carpintéro. *A Construção de um sonho. Os engenheiros-arquitetos e a formulação da política habitacional no Brasil*. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1997. Rodolpho Telarolli Junior. *Poder e Saúde. As epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo, Editora da UNESP, 1996.

⁵⁶ Monteiro Lobato, “O Problema do Saneamento. A Casa Rural III”. Op. Cit.

Em 21/03/1918, Monteiro Lobato falou da terceira doença que atacava o país: a malária.⁵⁷ Novamente, o autor descreveu todo o ciclo da contaminação, os sintomas e a profilaxia; assim como apresentou números de quantos caboclos a doença atingia. Este fato de apresentar números já podemos perceber nos títulos das crônicas, provavelmente, um recurso utilizado pelo cronista-sanitarista para chamar a atenção do leitor do jornal.

Outro recurso utilizado foi a maneira pela qual Monteiro Lobato escreveu suas crônicas. Além de dados⁵⁸, a explicação meticulosa do ciclo das doenças no ser humano denota um claro sentido pedagógico em suas crônicas. Entretanto, é importante ressaltar que Lobato não estava escrevendo para o caboclo, para o Jeca Tatu. Seus artigos, provavelmente, eram lidos por outros literatos, pela sociedade burguesa de São Paulo, por aqueles que dirigiam o país. Ou seja, o tom panfletário percebido em algumas crônicas, fez parte de uma campanha e de uma estratégia de convencimento para que o saneamento brasileiro fosse levado às últimas conseqüências, por essas parcelas ilustres da sociedade - às quais, na sua visão, caberia definir os rumos do país.

Ao falar da malária, o cronista-sanitarista afirmou que a profilaxia era a mesma da febre amarela, já erradicada com sucesso por Oswaldo Cruz. Além do isolamento, “*em ambos os casos [na zona rural e urbana], a providência é a mesma - isolamento, embora feito por meios diversos*”, Lobato falou da necessidade da quina, “*o remédio salvador*”. De acordo com ele, a quina era a única oportunidade de erradicação rápida da doença e ainda, graças a Oswaldo Cruz, o Instituto Butantan passou a fabricá-la: “*País tropical sem quina é país perdido*”.⁵⁹

Nestas crônicas Monteiro Lobato fez acusações aos governantes brasileiros, afirmando que enquanto não prestassem atenção ao problema do saneamento e da higiene brasileiros, continuariam precisando trazer imigrantes. Para Lobato, agora em 1918, a culpa pela baixa produção nos campos era resultado da doença que atingia o caboclo e o impedia de ter forças e ânimo para cultivar a lavoura. Conseqüentemente, para continuar produzindo, o país via-se obrigado a importar braços, o que segundo o autor, saía mais caro do que o trabalho do saneamento: “*Um olhar, uma medida, uma campanha contra o*

⁵⁷ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. Doze Milhões de Impaludados IV”. Op. Cit.

⁵⁸ Esses dados são iguais aos apresentados por Belisário Penna em seu livro.

⁵⁹ Monteiro Lobato, Saneamento do Brasil. Doze Milhões de Impaludados IV”. Op. Cit. Esta crônica podemos dizer que é um pequeno resumo do Capítulo IV, Parte II do livro de Belisário Penna.

*grande mal, disso ninguém cuida - não há tempo, não há verbas... Deste depercimento progressivo resulta o nosso 'crac' econômico".*⁶⁰

Em outra crônica⁶¹ Monteiro Lobato reafirmou sua crença de que os males brasileiros estariam na doença do povo. E conseqüentemente, um povo doente não era capaz de produzir tudo aquilo que poderia. Entretanto, primeiro Lobato fez uma demonstração através de alguns cálculos⁶², e chegou á conclusão que “(...) *empobrecemos 300 mil contos por ano!*”⁶³ A conseqüência disto era a baixa renda, a elevação dos impostos e o pedido de dinheiro emprestado a bancos internacionais.

“Onde reside a verdadeira causa desta caquexia? Na doença do povo. O 'déficit' financeiro é reflexo do 'déficit' econômico. O 'déficit' econômico é reflexo do 'déficit' da saúde. Sem restaurar a saúde do povo não há solução possível para os seus efeitos mediatos e imediatos.”

Em outras palavras, o autor não estava preocupado apenas com a doença, com a falta de higiene do povo brasileiro. Sua preocupação, talvez antes do povo, era o lucro; o problema financeiro. Portanto, não podemos afirmar que o brado de Monteiro Lobato era apenas a defesa do povo e principalmente da população rural. Seu patriotismo (que o próprio define em outra crônica) não dizia respeito ao caboclo, aos Jecas Tatus como pode parecer. A questão central que estava sendo discutida era a economia e o progresso nacional. “*A população rural, esteio que é da riqueza pública, força primária da indústria extrativa, fonte de onde tudo promana, quanto mais doentia se tornar, menos eficiente na produção da riqueza será*”.⁶⁴

Para Monteiro Lobato, “*a República dos Estados Unidos do Brasil é um gigantesco hospital dirigido por bacharéis (...) O bacharel no Brasil faliu*”.⁶⁵ Segundo André Luiz Vieira de Campos, Lobato acreditava que nada seria feito se o Brasil continuasse nas mãos dos bacharéis e “*que, portanto, deve entregar o cetro da governança ao higienista, para*

⁶⁰ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. Três Milhões de Papudos e Idiotas III”. Op. Cit.

⁶¹ Monteiro Lobato, “O Saneamento. Déficit econômico, função do déficit da saúde”. Op. Cit.

⁶² Estes cálculos são baseados no projeto de Cincinato Braga apresentado à Câmara dos Deputados de São Paulo em 30/12/1917 sobre a renda da alfândega brasileira. Segundo o autor do relatório era necessário proteger os produtos brasileiros das importações norte-americanas e européias.

⁶³ Monteiro Lobato, “O Saneamento. Déficit econômico, função do déficit da saúde”. Op. Cit.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. Três Milhões de Papudos e Idiotas III”. Op. Cit.

que este, aliado ao engenheiro consertem a máquina brasílica".⁶⁶ Ou seja, na visão do cronista-sanitarista, a ciência e só a ciência poderia resolver os problemas brasileiros: *"Examinar os problemas vitais com olho médico e não com a ponta da língua bacharelesca"*.

Em algumas crônicas, o autor explicitou aquilo que entendia ser patriotismo. O dever de todo brasileiro, amante do seu país e consciente de seu dever de cidadão era lutar pelo saneamento e trabalhar para produzir riquezas para o país. Segundo Monteiro Lobato, a obra de saneamento nada mais seria do que investir em saúde e higiene e ter a garantia de que esse dinheiro, futuramente, seria multiplicado pelas mãos dos trabalhadores: *"Patriotismo! Esta palavra anda desviada do seu verdadeiro sentido. Patriota é quem cumpre o seu dever, e trabalha, e produz riqueza, e funciona como a silenciosa madrepórea na construção econômica e moral do seu país"*.⁶⁷ Ou seja, ser patriota era ser trabalhador e um trabalhador consciente de seus deveres e direitos, de forma a apresentar resultados para a economia e a política nacional. Além disso, o cronista-patriota era obrigado a reconhecer que o progresso (almejado por todos naquela época) era trazido pelos imigrantes, por empresas estrangeiras. Esta idéia de Lobato foi expressa claramente em uma crônica na qual descreveu a mudança na vida de uma população ribeirinha após a chegada de frades agricultores franceses:

"De um lado a via-férrea. A pressa, a lufa-lufa de um trem que chega, chia e parte (...), o italiano, a gente bem-vestida- esta faixa de vida fumegante que a estrada de ferro cria por onde passa, opunha a sudoeste uma barragem aterrorizante ao piracuara. Tudo nela eram lesões dolorosas ao seu viver sossegado, ao silêncio a que afez o ouvido, ao primitivismo lacustre da vida nas restingas inundáveis".

Ou seja, o trem, o italiano eram sinônimos de progresso, de vida. Da outra margem do rio, a população apenas observava; em silêncio. Era o sinônimo do atraso, da doença.

Os agricultores franceses fundaram uma comunidade, Trapa, à beira do rio Paraíba, perto de Tremembé. Segundo Monteiro Lobato, os frades resolveram sanear a população ribeirinha. Casas higiênicas foram construídas, remédios foram comprados, uma alimentação abundante lhes foi proporcionada:

⁶⁶ André Luiz Vieira de Campos. Op. Cit. Página 38.

⁶⁷ Monteiro Lobato, "Problema do Saneamento. Primeiro Passo". Op. Cit.

*“Resultado: uma ressurreição. Das carcassas opiladas onde morrinhava a indolência do pobre Jeca Tatu, saiu pelo equilíbrio alimentar, um homem resistente, pela cura das mazelas, um homem ativo, pela noção do relativo conforto, um homem constante que ‘parava’ na fazenda e criava amor á faina agrícola”.*⁶⁸

Apesar de reconhecer que o trabalho dos imigrantes franceses foi de grande valia e que era um grande exemplo a ser seguido, Monteiro Lobato, mais uma vez afirmou que a solução para a lavoura não era a importação de trabalhadores e sim, sanear os daqui. Além disso, com a I Guerra Mundial, o fluxo de imigrantes europeus (leia-se da raça branca) havia diminuído e a solução encontrada por alguns foi a imigração chinesa. Lobato foi totalmente contrário:

*“Ora, num momento destes, em que a chacina européia destróe aquele excedente de população donde nos vinha uma caudal de braços, é condição de vida para o país atender ao apelo da lavoura fornecendo-lhes em vez dos chins propostos, trabalhadores nacionais restaurados nas suas energias pela cura e pela higiene (...) E além disso um chin é um chin”.*⁶⁹

Muito além que a idéia de um patriotismo que foi demonstrado através de uma campanha pró-saneamento, Monteiro Lobato excluiu o estrangeiro. Na concepção do autor, a principal tarefa era sanear o Brasil. Mas, esse saneamento, esse programa patriótico deveria ser realizado por brasileiros e para brasileiros. O cronista não queria que o estrangeiro realizasse essa obra. Como nos mostra Vieira de Campos, *“o autor conclui que o saneamento é uma obra que s impõe imediatamente e deve se assumida pelo governo e por particulares”.*⁷⁰ Ou seja, o saneamento, além de ser iniciado já, deveria ser dividido entre a União, os Estados e os Municípios e pessoas que tivessem condições de ajudar, mas nunca por estrangeiros: *“Programa verdadeiramente patriótico, e mais que patriótico, humano, só há um: sanear o Brasil. E saneá-lo antes que o estrangeiro venha fazê-lo por conta e proveito próprio”.*⁷¹

⁶⁸ Monteiro Lobato, “O Problema do Saneamento. Um fato”. Op. Cit.

⁶⁹ Idem. Essas propostas referentes à imigração chinesa foram debatidos no jornal. No dia 23/01/1918, por exemplo, podemos encontrar um artigo, não assinado, pedindo a imigração asiática como única solução para a lavoura. “A Falta de braços” - OESP.

⁷⁰ André Luiz Vieira de Campos. Op. Cit. Página .38.

⁷¹ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. Três Milhões de Papudos e Idiotas III”. Op. Cit.

1.3) Higiene e Eugenia – Lições Paulistanas.

Um outro aspecto muito interessante das crônicas de Monteiro Lobato sobre o saneamento era a sua visão acerca da cidade de São Paulo. Às vezes uma concepção muito clara sobre, digamos, “a civilização” paulistana. Entretanto, de vez em quando, o autor deixou transparecer uma certa ambigüidade em relação à capital; um certo ar de decepção. Mas nada que não tivesse jeito, que não houvesse uma maneira de consertar. Na crônica do dia 22/03/1918, o autor relatou a existência de outras doenças, além das já citadas neste texto, como a lepra, a sífilis e a tuberculose, afirmando que “a sífilis é contrabatida nas cidades pela medicação específica que lhe atalha o passo ou minora os efeitos, mas no sertão...”.⁷² A partir desta frase já podemos ter uma maior clareza de suas idéias acerca da relação campo e cidade, raiz talvez de seus temores sobre a cidade que, poucos anos depois, Mário de Andrade batizou como “Paulicéia Desvairada”.

Para Monteiro Lobato, a importância e a competência de São Paulo eram visíveis, principalmente em termos financeiros. Em crônica já citada, na qual discutiu a questão alfandegária brasileira, comparou a exportação brasileira com a de vários outros países latino-americanos. Segundo seus cálculos, o Brasil só não exportava menos que dois países: “o Paraguai, a quem matamos todos os homens e São Salvador, brasilzinho que ninguém sabe ao certo onde fica”. E acrescentou, afirmando que caso São Paulo deixasse de fazer parte desta conta, exportaríamos menos que o Paraguai e São Salvador: “E se do Brasil, amputarmos São Paulo, o resto- um resto somando apenas 21 milhões de almas esparsas- o resto cairá na escala abaixo do sangrado Paraguai e do hipotético São Salvador”.⁷³

Sua admiração por São Paulo foi expressa também quando se referiu ao combate às endemias. Para Lobato, a erradicação em São Paulo havia sido organizada com grande sistematicidade, feito não realizado no Rio de Janeiro. E essa excelente organização paulistana havia sido empreendida porque seus responsáveis acreditavam que a cidade deveria manter o título de melhor sanitarismo urbano do país:

“São Paulo, compreendeu a necessidade de, ainda neste pormenor conservar o papel de locomotiva, arrastando rampa acima os dezenove vagões irmãos. A

⁷² Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. Diagnóstico V”. Op. Cit.

⁷³ Monteiro Lobato, “O Saneamento. Déficit econômico, função do déficit da saúde”. Op. Cit.

nossa organização sanitária já era a melhor, ou antes a única do país, que seja dito entre parêntesis compungidos, não n'a tem nenhuma".⁷⁴

Desta forma, Monteiro Lobato afirmou que o exemplo a ser seguido em termos de saneamento urbano era São Paulo. A questão que o autor levantou, entretanto, pôs em dúvida a capacidade do restante do país de se salvar das endemias: *"Porque nós cremos na possibilidade de salvar-se São Paulo com a mesma convicção que não cremos na possibilidade de acontecer o mesmo à maior parte do resto do país, ao Norte, sobretudo. O Brasil por lá desandou demais, desandou fora de toda conta e medida"*.⁷⁵ Estranho pensar que o resto do país, à exceção de São Paulo, não tinha chances de se curar das mazelas, e ao mesmo tempo empreender uma campanha pró-saneamento. Será que Lobato imaginava sanear apenas São Paulo?

Entretanto, ele reconheceu que São Paulo não era exatamente um mar de rosas. Para além das doenças a serem erradicadas, o autor descreveu diversos tipos de falsificações dos mais variados produtos: do vinagre (*"vinagre é ácido acético diluído em água"*), passando pelas bebidas (*"vermuth (...) analisados revelam até mirra e álcool alílico"*), e finalmente os remédios (*"quinino e aspirina feitos com lactose"*). Segundo o autor, a cidade havia se tornado o principal pólo de falsificação do país; a capital modelo do saneamento *"(...) virou o paraíso da fraude bromatológica"*. Afirmou ainda que a *"caquexia"* não permitia que a população lutasse contra essas falsificações: *"Sofremos da mais profunda apatia. Não reagimos contra o barbeiro dos campos, nem contra os barbeirões da cidade"*.⁷⁶

Para Vieira de Campos a campanha empreendida por Lobato tem uma clara relação com a implementação de novas técnicas de trabalho, que teve como eixo fundamental o capitalismo internacional. Além disso, em 1918, Campos argumenta que Monteiro Lobato não buscava mais a nação, a identidade nacional. Em fins da década de 10, o autor buscou *"(...) uma nova ordem através do trabalho"*.⁷⁷ É claro que Lobato estava ciente das novas técnicas de trabalho, como por exemplo, o taylorismo. Entretanto, o próprio Vieira de Campos indica-nos o caminho para uma segunda vertente de análise: *"Percebemos então que, ao tratar da questão da saúde, Lobato estava tratando de dois temas, na verdade intimamente associados: a implantação não só da ciência médica como também de uma*

⁷⁴ Monteiro Lobato, "O Problema do Saneamento. Início da Ação I" - OESP- 12/05/1918.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Monteiro Lobato, "A Fraude Bromatológica" - OESP - 14/04/1918.

⁷⁷ André Luiz Vieira de Campos. Op. Cit. Página 43.

nova organização e disciplina de trabalho".⁷⁸ Mas que ciência médica associada ao trabalho seria essa?

Em 15 de Fevereiro de 1918 foi fundada em São Paulo por Renato Kehl e Arnaldo Vieira de Carvalho a Sociedade Eugênica de São Paulo. Também em 1918 foi fundada com a participação de Monteiro Lobato, a Liga Pró-Saneamento; 1920 foi a vez do Departamento Nacional de Saúde Pública; 1923 a Liga Brasileira de Higiene Mental. Ou seja, no final da década de 10 e início dos anos 20 diversas instituições foram criadas com um claro objetivo de controle da vida do cidadão. Como nos mostra Maria Clementina Pereira Cunha:

*"Autorizada por seu caráter científico, a medicina higiênica - como a medicina mental - vai constituir um discurso sobre todas as instâncias da vida, invadindo a esfera das relações pessoais para moldá-las segundo os propósitos da ordem e da disciplina urbanas".*⁷⁹

Travestida de medicina higiênica, as idéias de Monteiro Lobato foram aos poucos se mostrando idéias eugênicas. Junto com outros colegas da campanha pró-saneamento, que acreditavam falar em nome da ciência, o cronista passou a determinar os rumos da nação, reverberando teorias da degenerescência e raciais: *"Era com base na convicção de que falavam em nome da verdade e da ciência, que eles se sentiam no direito pleno de propor projetos ambiciosos e freqüentemente radicais de intervenção eugênica na sociedade, com o objetivo de regenerá-la moral e radicalmente"*.⁸⁰

Franco Reis ao tratar da Liga Brasileira de Higiene Mental traçou um panorama muito interessante sobre a "história" das teorias raciais no Brasil. Discutindo a LBHM, o autor demonstrou de que modo esses homens (médicos, psiquiatras, políticos e literatos), que acreditavam dirigir a nação, apropriaram-se das teorias raciais européias do século XIX, como por exemplo, o darwinismo social, adaptaram-na ao caso brasileiro e de que forma elas foram sendo aplicadas aqui. Sendo na época, o tema da questão nacional o principal debate entre os "dirigentes" da nação, Franco Reis mostra que *"tanto o tema da*

⁷⁸ Idem. Página 40.

⁷⁹ Maria Clementina Pereira Cunha. *O Espelho do Mundo. Juquery, a História de um Asilo*. São Paulo, Paz e Terra, 1988. Página 35.

⁸⁰ José Roberto Franco Reis. *Higiene Mental e Eugenia. O Projeto de 'Regeneração Nacional' da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)*. Campinas, UNICAMP, Dissertação de MESTRADO, 1994. Página 05.

eugenia quanto o da higiene mental, respostas científicas da psiquiatria às questões nacional, racial e social, que tanta inquietação causava nos intelectuais e políticos brasileiros do período que pensavam a nação”⁸¹ foram sendo entendidas como as respostas que procuravam para a solução dos problemas nacionais.

Nancy Leys Stepan tem uma definição muito sintética do que essa teoria representou no Brasil:

“Como uma ciência, a eugenia baseou-se na suposição da nova compreensão das leis da hereditariedade humana. Como um movimento social, envolveu propostas para a sociedade que garantissem a constante melhoria de sua composição hereditária, encorajando indivíduos e grupos aptos a reproduzirem-se e, talvez, mais importante, desencorajando ou prevenindo os não aptos de contribuir com a sua inaptidão às futuras gerações”.⁸²

Ou seja, por tratar-se de um movimento científico, que falava em nome da verdade associando eugenia e civilização, esses homens (e Monteiro Lobato compartilhou dessa idéia) passaram a produzir discursos de cunho ordenatório demonstrando que *“o povo não era soberano (...) A etnia substituíra a cidadania.”*⁸³ Desta forma, o “povo” não era capaz de distinguir o bem do mal, o certo do errado, o higiênico do anti-higiênico e por isso, médicos, psiquiatras, intelectuais, políticos, viam em si próprios a única forma de ordenar, esquadrihar essa sociedade. Mas como Lobato compartilhou dessas idéias?

Uma das principais bandeiras dessas instituições, como a Sociedade Eugênica, a LBHM, e a Liga Pró-Saneamento era a campanha contra o álcool. A bebida era vista como um fator de degenerescência do homem podendo exercer um papel desaglutinador na família e principalmente, desviar o homem do trabalho. Franco Reis afirma que o álcool era visto como uma doença social e que seu abuso, na visão de alguns, era um dos fatores de uma herança degenerada. O grande exemplo a ser seguido na campanha anti-alcoólica era os EUA, onde vigorava a lei seca: *“No Brasil, o álcool foi claramente definido como*

⁸¹ Idem. Página 08.

⁸² Nancy Leys Stepan. *The Hour of Eugenics. Race, Gender and Nation in Latin America*. Londres, Cornell University Press, 1996. Página 1; 2. *“As a science, eugenics was based on supposedly new understanding of the laws of human heredity. As a social movement, it involved proposals that society ensure the constant improvement of its hereditary makeup by encouraging ‘fit’ individuals and groups to reproduce themselves and, perhaps, more important, by discouraging or preventing the ‘unfit’ from contributing their unfitness to future generations.”* As traduções do livro de Leys Stepan são minhas. Agradeço a André Cortes de Oliveira pela revisão dos trechos aqui utilizados.

⁸³ Vera Regina Beltrão Marques. *A Medicalização da Raça. Médicos, Educadores e Discurso Eugênico*. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1994. Página 39.

'inimigo da raça' (...), e por isso sua eliminação era assunto eugênico ligado á defesa nacional e à constituição da nacionalidade".⁸⁴

Em 1914, Monteiro Lobato definiu a pinga como a Patrona da raça do Jeca Tatu⁸⁵. Quatro anos depois, o autor culpou a bebida pelos problemas do caboclo, ao descrever as doenças. Entretanto, Lobato afirmou que os sertanistas utilizavam-se da pinga como forma de esquecer os problemas e muitas vezes, para se aquecerem; a bebida passou a ser vista como um meio de fuga:

"Se a estas mazelas sertanejas agregarmos o quadro da degenerescência fisiológica determinada pela cachaça, ficará completo o hediondo painel. (...) A pobre gente recorre a ela como um lenitivo. (...) A cachaça é o oásis momentâneo de esquecimento onde a miseranda criatura repousa da vida infeliz. (...) E a diabólica bebida para logo derreia na demência, no crime ou no agravamento dos males a que por intermédio dela o sertanejo procura fugir. Encachaçado, ele esquece".⁸⁶

Franco Reis identificou três correntes distintas dentro da teoria eugênica.⁸⁷ A primeira, que o autor chama de "*racistas ortodoxos, 'gobinistas de carteirinha'*", são aqueles que julgavam como única medida para o branqueamento da raça, seria por exemplo, a esterilização da "grande massa de degenerados"; a segunda corrente "*os que supunham o embranquecimento um processo natural e irreversível, sendo a miscigenação já a garantia e a visibilidade de seu bom andamento*"⁸⁸; finalmente, aquela que acreditava que o saneamento e a educação eram obras primordiais para o progresso brasileiro.

Tendo como base essa divisão elaborada por José Roberto Franco Reis e sendo a questão eugênica um tema relativamente pouco explicitado na obra de Lobato, acreditamos que ele transitou pelas três correntes desta teoria. Sua inserção na terceira corrente está clara e óbvia: a campanha feita pelo autor, aqui analisada, não deixa dúvida sobre as idéias

⁸⁴ José Roberto Franco Reis. Op. Cit. Página 86.

⁸⁵ "*O veículo usual da droga curativa é sempre a cachaça, meio honesto de render homenagem à deusa Pinga, patrona da raça e companheira da mandioca no esfiapá-la fibra por fibra, célula por célula*". Monteiro Lobato, "Urupês". Op. Cit.

⁸⁶ Monteiro Lobato, "Saneamento do Brasil. Diagnóstico V" - Op. Cit.

⁸⁷ É importante que se deixe claro que as três correntes possuem divergências entre si, mas seu fim é o mesmo: a criação do homem perfeito; da raça perfeita. A forma como isso deveria acontecer era diferente.

⁸⁸ José Roberto Franco Reis. Op. Cit. Página 167.

de Lobato sobre o saneamento: “*Concluindo: o nosso problema, verificado como foi o estado patológico da população nativa, é simples e uno: sanear*”.⁸⁹

Entretanto, Monteiro Lobato não estava falando apenas do saneamento higiênico, no qual a erradicação das doenças e dos maus-costumes sanitários da população deveriam ser corrigidos. O saneamento deveria ser físico, moral, racial, educacional, com o intuito de criar uma raça de brasileiros perfeitos. A eugenia, um instrumento científico, apresentava-se como a ciência do aperfeiçoamento da raça, com a finalidade de hierarquizar a população para ordená-la. Porém, como nos mostra Beltrão Marques, essas idéias não eram expostas de maneira clara, direta. A preocupação primordial era sempre o “bem-estar” da nação: “*Pareciam bastante procedentes, portanto, as relações do discurso eugenista com saneamento, higiene, e educação, uma vez que desfocavam o eixo do pensamento racista de suas características autoritárias para colori-la de atributos que expressassem o espírito da época*”.⁹⁰

Monteiro Lobato aceitou a idéia de que como raça, havíamos falhado: “*(...) falimos como povo, como país, como raça - e falimos moral, intelectual e fisicamente*”.⁹¹ Provavelmente, essa concepção do autor está diretamente relacionada com as teorias raciais, como por exemplo as teorias racistas de Le Bon, que entre outras coisas, afirmavam ser a miscigenação um dos grandes problemas a ser resolvido. Ele concluiu afirmando, mais uma vez, que a única solução era o saneamento. Mas como sanear uma “raça”? Como sanear um povo em todos os seus atributos? Ou seja, ao referir-se ao saneamento Lobato não estava falando apenas na construção de fossas, do uso de botas e afins. O discurso eugênico, tão difundido na época, encontrava presente também no pensamento e na obra do escritor. Neste ponto somos obrigados a discordar de Vieira de Campos, que afirmou que em 1918 o problema, em Lobato, não era mais a questão da racial: “*O problema não estava na raça, estava, segundo Lobato, no estado de doença transmitido de pais a filhos*”.⁹²

Outro livro importante no estudo de Monteiro Lobato também procura demonstrar que em 1918 o problema não era mais racial e sim do que hoje chamamos de subdesenvolvimento:

⁸⁹ Monteiro Lobato, “Problema do Saneamento: Primeiro Passo”. Op. Cit.

⁹⁰ Vera Regina Beltrão Marques. Op. Cit. Página 62.

⁹¹ Monteiro Lobato, “Saneamento do Brasil. Reflexos Morais VI” - OESP- 23/03/1918.

⁹² André Luiz Vieira de Campos. Op. Cit. Página 37.

*“Com a nova realidade descortinada pelos relatórios da pesquisa de campo produzidos por Belisário Penna e Arthur Neiva, Monteiro Lobato descobre que o atraso do caipira não constituía uma maldição racial, à Le Bon – o cientista social da corrente do determinismo, que defendia a superioridade de certas raças em relação a outras. Era, antes, fruto do subdesenvolvimento, que gera a fome, a doença, a miséria”.*⁹³

A questão para Monteiro Lobato continuava a ser racial, como no Jeca Tatu de 1914. A diferença era que em 1918 havia uma esperança: o saneamento, ao qual vinha se somar a “ciência eugênica”. Caso não desse certo, os “dirigentes da nação” poderiam recorrer a uma solução mais drástica: a eliminação dos degenerados e excluídos sob os auspícios da ciência. Para Lobato, que já tinha se revelado fazendeiro de poucos vãos, nosso maior problema era simples: má semente. O autor expressa isso claramente em carta a Arthur Neiva, de 1921 – ou seja, após a consagração das crônicas do saneamento: *“Vejo da sua carta que não pode ainda cair no estado nirvânico que é mister para viver-se feliz na nossa indecentíssima terra. Também eu não. Por mais que procure isolar-me no problemazinho pessoal, o problema geral tortura-me sempre. E as conclusões a que chego são as mesmas suas: má semente”*.⁹⁴ Ou seja, a má semente, para designar a “raça” ou povo brasileiro, precisava melhorar sua qualidade.

Um excelente exemplo de que o problema era a questão racial pode ser encontrado na última crônica da série. Monteiro Lobato, em 03 de Junho de 1918, tentou demonstrar que o homem é fruto do meio. Comparou as zonas de clima frio com as zonas de clima quente quanto à fauna, à flora e ao homem. Segundo ele, a vida animal e vegetal no calor seria mais bonita, mais exuberante; o inverso ocorreria em países frios, onde a natureza não havia sido tão generosa com o hemisfério norte. Porém, ao comparar a vida humana nessas duas zonas, a mesma lógica não se verificou. De acordo com Lobato, *“Porque degenera o homem justamente onde, por impulsão ambiente, devera altear-se ao apogeu? Por que na*

⁹³ Carmem Lucia de Azevedo et ali. Op. Cit. Página 112.

⁹⁴ Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva. S. Paulo, 10/6/1921. Arquivo Arthur Neiva. Código 11. Um ano antes, Lobato também em carta para Neiva mostrou-se totalmente decepcionado e propondo o indiferentismo: *“Recebi sua carta suando humor negro. Está errado. Não vale a pena incomodar-se a gente com coisa nenhuma. É tratar de criar o calo do indiferentismo, ver tudo pelo lado estético e não perdoar os inimigos. Peroba na cabeça sempre que haja oportunidade. Porque o mal não é nosso, é da vida em si. Os homens faliram na terra, e são biologicamente uma vergonha, uma rota da Natureza. Emigrar não resolve o problema, porque não os tira da Terra”*. Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva. S. Paulo, 21/6/1920. Arquivo Arthur Neiva. Código 6.

Amazônia, onde tudo alcança o máximo, só ele não dá de si o mínimo?”⁹⁵ O próprio autor responde. Para ele, o organismo humano foi atrofiando-se aos poucos, a raça humana degenerou e aqueles que, por ventura, sentiam-se mais capacitados física, moral e mentalmente estavam incapacitados de reverter a situação. A sociedade não era mais hierarquizada; o mais forte havia perdido o direito de dominar o mais fraco, como ocorria na natureza.

Como nos mostra Beltrão Marques o principal argumento dos eugenistas para o esquadramento da sociedade era a questão racial. Negros, mestiços, mulatos eram considerados como raças inferiores e como tal passíveis de ser subjugada. Apresentando como provas, teorias que comprovavam a degeneração racial e moral desse grupo de seres humanos sentiam no direito de ordenar a sociedade, de acordo com uma lógica excludente. Ou seja, além de afirmarem que as desigualdades sociais eram naturais, utilizavam-se “*da justificativa da dominação dos homens brancos sobre o conjunto de mestiços, como uma questão hierárquica*”.⁹⁶ Além disso, ao afirmar que a eugenia era a ciência que possibilitaria a melhora da raça e conseqüentemente do país, os eugenistas tiveram uma “arma de convencimento”:

*“Dada essas circunstâncias e inflexões, a eugenia, por definição a ciência da melhoria racial, pôde facilmente atrair intelectuais e profissionais convencidos do poder da ciência para criar ordem e progresso (o lema da República brasileira) e perturbados pela constituição racial de sua pátria”.*⁹⁷

Compartilhando desta idéia, Monteiro Lobato escreveu:

*“O regime do direito e da moral, imposto pela vida em sociedade, anulou as forças dos processos seletivos; os fracos defendidos pela lei, amparados e conservados artificialmente; o forte impedido de vencer e eliminar o fraco; a revogação em suma, da suprema lei da biologia, lançou o Homo sapiens no despenhadeiro da degenerescência física. Biologicamente, o homem é um animal em plena decadência”.*⁹⁸

⁹⁵ Monteiro Lobato, “Saneamento e Higiene. As novas possibilidades das zonas cálidas”. Op. Cit.

⁹⁶ Vera Regina Beltrão Marques. Op. Cit. Página 37/38.

⁹⁷ Nancy Leys Stepan. Op. Cit. Página 46. “*Given these circumstances and ideological inflections, eugenics, by definition the science of ‘racial improvement’, could easily appeal to intellectuals and professionals convinced of the power of science to create ‘order and progress’ (the motto of Brazilian republic) and troubled by racial makeup of their country.*”

⁹⁸ Monteiro Lobato, “Saneamento e Higiene. As novas possibilidades das zonas cálidas”. Op.Cit.

Monteiro Lobato, como vários intelectuais e políticos de sua época, fez parte de uma corrente que, ao discutir a aplicação de teorias eugênicas no Brasil, discutiu de uma forma mais ampla, a questão nacional. Entretanto, essa discussão não atingiu todas as camadas da sociedade brasileira. Apenas políticos, intelectuais, médicos, psiquiatras participaram deste debate, em nível ideológico. Leys Stepan afirma que as elites brasileiras estavam muito bem informadas sobre o desenvolvimento científico europeu, possibilitando, desta forma, a rápida assimilação de teorias racistas⁹⁹ e a possível idéia de uma efetiva aplicação na sociedade. O desejo de uma um país perfeito, com um grande crescimento cultural, econômico, com “ordem e progresso” foi depositado nas teorias européias.

*“Intelectuais Latino Americanos leram com avidez os trabalhos dos importantes pensadores científicos europeus. Eles seguiram a ciência como uma forma de conhecimento progressivo, como uma alternativa para a visão religiosa da realidade, e como uma maneira de estabelecer uma nova forma de poder cultural. A evolução foi adotada, entusiasticamente, em especial, como uma visão secular, materialista e moderna do mundo”.*¹⁰⁰

Mais um forte indício da comunhão entre Monteiro Lobato e as teorias eugênicas foi a compilação destas crônicas do “Saneamento do Brasil” em livro. Publicado no segundo semestre de 1918, mesmo ano da divulgação delas no jornal paulista, a idéia partiu da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil. Na 1º Sessão Ordinária da Sociedade realizada em 3 de abril de 1918 a proposta é feita pelo Dr. Thomé de Alvarenga, 2º Secretário. *“O dr. Th. de Alvarenga faz um elogio à campanha iniciada pelo sr. Monteiro Lobato nas colunas do Estado, e alvitra a idéia de se pedir a esse propagandista licença para a Sociedade publicar os seus artigos em folhetos, afim de serem largamente distribuídos”.*¹⁰¹ É interessante observar que das 16 crônicas, apenas as 6 primeiras já haviam sido publicadas, o que nos faz imaginar duas hipóteses: a primeira, seria que apenas as seis crônicas iniciais seriam compiladas; a segunda e, mais provável,

⁹⁹ É importante ressaltar que as preocupações da elite brasileira com a questão racial não tiveram início no século XX. Um excelente estudo sobre a evolução do pensamento brasileiro em torno das questões científicas e raciais é o livro de Lília Moritz Schwarcz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil. 1870-1930.* São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

¹⁰⁰ Nancy Leys Stepan. Op. Cit. Página 40/41. *“Latin American intellectuals read with avidity the works of the important European scientific thinkers. They embraced science as a form of progressive knowledge, as an alternative to the religious view of reality, and as a means of establishing a new form of cultural power. Evolution was adopted especially enthusiastically as a secular, materialist, modern view of the world.”*

¹⁰¹ Sociedade Eugênica de São Paulo. *Annaes de Eugenia.* São Paulo, Edições da Revista do Brasil, 1919. Página 25.

que alguns médicos e sanitaristas tiveram conhecimento da série completa de artigos antes do fim de sua publicação, o que nos leva ainda, a imaginar que Lobato pode ter tido ajuda para escrevê-la, ou ainda que os mesmos serviram de consultores para Monteiro Lobato, da mesma forma que o livro de Belisário Penna.

Monteiro Lobato não figura na extensa lista de sócios fundadores da Sociedade. Mas seu nome é citado como um dos paladinos da eugenia, não apenas pela Sociedade, como pelo seu principal articulador e secretário geral desta, Renato Kehl. Além disso, por causa das crônicas, o autor é acusado de antinacionalismo e de estar difamando o Brasil perante o mundo, já que os principais problemas nacionais haviam sido expostos pelo pai do Jeca. Olegário Moura em uma conferência realizada na Associação Cristã de Moços e publicada no *Annaes de Eugenia* retrucando David Cruz que afirmou estar Monteiro Lobato colocando em um mesmo patamar a honra do país e as doenças, o que poderia trazer conseqüências graves, como por exemplo, o fim da imigração da qual o Brasil tanto necessitava:

“Faz muito mal o Sr. Monteiro Lobato em desacreditar assim o Brasil. O Brasil é um país novo que precisa e que precisará ainda por muito tempo do braço estrangeiro. Mas, se por desgraça, aparecem mais alguns Lobatos com a mesma disposição de espírito e o mesmo ranzinzamento, é muito natural que ninguém mais queira imigrar para um país que está cheio de bichinhos no corpo e na alma”.¹⁰²

Moura faz uma árdua e contundente defesa de Monteiro Lobato afirmando que desacreditar o Brasil seria não denunciar os problemas e não lutar pelo saneamento e pela eugeniação, já que esta seria uma obra do presente e para o futuro. Além disso, afirma que Lobato nada está fazendo além de ajudar o governo nesta luta ao clamar pela conscientização nacional:

¹⁰² David Cruz (sem título) in Olegário Moura, “Saneamento – Eugenia – Civilização”. Sociedade Eugênica de São Paulo. *Annaes de Eugenia*. Op. Cit. Página 88. “O Sr. Monteiro Lobato, talvez na melhor das intenções, está promovendo campanha de difamação de seu país, e não deixa de causar espécie o seu libelo político – científico – higiênico, porque a S.S. no afã de alarmar o povo e chamar a atenção dos governantes para o perigo que ameaça o País, esquece-se de guardar as conseqüências e fez uma atrapalhada diabólica, colocando na mesma tábua rasa a honra do País e os bichos barbeiros, os ideais da humanidade e os bacharéis, os homens do governo e as ninfas e embriões, o seu ódio aos políticos contrários e a sua quizzlia a todos os que se envolvem com a guerra que há de decidir dos destinos do mundo inteiro sem escapar um único país seja ele bem ou mal saneado”. Idem.

“Não é, não será nunca desacreditar o Brasil trabalhar pelo seu saneamento, pela sua eugeniização, isto é, pelo maior problema nacional. Muito pelo contrário, é acreditar o Brasil trabalhar pelo Saneamento e pela Eugeniização. (...) É auxiliar na obra do Governo no magno trabalho da magna reparação nacional. O esteio mais forte para o Governo que vive do povo pelo povo, é justamente aquele que resulta da auscultação da consciência nacional”.

Assim como Lobato Olegário Moura e muitos outros prosélitos da eugenia e do saneamento acreditavam que colocar tais questões na ordem do dia e por diversas formas, que veremos mais detidamente no próximo capítulo, era ser patriótico e brasileiro:

*“O símbolo da nossa nacionalidade é representada pelas palavras Ordem e Progresso. Saneamento – Eugenia é Ordem e Progresso. E, afirmamos com convicção e consciência inabaláveis que só a Eugenia e o Saneamento serão os únicos fatores capazes de consolidar definitivamente o emblema do nosso pavilhão: Ordem e Progresso, símbolo da nossa soberania no mundo”.*¹⁰³

Mesmo com pessoas contrárias ao brado de Monteiro Lobato em 1918 foi publicado o livro *Problema Vital* pela Edição da Revista do Brasil, que lembramos, era de propriedade de Monteiro Lobato. O prefácio, ou proêmio foi de autoria de Renato Kehl, que começou afirmando que os brasileiros estavam na mais completa ignorância em relação à real situação nacional em termos de saúde, o que acabava por minar as energias da “raça”. Parecendo fazer parte de mais uma resposta a David Cruz e outros tantos, Kehl assim como Olegário Moura relacionou eugenia e saneamento a patriotismo, acusando aqueles que não queriam fazer parte do exército eugênico que pretendiam formar. *“Perigosos, a demandar toda a nossa atenção, são os que, dispendo dos meios de agir com eficácia em benefício das vítimas da nossa incúria, resolvem empanar o brilho do nosso esforço com a conspiração do silêncio, a tresandar o mais revoltante indiferentismo”.*

Assim como Lobato, Kehl fez uma ode de louvor aos cientistas que deram o pontapé inicial na ciência brasileira. Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Belisário Penna, Arthur Neiva lutaram e *“foi preciso que o grito de socorro partisse de tais bocas de cientistas consagrados para que se tomassem em consideração as plangentes, mas dispersas lamentações que partem das humildes choupanas de míseros brasileiros”.* O mais interessante é que Monteiro Lobato passou a integrar o rol destes grandes cientistas, já que

¹⁰³ Olegário Moura, “Saneamento – Eugenia – Civilização”. Op. Cit. Página 88.

as crônicas do saneamento se ainda não haviam sido colocadas em prática, pelo menos chamaram atenção para os problemas, gerando discussões e questionamentos.

“As palavras com que uma das mais brilhantes e promissoras mentalidades da nova geração brasileira condensou em pequeno volume sua notável arremetida contra os baluartes da pasmaceira nacional, ao serem estampadas pela primeira vez nas colunas d’O Estado, fazendo eco com as do paladino do saneamento Dr. Belisário Penna, forma como que alavancas que nos deslocaram do enervante estado de apatia em que jazíamos”.

Entretanto, o trecho mais significativo do prefácio de Renato Kehl é seus dois parágrafos finais, no qual o autor resume não apenas os objetivos da Sociedade Eugênica, como e, principalmente os do livro publicado:

*“Foi consoante a realidade dos fatos averiguados e o desejo de que seja atalhado semelhante estado contristador, tornando-o conhecido, que a Liga Pró-Saneamento e a Sociedade Eugênica de São Paulo se propuseram a mandar reunir em volumes os brilhantes artigos do eminente patricio e notável homem de letras. Essas associações que se destinam, uma e outra, combinando seus esforços sinergicamente, propugnar pelo avigoreamento da raça e portanto para o progresso do Brasil, depositam nas mãos do leitor a exposição dos nossos achaques, esperando que, da sua clara compreensão, venha a se alistar mais um soldado nas fileiras da benemérita cruzada inaugurada pelos que estão crentes que a maior preocupação do momento nacional é o saneamento”.*¹⁰⁴

Anos mais tarde, Lobato retribuiria o elogio em um também Prefácio ao livro *Bio-Perspectivas* de Kehl:

*“Classificar de cientista a um homem de pensamento é pô-lo no rol dos que organicamente repelem tudo quanto não surja com base no experimentalismo dos laboratórios. Quem formula idéias gerais apenas com base na logicidade, não merece tal nome – poderá ter o de filósofo. Renato Kehl me parece o mais bem acabado tipo de cientista que a nossa atualidade pensante possui”.*¹⁰⁵

¹⁰⁴ Renato Kehl, “Proêmio” in Monteiro Lobato. *Problema Vital. Artigos publicados no O Estado de São Paulo e enfeixados em volume por decisão da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil*. São Paulo, Edição da Revista do Brasil, 1918.

¹⁰⁵ Monteiro Lobato, “Prefácio” in Renato Kehl. *Bio-Perspectivas. Dicionário Filosófico*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1938. Página 9. “Mas não filosofemos neste prefácio de obra tão típica, tão bela, tão rigorosa dentro de seus pontos de vista quase matemáticos. Confessemos apenas o orgulho do prefaciador em ver suas palavras tontas à frente duma sólida corte de aforismos intrépidos”. Idem. Página 14. No final do prefácio, Lobato explica o porquê deste prefácio: “Não estanhe o leitor que esteja a prefaciador uma obra tão séria o sujeito menos adequado. Mas há para isso uma razão toda especial. Vim a conhecer Renato Kehl no início de minha vida literária, certo ano em que, numa série de artigos de jornal, me pus a entender de saneamento. Fanático que já era ele da Eugenia – ou da aplicação da ciência para melhorar o mau animal humano – procurou-me com proposta para editar em volume tais artigos e prefaciá-los. Surgiu assim o *Problema Vital*, a primeira coisa, creio, que de mim saiu sob forma de livro – e com prefácio de

Lobato além de ter seu livro prefaciado por Kehl ter prefaciado o do médico, além de publicar pela sua editora os *Annaes de Eugenia* já aqui citados, editou também um dos livros de Kehl em 1923, *A Cura da Fealdade*, que nos será muito útil daqui para frente. O principal eugenista brasileiro por diversas vezes em seus muitos livros citou a personagem mais famosa do escritor paulista¹⁰⁶. O Jeca Tatu apareceu sempre como símbolo da miséria e do atraso, mas que através do saneamento e da eugenia poderia tornar-se um homem robusto e capaz de competir de igual para igual com os imigrantes tanto no trabalho em zonas rurais quanto nas cidades. Edgard Cavalheiro resume muito bem a utilização da personagem como exemplo dos problemas nacionais:

*“Jeca Tatu! Eis o melhor exemplo que médico, políticos, ou simples curiosos poderiam apresentar. Ali estava ele, o pobre Jeca, sempre de cócoras, incapaz de ação, amarelo e fraco, chupado pelas verminoses. Elemento negativo entre as forças produtivas da Nação, era preciso curá-lo, limpá-lo das gafeiras. O diagnóstico fora feito. Vozes autorizadas afirmavam que o problema vital do Brasil não era o de uma simples reforma constitucional, como apregoava a oposição, nem a simples modificação dos nossos costumes políticos, ou a militarização da mocidade, como vivia pregando o poeta Olavo Bilac. O problema número um do País, (...), residia no saneamento do País”.*¹⁰⁷

Renato Kehl. (...) Há dias, porém, reapareceu-me o bom amigo, desta vez com uma intimação: Prefaciei teu primeiro livro e agora quero que prefacies o meu último – este testamento de conclusões científicas e filosóficas. Acedi de coração – porque não havia lido a obra. Se a conhecesse, como a conheço hoje, claro que não me atreveria a tanto. Que credenciais, santo Deus, possui um humílimo literato da minha marca para apresentar ao público tão fina suma de toda uma vida de estudos sérios – obra sem irmã em nossas letras, honesta como a que mais o é, lealíssima, irreverente para com todos os tabus arrogantes, sólida da solidez germânica, construtiva em tão alto grau e tão rica de largos horizontes? (...) Sim, creio na Ciência. Só ela fornecerá à Grande Dama os elementos construtivos da coisa suprema – a Sabedoria”. Idem. Página 17/18.

¹⁰⁶ “Daí esse empipocar de fealdade, de raquíticos, de pálidos, barrigudos e papudos, que representam uma grande maioria da população sertaneja do Brasil. Além das taras, acrescentem-se-lhes doenças, como a de Chagas; carreguem-se-lhes os intestinos de vermes; enxertem-se-lhes em suas veias de água chibra – os hematozoários de Laveran e verão surgir desse produto patogênico – a retratação completa, perfeita, do genútno Jeca Tatu, mas de Jeca com G. do meu ilustre amigo, um dos paladinos do Saneamento – que é Monteiro Lobato. E o nosso Brasil, para nossa infelicidade está pejado deles. A nossa soberania vacilará, se continuar sustentada por tão tibia gente, sustentada por esses bons Gecas, pacientes, banzareiros de mazelas e torturas. Expurguem-se-lhes dos parasitas, dêem-se-lhes calçados, proibam-lhes de acocorar de gorilas, alimentem-se-lhes um pouco melhor do que os animais de estimação e veremos o Jeca Tatu, o Jeca Molengo se enfiar, se enrijar, se hominizar, tornando-se um Jeca Bravo, um Jeca Valente, um Jeca duro como garantã, ativo, trabalhador, corado, musculoso – forte, em suma. Eis aí, meus Senhores, o que seja praticar a ciência de Francis Galton. Transformemos pois, com auxílio da Eugenia, os nosso homens fracos em protótipos da força, da robustez e da resistência, - patenteando assim, aos olhos do mundo o nosso valor, e tornando-nos dignos do grande país – que é o Brasil”. Renato Kehl, “Eugenia e Militarismo” in *Eugenia e Medicina Social. (Problemas da Vida)*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1920. Página 198/199.

¹⁰⁷ Edgard Cavalheiro. *Monteiro Lobato*. Op. Cit. Tomo I. Página 184/185.

Os conselhos e o conhecimento das possíveis medidas higiênicas são atendidos por Lobato. Em 1919, já na sua 4ª Edição, o autor acrescenta uma “Explicação Desnecessária”, como explica Cassiano Nunes: “(...) a explicação necessária converte-se curiosamente numa Explicação desnecessária, variação de humorista, que repete os assuntos anteriores, mas sublinha aspecto clínico da questão. O diagnóstico da enfermidade de Jeca é acentuado”.¹⁰⁸ Com certeza a explicação passa a ser desnecessária porque a campanha do saneamento já havia feito enorme estrondo, além da publicação do livro *Problema Vital* no ano anterior, fazendo com que, provavelmente, Lobato partisse do princípio que as pessoas já haviam tomado conhecimento das medidas necessárias e que o primeiro Jeca Tatu já poderia ser considerado parte de um passado pronto a ser esquecido.

Seguindo a tendência da ciência pela qual lutou, Monteiro Lobato escreveu “Jeca Tatu. A Ressurreição” em 1919. O Jeca Tatu, preguiçoso e indolente de 1914 foi “reformado” pelo autor. Primeiro Lobato fez uma retrospectiva da vida do caboclo. Relembrou seus leitores da vida terrível e sem perspectivas que o Jeca Tatu levava junto com sua mulher e seus filhos: “*Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes*”.¹⁰⁹ Mostrou que para o Jeca Tatu nada valia a pena e que sua vida era incerta. Todos os “maus costumes” de um homem o Jeca tinha: era vagabundo, não plantava, bebia pinga. Mas, para sorte do Jeca Tatu, um dia um “doutor” passou pela casa de sapé e “*espantou-se de tanta miséria*”.¹¹⁰ O médico percebeu que o caboclo estava muito doente, devido às verminoses, típicas de quem não tem saneamento e higiene.

Mais uma vez, nesta história, Lobato descreve os sintomas da ancilostomose, por exemplo. Entretanto, agora os sintomas são explicados de uma maneira muito didática e pela voz de um personagem. “*Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça. E uma pontada aqui no peito que responde na cacunda*”, respondeu o Jeca Tatu quando perguntado pelo doutor o que ele sentia. Foi então que o médico receitou um remédio adequado para o Jeca

¹⁰⁸ Cassiano Nunes. *Novos Estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília, UNB, 1998. Página 29.

¹⁰⁹ Monteiro Lobato, “Jeca Tatu. A Ressurreição” in: *Problema Vital*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1964. Página 329.

¹¹⁰ Idem. Página 331.

Tatu, que a princípio “ficou cismado. Não acreditava muito nas palavras da Ciência, mas por fim resolveu comprar os remédios, e também um par de botinas ringideiras”.¹¹¹

Após algum tempo, o médico retornou e surpresa: o Jeca Tatu estava curado. Não querendo acreditar que um simples remédio e um par de botas pudessem curá-lo, pediu explicações para o doutor, que mostrou o que havia saído da barriga do caboclo com uma lupa. O Jeca pode ver tudo, todas as larvas do ancilostomo e os bichinhos que entravam pelo pé:

*“Veja, são Jeca, que bicharia tremenda estava se criando na sua barriga! São os tais ancilostomos, uns bichinhos dos lugares úmido, que entram pelos pés, vão varando pela carne a dentro até alcançarem os intestinos. (...) Jeca tomou a lente, [após andar em um terreno úmido sem o par de botas] olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros”.*¹¹²

Ou seja, Jeca Tatu passou a acreditar no doutor, já que ele havia dados as provas da existência de vermes. A ciência fala em nome da verdade e tinha como comprovar aquilo que afirmava. O caboclo descrente, mas agora curado passou a ser um grande defensor daquilo que a ciência dizia: “Daqui por diante nha Ciência está dizendo e Jeca está jurando em cima! T’esconjuro! E pinga, então, nem pra remédio...”¹¹³

A partir daí o nosso antigo Jeca Tatu, de 1914, preguiçoso e indolente era um homem reformado. Livre das doenças e conseqüentemente, curado da preguiça, nada podia segurá-lo. Trabalhava todo dia, reformando a casa, plantando. Suas roças passaram a ser as mais bonitas da região, desbancando até as do vizinho italiano. O médico voltou e ficou admirado da melhora e do progresso do antigo doente. Sua fazenda passou a ser uma das maiores e a mais conhecida no país inteiro: “Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade”.¹¹⁴ A evolução do Jeca Tatu era evidente para todos e como qualquer pessoa rica e estimada, passou a ser referência para os outros. Como havia percebido isso e seu entusiasmo era enorme resolveu que todos deveriam conhecer as maravilhas que a ciência podia proporcionar: “Hei de empregar toda a minha fortuna nesta obra de saúde geral. O meu patriotismo é este. Minha divisa: Curar gente. Abaixo a bicharia que devora o

¹¹¹ Idem. Página 332.

¹¹² Idem. Página 333.

¹¹³ Idem. Página 334.

¹¹⁴ Idem. Página 338.

brasileiro...”¹¹⁵ Ou seja, Monteiro Lobato, aqui deixou seu recado muito claro: se a obra de saneamento fosse executada com rigor e com vontade, poderiam nascer uma “raça” de Jecas Tatus como a da história.. Seu recado fica mais explícito ainda no final desta história, quando Lobato dirigiu ao leitor:

*“Meninos: nunca esqueçam desta história; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jeca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas da fazenda. Além de ser para eles um grande benefício, é para você um alto negócio. Você verá o trabalho dessa gente produzir três vezes mais. Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente”.*¹¹⁶

Nesta citação podemos perceber que Monteiro Lobato não estava escrevendo para o caboclo, o Jeca Tatu. Seu público era os futuros fazendeiros, e por que não os daquela época? A partir do momento em que o autor afirma que o saneamento e a higiene poderiam aumentar o lucro em até três vezes, Lobato sabia que conquistaria muita gente essa idéia. Além disso, afirmar que o saneamento possibilitaria uma melhora na qualidade dos habitantes, havia um cunho racista.

Em 1925 a crônica¹¹⁷ virou panfleto de propaganda do remédio Biotônico Fontoura. Algumas modificações precisaram ser feitas. Ao invés do Jeca simplesmente comprar o

¹¹⁵ Idem. Página 339.

¹¹⁶ Idem. Página 340.

¹¹⁷ Em 1924 Monteiro Lobato havia adaptado a história do Jeca Tatuzinho com ilustrações de Kurt Wiese, para em 1925 lançá-la como propaganda pelo laboratório Fontoura. Amplamente distribuídas pelo Brasil, na 33ª Edição, de 1966, que já contava com 35 milhões de exemplares distribuídos gratuitamente notamos uma diferença das anteriores. Além do tamanho (as primeiras mediam 13 X 20 cm) que passa a ser igual ao de um caderno escolar (17,5 X 25,5 cm), encontramos exercícios na parte inferior do panfleto. Ou seja, a história em si, ocupa 15 cm da parte superior das páginas, sendo o restante dedicado a doze lacunas e colunas que as crianças deveriam completar sobre aquilo que estavam lendo. Também nesta edição encontramos na contra capa uma carta às crianças do Brasil, assinada por Tio Candinho: “Criança amiga, Monteiro Lobato foi o grande amigo das crianças do Brasil. Escreveu para elas histórias maravilhosas e sempre lutou para que crescessem instruídas e com saúde. Ensinava o grande escritor que um país se mede ‘pelo trabalho que realiza e pela qualidade de sua gente’. A presente edição do Jeca Tatuzinho, tão carinhosamente organizada pelo Instituto Medicamenta Fontoura, tem em mira um objetivo: dar a Você preciosa lição que muito o ajudará pela vida a fora e – o que é mais ainda – garantirá ao Brasil um grande futuro”. Tio Candinho, “Carta às Crianças do Brasil” in Monteiro Lobato. Jeca Tatuzinho. São Paulo, Bloch Editores S.A., 1966. 33ª Edição. Na 27ª Edição, de 1959, encontramos uma carta do médico Luiz Pereira Barreto a Cândido Fontoura: “Meu caro Sr. Fontoura, Para o bem de todos, comunico-lhe que só tenho tido sobejos motivos de satisfação com o emprego, já bastante extenso, de vários de seus preparados, momento o seu Biotônico”. “O Testemunho de um Sábio”. Carta de Luiz Pereira Barreto a Cândido Fontoura, 6/8/1918 in Monteiro Lobato. Jeca Tatuzinho. São Paulo, Bloch Editores S.A, 1959. 27ª Edição, 27 Milhões de Exemplares. O sucesso foi estrondoso, já que podemos medi-lo pelo número de edições em um país ainda semi-analfabeto. Mas é bom registrar que as ilustrações eram muito bem feitas, o que não nos impede de imaginar que não seria necessário saber ler e escrever para compreender o que deveria ser absorvido, ou melhor, a moral da história. Além disso, por todas as mais de dez páginas do panfleto podemos encontrar

remédio receitado pelo doutor, o caboclo tomou Biotônico Fontoura ou o Ankilostoma Fontoura. A história da cura de Jeca Tatu foi ilustrada e a linguagem adaptada não apenas para crianças, mas também para que pessoas mais simples pudessem compreender a importância das medidas higiênicas.

Leys Stepan afirma que a melhor caracterização da eugenia brasileira foi o personagem Jeca Tatuzinho: “*Talvez, muito mais emblemático da eugenia no Brasil foi Jeca Tatu (...) um personagem ficcional introduzido pelo escritor Monteiro Lobato para retratar a atrasada condição do povo brasileiro*”.¹¹⁸ Ou seja, nosso personagem inicial, agora, “reformado” pode ser considerado com uma caracterização mais bem acabada de uma teoria que pretendia modificar os hábitos e costumes da sociedade brasileira, a partir da introdução de obras de saneamento e higiene. Assim, podemos afirmar, que no centro do debate sobre os rumos da nação, estava Monteiro Lobato.

Se lermos este trecho de uma carta de Lobato a Rangel, podemos até imaginar que, talvez, o principal objetivo do autor ao escrever a série de crônicas sobre o saneamento era divulgar seu nome: “*A mim favoreceu muito aquela campanha pró-saneamento que fiz pelo Estado. Popularizou a marca Monteiro Lobato*”.¹¹⁹ Realmente, poucos meses após ter adquirido a Revista do Brasil, tendo alguns livros nas estantes das principais livrarias do país não é de estranhar que o autor sintasse-se feliz e recompensado com a popularização de sua marca. Entretanto, somos forçados a acreditar que além da divulgação de seu nome nos principais jornais e revistas do Brasil, Monteiro Lobato estava lutando por ideais dos quais não desistiria.

Se o Jeca Tatu tornou-se merecedor de um pedido de desculpas e digno de ser reformado pela pena de um dos maiores escritores nacionais, a raça negra não teria direito a

fotos dos remédios aos quais o Jeca se referiu e utilizou para curar-se das mazelas que o adoentavam e o impediam de ser um brasileiro trabalhador e ciente de seu dever. “Por ocasião do centenário do escritor, em 1982, esse folheto ultrapassaria a marca dos cem milhões de exemplares”. Carmem Lucia de Azevedo et ali. Op. Cit. Página 200.

¹¹⁸ Nancy Leys Stepan. Op. Cit. Página 157. “*Perhaps even more emblematic of eugenics in Brazil was ‘Jeca Tatu’ (...), a fictional character introduced by the writer Monteiro Lobato to signify the backward condition of the Brazilian people.*”

¹¹⁹ Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Tomo II. Página 173. S. Paulo, 8/7/1918. É interessante observar que esta a primeira carta que Lobato enviou a Rangel no ano de 1918. De 1910 a 1917 podemos observar uma média de 15 a 20 cartas do escritor paulista ao juiz mineiro. Em 1918 este número cai para 9, sendo que em nenhum momento Lobato menciona a publicação de *Problema Vital*, fato um tanto quanto estranho, já que era a época em que o autor estava bem entusiasmado com seu sucesso literário e sua atividade de editor. Além disso, é bom lembrar também que a primeira edição de *A Barca de Gleyre* foi publicada em 1944 e, principalmente, organizada pelo autor.

tanta atenção e esmero. A questão nacional, que para Lobato, passava obrigatoriamente pela questão racial seria plenamente solucionada e resolvida pelo autor em 1926, que desta vez não fez um pedido de desculpas anos mais tarde, como fez com sua primeira personagem.

Capítulo 2: “Nada que lembre o passado”: a Literatura a serviço da Eugenia.

2.1) Maior que o Pão Açúcar.

Em um ano de eleições presidenciais, reanimaram-se as esperanças de que o estado de sítio, decretado pelo então presidente da República Arthur Bernardes pudesse ser suspenso. No mesmo ano, começaram as discussões para a criação da Confederação Geral do Trabalho e, ao mesmo tempo, a Coluna Prestes marchava quilômetros e quilômetros pelo Brasil. Ainda naquele 1926, era assinada a reforma da constituição, sob vários protestos e piadas da imprensa. Neste momento agitado, Monteiro Lobato publicou na segunda página de um dos jornais de maior circulação da antiga capital da República, estampada com grande destaque, seu primeiro e único romance. Dado a público em forma de folhetim, com duração de exatos 21 dias, o periódico vangloriava-se de ter a primazia da publicação: “*A Manhã tem certeza de que vai proporcionar aos seus leitores um prato absolutamente inédito aos nossos anais jornalísticos*”.¹²⁰

“*Obra saída da pena forte e rica de Monteiro Lobato*”, “*sensacional romance*”¹²¹, “*tipo das obras construtoras*”¹²², “*o romance (...) vem agitar os mais sérios problemas da espécie humana*”¹²³. Durante os quatro dias que antecederam o início da publicação do romance lobatiano em forma de folhetim, o vespertino carioca fez enorme alarde e elogios rasgados não só ao escritor, como principalmente à sua nova obra.

Colunista do jornal desde o dia 1/01/1926¹²⁴, ao lado de nomes ilustres da literatura e do jornalismo do período como por exemplo, Agripino Grieco, Medeiros e Albuquerque e

¹²⁰ A Manhã, 04/09/1926. Página 2. “*É um brinde régio oferecido aos nossos leitores*”. A Manhã, 01/09/1926. Página 2.

¹²¹ A Manhã, 01/09/1926. Página 2.

¹²² A Manhã, 02/09/1926. Página 1.

¹²³ A Manhã, 03/09/1926. Página 1. OBS: A chamada sobre o romance de Monteiro Lobato, neste dia, vem no meio de uma grande reportagem sobre a Coluna Prestes, mas nem por isso sem o grande destaque dado nos outros dias.

¹²⁴ Monteiro Lobato, *Plágio Post-Mortem*. A Manhã, 01/01/1926. Página 3, 1º e 2º colunas. É importante ressaltar que grande parte das crônicas publicada por Lobato neste jornal foi posteriormente compiladas e publicadas no livro *Na Antevéspera*. A 1ª Edição é de 1933, pela Companhia Editora Nacional, na época,

Menotti Del Picchia, Monteiro Lobato já era, podemos assim dizer, o Monteiro Lobato. O autor publicou diversos artigos na famosa página 3 da *A Manhã* até fevereiro de 1927, ano no qual foi transferido como Adido Comercial do governo brasileiro para Nova York. Entretanto, para entendermos por que Lobato, até então acostumado a ter seus artigos e crônicas publicadas, pela primeira vez, em jornais como *O Estado de São Paulo* ou na *Revista do Brasil*, teve seu primeiro e único romance nas manchetes de um jornal carioca, é necessário falarmos um pouco da vida do escritor no final dos anos 20.

Em 1925 a editora Cia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, ex-Monteiro Lobato & Cia, pediu falência. Lobato e seu sócio, Octales Marcondes, no mesmo ano, fundam a famosa Companhia Editora Nacional, que durante muitos anos foi uma das maiores editoras brasileiras e publicou importantes autores nacionais e estrangeiros. Para representar os negócios da editora no Rio de Janeiro, o escritor paulista mudou-se para a capital com a família em 30 de setembro de 1925 levando na bagagem sonhos e esperanças de que as coisas dessem certo e o passado pudesse ser esquecido:

“Fiz leilão da minha casa em S. Paulo e montei outra aqui – na rua Professor Gabizo 97. Vida nova, tudo novo. Não quero nada que lembre o passado. Quem vive a olhar para o passado é como quem caminha de calcanhares para a frente. A nova companhia está fundada e com todas as rodas girando. Eu e o Octales, só. Primeiro livro dado: o meu Hans Staden.¹²⁵ Outros virão. Em três ou quatro anos a nossa Cia Editora Nacional estará maior que o Pão de Açúcar – e sólida como ele.”¹²⁶

A falência da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, fundada em maio de 1924, havia sido um grande tombo para Lobato. Nas cartas para Godofredo Rangel de

propriedade de Lobato. No livro também há crônicas publicadas no *O Jornal*, outro periódico carioca de propriedade de Assis Chateaubriand. Esta prática era comum não só a Lobato como a outros literatos.

¹²⁵ No dia 11/8/1926, na página 4 do jornal *A Manhã*, encontramos o primeiro de uma série de anúncios, ocupando um quarto da página, com os seguintes dizeres: “**Hans Staden. Meu cativo entre os selvagens do Brasil e Jean de Lery. Historias de uma viagem às terras do Brasil. Em todas as livrarias se acham à venda estas duas preciosas obras, as primeiras que apareceram sobre o Brasil. Texto ordenado literariamente por Monteiro Lobato”.** (o nome dele está em negrito e em grande destaque). No dia 24/7/1926, Lobato publicou em *A Manhã* a crônica “Combate de índios” e no dia 6/8/1926, “O destemor da morte”, ambas sobre o livro de Jean de Lery, louvando-o como o segundo escritor a falar sobre o Brasil, uma maneira de chamar a atenção do mercado para as edições que estariam sendo lançadas pela sua editora. Estas crônicas, na verdade, têm muito pouco de Lobato. Grande parte do texto é uma cópia do livro que estava para sair. É bem provável que Lobato também tenha se utilizado das páginas do jornal carioca para publicar a crônica, posteriormente enfeixada no volume *Na Antevéspera*, desde sua primeira edição, em 1933, “O primeiro livro sobre o Brasil”, que fala do livro de Hans Staden e que segue a mesma linha de escrita das outras duas crônicas já citadas (com trechos muito grandes do livro). Infelizmente, a coleção pesquisada do jornal *A Manhã* está incompleta, o que impossibilitou essa verificação.

¹²⁶ Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit Tomo II, Página 282. Rio, 8/11/1925.

1925, o editor contava sobre a seca que atingiu a cidade de São Paulo naquele ano e os conseqüentes problemas advindos da falta de chuva para seus negócios. O investimento feito para a transformação da Monteiro Lobato & Cia. na mais recente editora havia sido enorme. O capital empregado para a compra de um novo prédio, na Rua Brigadeiro Machado¹²⁷ e de novas e modernas máquinas, como “os primeiros monotipos entrados em S. Paulo”¹²⁸, havia sido tomado emprestado a juros. Mas Lobato acreditava, um pouco pretensiosamente, que o sucesso que já havia conquistado e seu faro para edições de livros que rapidamente se tornavam populares, pudessem fazer com que saldasse as dívidas. Entretanto, como sabemos, acontecimentos históricos e fenômenos climáticos não podem ser previstos com antecedência nem, na maioria das vezes, resolvidos com rapidez.

O primeiro imprevisto que prejudicou os negócios de Lobato foi o Segundo 5 de Julho em São Paulo, assim chamado em homenagem ao levante Tenentista do Forte de Copacabana, ocorrido no mesmo dia em 1922. Durante 22 dias os tenentes sitiaram a capital paulista dificultando o abastecimento de gêneros alimentícios e a normalidade da vida na cidade. O objetivo central desta revolta era derrubar o governo de Arthur Bernardes, presidente da República. Lobato, família¹²⁹ e as oficinas da editora saíram “ílesos”, mas o trabalho havia sido suspenso durante a revolução, como o próprio nos conta: “Uf!... Felizmente nada de grave nos aconteceu. Todos os cães estão vivos. Lá nas nossas oficinas da rua Brigadeiro, só duas granadas legalistas e marcas dumas 200 balas de carabina. Depois da debandada geral e da parada à força, já retomamos o trabalho. Os fugitivos vão ressuscitando, saindo das tocas.” Entretanto, o escritor-editor acreditava na força e garra de São Paulo e no rápido restabelecimento da cidade:

“Fios telefônicos por terra, casas em ruínas, paredes cravejadas de balas. Um burro morto na várzea do Carmo. Aspectos das cidades belgas e francesas

¹²⁷ A Monteiro Lobato & Cia. ficava na Rua Boa Vista, 52, no mesmo prédio da *Revista do Brasil*, adquirida por Lobato em 1918 com o dinheiro da venda da Fazenda do Buquira, herança de seu avô, como dito no Capítulo anterior. Com a fundação da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, o autor entrega a direção do periódico a Paulo Prado e Sérgio Milliet: “Entreguei a *Revista* ao Paulo Prado e Sérgio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramodernizá-la. Vejamos o que sai – e se não houver baixa no câmbio das assinaturas, o modernismo está aprovado.” Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 264. S. Paulo, 7/4/1924.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ A família de Monteiro Lobato estava de férias em Santos na casa de seu cunhado, Heitor de Moraes e Lobato estava no Rio de Janeiro, tendo retornado a Santos para buscar a família, onde ficaram presos durante uma semana até a evacuação da capital paulista pelas forças do general reformado Isidoro Dias Lopes.

*depois da saída dos alemães. Mas a vitalidade de S. Paulo é muito grande. Reparará tudo com rapidez. Quando vim de Santos e entrei na cidade deserta, já havia homens remendando fachadas. A guerra havia terminado pela manhã e a reconstrução já estava em andamento”.*¹³⁰

Um ano e meio depois do fim da segunda revolução tenentista, Monteiro Lobato chama atenção para ela nas páginas do jornal carioca que havia publicado seu único romance. Um suposto telegrama de Arthur Bernardes fora o principal motivo da revolução tenentista; ele teria afirmado que, se São Paulo não fosse bombardeada, o princípio da autoridade¹³¹ estaria ameaçado, seu poder não seria mais respeitado e que, caso a cidade fosse destruída, os paulistas, um povo extremamente trabalhador, poderiam rapidamente colocar a capital novamente de pé: “*O paulista é bastante prolífico e trabalhador para reconstruir e repovoar a sua bela metrópole que vamos destruir para que não pereça o princípio da autoridade*”.¹³² Sempre na página 03 de *A Manhã*, o autor compara Arthur Bernardes ao Marques de Sade, afirmando que os paulistas ficaram impressionados com a frieza do ex-presidente. O suposto telegrama que Bernardes havia mandado para as tropas legalistas ao governo paulista durante a revolução e que pregaria a destruição de São Paulo foi uma das tônicas da crônica, além do elogio a José Carlos Macedo Soares, presidente da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato.

A propósito, Lobato afirmava que Napoleão internou em Charenton o famoso Marquês de Sade por sua loucura erótica, mas que no caso do “nosso” marquês, o ex-presidente Bernardes, a loucura era patriótica. Ainda segundo ele, no Palácio do Catete, a grande questão era que o resto do Brasil não conseguia acompanhar o ritmo do

¹³⁰ Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 265. S. Paulo, 30/07/1924.

¹³¹ Lobato aproveitou a crônica para discutir o princípio da autoridade há muito desrespeitado no Brasil, inclusive por Arthur Bernardes, que assumiu o país em 1922 sob estado de sítio e demonstrar sua admiração por São Paulo, o que apareceu em outras crônicas do autor durante sua temporada carioca: “*O princípio da autoridade existe para que não pereça o mundo. Pela inversão sádica é que surge o pericimto do mundo para que sobre os escombros flutue essa abstração do princípio da autoridade. Aplicado ao maior centro industrial do país, a linda cidade de S. Paulo, terceira da América, o princípio da autoridade só se justificaria para que S. Paulo não percesse. Só a insânia o poderia invocar para destruir São Paulo*”. Monteiro Lobato, “O bombardeio de S. Paulo”, *A Manhã*, 14/01/1927.

¹³² Idem. Esta citação é do suposto telegrama de Bernardes para São Paulo. É importante ressaltar que esta crônica não foi incluída na 1ª Edição do livro *Na Antevéspera*, de 1933, que contava com 32 crônicas. As edições deste livro que fazem parte da coleção *Obras Completas de Monteiro Lobato*, 1ª Série, *Literatura Geral*, Volume 6 pela Editora Brasiliense são compostas por 47 crônicas, sendo que algumas são anteriores a década de 20, como por exemplo, “Ariel e a Rainha Mab” e “Uma visita a Guiomar Novais”, que são dos tempos do *Minarete*, jornal de Pindamonhangaba no qual colaborou na década de 10, e outras posteriores, da década de 30, como por exemplo “Euclides, um gênio americano” e “D. Bosco e o petróleo”.

desenvolvimento de São Paulo e que por isso, o bombardeio da cidade seria um bem à nação:

“De longe, a salvo de qualquer agressão, o Catete sorria sinistramente: ‘A prosperidade de S. Paulo é um mal para o Brasil. Já que este não pode acompanhar S. Paulo, é mister abater S. Paulo.’ Esta fórmula, onde a maldade disputa preferência à estupidez, viu no bombardeio o caminho mais curto de operar o nivelamento entressonhado. Destruir S. Paulo era a fórmula que soava ao Catete como um ‘tocsin’patriótico”.

O cronista afirmou ainda que a cidade só foi salva da completa destruição porque as tropas tenentistas retiraram-se de São Paulo a tempo: *“E se os revoltosos, assombrados diante da frieza do marquês de Sade, não se retirassem para campo aberto, unicamente movidos do humano intuito de salvar a cidade mártir, a sanha mineira prolongaria o bombardeio até a sua completa destruição!”* Louvando finalmente o humanismo dos revoltosos, Lobato aproveitou para criticar aqueles que haviam se esquecido do maior crime da América, segundo ele, e para elogiar a cidade de São Paulo e os paulistas:

“Como os homens esquecem rapidamente! Foi ontem que se perpetrou esses crime, o mais monstruoso da América, e parece já de todo esquecido. Os jornais consagram colunas e colunas a casos individuais relíssimos, como o desse Saldanha da Dolly e nenhum estigmatiza a inominável infâmia do bombardeio que durante quase um mês flagelou a cidade mais rica e industriosa do Brasil – uma metrópole de 800 mil almas.(...) Dia e noite os canhões legalistas despejavam metralha, às tontas, sem o menor objetivo militar – metralha adquirida com o dinheiro de S. Paulo”.

O principal objetivo de Monteiro Lobato com esta crônica era louvar a coragem de Macedo Soares, seu sócio na Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato que havia sido preso no dia 4 de Agosto de 1924, após ter sido convocado a depor, acusado de ligação com os tenentistas. Detido durante dois meses, Macedo Soares, junto com o prefeito da cidade de São Paulo, Firminiano Pinto e o líder militar da revolução, o tenente Isidoro Dias tentaram organizar o abastecimento e a vida da capital durante e após a revolta. Esta atitude de Soares, segundo Lobato, foi entendida como uma afronta ao poder pelo então presidente Arthur Bernardes, que iniciou uma perseguição aos revoltosos e simpatizantes da revolução.

Na crônica Lobato fez uma comparação entre Bernardes e Soares: enquanto um era a encarnação do mal, o outro era a personificação do bem:

“O nome José Carlos passou a símbolo. Dizia a coisa mais alta que se pode dizer de um homem: dizia o contrário do nome Bernardes. Um era granada, o

obus, o schrapnell, a lanterna, a bala Mauser, o incêndio, o ferimento horrórico, o lar destruído, a fome, a dor, o roubo, o saque, a violência, o estupro. Outro era o Bem. Era o pão, a faixa de gaze que ligava a ferida, a injeção que impedia a gangrena, a mangueira que apagava o incêndio, o manto acolhedor, a palavra de consolo, o sorriso de Jesus”.

Tanto ódio e revolta contra um único homem, no caso Arthur Bernardes, tem outra explicação. Monteiro Lobato era sim muito nacionalista, revoltava-se com as mazelas e problemas do Brasil, falava deles nos jornais e revistas da época. Porém, não podemos esquecer de analisar esta crônica por uma outra ótica: a do pedido de falência de sua editora, na qual Lobato depositou sonhos, esperanças e principalmente, dinheiro. Em primeiro lugar, seu sócio e presidente havia sido preso e depois de solto, segundo Lobato foi exilado: *“A maldade venceu. Cristo foi para a cruz, José Carlos para o cárcere. Meses e meses pagou ele na prisão o crime de ser momentâneo Cristo de sua cidade natal. Depois o enxotaram da Pátria...”*. É claro que Lobato sentia a “perda” do amigo e da pessoa de bem que Macedo Soares era, mas também sentiu a falta do sócio rico, com grande influência em São Paulo e que poderia ajudar a fazer o negócio da editora deslanchar. A admiração era real:

“Durante o horror do bombardeio, um homem surgiu como a Providência encarnada: Macedo Soares. Organizou abrigos, abastecimentos, socorro aos feridos. Tornou-se ídolo. Na desordem infernal era o ponto fixo com que a cidade contava. Milionário, podendo egoisticamente pôr-se a salvo, expunha a vida e empregava todos os seus recursos no socorro da aflição”.

É óbvio que não podemos, décadas depois, duvidar dos sentimentos do nosso autor. Entretanto, o fato é que ao lado de outros motivos, sua editora havia pedido falência e Lobato estava na miséria. Há também o fato de Lobato ter ficado indignado com o desprezo que o ex-presidente havia se referido à cidade que ele tanto gostava e à qual tanto devia. Ainda na crônica, Lobato afirmou que o castigo de Bernardes estava para chegar. 1926 havia sido ano de eleições, que elegeram Washington Luís presidente e Melo Viana o vice-presidente. Entretanto, Arthur Bernardes foi eleito senador por seu estado natal, Minas Gerais, o que para Lobato representava um grande castigo: *“A justiça de Deus tarda, mas não falha. O carrasco de São Paulo vai ser condenado a nove anos de senatoria... Um hurrah a Minas – a vingadora!”*.¹³³

¹³³ Monteiro Lobato, “O bombardeio de S. Paulo”, *A Manhã*, 14/01/1927. Página 3.

2.2) Manhãs cariocas.

Na seqüência dos acontecimentos que derrubaram Monteiro Lobato e sua editora esteve a seca que durante meses assolou São Paulo. Como tudo na época já dependia da energia elétrica, inclusive, e principalmente, as novas máquinas, os famosos monotipos adquiridos pela editora, a produção ficou mais uma vez parada. Em tom de preocupação, Lobato escreve ao amigo Rangel:

*“Nada sei de como desfechará o nosso caso. A situação piora. A Light, que prometera restabelecer a força este mês, avisa hoje que fará nova redução de energia fornecida. Só podemos trabalhar agora dois dias por semana! E como a horrenda seca que determinou esta calamidade continua, é voz geral que temos completa supressão de força em novembro”.*¹³⁴

Lobato e seus sócios tentaram resolver o problema dos monotipos usando um motor movido a diesel, para que a produção não se estagnasse. Mas até um motor a diesel precisa de resfriamento, que depende de água. Ou seja, a experiência foi mal sucedida, como nos conta o autor: *“Até o curso de montarmos um motor Diesel falhou; depois de assentado, faltou-nos água para resfriamento... Verdadeira calamidade, Rangel. O mesmo que um daqueles terremotos do Japão”.*¹³⁵ O desespero do autor chega ao ponto dele pensar em mudar-se para perto de um rio, o que propõe também para Rangel. Afirmou que estavam todos de “cócoras” na editora, bem a moda de um de seus mais famosos personagens, o Jeca Tatu, mas não a espera do tempo passar, mas sim esperando a situação ser normalizada:

“Estou pensando em mudar-me, continue ou não com a empresa editora. Mudar-me para a beira dum rio – para a beira do Amazonas – do Mississipi... Isto de secar à moda cearense é horrível. Há por aí algum rio que não seque? Muda-te pra perto dele, Rangel. (...) Estamos completamente parados – e por

¹³⁴ Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 277. S. Paulo, 10/6/1925. No livro *Prefácios e Entrevistas*, Obras Completas de Monteiro Lobato, 1º Série, Literatura Geral, Volume 13. São Paulo, Editora Brasiliense, 1956, também há uma referência do autor a esta seca. Em entrevista a revista *Diretrizes*, em 1938, o autor quando perguntado sobre suas editoras, afirmou que um dos problemas que levou a Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato à falência foi a seca em São Paulo. Entretanto, o autor acreditava ter esta seca ocorrida no ano de 1924, fato que se deu, na verdade, no ano seguinte: *“A tragédia foi a seguinte: Deu-se uma grande seca em São Paulo, parece que em 1924. Pela primeira vez na vida da cidade a Light se viu obrigada a cortar de dois terços o fornecimento de energia elétrica. Ficamos nós, portanto, com um maquinário enorme, todo ele movido a eletricidade, sem poder trabalhar.”* Monteiro Lobato. *Prefácios e Entrevistas*. Op. Cit. Página 172.

¹³⁵ Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 277. S. Paulo, 10/6/1925.

*quanto tempo assim? (...) Estamos aqui de cócoras na nossa empresa, parados, com os juros das dívidas a crescerem, à espera de que chova e a Light se normalize. Eu podia prever tudo no meu negócio – menos isso: seca do Ceará em S. Paulo”.*¹³⁶

Um mês após a carta em tom de desespero, Lobato escreve outra para o sempre amigo mineiro, desta vez bem mais animado e esperançoso, sem saber muito bem o que o aguardava:

*“Lê o papel junto. A crise da energia elétrica da Light vai dar-nos um tombo – mas há de ser um tombo passageiro. Breve estaremos novamente de pé. As feridas cicatrizarão e em um ou dois anos ninguém mais falará no caso. É a tempestade hoje; será o azul amanhã. (...) A vitória é matemática. Perderemos uma batalha, mas no fim ganharemos a guerra – como os ingleses”.*¹³⁷

O papel ao qual Lobato se referiu na carta provavelmente era o balancete da empresa, contabilizando lucros, perdas e principalmente, acreditando no futuro. Neste relatório apresentado em maio de 1925, a empresa demonstrava que, apesar dos problemas enfrentados no período os resultados obtidos tinham sido satisfatórios: *“As vendas, limitadas apenas a quatro meses, somaram 1.200 contos de réis, gerando um lucro líquido de cerca de 125 contos, ou seja 10% do faturamento”.*¹³⁸ Além disso, apesar de Lobato e seus sócios¹³⁹ estarem muito endividados com os bancos na compra do maquinário para a editora, o relatório previa, ainda em 1925, um aumento nas vendas e o sucesso à vista, no qual os sócios *“afirmavam sua disposição em ‘encarar o futuro com todo o desassombro’- encerrava destacando que os negócios iam ‘em franco e constante progresso’, com a ‘casa bem conhecida’ e suas produções, ‘de primeira ordem e muito procuradas’”.*¹⁴⁰

Lobato não podia prever a seca, como ele próprio disse, ou a revolução, mas também não podia prever uma crise bancária que foi, digamos assim, a gota d’água para o seu pedido de falência. O então presidente da República tentando estabilizar a moeda desvaloriza o mil-réis, o que resultou em um enorme buraco financeiro na já endividada editora, levando-a à falência:

¹³⁶ Idem. Página 277/278.

¹³⁷ Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 278. S. Paulo, 10/7/1925.

¹³⁸ Carmem Lucia de Azevedo et ali. *Monteiro Lobato*. Op. Cit. Página 144.

¹³⁹ O relatório foi assinado por Monteiro Lobato, Octalles Marcondes Ferreira (seu eterno sócio) e Alexandre Pulitzer.

¹⁴⁰ Carmem Lucia de Azevedo et alli. Op. Cit. Página 144. Os trechos destacados em negrito fazem parte dos Autos do processo de falência da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato.

*“Coincidiu tudo isto com uma terrível medida do governo Bernardes. O governo mudou subitamente de orientação financeira e o redesconto feito pelo Banco do Brasil foi suspenso. Pânico em todo o sistema comercial do país. Certa manhã, ao entrarmos no escritório, demos com uma série de avisos dos nossos bancos: estava suspenso o desconto das duplicatas. Um enorme buraco financeiro abria-se assim diante de nós num momento em que estávamos com as oficinas a um terço da produção. Resolvemos ‘recorrer ao remédio da falência’ – não sabíamos que no Brasil a falência como remédio não existe. E liquidamos”.*¹⁴¹

Liquidaram em 24 de julho de 1925 e no mesmo instante fundaram outra editora: a Companhia Editora Nacional, no mesmo ano.

Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira, seu eterno sócio, não desistem. Compram o fundo, incluindo estoques¹⁴² da recém-falida editora e o incorporam a nova empresa. Desta vez, Lobato afirmou que não desejava muitos sócios, o negócio deveria ser apenas dele e Octalles, mas contratemos não permitiriam que isso ocorresse. A assembléia de constituição da nova editora brasileira, realizada em 15 de setembro de 1925 no Rio de Janeiro, contou com a adesão de nove sócios, entre eles, Octalles Marcondes e Joaquim Correia, os diretores e, obviamente, Monteiro Lobato, que inicialmente, não figura na lista dos sócios-fundadores, tendo seu nome incluso apenas em 1926.¹⁴³ Lobato não só estava à testa do empreendimento como partiu com a família de mudança para o Rio de Janeiro, para representar os negócios da editora na capital federal.

No dia 30 de setembro de 1925 ele tornou-se mais um paulista na Cidade Maravilhosa. Diversos críticos da sua obra insistem em afirmar que o escritor sempre almejou residir no Rio de Janeiro. Realmente, se lermos esse trecho de uma carta para seu cunhado, Heitor Morais, logo após sua chegada à cidade, podemos imaginar que o escritor estava realizando um sonho: *“Meu caro Heitor: só estou arrependido de uma coisa – não ter falido há mais tempo. Tenho a impressão de que voltei, depois de um longo exílio numa Itália híbrida, à minha terra natal. O Rio é único e vale a pena falir para cair neste mangue encantado.”*¹⁴⁴ Menos de um mês após esta carta para o cunhado, Lobato escreve a Rangel com entusiasmo, mas já um pouco desanimado:

¹⁴¹ Monteiro Lobato. *Prefácios e Entrevistas*. Op. Cit. Páginas 172/173.

¹⁴² Entre esses livros em estoque da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato estavam os panfletos encomendados pelo Laboratório Fontoura do *Jeca Tatuzinho*, para a propaganda de seu Biotônico.

¹⁴³ Estas informações foram retiradas de Carmem Lucia de Azevedo et ali. Op. Cit. Página 187/188.

¹⁴⁴ Monteiro Lobato. *Cartas Escolhidas*. Tomo I. São Paulo, Editora Brasiliense, 1959, 1ª Edição. Obras Completas de Monteiro Lobato, 1ª Série, Literatura Geral, Volume 16. Página 184. Carta de Monteiro Lobato a Heitor Morais. Rio, 16/10/1925.

“Gosto do Rio e sempre quis morar aqui. Há umas coisa velhas. O Cosme Velho do Machado de Assis. A Ascurra. Mas a paisagem tropical me cansa. Sinto que vou logo enjoar destes verdes eternos, destas palmeiras de presepe e do eterno Pão de Açúcar. Meu sonho é a paisagem dos países frios, com invernos, árvores desfolhadas, outonos vermelhos, neve – e depois a maravilha que há de ser a ‘ressurreição da cor’ na primavera. Não tenho o índio ou o negro na alma. O tropicalismo me parece coisa de índio e negro da África”.¹⁴⁵

Mas podemos entender este entusiasmo como apenas mais um deslumbramento, como vários que Lobato teve ao longo de sua vida. A realidade é que ele não parece ter experimentado grandes encantos pela cidade: *“Estive no Rio. Cheguei hoje. Pavoroso aquilo.”*¹⁴⁶

A verdade é que Lobato chegou ao Rio em uma época extremamente conturbada na vida da cidade. O país em estado de sítio, Arthur Bernardes, por quem Lobato não nutria nenhuma simpatia, como presidente da República. O autor recém-falido, por circunstâncias já explicadas, encontrou uma cidade governada por Alaor Prata, acusado de inúmeras irregularidades na administração municipal, tendo com chefe de polícia, o Dr. Carlos Costa, também acusado de arbitrariedades e todos esses ligados ao dono de um dos principais jornais cariocas, *O Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt. Além disso, o autor passou a figurar nas páginas de *A Manhã*, de propriedade de Mario Rodrigues, importante jornalista que fazia questão de sempre denunciar Arthur Bernardes, Alaor Prata, Carlos Costa e Edmundo Bittencourt.

O jornal carioca teve sua primeira edição circulando na cidade no dia 29 de dezembro de 1925 com um enorme estrondo. Seu programa de atuação era claro no sentido de denunciar as irregularidades referentes não só à administração municipal, estadual e federal, como também denunciar a corrupção na imprensa. *“Eu juro aos leitores d’A Manhã que não lhes mentiremos, custe-nos a verdade o que custar. A Manhã, nascendo com o sol ao cantar, desta alvorada, convida o Brasil a refazer-se nas alegrias da luz purificadora e fecundante”*.¹⁴⁷ Entretanto, o objetivo central da folha era atacar Edmundo Bittencourt, ex-patrão de Mario Rodrigues e que se tornara desafeto do proprietário da *A Manhã*.

¹⁴⁵ Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Página 283. Rio, 8/11/1925.

¹⁴⁶ Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Página 277. S. Paulo, 5/4/1925.

¹⁴⁷ Mario Rodrigues, “Programa”. *A Manhã*, 29/12/1925. Página 1.

Mario Rodrigues¹⁴⁸ chegou de Recife em fins de 1915, após de ter sido acusado de receber favorecimentos do governador Dantas Barreto. Com as eleições para o governo de Pernambuco, o jornalista, um ardoroso defensor do dantismo¹⁴⁹ começou a enfrentar dificuldades políticas, principalmente uma forte campanha contra o jornal que dirigia, o *Jornal do Recife*, o principal órgão de defesa de Dantas. Manuel Borba, um dos favoritos de Barreto, rompeu com o governador e lançou-se candidato ao governo do estado. “O dantismo, com Mario Rodrigues à frente, passou a considera-lo um traidor, não só de Dantas, mas de Pernambuco inteiro – e, desfraldando esse exagero como uma bandeira, partiu para a guerra contra Manuel Borba”.¹⁵⁰ A partir daí, Manuel Borba resolveu revidar os ataques à sua pessoa e sua candidatura atingindo não apenas Dantas Barreto, como também seus principais apoiadores. Mario Rodrigues estava na lista e, segundo ele, não suportando as denúncias contra sua honra e honestidade, deixou o Recife rumo ao Rio de Janeiro, cidade para qual todos aqueles que almejavam algum tipo de prestígio ou reconhecimento dirigiam-se.

Após alguns meses no Rio, Mario Rodrigues retorna para o Recife, onde reassume seu mandato na Assembléia pernambucana. Mas o dantismo estava derrubado definitivamente, com a vitória nas eleições por Manuel Borba e na aliança entre Dantas Barreto e seu arquiinimigo Estácio Coimbra. Mario Rodrigues, então, convencido de que não teria chances de combater seus inimigos, que agora, haviam se tornado aliados e incentivado por sua mulher Maria Esther, retorna definitivamente para o Rio de Janeiro.

Na capital federal, Mario Rodrigues, por intermédio de seus amigos também pernambucanos, José Mariano Filho e Olegário Mariano conseguiu um emprego no importante jornal carioca *Correio da Manhã*, de propriedade de Edmundo Bittencourt. Como redator parlamentar e residindo na casa de seus amigos, o jornalista começou a se ambientar novamente ao Rio de Janeiro e a se tornar amigo de políticos e celebridades que freqüentavam o cabaré Assírio, ao lado do senado federal. Ao mesmo tempo em que escrevia para o principal jornal carioca, Rodrigues começou a enviar colaborações políticas

¹⁴⁸ As principais informações biográficas sobre o jornalista Mario Rodrigues foram retiradas dos primeiros capítulos da biografia de seu filho Nelson Rodrigues. Infelizmente não existe nenhum estudo sobre este importante jornalista da década de 20. Ruy Castro. *O Anjo Pornográfico. A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. 1ª Edição 1992.

¹⁴⁹ “Mario Rodrigues via em Dantas uma predestinação guerreira de macho pernambucano e estava disposto a segui-lo até o fim”. Ruy Castro. Op. Cit. Página 17.

¹⁵⁰ Ruy Castro. Op. Cit. Página 17/18.

para o *Jornal do Recife*¹⁵¹ e um desses artigos foi o que o salvou, a si e a sua mulher e filhos que já haviam chegado ao Rio e estavam hospedados na casa de Olegário Mariano. Mario Rodrigues havia se desentendido com o secretário do jornal carioca, Costa Rego, que o demitiu.

“O aniversário do Correio da Manhã deu-me ensejo para fixar a figura de Edmundo Bittencourt. A homens desse quilate não farei nunca a injúria de um cumprimento banal. Depois de uma luta de três lustros, vejo-o vitorioso, sobretudo de vitória de caráter, num meio de corruptelas irresistíveis; vejo-lhe o mesmo da iniciação, o corte típico de sonhador inveterado e vejo-lhe a bravura cada vez mais jovem. Tiro-lhe o meu chapéu e passo adiante”.¹⁵²

É óbvio que este artigo, que chegou ao conhecimento de Edmundo Bittencourt pelas mãos de José Mariano Filho deixou o todo poderoso da imprensa carioca extremamente envaidecido, o que fez com ele readmitisse Mario Rodrigues em sua folha. Com o tempo, seu chefe foi se afeiçoando cada vez mais ao empregado pernambucano e, em 1920, Mario Rodrigues tornou-se editorialista do *Correio da Manhã*.

No ano seguinte, o jornalista seria o responsável pelo episódio das supostas cartas que Arthur Bernardes, então governador de Minas Gerais e candidato à presidência da República, apoiado pelo atual, Epitácio Pessoa, teria escrito contra os militares. As reportagens, com fotos das cartas saíram em outubro de 1921 causando uma enorme confusão no cenário político brasileiro. O próprio jornalista nos narra este episódio:

“Assim me falou Irineu Machado. Ali cheguei (...) e me apresentou um tipo baixote, atarracado: - Oldemar Lacerda. Indaguei do que se tratava. Tratava-se de duas cartas que Oldemar Lacerda sacou de um dos bolsos. Segurei-os e entrei em argüições. Oldemar, meio vacilante ofereceu ao Correio os papéis, (...). A Irineu Machado solicitei, com a minha inveterada curiosidade de velho repórter, explicações necessárias quanto a certos detalhes obscuros. E como poderia o Correio verificar a autenticidade das estranhas missivas? Irineu mostrou-me e mandou ao nosso jornal para base dessa verificação, uma carta íntima, de autenticidade indiscutível, escrita pelo Sr. Arthur Bernardes ao deputado Ribeiro Junqueira (...). Não havia porquanto outro elemento de prova...”.¹⁵³

¹⁵¹ Em 1931, após a morte do jornalista, ocorrida no dia 15 de março de 1930, foram publicados esses artigos enviados por Mario Rodrigues para o *Jornal do Recife*: Mario Rodrigues. *A Cegueira dos Deuses*. Recife, Pernambuco, Imprensa Industrial, 1931. Segundo Milheiro.

¹⁵² Mario Rodrigues, “A Rapsódia de um Panfletário” in *A Cegueira dos Deuses*. Op. Cit. Página 63.

¹⁵³ Mario Rodrigues, “As cartas num parêntesis” in *Meu Libelo. Memórias de cárcere escritas em torno de duas revoluções*. 1º Parte. Rio de Janeiro, Editora Brasileira Lux, 1927. 4º Milheiro. Página 137.

Apenas em junho, de 1922, após passar por dois peritos europeus, ficou provado que as cartas eram realmente falsas. Mas o candidato oficial, Arthur Bernardes, o principal prejudicado neste episódio, já havia sido eleito nas eleições de 1º de março de 1922. Mesmo com Oldemar Lacerda, o intermediário das cartas junto a Mario Rodrigues, admitindo que as havia falsificado com intenção de favorecer Hermes da Fonseca, na época o candidato à presidência (o candidato da oposição e derrotado por Bernardes foi Nilo Peçanha) os tenentes continuaram furiosos. Epiácio Pessoa, com vontade de vingança, em 3 de julho fechou o Clube Militar e mandou prender Hermes. Em 5 de julho de 1922, os tenentes rebelaram o Forte Copacabana, tendo seu desfecho no dia 7 de julho com quase todos os 18 revoltosos mortos na Avenida Atlântica, no famoso episódio que ficou conhecido como os “18 do Forte”.

Em 9 de novembro de 1923, Mario Rodrigues, então diretor do *Correio da Manhã*, publicou um artigo extremamente irônico sobre um episódio ocorrido em 1920, envolvendo o ex-presidente e seu desafeto Epiácio Pessoa. Os usineiros pernambucanos presentearam a primeira-dama com um colar de 120 contos de réis para que ela o usasse na recepção aos reis da Bélgica¹⁵⁴. Em 28 de novembro do mesmo ano Pessoa apresentou queixa contra o jornalista:

“O Sr Epiácio Pessoa escolheu para julgador do feito um magistrado que lhe devia o cargo. Esse magistrado não lhe faltou na hora precisa. Argüindo a queixa o crime de calúnia (o caso do açúcar, misturado com o do colar) e o de injúrias, por epítetos cuja aplicação remontava à crítica de atos administrativos, a respeito dos quais me cabia o exceptio veritatis, fui condenado, num clamoroso cerceamento da minha defesa”.¹⁵⁵

Na verdade, não foi Mario Rodrigues quem escreveu este artigo, e sim, Humberto de Campos, outro editorialista do jornal. Mas como diretor Mario Rodrigues assumiu a responsabilidade pelo artigo: *“Por ironia do acaso, eu não escrevera esta nota (...). A lei responsabilizava-me, na qualidade de diretor do Correio; a mim, extra-lei, me aprouve*

¹⁵⁴ “Verdade, verdade, na festa de 1920 no Clube dos Diários, ignorava as dores que já havia a aliviar pelo mundo; dependendo de um gesto seu que os cento e vinte contos de réis em pregados na compra do colar assegurassem o bem-estar de criancinhas, durante um largo período, locupletou-se do sacrifício da caridade; desviou-se de um asilo o que se acrescentou à sua riqueza”. Mario Rodrigues, “Caridade e Caridade” in *Meu Libelo*. Op. Cit. Página 159.

¹⁵⁵ Mario Rodrigues, “Condenado” in *Meu Libelo*. Página 147.

desafiar a iniquidade que me citava”.¹⁵⁶ A pena foi de dois meses e dez dias de prisão e uma pequena multa.

No ano seguinte, no dia 5 de julho de 1924 Mario Rodrigues publicou um outro artigo sobre os dois anos da Revolução Tenentista, celebrando os dezoito soldados do Forte de Copacabana. É bem provável que ele não tivesse a menor idéia do que estava para acontecer em São Paulo quando escreveu este artigo, mas não foi o que a justiça pensou. Novamente processado desta vez a pena foi mais dura. Rodrigues foi condenado a um ano de prisão e a pagar dez contos de réis de multa. O *Correio da Manhã* ficou oito meses fora de circulação (só voltou a circular no dia 20/05/1925), a partir de agosto de 1924 e seu diretor preso no Quartel dos Barbonos, no centro da cidade do Rio de Janeiro até setembro de 1925.

Na prisão, nos intervalos entre as constantes visitas da mulher, Maria Esther e de seus filhos, Mario Rodrigues aproveitou para escrever o livro *Meu Libelo*, que mais tarde seria publicado pelo seu futuro jornal *A Manhã*¹⁵⁷. Quando regressou ao seu posto no *Correio da Manhã*, em outubro de 1925, várias coisas o desagradaram. Em primeiro lugar, o jornal não teria mais um único diretor; seria feito um rodízio entre os diversos jornalistas. Com certeza, Mario Rodrigues deve ter percebido que havia perdido não só a confiança incondicional do patrão, como também o posto de jornalista preferido de Edmundo Bittencourt. Entretanto, a cartada final para o rompimento entre os dois foi a aproximação explícita entre Bittencourt e seu inimigo mais combatido em outros tempos: Eptácio Pessoa. Provavelmente, considerando isso uma afronta pessoal, Mario Rodrigues pediu demissão e colocou o ex-patrão em sua lista negra¹⁵⁸, junto com Eptácio Pessoa, Arthur Bernardes, Alaor Prata e Carlos Costa.

¹⁵⁶ Mario Rodrigues, “Processo do Colar” in *Meu Libelo*. Página 146.

¹⁵⁷ A publicação, quase em forma de folhetim, teve início no dia 21/05/1926, com grande destaque pelo jornal e durou até o dia 6/06/1926, sempre na página 01 do jornal, com o nome do livro e do autor em negrito. “O subtítulo era Memórias do cárcere escritas em torno das duas revoluções”.

¹⁵⁸ Em 23/02/1926 *A Manhã* começou a publicar uma série de dez reportagens assinadas por Mario Rodrigues intituladas “O Fígado Podre”, nas quais o dono do jornal conta as razões de seu rompimento com o ex-patrão, Edmundo Bittencourt. Sempre na página 01 do jornal e também com grande destaque Rodrigues continuou a atacar Bittencourt, coisa que já estava fazendo desde o primeiro número do jornal. A última reportagem foi publicada no dia 5/03/1926, com promessas de mais denúncias.

Alguns poucos meses depois, no dia 29 de dezembro de 1925, passou a ser apregoado pelas ruas do Rio de Janeiro o mais novo jornal carioca: *A Manhã*¹⁵⁹. Localizado na importante Rua 13 de maio, nº 41 no centro da cidade, o jornal apresentava nomes importantes do jornalismo e da literatura em suas páginas. Até o dia 14/09/1926 o expediente do jornal que aparecia todos os dias na página 02 era o seguinte: “Direção e propriedade de Mario Rodrigues; Redator-Principal: Pedro Motta Lima; Gerente: Alceu Leite”. No dia 15/09/1926 houve uma mudança, com a inclusão de alguns cargos na administração do jornal: Direção e propriedade exclusiva de Mario Rodrigues; Diretor Substituto: Pedro Motta Lima; Redator-Chefe: José Augusto de Lima; Secretário: Milton Rodrigues¹⁶⁰; Sub-Secretário: Danton Jobim; Gerente: Alceu Leite.

O jornal não tinha muitas coisas diferentes dos outros jornais cariocas da época, como por exemplo, *A Noite* ou o próprio *Correio da Manhã*. Em um período no qual os recursos jornalísticos não eram tão avançados assim, a única forma de os jornais se diferenciarem era através de seu corpo de colaboradores e de reportagens estrondosas, escandalosas, polêmicas ou denunciativas que poderiam ajudar a vender jornal. E esses dois fatores Mario Rodrigues conseguiu agregar em *A Manhã*. Pessoas de renome escrevendo nas páginas do jornal não faltaram. Na página 03, por exemplo, podemos encontrar crônicas assinadas por Agripino Grieco, Medeiros e Albuquerque, Faria Neves Sobrinho, Menotti Del Picchia, Joaquim Pimenta, Antonio Torres, Mauricio de Medeiros, Mario Pinto Serva, Augusto de Lima, Nicanor Nascimento, Raul de Polillo, Renato Vianna, Benjamin Constallat, Azevedo Lima, Afrânio Peixoto, Raymundo Magalhães e, evidentemente, Monteiro Lobato. Além disso, o jornal contava com diversos suplementos. Domingo era dia do caderno “Arte e Cultura”, que apresentava poemas, contos e pinturas de pessoas famosas, como Mario de Andrade e de nem tão famosas assim, como o filho do dono do jornal, Roberto Rodrigues, que ficou conhecido por seus desenhos fortes e sensuais¹⁶¹. Sábado (nem sempre era regular) era dia do “Suplemento de São Paulo”, dirigido por

¹⁵⁹ Infelizmente, este jornal também parece ter sido esquecido pelos historiadores e, portanto, não foi possível encontrar nenhum estudo sobre ele. Todas as informações aqui contidas são da leitura da coleção incompleta da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

¹⁶⁰ Milton Rodrigues, filho mais velho de Mario já trabalhava no jornal quando seu nome começou a figurar no expediente, assim como seus outros irmãos, Roberto, Mario Filho e Nelson, que também trabalhavam no jornal do pai.

¹⁶¹ Mario Rodrigues Filho também tinha presença garantida todo domingo no caderno “Arte e Cultura” com seus poemas e contos.

Oswaldo Costa e tendo como colaboradores, novamente Mario de Andrade, Menotti Del Picchia, José Clemente e Paulo Prado.

Sem a regularidade apresentada pelos dois outros cadernos já citados, mas sempre presente nos três anos que Mario Rodrigues esteve à frente de *A Manhã* temos outros suplementos: “Suplemento de Minas Gerais”, “Suplemento do Espírito Santo”, “Turismo e Variedades”, “Página Portuguesa”, caderno “Americano”, em inglês e português, caderno “Francês”, em francês e português, caderno “Teuto-Brasileiro”, em alemão e português. Desde o primeiro número do jornal, geralmente na página 04, temos a seção intitulada “*A Manhã* Proletária”, com diversos anúncios sobre os mais diferentes tipos de associações de trabalhadores, e que promove uma enorme campanha em prol do Manifesto da CGT, Confederação Geral do Trabalho.

Sempre na primeira página tendo no centro o nome do jornal dois boxes com caricaturas de Guevara ou de Ruiz. Um box à esquerda e outro à direita no topo da primeira página tinham o mesmo objetivo: ironizar alguma situação política, social da cidade do Rio de Janeiro ou do próprio Brasil. Os personagens prediletos dos famosos caricaturistas eram Alaor Prata, Carlos Costa, a empresa canadense Light. Outra imagem recorrente dessas caricaturas era o Jeca, personagem de Monteiro Lobato. No dia 7 de setembro de 1926, no box à esquerda, encontramos uma figura do Jeca carregando uma trouxa com um cabo, com uma casa ao fundo e os seguintes dizeres: “*Jeca deixa o interior em busca da cidade...*” No box à direita, o mesmo Jeca com a trouxa no chão, segurando uma pistola com a mão direita, um vidro na mão esquerda e a seguinte frase: “*e logo chegado civiliza-se comprando uma pistola e dois kilos de cocaína!*”¹⁶²



A Manhã, 7/09/1926.

¹⁶² *A Manhã*, 07/09/1926. Página 01.

Outra caricatura muito interessante é a do dia 9 de setembro de 1926, na qual encontramos no box à esquerda, a figura de um trem subindo um morro, com a seguinte frase: “*Sobe o trem a serra...*”. No box à direita temos um homem ajoelhado, em posição de reza, segurando um cabo, no qual está apoiado um chapéu, tendo uma garrafa à sua frente e uma vela acesa, com a seguinte frase: “*e Jeca pede a Deus pelas almas das gentes e... dos inhambus*”.¹⁶³



A Manhã, 9/09/1926.

Ambas são muito interessantes do ponto-de-vista da análise do próprio jornal. Tanto a caricatura do dia 7/09 quanto a do dia 9/09 tratam de assuntos do cotidiano da cidade e do país. A primeira fala da questão da migração dos campos para as cidades por trabalhadores

¹⁶³ A Manhã, 09/09/1926. Página 01.

rurais, em busca de melhores oportunidades de emprego e de condições de vida e aquilo que na verdade eles encontram nas cidades. Já a segunda caricatura, a do dia 9/09, tem relação com as denúncias que *A Manhã* estava fazendo contra a Light, a empresa que administrava os bondes da cidade, que o jornal chamava de “jibóia canadense”. No dia anterior, por exemplo, saiu na primeira página do jornal, com grande destaque, uma reportagem acusando o prefeito do Rio de convivência com a “jibóia canadense”, ao não exigir da Light melhores condições de transporte.

Entretanto, com todos esses recursos, caricaturas que denunciavam ou criticavam algo, literatos e jornalistas famosos escrevendo em suas páginas, uma seção inteira do jornal dedicada aos proletários, organização do “Dia dos Blocos” na época do carnaval, uma página de polícia com textos e fotos dramáticos de crimes por vingança, amor, dinheiro, o sucesso¹⁶⁴ de *A Manhã* tinha um nome: Mario Rodrigues. Durante os três anos que o jornalista permaneceu na direção do periódico, não houve um único dia, excetuando-se aqueles que o jornal não circulou por problemas com a censura, em que Mario Rodrigues não escrevesse algum artigo ou fizesse alguma reportagem. Os artigos que escreveu, sempre no centro da página 2 do jornal, nunca deixaram de ter uma acusação a algum político, a algum jornal, a alguma empresa. A tônica dos seus artigos¹⁶⁵ podia ser também relativa a questões sociais e políticas, sem denúncia ou ataques diretos, mas que um leitor assíduo do jornal logo identificaria àqueles que o jornalista buscava atingir: Edmundo Bittencourt, Alaor Prata, Carlos Costa, Arthur Bernardes, a Light, entre outros. Ou seja, assim, como havia feito um enorme sucesso à frente do *Correio da Manhã*, sempre polemizando chegando a ponto de ser preso por um ano, ao dirigir seu próprio jornal, não

¹⁶⁴ Na enorme edição comemorativa, 48 páginas, de um ano do jornal, a tiragem era de 100 mil exemplares, segundo *A Manhã*, com custo de 100 réis. Na primeira página desta edição há três boxes de caricaturas com a manchete: “Gente de casa!” Os colaboradores estão caricaturados por Guevara com seus nomes embaixo: Mario Rodrigues; Pedro Motta Lima; José Augusto de Lima; Milton Rodrigues; Alceu Leite; Danton Jobim; Osório Borba; Aderson Magalhães; Xavier D’Araujo; Mario Filho; Adalberto Coelho; José Lyra; Joracy Camargo; Rafael de Holanda; Andrés Guevara; Celso Kelly; Sady Garibaldi; César Brito; Appo Kelly; Martins Guimarães; Orlantino Loredo; Dorja Reis; Costa Soares; Joaquim Pimenta; Eurico de Matos; Amador Cysneiros; Basílio Vianna, Martins Reys; Antonio Veloso; Esrnesto Rocha; Armando Rosas; Nelson Kemp; André Romero; Jose Maria; Victor Theophilo; Moraes. *A Manhã*, 29/12/1926. Página 1 e 2. É interessante notar que nem o nome, nem a caricatura de Monteiro Lobato apareceram nesta lista, apesar de ainda colaborar com artigos para a Página 3, o que pode nos indicar um distanciamento do escritor paulista com a redação do jornal. Esta suposta distância, provavelmente, deve-se ao fato que Monteiro Lobato residia na capital federal para representar os negócios da Companhia Editora Nacional, como já dito anteriormente.

¹⁶⁵ Poderíamos chamar esses artigos de Mario Rodrigues de editoriais, mas geralmente esses não são assinados. Mario Rodrigues fazia questão de assinar seus textos.

seria diferente. Sem papas na língua, Mario Rodrigues, podemos assim dizer, era um verdadeiro “galo de briga” ou produtor de escândalos.

2.3) Desventuras de um turista sueco.

Monteiro Lobato chegou ao Rio de Janeiro em fins de setembro de 1925, coincidentemente no mês em que Mario Rodrigues foi libertado. Mas, com já foi dito, *A Manhã* ainda não existia. O escritor-paulista além de representar os negócios de sua nova editora, a Companhia Editora Nacional, iniciou colaboração no periódico *O Jornal* de Assis Chateaubriand. Mas, infelizmente não temos nenhuma referência de como se iniciou o contato entre Mario Rodrigues e Monteiro Lobato. Não sabemos se Lobato já conhecia o jornalista antes de 1925/26, por suas colaborações e reproduções de suas crônicas e contos em jornais cariocas. Talvez o contato tenha ocorrido em algumas poucas viagens de Lobato ao Rio de Janeiro antes de fixar residência na Rua Gabizo, 97. É provável, no entanto, que este encontro tenha se dado em virtude da publicação de um livro de Mario Rodrigues, *Babel*, por uma das editoras de Lobato, a Monteiro Lobato & Cia., em 1922 ou 1923¹⁶⁶. Podemos também imaginar que Monteiro Lobato e Mario Rodrigues tenham sido apresentados por algum amigo em comum, como Humberto de Campos ou Antonio Torres¹⁶⁷, este último colaborador assíduo do periódico. Ou ainda, sabendo da presença do autor paulista na cidade maravilhosa, Mario Rodrigues pode ter entrado em contato com

¹⁶⁶ A publicação do livro de Mario Rodrigues consta da lista que encontramos no final do livro *O Macaco que se fez Homem*, pela Monteiro Lobato & Cia., em 1923. A lista, que afirma serem aquelas as últimas edições da editora, conta com 60 livros de autores nacionais e 12 livros de Monteiro Lobato entre reedições e lançamentos. Entretanto, nenhum desses 72 livros tem a data de edição, ou seja, podemos supor que o livro de Mario Rodrigues, o 17º da lista, com o subtítulo de *Estudos Vários*, havia sido publicado naquele ano, 1923 ou no ano anterior. Infelizmente, não encontramos o livro para consulta.

¹⁶⁷ Em carta a Godofredo Rangel, Lobato afirma que gosta e conhece Antonio Torres, uma vez que, na época os mais importantes jornalistas e literatos da cidade podiam ser encontrados na famosa e importante livraria carioca Leite Ribeiro ou nos salões do Hotel Avenida: “Faço ponto na livraria Leite Ribeiro. Reúnem-se lá figurões. Gosto de conversar com o Rocha Pombo, um excelente velhinho. O Almaquio Diniz não falha. E vem o Humberto (de Campos). Esses homens que o Brasil do sertão conhece pelos jornais e admira como paredros, a gente os vê em carne e osso. São glórias e gloriolas que passam, fazem estação nos ‘pontos’, ingerem aperitivos e vão para casa com pacotes de empadinhas no dedo. Gosto do Antonio Torres. Faz ponto à noite no grande bar fronteiro, naquele bloco de Hotel Avenida. O chope é servido em rodelas de papelão, em vez de pires. Um papelão mataborrão, ótimo, para lápis-tinta quando está úmido. E o Torres, em eterna guerra contra o Portugal, escreve na sua linda letra em cada um daqueles discos de papelão: ‘Duarte Leite, Encaixotador de Portugal no Brasil’. Duarte Leite é o Embaixador português...” Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 283/284. Rio, 8/11/1925.

Lobato e tê-lo convidado a ser colaborador no mais recente jornal carioca em busca de nomes conhecidos para compor sua equipe.

A verdade é que na sexta-feira, dia 1/01/1926, na quarta edição de *A Manhã*, o nome de Lobato já aparecia na página 03. Até sua ida para New York como adido comercial do governo brasileiro, em maio de 1927, o autor escreveu mais de 40 artigos, além do romance¹⁶⁸. Grande parte dessas crônicas publicadas tem como tônica central os problemas brasileiros e as questões políticas (Lobato dividia com o dono do diário o ódio ao então presidente Arthur Bernardes. Será que essa foi uma das razões da aproximação?).

Uma das crônicas que Monteiro Lobato adorava citar como grande causadora de polêmica era “O Pátio dos Milagres”, publicada no dia 02/04/1926 e mais tarde, em 1933, compilada no livro *Na Antevéspera*. O artigo, muito bem escrito, falava da questão social, comparando o Brasil a outros países como Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda e Suíça: “Países assim têm o defeito gravíssimo da insipidez. Lembra a ilha da Perfeição, onde a deusa Calipso abrigou Ulisses e de tantas delícias o cercou que o mal acostumado grego deu de bocejar, saudoso da bela desordem da sua Itaca”.¹⁶⁹

Lobato iniciou a crônica afirmando que em países como os acima citados as empresas de notícias não precisam manter correspondentes, uma vez que não há motivos para telegramas. Já países como França, Itália, Portugal e Brasil são eternas fontes de notícias, com revoluções, guerras, estados de sítio, golpes de estado... O objetivo principal deste artigo era falar dos mendigos nas ruas do Rio. Comentar a falta de notícias para os telegramas internacionais foi apenas um modo de começar a investida contra o governo. No meio da crônica chega ao Brasil um turista sueco que ficou encantado com a mistura de raças e o resultado dela nas feições dos brasileiros, a desordem social e governamental e

¹⁶⁸ Como já dito aqui, a coleção do jornal está incompleta, o que me impossibilitou de ter acesso a todas as crônicas publicadas. Por exemplo, no mês de março de 1926, só existe as edições do jornal até o dia 7. Provavelmente, neste mês, no qual temos apenas a crônica do dia 4, “Doloi Stid”, Lobato deve ter escrito outros artigos, uma vez que em janeiro, mês completo, temos ao todo 6, assim como no mês de fevereiro, também completo. Em abril, maio, julho e dezembro foram 4 crônicas de Lobato. Em maio está faltando o dia 29; julho os dias que estão faltando são 9, 10 e 22 e dezembro está completo. Em junho, faltando apenas o dia 25, foram 5 artigos. Em agosto e novembro, meses completos, temos um artigo de Lobato em cada mês. Setembro e outubro, meses com duas crônicas cada, faltam os dias 18/09 e 21/10. A última crônica publicada de Lobato em *A Manhã* foi no dia 6/02/1927, “O pólipos das leis de ensino”, única do mês de fevereiro, no qual falta o dia 20. Em janeiro de 1927, mês completo, foram três artigos do autor. É importante ressaltar que os dias em que o jornal não circulou por problemas com a censura, ou por feriados, como o carnaval, não estão contabilizados aqui.

¹⁶⁹ Monteiro Lobato, “O Pátio dos Milagres”. *A Manhã*, 02/04/1926. Página 3.

principalmente, o objetivo central da crônica de Lobato: o contraste entre a riqueza e a “beleza” das jóias das senhoras que passeiam pela Avenida (provavelmente a atual Avenida Rio Branco, ex Avenida Central) e os mendigos, a pedir na mesma Avenida, portadores das mais diversas doenças. O trecho é longo, mas um bom exemplo da forma como Lobato estava vendo o Brasil:

“Aqui, entretanto, que riqueza de motivos pictóricos só no que diz respeito a admiráveis mendigos autênticos! Em plena Avenida, num esplêndido contraste com as montras cintilantes de jóias e as damas que passam vestidas de todas as cores do íris e de todas as miçangas de Paris, tenho visto exemplares que fariam fremir de entusiasmo o pincel do nosso grande André Zorn. Mendigos primorosos, com belíssimas chagas, vermelhas como cactus, ótimas para o estudo da gama inteira dos carmins e dos lilases gangrenosos. Outros, dotados de soberbas inchações lustrosas, nas quais Zorn descobriria tons ocres inéditos para a sua palheta. Além dos efeitos de cor desses maravilhosos mendigos, os efeitos de expressão! Que riqueza! Resignados, uns, como felás do Cairo, exibindo elefantíases de entusiasmo; outros em tal penúria orgânica que o passante artista se detém, na esperança do espetáculo raro que é um estrebuchamento final, rico de convulsões em pleno sol”.

O final da crônica é de um sarcasmo avassalador. Lobato afirma que, como a Suécia, país de origem do turista, tinha um processo de assistência aos inválidos, os mendigos suecos não mais existiam, uma vez que todos eram mantidos em asilos e casas de assistência. Ou seja, o país nórdico era uma pátria sem o pitoresco, fato contrário, segundo ele, à estética:

*“A desordem é condição de beleza, e a bela desordem que noto em todas as vossas coisas denuncia os dons estéticos com que a natureza vos dotou. (...) Vossos governos e vossas leis impedem que o Brasil vire uma Suécia, uma Suíça – ilhas de Calipso onde a perfeição orgânica cria o tédio e mata o pitoresco. Prevejo que o critério da vossa elite dirigente vai conduzir-vos à hegemonia do pitoresco. Haveis de derrotar Espanha, Portugal e Itália”.*¹⁷⁰

Na voz de um turista sueco, autorizado por pertencer a um país no qual a política, a economia e a sociedade “davam certo”, o autor fez uma contundente crítica ao governo e à elite brasileira. Muito interessante é observar que já em 1926 Monteiro Lobato percebia e criticava a atração que os turistas nutriam pelo “exótico” no Brasil. Neste caso e também na maioria deles, o diferente era a miséria e a falta de cuidado com os miseráveis.

¹⁷⁰ Idem. O título da crônica também nos é dado pelo turista sueco: *“Haveis ainda de ser a great attraction do turismo universal, quando em consequência lógica da vossa orientação o Brasil se transformar no Pátio dos Milagres da América, irmão daquele maravilhoso Pátio dos Milagres que Vitor Hugo descreve na Notre Dame de Paris. Esta perspectiva de tal modo me encanta que deliberei fixar residência aqui, e talvez até me naturalize”.*

O narrador na primeira parte da crônica espantou-se com o fascínio do turista frente ao grande espetáculo de miséria e morbidez que era o Brasil, em especial o Rio de Janeiro. Entretanto, ao final do artigo, o narrador, que provavelmente era o nosso autor, passou a aceitar o título conferido ao Brasil de Pátio dos Milagres e até a vangloriar-se disso, como se fosse uma grande demonstração de nacionalismo. Bela ironia vinda de Monteiro Lobato, que como disse Agrippino Grieco, adorador de Henry Ford e de tudo que cheirava à civilização. Os últimos parágrafos do artigo são emblemáticos:

*“Um orgulho imenso encheu-me a alma. Senti-me enfunado de radiantes ufâneas patrióticas e tive um dó imenso daquele desgraçado sueco, que para deleitar-se com um mau exemplar de cul-de-jatte tinha de deixar sua terra e atravessar os mares. Isto não é nada, disse-lhe eu com paternal superioridade. Temos coisa muito melhor. Temos cinqüenta mil morféticos admiráveis! (...) Ri-me da pobreza da Suécia e, num gesto à Cyrano de Bergerac, dei ao cul-de-jatte um níquel novinho – o precioso níquel com que tão inteligentemente, fazemos as Suécias se curvarem ante a nossa formidanda superioridade estética...”*¹⁷¹

Na verdade, acompanhando o jornal podemos perceber que não houve nenhuma crítica favorável ou não a este artigo. Mas Monteiro Lobato, lembrando estes anos, afirmou que a bofetada, com luva de pelica, no governo servira para que se tomasse alguma providência, amplificando na memória sua importância no episódio. Não foi o que vimos no jornal, uma vez que as notícias de problemas referentes à miséria e ao abandono dos Zés Povinhos só fizeram aumentar. *“O Pátio dos Milagres doeu e fez que o governo pensasse em assistir aos pobres. Estava uma vergonha a mendicância nas ruas”*.¹⁷² Àquelas alturas, Monteiro Lobato já era o autor reconhecido de *Urupês*, de Jeca Tatu. Parece que estava preparando terreno, juntando munição e seduzindo leitores para sua próxima cartada: o romance que estava prestes a publicar pelo jornal.

Mas, qual terá sido o motivo que levou Monteiro Lobato a escolher *A Manhã* para publicar seu único romance? Será que foi o grande sucesso¹⁷³ do jornal e o autor viu a possibilidade de um grande número de leitores tomar conhecimento de sua mais recente obra, que mais tarde seria publicada em livro? Ou ainda, simplesmente porque Monteiro Lobato já era conhecido dos leitores pelos seus artigos da página 3? Ou será que Mario

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 292. Rio, 07/05/1926.

¹⁷³ *“Passei-me para A Manhã de Mario Rodrigues, que está com a maior tiragem do Brasil. Cada número é um estouro de bomba”*. Idem. Apesar de já estar escrevendo no jornal citado, Monteiro Lobato fez essa referência ao amigo, talvez para explicar sua exclusividade para *A Manhã*.

Rodrigues ofereceu mais dinheiro pelos direitos de publicação? Ou, talvez a hipótese mais provável, todas essas suposições juntas ajudaram na decisão?

Infelizmente, não poderemos saber ao certo o que levou Monteiro Lobato a tomar a decisão de publicar *O Choque das Raças* no periódico. A grande verdade é que além da enorme publicidade e destaque que o jornal deu a essa publicação, como já dito no início deste capítulo, houve uma outra grande jogada de propaganda. Cinco dias após o início do folhetim, *A Manhã* passou a publicar na página 2 e eventualmente na página 3, crônicas sobre Monteiro Lobato assinadas por Agrippino Grieco. Foram ao todo 5 artigos do famoso crítico literário sobre os livros que já haviam sido publicados, funcionando como ‘reclames’ do que viria. Além disso, também durante a publicação do romance, Lobato apareceu na página 3 com um artigo sobre o novo livro de Plínio Salgado, o principal líder do movimento integralista no Brasil. A crônica do dia 19 de setembro elogiava a obra *O Estrangeiro* e seu autor como uma das grandes revelações artísticas dos últimos tempos. A empolgação de Lobato com o livro (compartilhada, note-se, por muitos intelectuais do período) tem como um dos motivos o fato de Plínio Salgado ser paulista e, ter conseguido, segundo a opinião de Lobato, transpor São Paulo para o romance: “*Plínio Salgado consegue o milagre de abarcar o fenômeno paulista, o mais complexo do Brasil, talvez um dos mais curiosos do mundo inteiro, metendo-o num quadro panorâmico de pintor impressionista*”.¹⁷⁴ Lobato parte, então, não só para o elogio do autor, como da saudosa capital paulistana; uma tática perigosa para quem residia na Cidade Maravilhosa, e, além disso, dependia dos leitores cariocas para o sucesso de seu romance que estava sendo publicado no mesmo jornal e que o autor pretendia editar em livro ainda antes do final do ano de 1926. Mas, pelo visto, a crônica alcançou o objetivo esperado. O livro de Salgado foi bem recebido e o artigo de Lobato tornou-se o seu Prefácio, além de constar desde a primeira edição no já citado livro *Na Antevéspera*¹⁷⁵. O mesmo não podemos dizer sobre o romance de Lobato, como veremos mais adiante.

¹⁷⁴ Monteiro Lobato, “Forças Novas”. *A Manhã*, 19/09/1926. Página 03.

¹⁷⁵ Infelizmente, nada posso afirmar sobre a relação entre Monteiro Lobato e o movimento integralista, uma vez que não encontrei nenhuma fonte que pudesse comprovar tais fatos. Entretanto, acredito ser essa relação entre Lobato e Plínio Salgado um forte indício de algum tipo de simpatia por parte do escritor-sem-política e o integralista-fascista. Infelizmente, também não há nenhuma referência sobre a relação entre ambos na bibliografia autorizada sobre Monteiro Lobato. O que posso afirmar é que existem cartas entre Monteiro Lobato e Plínio Salgado, entretanto não obtive acesso a esses documentos que se encontram depositados no CEDAE/IEL-UNICAMP. Acredito, entretanto, que esta relação e, principalmente, essa correspondência deve

Mas vamos retornar a Agrippino Grieco falando de Lobato. Obviamente, o tom das críticas de Grieco foi bastante elogioso a Monteiro Lobato e a sua obra, como parte da promoção que o jornal estava fazendo do autor paulista e de seu romance. É verdade que alguns livros de Lobato foram deixados de fora dessa crítica literária, como por exemplo, o *Problema Vital*, publicado em 1918 em conjunto com a Sociedade Eugênica de São Paulo e os livros infantis até então publicados como *Fábulas* de 1922, *Narizinho Arrebitado* de 1921 ou *O Marquês de Rabicó* de 1922¹⁷⁶.

O crítico literário optou por falar dos livros mais famosos¹⁷⁷ de Lobato: *Urupês* de 1918; *Cidades Mortas* de 1919; *Idéias de Jeca Tatu* de 1920; *Negrinha* de 1920; *Mundo da Lua* de 1923 e finalmente, *O Macaco que se fez Homem*, também de 1923. Esses livros que são coletâneas de crônicas e contos, anteriormente publicados em diversos jornais e revistas, foram publicados pelas editoras de Monteiro Lobato¹⁷⁸ e ainda em 1926 eram vendidos através de sucessivas reedições, principalmente, os três primeiros.

Já na primeira crônica, Grieco procurou desfazer o que, para ele, era um mal entendido. Muitos acreditavam que se não fosse o discurso de Ruy Barbosa citando Jeca Tatu, Monteiro Lobato não teria sido Monteiro Lobato. Entretanto, para Grieco, mesmo que se o prestigiado baiano não tivesse enaltecido o autor paulista, “(...) ele teria, mais dia menos dia, o seu público e a sua notoriedade”.¹⁷⁹ Na verdade, para Grieco era Barbosa que precisava de Lobato e não o contrário como alguns gostavam de afirmar: “De resto, o outro é que precisava dele, porque, crítico e divulgador de gênio, nunca teria imaginação plástica necessária para criar o tipo de Jeca Tatu, de que tanto precisava no momento

ser analisada do ponto-de-vista histórico. Temos uma pequena pista na própria crônica: “*Todo o livro de Plínio Salgado é uma inaudita riqueza de novidades bárbaras, sem metro, sem verniz, sem lixa acadêmica – só força, a força pura ainda não enfiada em fios de cobre das grandes cataratas brutas. Não coube nesta coluna o muito que há a dizer de livro tão forte e novo. Nela fique, pois, apenas, um brado de entusiasmo pelo ‘algo nuevo’ que vem de revelar-se ao país. Já tardava que S. Paulo, terra de prodígios, desse da sua uberdade mental tão saboroso fruto. Plínio Salgado é uma força nova com a qual o país tem que contar*”. Monteiro Lobato, “Forças Novas”. Op. Cit. Grifo Meu.

¹⁷⁶ Esta opção de Agrippino Grieco em não analisar as obras infantis de Lobato não foi explicada pelo crítico e me faz supor duas hipóteses: 1) Grieco não estaria familiarizado com a literatura infantil em geral e preferiu não opinar sobre aquilo que não conhecia a fundo; 2) Em 1926 já havia a famosa e aceita divisão entre a obra adulta e a obra infantil de Monteiro Lobato, que até hoje é utilizada. Quero deixar bem claro que não concordo com esta divisão e isso será mais bem explicitado no Capítulo 3 no qual tratarei da “obra infantil” de Lobato.

¹⁷⁷ O curioso é que *Problema Vital* ficou extremamente famoso por ser considerado um livro de denúncia dos problemas sanitários da população brasileira.

¹⁷⁸ *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Idéias de Jeca Tatu* e *Negrinha* tiveram suas primeiras edições pelas Edições da Revista do Brasil. *Mundo da Lua* e *O Macaco que se fez Homem* foram editados pela Monteiro Lobato & Cia.

¹⁷⁹ Agrippino Grieco, “Monteiro Lobato. *Urupês*”. *A Manhã*, 10/09/1926. Página 02.

para amesquinhar os brasileiros em geral, à impossibilidade de vir a ser presidente da República”.¹⁸⁰ A crônica continua com Grieco analisando o êxito de Lobato e de sua personagem, até aquela época, mais famosa, afirmando que gostassem ou não os críticos, os méritos de Lobato deviam ser reconhecidos, já que em um país de analfabetos, ele já havia vendido milhares de exemplares. A maior parte do artigo foi dedicada ao Jeca, mas o crítico literário falou dos outros contos contidos no livro, como por exemplo, “Bocatorra” publicado anteriormente na *Revista do Brasil*, em agosto de 1916.

Nas crônicas subseqüentes¹⁸¹ Grieco continuou a fazer a crítica das obras de Lobato, quase sempre em um tom enaltecedor. A exceção foi o livro *O Macaco que se fez Homem* analisado na última crônica. Decididamente, Grieco não gostou da última coletânea de contos que Lobato havia publicado. Mas, não vamos analisar o livro, nem a crítica e sim, mostrar que o crítico literário, que ainda não era tão famoso como hoje em dia, cumpriu muito bem o seu papel.

Após cinco crônicas, seis livros de Lobato analisados e provavelmente, uma ordem do patrão Mario Rodrigues, Agrippino Grieco, demonstrou admiração por Lobato recomendando a leitura de seus livros, principalmente de *Cidades Mortas* - de acordo com Grieco, o melhor de todos até então editados. Mas muito mais do que recomendar e elogiar, o crítico chamou a atenção para o romance que estava sendo publicado pela *A Manhã*. A última crônica traz em seu parágrafo final uma verdadeira chuva de confetes para *O Choque das Raças* que ainda não tinha terminado nas páginas do jornal:

*“Entretanto, a doença da cobiça, a pior de todas as pestes, não conseguiu liquidá-lo e já Monteiro Lobato acaba de surgir aí com um novo romance, tentando, e provavelmente com êxito, o grande livro moderno, a única epopéia suportável em nosso tempo, o poema em prosa para todos os leitores, para intelectuais e também para homens do povo”.*¹⁸²

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Agrippino Grieco, “Monteiro Lobato. *Cidades Mortas*”, 12/09/1926; “Monteiro Lobato. *Idéias de Jeca Tatu*”, 15/09/1926; “Monteiro Lobato. *Negrinha*”, 22/09/1926; “Monteiro Lobato. *Mundo da Lua e O Macaco que se fez Homem*”, 26/09/1926. É interessante observar que em todas as crônicas o título tem o nome de Lobato em primeiro lugar, com certeza, como parte da campanha de promoção do autor e de sua obra. Outro aspecto relevante e que deve ser lembrado é fato de que Lobato estava à frente dos negócios de sua mais recente editora, a Companhia Editora Nacional, como já foi dito e continuava a saga de reedição de seus livros.

¹⁸² Agrippino Grieco, “Monteiro Lobato. *Mundo da Lua e O Macaco que se fez Homem*”. *A Manhã*, 26/09/1926. Página 03. A primeira frase merece uma explicação, quando Grieco afirma que “a doença da cobiça, (...) não conseguiu liquidá-lo...” Grieco, nesta crônica afirmou que *O Macaco que se fez Homem*, um livro ruim, foi editado porque Lobato envolvido com o trabalho de editor descuidou-se do ofício de escritor. Além disso, segundo Grieco, isto ocorreu devido à cobiça e à ganância de ganhar dinheiro de Lobato: “*Seu*

2.4) O único romance.

Estabelecido o contexto e as circunstâncias, vamos finalmente, ao único romance de um dos nossos mais famosos literatos. *O Choque das Raças* sejam sinceros, não pode ser considerado uma obra literária inesquecível, perfeita ou completa. Com certeza, analisando literariamente o livro, pensamos que Monteiro Lobato é um excelente cronista, contista e contador de histórias para crianças. Na verdade, podemos até chegar a ficar aliviados por ele ter escrito uma única obra do gênero. Entretanto, tratando-se aqui de uma abordagem no campo da História Social, não pretendo analisar as qualidades intrínsecas do romance. O que pretendo fazer daqui em diante é uma análise deste romance em seus nexos e significados históricos.

Mas posso concordar com Faria Neves Sobrinho que, logo após o fim da publicação em forma de folhetim, escreveu uma crítica sobre o romance de Lobato. Como todos aqueles que na época se referiam a ele, Neves Sobrinho iniciou a parte referente ao escritor paulista¹⁸³, falando de *Urupês* e na consagração do livro e da personagem Jeca Tatu. Como todos, elogiou Lobato e afirmou que o sucesso foi merecido, além é claro de afirmar que parte dele foi devido a Ruy Barbosa: “*Monteiro Lobato apareceu na cena literária do Brasil com Urupês, livro de contos de surpreendente vigor rara beleza, escritos num estilo novo, pessoal, de adjetivação sóbria, precisa e incisiva. Era em Urupês a criação do tipo de Jeca Tatu, que, graças a um reclamo de Ruy Barbosa, se tornou popular em todo o país*”.¹⁸⁴

A partir daí Neves Sobrinho fez um pequeno histórico da vida literária de Monteiro Lobato falando um pouco dos livros posteriores que, segundo ele, eram inferiores a *Urupês* com exceção de um conto ou outro. E assim como Agrippino Grieco, induz o leitor a

mal – digamos-lhe toda a verdade – foi, uma vez feito livreiro, atirar-se com tanta fúria à caça da moeda, (...). Falta-lhe mais entusiasmo pela sua arte, falta-lhe abnegação, capacidade de sacrifício. O contato da moeda metaliza os artistas e em Monteiro Lobato há um visionário dos grandes capitais, das empresas vultosas, há um pouco das manias mercantis de Balzac, se não lhe desagrade o confronto com o homem de letras que mais se preocupou com o dinheiro, que esteve também à frente de uma casa editora e – desculpe-me – também fracassou”. Grieco. Op. Cit. 26/09/1926. Foram críticas duras, mas suavizadas pelas críticas favoráveis ao longo das cinco crônicas, e principalmente, neste último parágrafo, acima transcrito.

¹⁸³ Nesta crônica, Faria Neves Sobrinho fez uma crítica literária não só sobre o livro de Monteiro Lobato, como também e esta é a primeira parte da crônica, sobre o livro de Paulo Setúbal, *O Príncipe de Nassau*.

¹⁸⁴ Faria Neves Sobrinho, “*O Príncipe de Nassau e O Choque das Raças*. Paulo Setúbal e Monteiro Lobato”. A Manhã, 19/10/1926. Página 03.

imaginar que a queda da qualidade literária era resultado de seu trabalho como editor e de seu desejo em ganhar dinheiro: “(...) há síncope, cansaços, desfalecimentos de quem, na ânsia do proveito, não trepidou em sacrificar a qualidade à quantidade. E Monteiro Lobato, temperamento yankee, fez-se editor”.

O próximo ataque do crítico nortista foi direcionado à “literatura infantil” de Lobato. Essa também não escapou da acidez de Faria Neves Sobrinho, que a classificou de “pecados pedagógicos”, escritas apenas com o intuito mercantil e aproveitada sem propriedade para as escolas primárias: “A literatura infantil, para uso das Escolas Primárias, por isso que se prestava a edições de grande tiragem, de milhares de exemplares, seduziu-lhe o espírito mercantil; e ei-lo a escrever, sem ter as qualidades que a pedagogia exige nos autores didáticos, *Fábulas*, *Narizinho Arrebitado* e outros pecados pedagógicos”. O crítico fez questão de lembrar que Lobato havia falido com sua editora – episódio mencionado até com uma certa satisfação. A falência fez, como sabemos, com que Lobato viesse para o Rio de Janeiro e “(...) aqui entregou-se à faina estafante de escrever artigos de colaboração para jornais e revistas”. Mas, o pior ainda estava por vir. Depois de todas essas críticas, Neves Sobrinho ainda guardava mais.

O crítico, um grande sarcástico, fez pouco caso da publicidade do jornal acerca do romance e afirma que ficou na expectativa do início do folhetim. A ironia também apareceu, mais uma vez, quando se referiu à imagem de Monteiro Lobato como o “*conteur* consagrado, afeito a pintar cenas observadas, dando-lhes com seu estilo, a impressão mesma da realidade, ia agora aparecer-nos, sob o aspecto de um romancista a Wells, descrevendo coisa imaginadas e sonhadas, que podem ser a verdade futura, mas que podem falhar por completo como tudo que nossa imaginação prevê. (...) A coisa cheirou-me a demasiado precocínio: mas, enfim, tudo era de esperar do talento robusto do escritor paulista”. O pior foi que o crítico não escondeu sua decepção. Diferentemente das crônicas de Agrippino Grieco essa não fazia parte de uma estratégia do jornal para a promoção de Monteiro Lobato e sua mais recente obra. Neste artigo, ao que parece, as críticas mais ferozes estavam liberadas pelo patrão Mario Rodrigues. E Neves Sobrinho não deixou barato.

Faria Neves Sobrinho fez uma análise do romance e apontou algumas falhas que, de acordo com ele, seriam inadmissíveis, levando-a a considerar *O Choque das Raças* uma

obra ilógica e impatriótica. Os erros apontados pelo crítico serão aqui discutidos à medida que forem surgindo, enquanto estivermos falando do romance. Mas a crítica contundente e feroz vale a pena ser agora reproduzida:

“(...) o romance, cujo estilo é quase sempre frouxo, incolor e desfibrado, sem o vigor que retrata e caracteriza o autor de Urupês, é deploravelmente impatriótico e desastrosamente ilógico, em certos episódios. Mesmo nas obras, em que a fantasia tem a melhor parte, a previsão da sucessão dos acontecimentos carece de os apresentar numa série concatenada logicamente, para que o leitor não os considere absurdos”.¹⁸⁵

Como vemos, o crítico não poupou palavras rudes para definir e classificar não só o romance como o próprio autor. Infelizmente Lobato não fez nenhuma menção de resposta ou nenhum comentário em suas cartas disponíveis para pesquisa. Mas esta “audácia” não deve ter agradado ao pai da Emília que, como sua criatura, tinha uma perigosa vaidade.¹⁸⁶

Monteiro Lobato desde 1905 nutria uma “paixão” por Herbert George Wells (1866-1946), escritor britânico do final do século XIX. Autor de inúmeros livros, muitos deles traduzidos por ele para o português nas décadas de 30 e 40 e editados pela Companhia Editora Nacional¹⁸⁷, Wells é considerado um dos pais da literatura de ficção moderna e Lobato demonstrava vontade de escrever algo que o fizesse ser comparado ao autor britânico:

“Ando com idéias dumas coisas a Wells, em que entrem imaginação, a fantasia possível e vislumbres do futuro – não o futuro próximo de Julio Verne, futurinho de 50 anos, mas um futuro de mil anos. Vou semear agora essas idéias e deixá-las se desenvolverem livremente por dez ou vinte anos – e então limito-me a fazer a colheita, caso a plantação subsista até lá. Se a terra dos meus canteiros mentais não for propícia a essas sementinhas, então é que não estou destinado a

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ É interessante o silêncio de Lobato. Com certeza, não lhe faltaria espaço no jornal de Mario Rodrigues, já que podemos acompanhar diversas querelas entre seus colaboradores pelas páginas de *A Manhã*. Além disso, o autor demonstra em diversos momentos orgulho pelo seu romance, o que nos faz esperar uma resposta à altura de Neves Sobrinho, o que infelizmente não ocorre, pois seria uma disputa, no mínimo, curiosa. O crítico, na última frase do artigo, tocou em outro ponto fraco de Lobato: sua paixão pelos Estados Unidos da América: “*Não acham demasiado o yankismo de Monteiro Lobato?*” Mas, três anos antes, talvez Lobato tenha nos dado a resposta para seu silêncio em 1926: “*(...) Mas eu nunca me defendo das acusações dos jornais. Não vale a pena. É perder tempo. Para o público, só vale a acusação, a calúnia inicial. Se vem defesa, todos pulam por cima, não a lêem. E dizem: Eu te conheço, meu santinho!*”. Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 259. S. Paulo, 15/11/1923.

¹⁸⁷ Alguns exemplos dos livros de Wells traduzidos por Monteiro Lobato: *A Construção do mundo: o trabalho, a riqueza e a felicidade do mundo*. “Biblioteca do Espírito Moderno”. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1943. *O Destino da Espécie Humana*. “Biblioteca do Espírito Moderno”, Cia. Editora Nacional, 1945.

ser o H. G. Wells de Taubaté, e paciência. Ou dou um dia coisa que preste, que esborrache o indígena, ou não dou coisa nenhuma”.¹⁸⁸

As idéias foram semeadas durante 21 anos até que ele achasse que elas estavam prontas para serem colhidas. O autor desejava ser não só ser considerado o de “Wells de Taubaté” (e nesse caso, havia algo de sério por trás da blague), como provavelmente, almejava a mesma fama. Só que quando a colheita pode ser realizada, Monteiro Lobato já era famoso e não precisava se preocupar tanto com a forma ou a qualidade de seu romance, e sim com as idéias que pretendia disseminar, ou melhor, semear. É sobre elas, portanto, que devemos jogar o foco de análise.

Um pouco antes de escrever *O Choque das Raças* Lobato acreditava que seu livro anterior, *O Macaco que se fez Homem* poderia ser transformado em um “romance à Wells”. Entretanto, como as vendas andavam fracas, o autor concluiu que não era o momento adequado para colocar mais um livro no mercado. Mas com uma pontinha de ressentimento, pois acreditava que a reforma que havia realizado no *Gênesis*¹⁸⁹, como gostava de afirmar, teria um excelente resultado:

“O meu Macaco está desmentindo a espécie. Não pula. Vai devagar. Parece mais um bicho-preguiça do que um macaco (‘animal de trejeitos delirantes’), segundo a definição do dicionário do Padre Bacelar. A vendagem dos livros tem caído; todos os livreiros se queixam – mas o público tem razão. Câmbio infame, aperto geral, vida cara. Não há sobras no orçamento para a compra dessa absoluta inutilidade chamada livro. Primo vivere”.¹⁹⁰

Provavelmente era difícil para nosso autor admitir um fracasso editorial, ou melhor, que o livro não tinha agradado nem público, nem crítica. O problema não era do livro em si, e sim do mercado, do câmbio, da insegurança do país. Possivelmente, respondendo a uma sugestão de Godofredo Rangel, Lobato afirmou que nada no Brasil valia a pena - expressão por ele imortalizada na figura do Jeca Tatu. Com certeza, sabia que a receptividade não seria muito boa, assim como não foi ao *O Choque das Raças*: “*O Macaco dava realmente*

¹⁸⁸ Monteiro Lobato. *A Barca*. Tomo I. Página 113. Taubaté, 17/12/1905. Dois anos mais tarde, Lobato classifica Wells junto com outros grandes autores clássicos: “*Mas veja Kipling, Zola, Caine, Wells, Hugo, Balzac – todos os grandes lidos. Quanto drama, quanto movimento em cada obra! O drama é tudo na arte, porque o drama é a biografia da Dor e a Dor é a mãe da Arte*”. Monteiro Lobato. *A Barca*. Tomo I. Página 174. Areias, 07/07/1907.

¹⁸⁹ “*Estou revendo as provas do meu livro – O Macaco que se fez Homem, no qual reformo o *Gênesis* e Darwin quanto ao surto do Homo sapiens”*. Monteiro Lobato. *A Barca*. Tomo II. Página 258. S. Paulo, 07/10/1923.

¹⁹⁰ Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Tomo II. Página 259/260. S. Paulo, 1/12/1923.

*um lindo romance à Wells – mas para quê? O maldito Para quê? matou o Ricardo e inutiliza todas as aptidões sérias dos que nascem com um toquinho de asas. Nada vale a pena neste Brasil”.*¹⁹¹

Mas a idéia, semeada há mais de duas décadas, de um romance de ficção no qual o futuro pudesse ser previsto, não o abandonou. Depois de contos, crônicas, livros infantis, críticas favoráveis e desfavoráveis, falências, mudanças de cidade, casamento e filhos, duas tentativas frustradas de ingresso na Academia Brasileira de Letras, além da chamada “revolução” no mercado editorial do país¹⁹², finalmente, o escritor viu sua gestação ser completada. Se nada valia a pena no Brasil, uma coisa ele acreditava que poderia dar um jeitinho no país: seguindo uma tendência que crescia assustadoramente em seu tempo, Lobato – velho entusiasta da ciência e da higiene – levantava a bandeira da Eugenia como a mais promissora proposta de redenção social.

Acreditando fortemente na “ciência de Galton”, José Bento Monteiro Lobato resolveu traduzi-la e popularizá-la em um romance. Um livro que ficou esquecido, ou melhor, escondido nas prateleiras dos sebos; que, em muitas bibliotecas do país, simplesmente não existe, em contraste com alguns outros livros do autor que podem ser encontrados facilmente, às vezes às dezenas; que está há muito fora de catálogo. Mas, sobretudo um livro que é considerado apenas um romance menor e sem importância ou peso na obra de Lobato. Mero fruto da imaginação descomprometida, fantasia de um autor escrita sem nenhuma intenção política mais definida; por vezes um texto de ocasião, produzido simplesmente como um “passaporte” de Monteiro Lobato para os Estados Unidos da América¹⁹³ - ainda que, quando o romance foi escrito em julho/agosto de 1926, o autor ainda não soubesse que seria adido comercial em Nova York.

Monteiro Lobato já tinha um histórico de simpatia por aquilo que os eugenistas designavam orgulhosamente como a ciência, que desde o final do século XIX, influenciou intelectuais e pensadores brasileiros. E o escritor que não gostava de perder o “bonde da História”, corroborou essas idéias de uma maneira bem especial: conhecido como um dos

¹⁹¹ Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Tomo II. Página 271. S. Paulo, 07/10/1924.

¹⁹² Sobre este assunto ver especialmente: Alice Mitika Koshiyama. *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1982; Cassiano Nunes. *Monteiro Lobato. O editor do Brasil*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2000 e *Novos Estudos sobre Monteiro Lobato*. Op. Cit.

¹⁹³ “*Sem happy end*, o livro tem um narrador desinteressado de discutir aspectos éticos da história que conta e parece ter sido planejado por Monteiro Lobato como uma espécie de passaporte para suas pretendidas atividades de escritor e editor nos Estados Unidos”. Marisa Lajolo. *Monteiro Lobato*. Op. Cit. Página 68.

principais escritores nacionais, divulgou-as através de seus escritos, com a “marca” Monteiro Lobato. O racismo, que é inerente ao pensamento eugênico, também sempre esteve presente no autor. Não só em alguns contos e crônicas, como também em diversas cartas de Lobato para seu mais fiel amigo. Ficaram famosas e até hoje são cultuadas as crônicas sobre o saneamento do Brasil que foram compiladas em livro em conjunto com a Sociedade Eugênica de São Paulo, contos como “Bocatorra” e “Negrinha”. Este conto, publicado no livro de mesmo nome, escrito em 1920, não pode ser considerado emocionante, nem uma demonstração de amor do autor aos negros, como a crítica autorizada costuma caracterizá-lo. Neste caso é relevante lembrar que não gostar, nem concordar com os métodos utilizados pela escravidão, que sobreviveram na sociedade brasileira mesmo após a Lei Áurea, não significa de maneira nenhuma gostar de negros e almejar para eles o mesmo lugar na sociedade que os brancos. Mesmo as personagens Jeca Tatu e Jeca Tatuzinho, tomados como criação pedagógica ou de denúncia das condições de vida no campo brasileiro, tinham bem pouca inocência política.

O primeiro trecho do romance de Lobato foi publicado em um domingo de setembro, provavelmente o dia de maior vendagem do jornal. Como dito no início deste capítulo, a publicidade em torno do folhetim foi enorme. Com grande satisfação *A Manhã* anunciava a primazia e a qualidade do texto e, apregoava-o como um hino à eugenia. O tema em si, a eugenia, não foi discutido pelo jornal de Mario Rodrigues. Mas, ao que parece, o jornal (ou pelo menos o redator que escreveu as chamadas publicitárias para o romance) estava de acordo com aquilo que os leitores cariocas estavam prestes a ler. Não seria implausível que o próprio Lobato tenha escrito a propaganda do romance: “*É um hino de louvor à Eugenia, às leis espartanas revividas na América e é um brado d’armas em prol do princípio mágico que está fazendo da América do Norte um mundo dentro do mundo – a Eficiência*”.¹⁹⁴

Monteiro Lobato gostava de vangloriar-se de ter escrito o romance em apenas vinte dias. Dizia mesmo que era muito simples escrever um romance. De fato, não deve ter sido tão difícil: Lobato apenas utilizou-se das principais propostas da Eugenia, contidas em seus anais e boletins e nos livros de seus principais prosélitos, como Renato Kehl, por exemplo,

¹⁹⁴ *A Manhã*, 03/09/1926. Página 01.

transportando-as, de maneira didática, simples e convincente, para seu romance, sem nenhuma originalidade:

*“E do rodapé acabo de sair hoje, pois que A Manhã concluiu a publicação do meu romance americano. Quero ouvir a tua opinião, mas mandá-lo-ei já em provas tipográficas para livro – e assim te filo mais uma revisão. Nunca me julguei capaz de conduzir um romance até o fim, e no entanto lá o pari em 20 dias. Como é canja escrever um romance! Disse-o ontem ao Coelho Neto e ele amoitou. Saiu um romance inteiramente desligado da minha velha literatura regional. Veio coisa do futuro – lá do ano 2228”.*¹⁹⁵

Em carta, não datada, mas provavelmente de julho/agosto de 1926 para Arthur Neiva, com quem mantinha uma correspondência desde 1918, Lobato agradeceu a idéia do romance (mais uma evidência de que, ao menos neste caso, a literatura servia ao propósito de “divulgação” e proselitismo) e pediu permissão para dedicá-lo ao sanitarista:

*“Tirei o mês de Junho para escrever o romance americano que me pediu um publisher de lá. Fi-lo em 20 dias, ao correr da pena, e aproveitando muitas idéias que um dia lhe comuniquei. Quero dedicar esse livro ao Dr. mas antes desejo sua opinião. Vou mandar-lhe uma cópia logo que a copista me entregar o que lhe pedi. Peço-lhe que leia e sugira-me mais alguma coisa aproveitável”.*¹⁹⁶

O autor realmente gostou de tirar vantagem de sua rapidez e da facilidade com que escreveu esse romance. Até brincou com Coelho Neto, de acordo com a carta para Rangel. Mas, provavelmente, seu maior orgulho era o conteúdo do romance. Feito com recursos repetitivos, por vezes calcados nos clichês do cinema, o livro incluía até o beijo final entre seus protagonistas masculino e feminino: “*Como todo romance que se preza o de Monteiro Lobato termina com um beijo de amor. E que beijo! O mesmo que todo o público desta cidade viu John Barrymore depor nos lábios da sua noiva no inesquecível film da Fera do*

¹⁹⁵ Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 297. Rio, 07/02/1927. É bom notar que a explicação de Lobato a Rangel sobre o romance, ocorreu porque a última carta de Lobato a Rangel havia sido em 08/07/1926, ou seja, *O Choque das Raças* ainda não tinha sido publicado, e segundo Lobato, nem concluído: “*Sabe o que ando gestando? Uma idéia mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O clou será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e bate-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Acontecem coisas tremendas, mas vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes dêem pela coisa”.* Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 293/294. Rio, 08/07/1926.

¹⁹⁶ Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva, sem data. Arquivo Arthur Neiva. Código 7. Podemos supor a data, porque além de Lobato estar falando praticamente a mesma coisa que disse a Rangel na carta do dia 07/02/1927, ou seja, a carta, que na verdade, mais parece um bilhete, foi escrito entre julho de 1926 e provavelmente fevereiro de 1927. Não há dúvida de que Lobato escreveu *O Choque das Raças* em 1926, mais precisamente entre os meses de Junho, Julho, Agosto. Outro elemento é o endereço que Lobato coloca após sua assinatura, Gabizo, 97, seu endereço residencial no Rio de Janeiro. O CPDOC afirma que a data da carta é entre julho de 1920 e janeiro de 1921, mas o endereço desmente essa possibilidade, já que em 1920/1921 o autor residia em São Paulo.

Mar”.¹⁹⁷ Mas o orgulho era, na verdade, em relação às idéias e ideais que estavam contidos nesse romance. Lobato julgava fornecer ali uma receita para o futuro e, caso o Brasil e os brasileiros optassem por seguir aquela cartilha, seríamos recompensados com a civilização e o progresso.

O Choque das Raças tem início já dizendo a que veio. O começo tradicional acontece no London Bank no Rio de Janeiro em fins de 1925¹⁹⁸: Ayrton Lobo, um funcionário da firma de cobranças Sá, Pato & Cia encontra-se com um amigo quando ambos estão aguardando serem chamados a fim de descontarem cheques. A demora faz com que comecem a pensar na desonestidade humana, pois se não fosse isso, não haveria tantos problemas e burocracia para o pagamento dos cheques:

*“Esta demora no pagamento do mais simples cheque, donde provêm? Da necessidade de controle em vista dos artificios da desonestidade. Fossem todos os homens sérios, não houvesse hipóteses de falsificações ou abusos, e o recebimento de um dinheiro far-se-ia instantâneo. Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate à desonestidade por meio da completa eliminação dos desonestos. Que paraíso!”*¹⁹⁹

Enquanto conversavam, Ayrton Lobo, o narrador do romance, e o amigo passaram a observar aqueles que entravam e saíam do banco, quando o amigo chamou a atenção para um velho, o Professor Benson, figura enigmática no meio das finanças. Entre aqueles que acompanhavam o mercado financeiro, o Prof. era quase uma lenda, pois nunca havia perdido dinheiro: *“É positivamente misterioso o professor Benson – um verdadeiro mágico*

¹⁹⁷ A *Manhã*, 04/09/1926. Página 02. Obs: O filme citado, a Fera do Mar, fez um enorme sucesso e causou um debate sobre o beijo citado. Alguns acreditavam ser uma afronta à família e aos bons costumes permitir que o beijo fosse apresentado nas telas do cinema. Outros, como Monteiro Lobato, afirmaram que o beijo além de esteticamente bonito, era muito normal e romântico. O autor-liberal escreveu uma crônica criticando o censor de São Paulo, que segundo ele, havia retirado a cena do beijo, não permitindo, assim, que os paulistas vissem John Barrymore. A *Manhã*, 04/09/1926 (mesmo dia que o reclame sobre o romance de Lobato compara o beijo que tem no final do livro ao do filme). Mais de um mês depois, José Clemente, no “Suplemento de São Paulo”, afirmou que Lobato estava redondamente enganado. Antes de afirmar que São Paulo havia visto o beijo sim, Clemente fez duríssimas críticas ao escritor, chegando a afirmar que a crônica escrita por Lobato para criticar o censor de Paulicéia foi apenas mais uma das inutilidades escritas pelo autor. José Clemente, “O beijo que S. Paulo viu”, “Suplemento de São Paulo”, A *Manhã*, 09/10/1926.

¹⁹⁸ No Capítulo V, “Tudo éter que vibra” (A *Manhã*, 05/09/1926-07/09/1926) o professor afirma que Ayrton Lobo é o “momento consciente” no dia 03/01/1926: *“O senhor Ayrton, por exemplo, é um momento consciente da determinação universal às 13 horas e 14 minutos do dia 3 de janeiro do ano de 1926, aos 22° e 35’ de latitude S. e 35° e 3’ de longitude Ocid. do meridiano do Rio de Janeiro”*.

¹⁹⁹ Monteiro Lobato, “O Desastre”, *O Choque das Raças*. A *Manhã*, 05/09/1926. Página 01. Este primeiro capítulo é apresentado na primeira página do jornal com enormes letras e o nome de Monteiro Lobato em destaque. No mesmo dia, 05/09 outros quatro capítulos são apresentados na página 05, também com grande destaque.

que vê através do futuro”.²⁰⁰ Ayrton Lobo não fazia idéia de que mais tarde teria um encontro, decisivo para sua vida, com o Professor.

O narrador, então, começa a se apresentar.

*“Era eu um pobre diabo para toda gente, exceto para mim mesmo. Para mim tinha-me na conta de centro do universo. Penso e sou, dizia comigo, repetindo certo filósofo francês. (...) Quem propriamente se gozava do meu trabalho era a dupla Sá, Pato & Cia., gordos e sólidos negociantes que me enterneciam a alma nas épocas de balanço ao concederem-me a pequena gratificação constituidora do meu lucro”.*²⁰¹

Seu ideal de vida era comprar um automóvel Ford e durante quatro anos trabalhou para juntar o dinheiro necessário. Para ele, que trabalhava sempre na rua a fazer cobranças, a humanidade estava dividida em duas categorias: os “pedestres” e os “rodantes”. Desta forma, um Ford seria a sua mudança de categoria social. Ao invés de ouvir buzinas, ele passaria a buzinar. Foi seguindo este objetivo que aos 26 anos, Lobo, entrou em uma loja e saiu de lá com seu automóvel: *“Foi, pois, com o maior enlevo d’alma que entrei certa manhã numa agência e comprei a máquina que me mudaria a situação social. Um Ford”.*²⁰² Ao aparecer na firma com seu automóvel, Ayrton teve seu salário duplicado, uma vez que havia mudado de classe social, além de convencer seus patrões de que, para a imagem da empresa, era bom ter um empregado motorizado.

Foi assim, motorizado, que nosso narrador foi a Friburgo, cidade da região serrana do Rio realizar uma cobrança para seus patrões. Embevecido pela paisagem, descuidou da direção e sofreu um acidente! Acordou de um longo sono, segundo ele, e encontrou o Professor Benson, que no início do folhetim era um mistério para ele e seu amigo no London Bank. Ayrton Lobo havia sido resgatado por um dos empregados do professor, que morava em um castelo próximo à estrada em que Lobo havia sofrido o acidente com seu Ford. Além da surpresa de estar na casa do grande jogador do câmbio, Lobo descobriu que

²⁰⁰ Monteiro Lobato, “O Desastre”. Op. Cit.

²⁰¹ Idem.

²⁰² Idem. Lobato também comprou um Ford e a descrição da mudança em sua vida que um automóvel trouxe é idêntica à mudança de Ayrton Lobo: *“Comprei um Ford e já ando a perturbar o trânsito da cidade. Ontem dei o primeiro tranco numa carroça, mas ainda não esmaguei nenhum pedestre. Curiosa a mudança de mentalidade que o automóvel ocasiona. O pedestre passa a ser uma raça vil e desprezível, cuja única função é atravessar as ruas. Quem adquire auto promove-se de pedestre a rodante - e passa a desprezar os miseráveis pedestres que se arrastam pelas superfícies, como lagartas. Quando estrofia um pedestre a sensação de rodante é de que libertou o mundo de um embaraço. E diz o Filinto Lopes que quando um chauffer de praça vê vários pedestres formando um grupo na rua, infalivelmente lança o auto em cima, porque mata dois ou três com a mesma gasolina”.* Monteiro Lobato. A Barca. Página 256/257. S. Paulo, 10/09/1923. Lobato tinha, então 41 anos.

sua máquina, seu ideal de vida, estava em pandarecos: *“Tão negra notícia me sombreou de crepes a alma. Não podia conformar-me com o desastre. Delirei. Soube mais tarde, pelo professor, que nesse delírio uma obsessão única transparecia: o desespero ante o meu retorno à miserável casta dos pedestres...”*²⁰³

Outro grande problema se desenhava para Ayrton. Além de perder seu Ford, muito tempo havia se passado entre o desastre e sua recuperação no castelo do professor, mais precisamente 20 dias. O narrador estava preocupado em reaparecer frente aos seus patrões e as conseqüências que isso podia ter. Principalmente, porque agora ele havia voltado a pertencer à casta dos pedestres... Resolve então pedir ajuda a seu salvador: *“Animado pela bonomia do velho, abri meu coração. Contei-lhe a mediocridade da minha vida, os meus esforços para juntar o pecúlio empatado no automóvel, a transformação que as quatro rodas me operaram na mentalidade e o horror com que via agora o forçado regresso ao pedestrianismo”*.²⁰⁴ O professor convida, então, Ayrton a permanecer no castelo como seu confidente, mas o adverte que nada, absolutamente nada ele deveria contar ao mundo pois, caso contrário, *“o agarram e o metem no hospício como doido varrido”*.²⁰⁵

Como hóspede e confidente Ayrton passa a ambientar-se à casa do velho Benson, passeando pelos arredores do castelo, acompanhado por um dos criados mudos²⁰⁶ do professor. Fica encantado com o lugar e a paisagem e passa a “filosofar” sobre a vida:

“A impressão geral que tive diante da natureza liberta da presença e ação do homem, coisa que via pela primeira vez, foi da minha absoluta niilidade – da niilidade absoluta dos meus patrões, (...). Para eles era eu o empregado – e também vinte dias antes eu me considerava apenas um empregado, isto é, humilde peça da máquina de ganhar dinheiro que os senhores Sá, Pato & Cia. houveram por bem montar dentro de uma certa aglomeração humana. Mas ali não me via empregado de ninguém; era um ser igual às ervas que enverdeciam as colinas (...). Sentia-me deliciosamente integrado na natureza”.²⁰⁷

No escritório do Professor que, segundo o narrador, lembra os aposentos do capitão Nemo (personagem do livro *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Julio Verne), os dois começam a conversar. O professor passa então a explicar a Ayrton, um inocente na sua

²⁰³ Monteiro Lobato, “O Desastre”. Op. Cit.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ “O criado, um tipo de misterioso aspecto e mais com ar de automato do que de gente, permaneceu imóvel atrás de mim, sem mostras de ter ouvido. (...) O pouco que eu vira já me provara não ser o morador do castelo um homem comum – e o viver servido por mudos inda mais me aguçava a ponta do enigma”. Monteiro Lobato, “A minha aurora”, *O Choque. A Manhã*, 05/09/1926. Página 05.

²⁰⁷ Idem.

concepção²⁰⁸, que sua residência não era um castelo e sim, um laboratório e que ele devia se preparar para ver e ouvir algo que iria mudar sua concepção de vida. Mas Ayrton, sem imaginar quais seriam as revelações que o esperavam, conhece Miss Jane, a filha do Professor, “*a mais encantadora criatura que meus olhos ainda viram*”²⁰⁹, que muda a sua concepção da palavra amor.

Miss Jane, descrita pelas palavras de Ayrton Lobo, o mais novo apaixonado dos romances, nos lembra o tipo eugenicamente perfeito nos moldes arianos: “*Mas cabelos louros como aqueles, olhos azuis como aqueles, esbelteza e elegância de porte como as de miss Jane, (...)*”.²¹⁰ Peça chave na trama de Lobato é ela quem vai, ao longo do folhetim, doutrinando nosso narrador da mesma maneira que o autor pretende doutrinar seus leitores. Da mesma maneira que Lobato vai urdindo a trama pelas páginas do jornal, Miss Jane vai contar a Lobo o choque das raças nos Estados Unidos em 2228. Sempre muito simpática com o “pobre” Ayrton, Miss Jane é a expressão mais bem acabada de uma eugenista que acredita firmemente na ciência em questão.

O encontro ocorreu durante um almoço, no qual Ayrton Lobo já começou a tomar contato com as experiências realizadas no castelo-laboratório do professor. Com paciência de quem domina a didática, Miss Jane e o Professor Benson começam a explicar a Ayrton o princípio da máquina que lhes permite ver o passado, o presente e o futuro. Esta parte da trama é o tão falado romance “à Wells” que Lobato gostava de aludir e aqui já mencionado. Totalmente imaginativo, o autor, sempre na voz de Ayrton Lobo, criou um mundo de botões, fios, máquinas, engrenagens²¹¹ que em nada lembram eugenistas como Francis Galton, Renato Kehl ou Octavio Domingues, mas evocam e muito Wells e Verne. O

²⁰⁸ “O senhor Ayrton, pelo que vejo e adivinho, é um inocente, começou ele. Chamo inocente ao homem comum, de educação mediana e pouco penetrado nos segredos da natureza. Empregado no comércio: quer dizer que não teve estudos. (...) Em regra, o homem é um bípode incompreenssivo. Alimenta-se de idéias feitas e desnorteia diante do novo”. Monteiro Lobato, “O Capitão Nemo”, *O Choque. A Manhã*, 05/09/1926. Página 05.

²⁰⁹ Monteiro Lobato, “Miss Jane”, *O Choque. A Manhã*, 05/09/1926. Página 05.

²¹⁰ Idem.

²¹¹ “Atravessei numerosas salas e pavilhões cuja composição entendi menos que a do gabinete. Quanta máquina esquisita, tubos de cristal, ampolas, pilhas elétricas, bobinas, dínamos – extravagâncias de sábio! Eu conhecia várias oficinas mecânicas, mas nelas nunca me tonteava. Tornos, máquinas de corta e furar, bigornas, martelos automáticos, laminadores, fresas, tudo isso eu via e compreendia, pois apesar de complicados na aparência evidenciam logo uma função esclarecedora. Mas ali, santo Deus! Que caos! Não consegui entender coisa nenhuma e mesmo depois que o velho sábio me explicou manda a verdade confessar que fiquei na mesma.” Monteiro Lobato, “Tudo éter que vibra”, *O Choque. A Manhã*, 05/09/1926. Página 05.

professor explica o porquê daquelas máquinas, afirmando que o objetivo final de tudo aquilo é apanhar a “vibração atômica do momento”.

Segundo o professor, a vida na terra é um movimento de vibração de qualquer coisa que seja única, no caso, o éter. O éter seria o elemento primário que vibra e nos é apresentado sob diferentes formas. Entretanto, para que esse éter se apresente sob as diversas formas conhecidas é necessário que sofra interferência de algo que o professor e sua filha resolveram chamar de Interferente:

“Isto de palavras não tem importância, como já disse. Só vale a idéia. O Interferente poderá para outros ter o nome de Deus, por exemplo, ou de Vontade. Os filósofos que filosofam com palavras passam a vida a debater qual a melhor palavra a aplicar ao meu Interferente, como se as palavras jamais esclarecessem alguma coisa.”

Assim, o professor resume sua descoberta, através de uma fórmula: Éter + Interferência = Vida. Porém, o sábio afirma que o Interferente interferiu uma única vez e a vida na terra passou, então, a se desenvolver por determinismo: “... e desde então o fenômeno vida, que também podemos denominar universo, desenvolve-se por si, automaticamente, por determinismo. As coisas vão se determinando”²¹² A partir do “progresso” do aluno²¹³, o professor começou a explicar sobre o futuro, que seria a Prédeterminação.²¹⁴ Aos poucos, tendo como princípio básico a fórmula acima mostrada (Éter+Interferência=Vida), o sábio vai demonstrando a Lobo de que maneira correntes vibratórias vão sendo captadas pela máquina até chegar ao ponto da utilização do cronizador que sintetiza o futuro, a partir do envelhecimento da Onda Z, que diz respeito ao presente: “E dest’arte a evolução que, com o decorrer do tempo necessariamente vai ter a vida atual do universo, eu apresso e a detenho no momento escolhido. Este meu

²¹² Idem.

²¹³ Entretanto, Ayrton Lobo sempre faz questão de afirmar, durante a narrativa, que muitas vezes não entendeu muito bem o que o professor explicava: “Apesar da segurança do velho sábio e da solidez de suas deduções eu permanecia numa vaga dúvida. Na minha curteza mental eu achava excessivo estar tudo quanto existe reduzido a tão homeopáticas proporções e, ainda mais, impalpável e invisível”. Monteiro Lobato, “O Tempo Artificial”, *O Choque. A Manhã*, 07/09/1926. Página 05.

²¹⁴ “Pois bem: se tudo inexoravelmente se determina pela influência recíproca das vibrações, se isto é pura mecânica, embora duma meta-mecânica inacessível às forças da inteligência do homem, é lógico que a prédeterminação é possível em teoria”. Monteiro Lobato, “O Tempo Artificial”, *O Choque. A Manhã*, 07/09/1926. Página 05.

cronizador, em suma é um aparelho de produzir o tempo artificial com muito mais rapidez do que pelo sistema antigo, que é esperar que o tempo transcorra”²¹⁵.

Finalmente, para que se consiga enxergar tanto o passado, quanto o presente e principalmente - o que mais interessa neste romance - o futuro, é necessário um globo de cristal, que está no gabinete do professor, o qual ele denominou porviroscópio: *“Pois é o porviroscópio, o aparelho que toma o corte anatômico do futuro, como pitorescamente diz Jane, e o desdobra na multiplicidade infinita das formas de vida futura que estão em latência dentro da corrente congelada”*.²¹⁶

Agora que o bom aluno havia entendido o processo pelo qual o futuro podia ser visualizado, passamos do campo da ficção para o campo da vontade de como Lobato gostaria que o mundo fosse um dia. Mas não sem antes colocarmos uma citação muito curiosa do que o sábio, ou talvez Monteiro Lobato, acreditava ser a História:

“A História é o mais belo romance anedótico que o homem vem compondo desde que aprendeu a escrever. Mas que tem com o passado a História? Toma dele fatos e personagens e os vai estilizando ao sabor da imaginação artística dos historiadores. Só isso. (...) Estilização parcial (os documentos da época) feita pelos interessados, apenas. Do presente, meu caro, e do passado só podemos ter vagas sensações”.²¹⁷

O professor de Ayrton Lobo, a partir deste ponto, não é mais o velho sábio Benson e sim a bela Miss Jane. É através dela que Monteiro Lobato passa a narrar o choque das raças, tema central deste romance. Para fazer um contra ponto entre o país do futuro, civilizado e mais próximo do progresso, os Estados Unidos da América do Norte e aquele que mais criticou durante muito tempo, a França²¹⁸, ela prevê um futuro péssimo para os franceses. Miss Jane afirma ao nosso narrador que no ano de 3527 havia observado na população francesa sinais de mongolismo; a França havia sido invadida pelo povo mongol ou pela raça amarela. Que, segundo Jane e sobrepujara numericamente a raça branca. O motivo? Miss Jane explica: *“Tudo que é tem razão de ser, tinha forçosamente de ser; e*

²¹⁵ Idem. 08/09/1926. Página 05.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ Lobato criticou muito a constante imitação que os brasileiros faziam questão de fazer em relação às coisas francesas. Se fôssemos reproduzir todas as passagens em que há essa crítica ficaria por demais exaustivo. Entretanto, é bom frisar que o autor questionava a falta de idéias nacionais; era contra a importação. Mas parece que o feitiço virou contra o feiticeiro, já que mais tarde, o próprio virou um dos maiores importadores das idéias e dos ideais norte-americanos. Outro porém, é que a ciência pela qual lutou e aqui em discussão foi criada por um francês, Francis Galton.

tudo que será terá razão de ser e terá forçosamente de ser. O amarelo vencerá o branco europeu por dois motivos muito simples: come menos e prolifera mais".²¹⁹ Curioso notar que no livro *Eugenia e Medicina Social (Problemas da Vida)*, Renato Kehl cita um eugenista francês que também prevê um futuro não muito agradável para os franceses:

"Apert, illustre secretário da Sociedade Eugênica de Paris, num de seus recentes artigos A conservação da raça antevê com cores sombrias o futuro da raça francesa. Inúmeros médicos franceses secundam o alarme, imaginam e põem em prática medidas tendentes a evitar a decadência nacional".²²⁰

O motivo de tal fenômeno não é explicitado. Com certeza, os eugenistas franceses não tinham um porvíroscópio e não viram através de uma máquina a possível invasão de seu país pelos mongóis, mas este é só um dos muitos exemplos de como Lobato comungava com as idéias eugênicas.

O escritor, com certeza influenciado pelos livros de H. G. Wells e Julio Verne, imaginou um futuro sem a roda, com o radio-transporte, as ruas sem carros e buzinas. Mas isso não é o que realmente nos interessa. O capítulo seguinte nos traz novas surpresas.

Em "A luz que se apaga", o Professor Benson desmonta toda a aparelhagem que lhe permitiu ver o futuro durante anos e morre. Miss Jane, agora no centro da cena, começa a narrar para Ayrton Lobo o que aconteceu nos Estados Unidos em 2228: segundo ela, de tudo que havia visto no futuro, o choque das raças branca e negra foi o que mais a impressionou. A bela moça propõe ao nosso narrador que escreva um livro sobre aquilo vai contar-lhe:

"O principal para uma novela é ter o que dizer, estar senhor de um tema na verdade interessante. Ora, eu fornecerei os dados dessa novela e o senhor Ayrton terá oportunidade ótima para apresentar-se ao mundo das letras com um livro que a crítica julgará ficção, embora não passe da simples verdade futura. (...) Desde já asseguro uma coisa: sairá novela única no gênero. (...) Mas um dia a humanidade se assanhará diante das previsões do escritor, e os cientistas quebrarão a cabeça no estudo de um caso, único no mundo, de profecia integral e rigorosa até nos mínimos detalhes".²²¹

²¹⁹ Monteiro Lobato, "Futuro e Presente", *O Choque. A Manhã*, 09/09/1926. Página 05.

²²⁰ Renato Kehl. *Eugenia e Medicina Social (Problemas da Vida)*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1920. Página 197.

²²¹ Monteiro Lobato, "A luz que se apaga", *O Choque. A Manhã*, 10/09/1926. Página 05. Ainda no mesmo capítulo, Ayrton Lobo passa a considerar a possibilidade de escrever o que Miss Jane havia começado a lhe contar e pensa até em entrar para a Academia Brasileira de Letras: "Seria um autor, um romancista! Os jornais dariam meu retrato e me tratariam de illustre homem de letras. Talvez até cavasse a Academia. Uma situação social, sem dúvida, e das mais bonitas". Idem.

A narrativa começa pela cirurgia realizada pelo doutor Lewis, um mágico da anatomia que criou o primeiro e único ser “desdobrado” do mundo. Único porque o método não deu certo, uma vez que “*a ruptura por intervenção humana dos planos normais da natureza nunca foi bem sucedida. Sobrevinham sempre complicações imprevisíveis à argúcia dos sábios, e irremediáveis*”.²²² O desdobrado era um ser elevado à sexta potência, uma vez que o cientista havia conseguido desligar os nervos; ou seja, o *Homo* elevado podia ler duas coisas diferentes, ouvir duas coisas diferentes, escrever ou fazer duas atividades distintas com as mãos. Outro fato que Miss Jane disse ter visto nos Estados Unidos em 2228 foi o Teatro Onírico, que desvendou a alma humana, a partir do momento em que conseguiu fixar na tela, como no cinematógrafo de 1926, os sonhos humanos: “*A alma humana só deixou de ser o enigma que hoje é depois que pode ser assim fotografada em suas manifestações de absoluta nudez. Até então apenas lhe conhecíamos as manifestações vestidas pela Censura, isto é, as suas atitudes*”.²²³

Durante alguns capítulos é contado o drama da morte e do enterro do velho sábio e do retorno de Ayrton Lobo para a cidade e para seu antigo emprego. Sem seu Ford e, conseqüentemente, de volta à casta dos pedestres. Mas fica combinado entre o futuro romancista e membro da Academia Brasileira de Letras e nossa bela e solitária Miss Jane, que ele a visitaria todos os domingos e, aos poucos, de domingo em domingo, ela lhe contaria sobre o longínquo futuro de 2228.

Assim, Miss Jane começa a discorrer sobre o povo norte-americano quando Ayrton Lobo, plagiando uma frase de seu patrão, o senhor Sá, afirma: “*Povo sem ideais, o mais materialão da terra. A gente do the biggest...*”²²⁴ Pronto! Essa foi uma brecha usada por Monteiro Lobato para que Miss Jane fizesse uma ode ao povo americano e, além disso, começasse a falar sobre algumas vantagens da ciência eugenia. O trecho é longo, mas vale a pena:

“A um povo que tenta romper com o álcool acha sem ideais? Poderá haver maior idealismo que o sacrifício de formidáveis interesses materiais do presente em vista de benefícios que só as gerações futuras poderão recolher? (...) é o único povo idealista que floresce hoje no mundo”²²⁵. Único, vê? Apenas se dá o

²²² Idem. Mas veremos que “intervenções” humanas na natureza podem ser acertadas!

²²³ Idem.

²²⁴ Monteiro Lobato, “Céu e Purgatório”, *O Choque. A Manhã*, 11/09/1926. Página 05.

²²⁵ Jane para justificar o sucesso dos Estados Unidos afirma que desde o início o país foi favorecido pelos homens e mulheres que para lá foram, no famoso navio Mayflower, ou seja, a imigração, que segundo ela, é a

seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, próprio, e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico.(...) Em todos os grandes momentos da sua história, sempre vencedor o idealismo orgânico, o idealismo pragmático, a programação das possibilidades que se ajeitam dentro da natureza humana.”²²⁶

Uma das principais, talvez a principal bandeira que os eugenistas defendiam na década de 20 era a luta contra o álcool, que acreditavam ser fator de degeneração da raça, uma vez que seus efeitos “corrosivos” prejudicam o corpo, a mente e sobretudo a prole. Além disso, o alcoolismo era apontado pelos eugenistas como uma das principais causas da baixa produtividade do trabalhador brasileiro, já que seu corpo perdia força e vigor físicos e o vício levava a uma vida desregrada e incompatível com o trabalho e as obrigações familiares. É fácil observar nos jornais desde a década de 10 diversos artigos combatendo o álcool, como vício e aqueles que da bebida se utilizavam eram considerados “cancros”, problemas sociais:

*“O álcool é um dos mais terríveis agentes de abastardamento da raça, (...). O alcoólico é um envenenado. Todas as suas vísceras sofrem a ação do tóxico: os vasos se esclerosam, o cérebro é afetado, as perturbações terminam quase sempre com a fúria, a paralisia geral. (...) Terrível é, pois o efeito não só imediato como remoto da paixão pelo álcool; as suas garras assentam-se nas vítimas, enquanto as suas asas assombam a família, a raça, uma nação”.*²²⁷

melhor maneira de se testar a capacidade de sobrevivência e adaptação de um povo: “E o mundo americano não podia deixar de ser assim, senhor Ayrton, continuou ela. Note apenas: que é a América senão a feliz zona que desde o início atraiu os elementos mais eugênicos das melhores raças européias? Onde há força vital da raça branca, senão lá? Já a origem do americano entusiasma. Os primeiros colonos, quais foram eles? A gente do *Mayflower*, quem era ela? Homens de tal tempera, caracteres tão shakespearianos, que entre abjurar das convicções e emigrar para o deserto, para a terra vazia e selvagem onde tudo era inospitalidade e dureza, não vacilaram um segundo. Emigrar ainda hoje vale por alto expoente de audácia, de elevação do *tônus vital*”. Idem.

²²⁶ Idem. Obs: Mais uma vez Lobato ou Miss Jane criticam a França: “Veja a França. Estude a Convenção Francesa. Sessão permanente de utopismo furioso – e a resultar em que calamidades! Por que? Porque irrealizável, contrário à natureza humana. (...) Leia Emerson e leia Rousseau. Terá expoentes de suas mentalidades polares”. Idem.

²²⁷ Renato Kehl. *A Eugenia. Ciência do aperfeiçoamento moral e físico dos seres humanos*. São Paulo, sem editora, 1917. Página 08. Diversos são os trabalhos que mostram a luta contra o álcool como bandeira de eugenistas, médicos e a dimensão política que essa questão alcançou não apenas na década de 10 e 20, mas foi uma questão discutida também na década de 30: Maria Clementina Pereira Cunha. *O espelho do Mundo. Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986; José Roberto Franco Reis. *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. Dissertação de Mestrado, IFCH/ UNICAMP, 1994; Vera Regina Beltrão Marques. *A medicalização da raça. Médicos, Educadores e discurso eugênico*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1994; Sidney Chalhoub. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da *belle époque**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

José Roberto Franco Reis sintetiza o que a luta contra o álcool significou no Brasil: *“No Brasil o álcool foi claramente definido como inimigo da raça, como dizia Fernando de Magalhães, e por isso sua eliminação era assunto eugênico ligado à defesa nacional e à constituição da nacionalidade”*.²²⁸

Continuando a contar a saga do sucesso americano, Jane afirmou que o que aconteceu no início da história americana continuou a fazer parte do processo. Ou seja, a imigração passou a ser seletiva²²⁹. Apenas os melhores elementos tinham permissão para se estabelecer no país:

“Ondas sucessivas dos melhores elementos europeus para lá se transportaram. Depois vieram as leis seletivas da imigração, e as massas que a procuravam, já de si boas, viram-se peneiradas ao chegar. Ficava a flor. O restolho voltava... Note o enriquecimento de valores humanos que isso representou para aquela nação”.²³⁰

A imigração européia foi interrompida no momento em que se verificou a “contaminação” do sangue europeu pelo sangue asiático, como já foi dito. Mas Ayrton Lobo, ouvindo sempre atentamente sua amada, questiona-a sobre os negros que foram forçados a ir para a América e Miss Jane responde categoricamente que esse foi o único erro inicial cometido, mas que o problema seria solucionado *“da maneira mais completa, sem sacrifício dos negros existentes e sem transigência dos brancos. O orgulho é criador, senhor Ayrton e, além disso, extremamente engenhoso...”*²³¹

Em contrapartida, para Miss Jane, a solução brasileira, que era a ideal na concepção do nosso narrador, foi a mais desastrosa possível.

“A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças díspares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefá-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado”.²³²

²²⁸ José Roberto Franco Reis. Op. Cit. Página 86. Isso não nos lembra algo? Monteiro Lobato e seu primeiro Jeca Tatu, no qual a pinga era a “patrona da raça”?

²²⁹ No Brasil, como é sabido, já durante os debates sobre a Abolição, na década de 70/ 80 do século XIX, uma das maiores preocupações era que os braços que fossem substituir os negros na lavoura fossem os de imigrantes europeus, sangue branco.

²³⁰ Monteiro Lobato, “Céu e Purgatório”. Op. Cit. 12/09/1926.

²³¹ Idem.

²³² Idem.

Segundo a maior parte dos eugenistas, mais especificamente Renato Kehl, o Brasil ainda não possuía um tipo genuinamente nacional, uma vez que somos um “grande laboratório étnico” com um intenso metabolismo racial. A grande questão era a heterogeneidade da população, composta dos mais variados tipos étnicos e sobre a qual predominavam os mestiços²³³. Para esses homens, o brasileiro tinha três troncos étnicos básicos: o português, o colonizador; o índio, autóctone; e o negro, importado da África. O primeiro era de raça forte e desbravadora e “*a eles devemos o que fomos e o que somos*”.²³⁴ Os gentios, donos da terra, foram apenas atores coadjuvantes no processo de colonização, além de não se saber qual a origem da raça, questão primordial, cujo principal grupo brasileiro no cruzamento foi o tupi-guarani. Já os negros, para os eugenistas, são um caso específico. Kehl e seus prosélitos não negavam que a raça africana para cá veio forçada “*pela ganância de exploradores da carne humana, amontoados nos navios negreiros, caçados nas costas da África*”.²³⁵ Mas, o grande problema era o resultado que estava sendo verificado na população brasileira, em virtude do cruzamento entre as raças, principalmente quando uma delas era a negra: o mestiço e a conseqüente degeneração da raça²³⁶.

²³³ “Dado o pouco tempo decorrido da colonização do Brasil, e do caldeamento de tantos sangues diferentes, é natural que ainda não exista uma raça brasileira, porque a mistura étnica, até agora processada, ainda não se apresenta homogênea, estável, não tem feição característica e original. Essa química racial levará ainda muitos séculos para apresentar um padrão nacional, dotado de caracteres próprios, sólidos, sem arestas que denunciem a heterogênea cristalização”. Renato Kehl. *A Cura da Fealdade. (Eugenia e Medicina Social)*. São Paulo, Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1923. Página 171. Com certeza, não foi apenas uma questão de mercado que fez com que Lobato publicasse este livro do principal eugenista brasileiro!

²³⁴ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 173.

²³⁵ Idem.

²³⁶ Vamos retornar ao turista sueco da crônica “O Pátio dos Milagres” já discutida neste capítulo? “*Estou maravilhado! Disse-me ele. Nunca supus que no mundo houvesse uma coisa (ele chama ao nosso país de coisa) tão interessante e pitoresca! Começa pela mistura de raças. Nós lá somos vítimas da perfeição étnica. Todos os homens se parecem uns com os outros, todos regulam no porte, na cor dos olhos, no louro dos cabelos, no bem proporcionado dos membros. Ora, isso afinal cansa, porque ver um é ver todos. Mas aqui, que maravilha! Os homens apresentam a gama inteira da somática humana. Há os grandes, médios, pequenos e minúsculos. Há os retos como cabos de vassoura, gordos como abóboras, magros como palito, tortos como latas velhas, capengas, pretos, castanhos, achocolatados, aços, amarelos, ruivos, vermelhos, verdes e até brancos. Costumo ficar na rua Larga vendo o desfile do povo suburbano. Não há dois seres iguais e ainda não vi um com uma forma humana clássica dos Apolos esculpidos na Grécia ou dos jovens que passam pelas ruas de Estocolmo*”. Monteiro Lobato, “O Pátio dos Milagres”. Op. Cit. Este trecho é emblemático não só da forma como Lobato enxergava o Brasil e, principalmente o povo brasileiro e sua miscigenação, mas de como o autor estava plenamente inteirado e de comum acordo com o pensamento eugênico Esta fala do turista sueco é um pequeno resumo da parte inicial do livro, já citado de Renato Kehl e publicado três anos antes pela editora de Monteiro Lobato.

Em nenhum momento podemos encontrar propostas diretas de esterilização dos negros²³⁷ entre os compêndios eugenistas. A maior parte, inclusive, elogia o vigor físico da raça africana, como fez Monteiro Lobato pela voz de Miss Jane. Reconhecem o trabalho do negro na construção e colonização do Brasil como fator determinante. Entretanto, a questão do elemento negro na população brasileira preocupava eugenistas, intelectuais, como Lobato, sob o ponto-de-vista da miscigenação. A necessidade era classificá-los, sempre tendo como parâmetro o elemento branco, para que pudessem justificar práticas de exclusão e dominação. Para esses homens da ciência pensar a identidade nacional era a mesma coisa que pensar a identidade racial e vice-versa. Procurar realizar o ideal do branqueamento, buscar o indivíduo eugenicamente perfeito, física e moralmente falando, significava necessariamente excluir o elemento negro. Para alguns, como Renato Kehl, dentro de alguns anos ou séculos, a raça brasileira seria branca, uma vez que, sendo a raça branca absolutamente superior aos negros e aos índios seus caracteres tornar-se-iam dominantes:

*“De acordo com as regras da evolução e com os fatos que se vão evidenciando, é certo o prognóstico, de que a futura raça brasileira será branca, pela desassimilação, pela depuração, que se vai lentamente operando, isto é, com a eliminação dos caracteres recebidos das raças negra e silvícola”.*²³⁸

Entretanto, apesar do diagnóstico positivo na visão de Kehl de que o Brasil um dia tornar-se-ia branco, o problema persistia. Se a população iria ficar com a aparência semelhante aos tipos europeus, arianos, como ficaria física e moralmente? A dificuldade agora se voltava não para a raça negra em si e sim para seu cruzamento com outras raças do tronco étnico brasileiro. Kehl discorda de Novicov, que entendia serem os cruzamentos indispensáveis para a sustentação e aumento do vigor de uma raça: *“E a este propósito diz, que dado o caso de uma raça mais perfeita pôr-se em contato com outra menos perfeita, a primeira terá tendência de subjugar a segunda”.*²³⁹ Neste aspecto, o pensamento da

²³⁷ É bom deixar claro que os eugenistas não pregam a esterilização dos negros, mas sim de todo e qualquer tipo que possa ser considerado degenerado. Acreditam que esses degenerados não podem ser extintos apenas pelos critérios de seleção natural, uma vez que consideram este processo lento e passível de erros. Por degenerados entenda-se o doente mental, aqueles com doenças físicas, como por exemplo, a sífilis e a tuberculose, os alcoólatras e todo e qualquer tipo que possa vir a prejudicar a constituição do tipo eugenicamente perfeito.

²³⁸ Renato Kehl. Op. Cit. Página 172.

²³⁹ Renato Kehl. Op. Cit. Página 174. *“A idéia de Novicov de que os cruzamentos são indispensáveis para o revigoramento de uma raça, pode ser uma realidade quando elas não têm caracteres muito diferenciados, como por exemplo, entre as raças arianas. Já não considero a mesma coisa, quando se dá entre raças*

Sociedade Eugênica de São Paulo acreditava que todo e qualquer cruzamento entre raças díspares era prejudicial para ambas, principalmente para aquela considerada mais perfeita, a branca. Podemos entender agora porque Miss Jane expressando certamente a opinião de Lobato afirmou, ser a solução brasileira para a questão racial “medíocre”.

Kehl não partilhava com alguns de seus colegas de bandeira eugênica a idéia de que o mulato, o mestiço, era inferiorizado apenas no âmbito social, do preconceito. Reconhece sim, que havia uma enorme marginalização e exclusão social que atingia esses tipos nacionais. Cita longamente Alberto Torres, que acreditava que os mulatos ocupam na sociedade um lugar intermediário entre os negros e os brancos, não conseguindo se “encaixar” em nenhuma dessas camadas sociais. Finot, partidário dessa idéia de Torres, acreditava que, caso os preconceitos sociais fossem vencidos pelo trabalho e esforço dos próprios mulatos, eles poderiam se igualar a qualquer outra raça. Entretanto, Kehl não admitia tal hipótese. Segundo ele os negros, que já eram uma raça inferior²⁴⁰, quando cruzados com raças superiores não teriam como chegar a um tipo equiparável ao ariano. O nosso principal eugenista foi até capaz de admitir o preconceito social, mas este apenas contribuía para piorar a situação desse tipo quase híbrido da população brasileira:

“Realmente, o preconceito existente contra os mulatos, preconceito este, devo frizar, que ainda se observa entre nós, concorre para inferiorizar a situação desses mestiços. Mas é indubitável a sua inferioridade étnica. Os mulatos são mestiços que, para serem híbridos, falta-lhes apenas a infecundidade, que não apresentam. Eles, portanto, nem de longe podem comparar-se aos mestiços, por exemplo, da raça saxônica com a latina. Estes trazem caracteres muito aproximados; são oriundos do mesmo tronco ariano. (...) O mulato é o produto da fusão de duas energias hereditárias diversas; é um produto intermediário,

distintas, como entre a branca e a preta ou entre esta e a amarela. No Brasil observou-se intenso cruzamento entre as três raças que o habitam; se aceitarmos a idéia de Novicov, de que as superiores subjagam as inferiores, com o aumento crescente dos descendentes do tipo superior e o desaparecimento gradual dos de raça inferior, em tempo se verificará a extinção das raças negra e silvícola. Desse modo, as fronteiras etnográficas se deslocarão em proveito da branca, considerada superior, porque mais prendada psiquicamente. Aceitando esse raciocínio, e sendo o Brasil um cadinho de cruzamentos, pode-se afirmar que ele está avançando para o aperfeiçoamento do seu povo, até se constituir de uma raça forte, vigorosa e intelectualmente superior. (...) Mas esse cruzamento, essa mistura de sangue tão diversos, não será prejudicial à raça branca, não lhe provocará uma degradação qualquer? Penso que sim. ”. Idem. Página 175/176.

²⁴⁰ *“Considero todas as raças suscetíveis de um desenvolvimento progressista, em maior ou menor grau, guardando, porém certa restrição, em relação à raça negra, que, parece-me, é de grau intelectual um tanto inferior a todas as outras. O fato de se contarem, entre indivíduos da raça negra, exemplos de inteligência brilhante, não julgo capaz de abalar essa crença, ou melhor, essa verdade. São exceções e raríssimas que não servem para invalidar a regra”. Renato Kehl. Op. Cit. Páginas 174/175.*

*uma espécie de ponte, que servirá para ser transposta para uma das fronteiras étnicas que nele se acha representada”.*²⁴¹

O trecho é longo, mas nos ajuda a entender o que Monteiro Lobato realmente quis dizer com “solução medíocre”. Em um momento no qual a maior parte das atenções estava voltada para o recrudescimento da segregação racial na América do Norte; em que Mussolini já havia instaurado o governo fascista na Itália e a Alemanha, juntamente com a França, era o principal centro divulgador da Eugenia²⁴², definir o Brasil, seu tipo, sua identidade nacional parecia tarefa urgente e patriótica. Para boa parte da intelectualidade, esta era uma tarefa a ser cumprida com o apoio da ciência eugênica e significava acima de tudo “depuração” racial. Assim, criticar a miscigenação racial (que alguns começavam a “positivar” ou valorizar neste mesmo período²⁴³), não era algo estranho naquele contexto.

Também é possível compreender nesta chave o que Miss Jane disse ter visto no Brasil em 2228. O Brasil havia se dividido em dois países distintos. Já podemos adivinhar o motivo desta separação: a mistura das raças²⁴⁴. Um Brasil, de clima temperado, havia se fundido em um mesmo bloco com a Argentina, o Uruguai e o Paraguai e os três juntos haviam se tornado um dos principais países, ocupando em termos de eficiência “no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos.”²⁴⁵ A junção desses quatro pedaços de território havia ocorrido devido à bacia do rio Paraná, segundo Miss Jane, “*espinha dorsal da zona*”²⁴⁶ O “segundo” Brasil, ou a parte de clima tropical do território, era atrasado e

²⁴¹ Renato Kehl. Op. Cit. Página 177.

²⁴² “*Saneiem os focos epidêmicos, devem-se as endemias que assolam a nossa pátria de norte a sul, façamos repercutir as idéias eugênicas de Galton, multipliquem-se os cultores da ciência do bem geral, dessa grandiosa edificação protetora das raças do futuro. Sirva-nos de incentivo a propaganda eugênica dos Estados Unidos, façamos conhecidos os trabalhos dos ilustres cientistas alemães, Ploetz e Gruber; elevemos os méritos da eugenia, pratiquemos as suas regras para o avigoramento da população brasileira*”. Renato Kehl. A Eugenia. Op. Cit. Página 15.

²⁴³ É importante lembrar que em 1933 Gilberto Freyre publicou *Casa Grande e Senzala*. Além disso, no mesmo ano que Lobato publicou seu romance, Mário de Andrade também publicou *Macunatma*.

²⁴⁴ “*Não vejo motivos para sua tristeza, respondeu ela. Acho até que a divisão do país constitui uma solução ótima, a melhor possível, dado o erro inicial da mistura das raças. A parte quente ficou a sofrer o erro e suas conseqüências; mas a parte temperada salvou-se e pode seguir o caminho certo. A sua tristeza vem da ilusão territorial. Mas reflita que a muita terra não é que faz a grandeza de um povo e sim a qualidade de seus habitantes*”. Monteiro Lobato, “No ano 2228”, *O Choque*. A Manhã, 14/09/1926. Página 05.

²⁴⁵ Idem. 12/09/1926. Página 05.

²⁴⁶ Idem. 14/09/1926. É interessante observar que desde aquela época a rivalidade entre brasileiros e argentinos existia. Ayrton Lobo quando percebe que uma parte do Brasil havia se juntado a Argentina, pergunta a Miss Jane se havíamos vencido nosso vizinho: “*Não houve guerra, nem conquista de qualquer espécie. (...) Brasileiros e argentinos, descendentes de lusos e espanhóis, encapavam sem saber o velho antagonismo que sempre dividiu a península ibérica. Mas tantas ondas de sangue novo despejou cá a*

“agitava-se ainda nas velhas convulsões políticas e filológicas. Discutiam sistemas de voto e a colocação dos pronomes da semi-morta língua portuguesa”.²⁴⁷ Com certeza essa divisão imaginada por Monteiro Lobato e talvez até por ele almejada tinha duas razões: em primeiro lugar a parte temperada, ou seja, o Sul do Brasil, havia sido colonizada por imigrantes europeus. Basicamente imigração alemã, raça ariana que, dotada dos melhores caracteres eugênicos, soube trabalhar a região da melhor forma possível. Além disso, o número de negros nesta região do país é infinitamente menor que na chamada zona tropical. Por isso a parte tropical do país, principalmente a região Nordeste e parte da região Sudeste, incluído até o Rio de Janeiro²⁴⁸, era “incivilizada” em contraste com a atual região Sul. Outro fator que contribuiria para a divisão do Brasil, na imaginação de Lobato, era o clima. O determinismo geográfico de Ratzel e Buckle²⁴⁹ afirmava que o homem é fruto do meio. Em regiões de clima tropical o homem estava fadado ao fracasso e, em regiões de clima mais frio, como o caso do Brasil “adiantado”, as possibilidades de sucesso eram maiores.

Depois esse parêntesis em torno da maneira como Monteiro Lobato via a questão racial e sua possível solução no Brasil (não que a solução para o binômio racial dos Estados Unidos fosse descartada por Lobato para o Brasil, como veremos no final deste capítulo), vamos retornar ao leito principal do romance. Quando Ayrton Lobo inquiriu Miss Jane sobre os negros norte-americanos, ela afirmou que a raça negra e branca conviveram durante séculos. A convivência estava, entretanto, assentada em uma relação que, mais que ódio racial, expressava o orgulho branco face à sua “indiscutível” superioridade.

“O ódio, ou melhor, esse orgulho, (...), foi a mais fecunda das profilaxias. Impediu que uma raça desnaturasse, descristalizasse a outra, e conservou

imigração, que o elemento inicial luso-espanhol foi suplantado e não teve forças para perpetuar a ingênua rivalidade hereditária”. Idem.

²⁴⁷ Idem.

²⁴⁸ “Não ficarei muito tempo nesta terra. O calor!... Já te disse que não tenho o trópico no sangue. Detesto os verdes eternos, o calor quase eterno, a tal primavera eterna que não passa da mais eterna e desesperante monotonia. Verde, verde, o ano inteiro!” Monteiro Lobato. *A Barca*. Op. Cit. Página 292. Rio, 07/05/1926. Lobato também não acreditava em um governo no Rio: “O Rio me dá idéia dum tremendo cancro que parasita e suga toda a seiva do Brasil. Ou o Brasil dá cabo deste Rio de Janeiro, ou o Rio de Janeiro dá cabo do Brasil. O Arthur Bernardes me disse isto em Belo Horizonte, antes de ocupar a Presidência: ‘Só não mudarei a Capital Federal se me for impossível. Nunca haverá governo decente nesta terra, enquanto a sede do governo for no Rio – naquele antro’. Eu hoje compreendo o que há de certo em tais palavras”. Monteiro Lobato. Idem. Página 284. Rio, 08/11/1925.

²⁴⁹ Ver Lilia Moritz Schwarcz. *O Espetáculo das Raças*. Op. Cit.

ambas em estado de relativa pureza. Esse orgulho foi o criador do mais belo fenômeno da eclosão étnica (...).²⁵⁰

Após o fechamento da imigração européia, a raça negra teria passado a crescer vegetativamente datando dessa época, explicou Miss Jane, a “inflação do pigmento” ou “maré do pigmento”. Os brancos, ao contrário dos negros, uma vez que já estavam fortemente influenciados pelas idéias eugênicas de Francis Galton, passaram a crescer qualitativamente.

Duas medidas eugênicas teriam sido, então, criadas nos Estados Unidos do futuro: o Ministério da Seleção Artificial²⁵¹ e a Lei Owen²⁵². O primeiro como o próprio nome nos faz imaginar foi a proibição dos casamentos entre degenerados, fisicamente conjugado com o reavivamento das leis espartanas que, como sabemos, matava crianças “defeituosas”, ainda recém-nascidas: *“Essas restrições melhoraram de maneira impressionante a qualidade do homem. O número dos mal formados do físico desceu a proporções mínimas – sobretudo depois do ressurgimento da sábia lei espartana”*.²⁵³ Miss Jane procura convencer o assustado Ayrton Lobo de que essas medidas não são cruéis, mas necessárias a um povo que deseja o progresso. Na verdade, o discurso da bela mulher, a partir desse momento da história, pode ser confundido com o de qualquer eugenista da década de 20. Se o Ministério e a lei espartana visavam eliminar os mal formados fisicamente, a Lei Owen ou Código da Raça tinha por objetivo impedir o casamento e por fim eliminar os degenerados mentalmente. Miss Jane afirma que uma Era Nova da raça humana teria se iniciado com a promulgação dessa lei que, criada por Walter Owen, em seu livro *O Direito de Procriar*, de cem anos antes do choque das raças:

“promoveu a esterilização dos tarados, dos mal-formados mentais, de todos os indivíduos, em suma, capazes de prejudicar com má progênie o futuro da espécie. Só depois da aplicação de tais leis é que foi possível realizar o grandioso programa de seleção que já havia empolgado todos os espíritos. Os

²⁵⁰ Monteiro Lobato, “Céu e Purgatório”, *O Choque*. A Manhã, 12/09/1926. Página 05.

²⁵¹ “O grande Ministério, o verdadeiro fator da espantosa transformação sofrida pelo povo americano. O seu espírito criador, a coragem de enveredar por sendas novas sem esperar que outros o fizessem primeiro, deu àquele povo um enorme avanço sobre os demais”. Monteiro Lobato, “No Ano 2228”. Op. Cit. 12/09/1926. Página 05.

²⁵² “Os eugenistas não visam a despopulação sem discernimento, o seu fito é alevantado, é impedir a proliferação sempre crescente dos inúteis, dos incapazes, que constituem os parasitas inocentes, cooperadores das dificuldades da vida. Estes nada produzem; aumentam, entretanto, a miséria e tributam a parte sã que trabalha”. Renato Kehl. *A Eugenia*. Op. Cit. Página 11.

²⁵³ Idem.

*admiráveis processos hoje em emprego na criação dos belos cavalos puro-sangue passaram a reger a criação do homem na América”.*²⁵⁴

Se em 2228 essas leis e restrições seriam realidade nos Estados Unidos, em 1926 no Brasil elas eram propostas abertamente defendidas por eugenistas organizados em suas Ligas.

Para os eugenistas um dos grandes exemplos a ser seguido era a sociedade grega no que diz respeito à sua beleza e perfeição. Segundo esses homens da ciência os gregos haviam sido o povo mais perfeito eugenicamente até então:

*“Imitemos os gregos dos tempos heróicos, no que eles tinham de belo e salutar. Esforcemos-nos como eles para reabilitar física e moralmente os atributos humanos, que a degeneração se propõe alterar. Embelezemos a espécie humana, certos de que a beleza pode ser criada à nossa vontade.(...) Todo o nosso segredo consiste em sacrificar a nossa existência para existir. (...) Foram os gregos que ofereceram o paradigma da perfeição representada nas estátuas de Diana e Apolo (...)”.*²⁵⁵

É interessante observar que nem mesmo o povo que serviu de exemplo na crônica de Monteiro Lobato “O Pátio dos Milagres”, que havia chegado à *perfeição das colméias*, podia ser comparado aos gregos, apesar de ser a civilização que mais se aproximava, naquela época, da perfeição:

“As raças humanas tendo em conta as capacidades hereditárias dos elementos que as compõem, não melhoraram, entretanto, como era de se esperar; antes pelo contrário, retrogradaram e em grau bastante acentuado. Se confrontarmos as particularidades hereditárias de um dos povos atuais, que nos parece ser o mais preparado, - o sueco, - com o helênico, veremos a enorme diferença entre ambos. A Suécia com 6.000.000 de habitantes, com os recursos modernos da ciência, com os processos educativos e regeneradores da pedagogia, puericultura e outros, não pode comparar-se, nem pelo número, nem pela espécie de seus tipos excepcionais, com a Grécia Antiga. Os elementos admiráveis surgidos nesse país durante 100 anos, demonstram sua capacidade racial que, entretanto, é incomparavelmente inferior a da pátria de Homero, se

²⁵⁴ Idem. É interessante observar que um dos argumentos dos eugenistas para que a seleção artificial pudesse ser realizada era o fato de se realizar a seleção entre os animais e as plantas. Se podia-se selecionar um cavalo, uma ovelha ou um girassol, por que não seres humanos? “*Por que nós homens, átomos da humanidade, não havemos de melhorar a nossa própria raça, tendo em nossas mãos – a baqueta mágica – da seleção, que são as leis da hereditariedade, no dizer expressivo de Darwin, e outros muitos ensinamentos biológicos, comprovadamente, indubitavelmente valiosos como se verificam entre plantas e animais?*” Renato Kehl. *Eugenia e Medicina Social (Problemas da Vida)*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1920. Página 10/11.

²⁵⁵ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Páginas 14/26.

*se tiver em conta os gênios que esta forneceu ao mundo em igual período de tempo”.*²⁵⁶

Entretanto, segundo os eugenistas, as leis espartanas²⁵⁷ e a preocupação da sociedade helênica eram apenas com a beleza física, as “taras” do corpo. Afirmavam que, em seu tempo, a preocupação e o objetivo da perfeição precisavam ser completos. Não bastava mais ser belo fisicamente, mas feio moralmente. A beleza física era importante sim, mas as qualidades de caráter também. Por isso, explica Renato Kehl na Introdução de seu livro *A Cura da Fealdade*, no qual apresenta a velha fórmula de Juvenal “*mens sana in corpore sano*”, que uma das suas maiores preocupações é demonstrar a importância do casamento para a o bom andamento da eugenia: “*Uma das minhas principais preocupações foi demonstrar a importância do casamento, como fator do progresso eugênico, e apelar para os jovens no sentido de corresponderem a esse intento, não contraindo núpcias antes de um prévio exame de sanidade, garantidor da felicidade matrimonial e da descendência futura*”.²⁵⁸

O casamento era visto pelos eugenistas como a vitória ou a derrota da ciência. O apelo para que os jovens atentassem para essa questão tinha um motivo: segundo eles, a vida desregrada das cidades e os vícios como o álcool, doenças como a sífilis e a tuberculose podiam prejudicar irreversivelmente as gerações futuras. Desta forma, o exame pré-nupcial e a conseqüente proibição do casamento com fins reprodutivos eram uma das tarefas primordiais dos prosélitos da ciência. Assim como no folhetim de Monteiro Lobato, os eugenistas pregavam a criação do que eles classificaram como “dispensários eugênicos”, com o mesmo objetivo do Ministério da Seleção Artificial de nosso autor-eugenista. Acreditavam que a proibição dos casamentos e a esterilização daqueles que não se

²⁵⁶ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1935. 2º Edição. Refundida e Aumentada. Página 294. 1º Edição: 1929.

²⁵⁷ “*Se no tempo de Péricles os gregos chegaram ao acme, que foi o mais elevado nível hoje alcançado pela humanidade nos tempos históricos, essa regeneração fez-se graças ao ideal por eles ambicionado de constituir uma raça de homens robustos e belos. Colocavam a riqueza, ao contrário do que acontece hoje, em segundo plano e a maior de todas as aspirações consistia em se tornarem os Espartanos destemidos, ágeis, corajosos e dotados de força muscular. Porém, a seleção grega falseava, não cogitando senão da força física e menoscabando a moral e a intelectual. O espartano era um aristocrata cuja maior ostentação era ser guerreiro e não trabalhar, porque o trabalho era considerado ignóbil e só competia aos escravos. Portanto, a eugeniação helênica dos tempos de Péricles ou de Lycurgo era falha. Mas... havia em Esparta, em Atenas – um ideal, uma vontade que nos falta atualmente*”. Renato Kehl. *Eugenia e Medicina Social*. Op. Cit. Página 94/95.

²⁵⁸ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 05/06.

enquadravam nas regras da sociedade eugenicamente perfeita deveria ser conjugada com outros processos de eugeniização como, por exemplo, a proibição do álcool, aos moldes da lei seca norte-americana ou o ensino da matéria eugenia nas escolas²⁵⁹.

Os dispensários eugênicos teriam como objetivo identificar as doenças e tratar aquelas que fossem passíveis de cura; propagar a eugenia através de panfletos, conferências e livros (terá sido por isso que Lobato escreveu o romance em questão?); estudos dos nacionais, com o intuito de estabelecer o tipo brasileiro, idéia tão cara aos homens do período; e, principalmente identificar, através do exame pré-nupcial, aqueles que, na sua visão, não tivessem outra solução que não fosse a esterilização:

“De um modo geral, esboçaremos um plano de organização do dispensário eugênico pela criação de um ambulatório de moléstias venéreas, um ambulatório de moléstias das crianças, um gabinete para exame de amas, um gabinete de propaganda eugênica por meio de livros, folhetos e conferências, um gabinete puerimétrico, outro antropométrico, para estudar e estabelecer os tipos da nossa nacionalidade. No dispensário far-se-ão estudos das questões de reprodução e aperfeiçoamento da espécie humana, estudos genealógicos, das degenerações, da criminalidade, (...). No dispensário, provido de um laboratório, far-se-ão os exames microscópicos, que darão elementos para um tratamento esterilizante imediato, de tão valiosos resultados”.²⁶⁰

No *Choque das Raças* o indivíduo que desejasse ter filho deveria apresentar-se ao Ministério da Seleção Artificial e ganhar o “brevet” de procriador. Este por sua vez, só era concedido àqueles que preenchessem todos os requisitos exigidos pela Eugenia no que diz respeito às qualidades físicas e morais. Esse “brevet” ou essa licença para a paternidade ou maternidade era individual e caso, a pessoa desejasse casar-se, ambos deveriam apresentar-se ao Gabinete Eugenométrico, para que recebessem a autorização. Caso o “índice eugênico” do casal não fosse suficiente, poderiam contrair núpcias, mas com a condição de não procriar:

“O direito de reprodução passou a ser regido pelo Código da Raça, mais alto monumento da sabedoria humana. Só quem apresentasse a série completa de requisitos que a Eugenia impunha – requisitos que assegurassem a perfeita qualidade dos produtos, é que recebia do ministério da Seleção Artificial o brevet de pai autorizado. (...) Se um pai autorizado pretendia casar-se, tinha de apresentar-se com a noiva a um Gabinete Eugenométrico, onde lhes avaliavam

²⁵⁹ “Neste afã deve não só o governo se iniciar como também o público. A coadjutoria do indivíduo é essencial. E para que ela surta efeito carece de uma base de conhecimentos que às sociedades eugênica está reservada difundir. A instrução eugênica deve ser ministrada em profusão, constituindo disciplina obrigatória tanto nas escolas primárias como nas superiores”. Renato Kehl. *Eugenia e Medicina Social*. Op. Cit. Página 13.

²⁶⁰ Renato Kehl. *Eugenia e Medicina Social*. Op. Cit. Página 125/126.

*o índice eugênico e lhes estudavam os problemas relativos à harmonização somática e psíquica. Caso um deles não atingisse o índice exigido, poderiam contrair núpcias mas sob a condição de infecundidade”.*²⁶¹

Os eugenistas sabiam que a esterilização seria uma tarefa árdua e difícil de ser implementada no Brasil, por isso lutavam pela criação do Direito Eugênico²⁶² bem aos moldes do Código da Raça ou Lei Owen. Diversos projetos de lei foram apresentados com o intuito de que, aos poucos, a consciência e a certeza dos excelentes resultados da eugenia fossem sendo visualizados pela população brasileira. Em *Certificado Pré-Nupcial. Regulamentação Eugênica do Casamento*²⁶³ Renato Kehl fez um histórico dos projetos de leis que foram apresentados pelos eugenistas, através de suas Sociedades e Ligas, à Câmara dos Deputados. O último, apresentado por Amaury de Medeiros em 1927, não foi sancionado, para desgosto de Kehl. Já que não podia conseguir uma lei que permitisse ao Estado, ou melhor, aos homens de ciência, o controle da vida da população do ponto de vista da reprodução e da esterilização, Kehl passou a exigir uma lei na qual pelo menos o exame pré-nupcial fosse obrigatório. Já que não podia esterilizar autorizado por uma lei, é possível que se sonhasse com uma esterilização sem que as vítimas fossem alertadas uma vez que, como já dito acima, uma das funções dos dispensários seria descobrir métodos de esterilização rápida e provavelmente sem dor, assim como daqui a pouco veremos em *O Choque*.

Mas o que seria necessário para possuir o “brevet” de pai autorizado, ou se preferirem para ter a autorização do dispensário eugênico? Tendo como base muitos países que já mantinham leis restritivas ao casamento, como por exemplo, Noruega e alguns

²⁶¹ Monteiro Lobato, “Burrada!”, *O Choque. A Manhã*, 23/09/1926. Página 05. É interessante notar como num dos últimos capítulos, esse é o XIX em XXV, Miss Jane já conseguiu doutrinar nosso narrador, da mesma forma que Monteiro Lobato esperava doutrinar seus leitores: “Mas realmente parece incrível, Miss Jane, exclamei com horror, que ainda hoje tenha o direito de ser pai quem quer! Morféticos ali na roça que botam no mundo anualmente pequeninos lázaros. E ninguém vê nada, ninguém diz nada, todos acham que está tudo direito... (...) Burrada! (...) Burrada! Burrada!... exclamei deveras revoltado contra a estupidez vigente. E como não ser assim, se qualquer Sá ou qualquer Pato dirige a opinião?” Idem. No final do romance, Ayrton Lobo está plenamente convencido das “maravilhas” da ciência eugenia.

²⁶² “O Código (Civil) procura remediar o mal, mas não cuida de evitá-lo. Mas estamos certos de que o Direito eugênico será uma realidade num futuro não remoto, pois nos países que marcham na vanguarda do progresso, já vai dando frutos a campanha eugênica, e não tardará que se estabeleçam leis que protejam os nubentes e regulem a responsabilidade paterna na prolição” Renato Kehl. *A Eugenia*. Op. Cit. Página 13.

²⁶³ Renato Kehl. *Certificado Pré-Nupcial. Regulamentação Eugênica do Casamento*. Rio de Janeiro, Sodré & Cia. Editores, 1930.

Estados dos Estados Unidos, Kehl e seus prosélitos almejavam a simples exigência de um atestado de sanidade:

*“O simples fato do indivíduo ter de apresentar um atestado de sanidade é bastante para se colocar em contato com um médico, que lhe saberá abrir a consciência, evitando um mau procedimento. Fá-lo-á curar-se, se se tratar de doença removível ou desistir da idéia de levar o seu mau [sic] à companheira inocente, ou a prole futura, patenteando-lhe a hediondez do crime que pratica, rebelando-se contra os conselhos médicos”.*²⁶⁴

A questão era quase de segurança nacional, já que dela dependia o progresso e a perfeição física e moral do povo²⁶⁵. Não acreditavam que a exigência deste atestado poderia significar uma restrição à liberdade individual (a Eugenia, em si, é uma total e completa restrição a qualquer tipo de liberdade) ou que fosse uma atitude cruel. Muito pelo contrário! Em nome da raça, em nome da ciência, o atestado era visto como exemplo de nacionalidade, de patriotismo e de medida urgente a ser criada como nos países mais adiantados.

Vamos retornar ao folhetim. Miss Jane estava começando a contar ao nosso narrador que em 2228 haveria eleições para a escolha do 88º presidente norte-americano. Como a raça negra e a raça branca viviam divididas, os partidos políticos também eram divididos em três: a Associação Negra, que agregava **todos** os negros norte-americanos, que tinham como único líder Jim Roy, *“negro de gênio”*²⁶⁶; o Partido Masculino, junção dos antigos partidos Democrático e Republicano, sob a direção do atual presidente da República, Kerlog, candidato à reeleição; finalmente, o Partido Feminino, cuja líder era miss Evelyn Astor, candidata à presidência. Os números das estatísticas mostraram que as eleições daquele ano de 2228 seriam decididas pelo voto dos negros, ou seja, pelo apoio de Jim Roy: *“As melhores estatísticas davam ao Partido Masculino 51 milhões de vozes, ao Partido Feminino 51 e meio e à Associação Negra, contados os votantes de ambos os sexos, 54 milhões. A próxima eleição dependeria pois exclusivamente do grande negro”.*²⁶⁷

²⁶⁴ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 257.

²⁶⁵ *“São exatamente estes indivíduos fortes, sadios, que se deve fazer casar, se quisermos, de fato, melhorar a raça humana, ou pelo menos, preservá-la da degeneração. Constitua-se, pois, em exigência para o casamento, a apresentação de uma apólice de seguro sobre a vida, e trabalharemos assim, do melhor modo, para a felicidade dos descendentes”.* Renato Kehl. *A Eugenia*. Op. Cit. Página 14.

²⁶⁶ Monteiro Lobato, “No ano 2228”. Op. Cit. 14/09/1926.

²⁶⁷ Monteiro Lobato, “A Simbiose Desmascarada”, *O Choque*. *A Manhã*, 14/09/1926. Página 05.

Homens e mulheres brancos haviam se dividido devido a uma teoria de Miss Gloria Elvin, que afirmava em seu livro *Simbiose Desmascarada* que a mulher não era a fêmea natural do homem. A mulher, *Sabina*, havia sido há séculos raptada pelo homem, que havia matado o *Sabino*²⁶⁸. Desta forma, a mulher ligou-se ao seu raptador por simbiose e isso possibilitou uma maior autonomia da fêmea, que não se sentia mais obrigada a ficar ligada ao homem a não ser para fins de reprodução: “*A mulher passa doravante a viver vida autônoma; e se ainda permanece ao lado do gorila no antigo status-quo sexual, será a título provisório apenas e em vista unicamente dos interesses proliferantes das espécies respectivas. Porque miss Elvin não perdia a esperança de promover o descobrimento e a ressurreição do Sabino pré-histórico...*”²⁶⁹

O apoio do grande líder negro passa a ser disputado tanto por Kerlog, que acreditava que Roy iria apoiá-lo por uma questão de “gênero”, quanto por Miss Evelyn, que acreditava que as atrocidades da escravidão cometidas por homens brancos aos ascendentes de Roy fariam mais alto. Os dois líderes brancos, firmes cada um em suas convicções de gênero e de raça, davam por certa a vitória nas eleições que se aproximava. Mas o líder negro tinha uma exigência para o apoio a qualquer um dos dois partidos: a revogação da Lei Owen que, no ano anterior (2227) havia sido intensificada para os negros, com o intuito de diminuir o assustador crescimento da população²⁷⁰. Entretanto Jim Roy avisa que só fará o pronunciamento de seu apoio uma hora antes do pleito. Durante alguns capítulos o folhetim gira em torno da expectativa das eleições e a paixão de Ayrton Lobo por Miss Jane.

No dia das eleições, como prometido, Jim Roy anuncia através de algo semelhante ao que hoje chamamos de internet²⁷¹ que o candidato da raça negra era Jim Roy²⁷². Uma

²⁶⁸ “Supunha miss Elvin que seriam anfíbios esses sabinos pré-históricos, assim romanamente despojados das suas fêmeas. E recriando a imaginação com um pouco de fantasia, chegou a descrever num segundo livro de igual sucesso o *Massacre dos Sabinos* quando do seio das ondas acudiram às praias em defesa das raptadas metades” Idem.

²⁶⁹ Idem.

²⁷⁰ Miss Jane, ou melhor, Lobato não explicita quais seriam as restrições impostas aos negros. De acordo com o livro, essas medidas foram tomadas após as tentativas frustradas das duas raças de resolver o binômio racial. A solução branca consistia em expatriar toda a população negra para o Vale do Amazonas, solução não aceita pelos negros e que segundo Miss Jane, feria a Constituição Americana. Já a solução negra era simples: a divisão do país em duas partes; o sul para a população negra e o norte para a população branca. “Mas como os brancos preferiam continuar no status-quo a resolver o caso por esse processo, o problema racial permanecia de pé, cada vez mais ameaçador”. Monteiro Lobato, “No ano 2228”. Op. Cit. 14/09/1926.

²⁷¹ “O rádio que temos hoje é um simples ponto de partida. (...) Descobriram-se novas ondas, e o transporte da palavra, do som e da imagem, do perfume e das mais finas sensações tácteis, passou a ser feito por intermédio delas. (...) Foi espantosa a transformação das condições do mundo quando a maior parte das

hora após o anúncio de sua candidatura, para total e completo desespero dos dois líderes da raça branca, o nome de Jim Roy começou a aparecer no painel do Capitólio²⁷³ como o 88º Presidente dos Estados Unidos da América do Norte. O primeiro e, diga-se de passagem, único presidente negro que o país mais bem sucedido do mundo iria ter em toda a sua história. As elvinistas são tomadas de uma “súbita consciência” e resolvem, sob a liderança de Miss Evelyn Astor, reconciliar-se com os homens, frente ao ocorrido. Não podiam admitir que um negro fosse presidente, ou isso significaria o fim da raça branca! A reação dos homens também não foi diferente. Totalmente surpreso com a “traição” de Jim Roy o presidente americano, ainda sob esta condição, após fazer as pazes com as mulheres e aceitar as desculpas de Miss Astor, decide convocar a Convenção da Raça Branca, não sem antes ter um encontro com o presidente eleito.

Durante o encontro dos dois líderes, *“defrontaram-se os dois chefes como duas forças da natureza, contrárias nos seus destinos, inimigas pela voz do sangue, mas irmanadas no momento por um nobre objetivo comum”*.²⁷⁴ Ambos tinham como propósito

tarefas industriais e comerciais começou a ser feita de longe pelo radio-transporte”. Monteiro Lobato, “Eficiência e Eugenia”, *O Choque. A Manhã*, 16/09/1926. Página 05.

²⁷² A descrição do momento que Jim Roy toma sua decisão é longa, mas interessante como forma de entender o que Lobato pensava da escravidão. Mais uma vez ressalto que gostar de negros e ser contra a escravidão são atitudes bem distintas: *“Descortinou todo o lúgubre passado da raça infeliz. Viu muito longe, esfumaçado pela bruma dos séculos, o humilde kraal africano visado pelo feroz negreiro branco, (...) Viu o assalto, a chacina dos moradores nus, o sangue a correr, o incêndio a engolir palhoças. Depois, o saque, o apresamento dos homens pálidos e das mulheres, a algema que lhes garroteava os pulsos, a canga que os metia dois a dois em comboios sinistros tocados a relhos para a costa. (...) E recordou o interminável suplício da travessia... Carga humana, coisa, fardos de couro negro com carne vermelha por dentro. A fome, a sede, a doença, a escuridão. (...) Por cima do tabuado, rumores de vozes. Eram brancos. Branco queria dizer uma coisa só: crueldade fria. (...) Viu depois o desembarque. (...) Caminha, caminha! Se um tropeça, canta-lhe o látego no lombo. Se cai desfalecido, trucidam-no. (...) Viu Jim viçarem luxuriosos os algodoads da Virginia depois que o negro chegou. Além das chuvas havia a rega-los agora o suor africano – suor e sangue. (...) Viu depois a Aurora da noite de duzentos anos: Lincoln (...) As algemas caíram dos pulsos mas o estigma ficou. As algemas de ferro foram substituídas pelas algemas morais da pátria. O sócio branco negava ao sócio negro a participação de lucros morais na obra em comum. Negava a igualdade e negava a fraternidade, embora a Lei, que paira serena acima do sangue, consagrasse a equiparação dos dois sócios. E viu Jim que a Justiça não passava de uma pura aspiração – e que só há justiça na terra quando a força impõe. (...) O candidato da raça negra é Jim Roy”*. Monteiro Lobato, “O titã apresenta-se”, *O Choque. A Manhã*, 18/09/1926 e 19/09/1926. Página 05.

²⁷³ *“Os eleitores não saíam de casa – radiavam simplesmente os seus votos com destino à estação central receptora em Washington. Um aparelho engenhosíssimo os recebia e apurava automática e instantaneamente, imprimindo os totais definitivos na fachada do Capitólio. De há muito se haviam eliminado as hipóteses de fraude, não só porque a seleção elevava fortemente o nível moral do povo, como ainda porque a mecanização dos tramites entregava todo o processo eleitoral às ondas hertzianas e à eletricidade, elementos estranhos à política e da mais perfeita incorruptibilidade”*. Monteiro Lobato, “Vésperas do Pleito”, *O Choque. A Manhã*, 17/09/1926. Página 05.

²⁷⁴ Monteiro Lobato, “O Orgulho da Raça”, *O Choque. A Manhã*, 22/09/1926. Página 05.

defender sua raça. O orgulho branco não aceitaria ser governado por um negro, enquanto Jim afirmava que, tendo a América em suas mãos, iria dividi-la de qualquer maneira. Não tendo acordo possível, Kerlog convoca a Suprema Convenção da Raça Branca.

Nesta Convenção estiveram presentes, além do presidente, seis dos maiores expoentes americanos: George Abbot, chefe das indústrias das bonecas falantes; John Perkins, comerciante de pele de lontra branca; Harmsworth, diretor do Banco Nacional; John Leland, criador da Puericultura Estética; John Dudley, pai da cor número 8 e autor de 72 invenções; Dorian Davis, poeta de um soneto. Sem grandes discussões e brigas, afinal de contas precisam resolver uma “dor de cabeça histórica”, John Leland leu um documento (do qual Miss Jane afirma não ter tomado conhecimento, mas que logo saberemos do que se trata) com o qual todos concordaram:

*“Estava lavrada a sentença de ponto final do negro na América! Sem verboréia, sem inútil dispêndio de retórica, sem citação dos gros bonnets da etnologia e da sociologia, a Suprema Convenção da Raça Branca traçara o diagnóstico e dera o remédio exato”.*²⁷⁵

Entretanto, essa era apenas a solução teórica. Era necessário descobrir uma maneira de colocá-la em prática. Alguns, como o Ministro da Paz (que substituiu os nossos atuais ministros da guerra), acreditavam ser a solução impossível. Outros, como o presidente Kerlog, tinham certeza e confiança na inteligência da raça branca²⁷⁶.

A grande verdade é que após oito dias da Suprema Convenção da Raça Branca havia sido descoberta a “aspirina” para a “dor de cabeça histórica” dos brancos. John Dudley, o autor de 72 invenções e prestes a se tornar o inventor da 73ª, depois de alguns anos de pesquisa, finalmente tinha encontrado a solução para um problema que afligia os negros: os cabelos encarapinhados. Com os séculos e ajuda da ciência, a raça negra já havia sido despigmentada, através da destruição do pigmento. E sua cor já não era mais a negra e, sim algo que se assemelhava ao vermelho, uma espécie de esbranquiçado ou cor de “barata descascada”, nas palavras de nosso narrador:

²⁷⁵ Monteiro Lobato, “A Convenção Branca”, *O Choque. A Manhã*, 24/09/1926. Página 05.

²⁷⁶ “Jim baixou a cabeça. Viu aberto à sua frente o eterno abismo. O sangue branco tinha a dureza do diamante. Armado de mais cérebro, dos vales dos Ganges partira para a ousada aventura conquistadora e vencera sempre e não cederá nunca. Era o nobre, o duro, o eterno senhor cujo raio fulmina. Era o criador. Do rude instinto de matar do troglodita extrairá a sua grande arte, a Guerra. Forjara a espada, dominara o gás que explode, violara o profundo das águas e amplidão dos ares. E com esse feixe de armas incoercíveis rodeara como de baionetas o diamante do seu Orgulho”. Monteiro Lobato, “O Orgulho da Raça”. Op Cit. 22/09/01926. Página 05.

*“Quase toda a população negra da América apresentava pele igual à sua. A ciência havia resolvido o caso de cor pela destruição do pigmento. De modo que se Jim Roy aparecesse diante de nós hoje, surpreenderia da maneira mais desconcertante, visto como esse negro de raça puríssima, sem uma só gota de sangue branco nas veias, era, apesar de ter o cabelo carapinha, horrivelmente esbranquiçado”.*²⁷⁷

Para que o processo de transfiguração do negro em branco ficasse completo, restava apenas que a ciência descobrisse uma maneira de tornar o cabelo dos negros igual ao cabelo dos brancos não em termos de cor, mas sim de textura²⁷⁸.

Se, através do processo de desencarapinhamento dos cabelos dos negros, eles ficariam quase idênticos aos brancos, não é impossível supor que este processo já teria sido descoberto há muito pela avançada ciência norte-americana do distante século XXIII. Se o problema para os brancos era o sangue, “*Acima da América está o Sangue*”²⁷⁹, na frase de Kerlog para Jim Roy, se a solução branca para o binômio racial era a expatriação do negro para o Vale do Amazonas, ou seja, para bem longe das vistas e do contato com o branco, se a América vivia dividida pela raça, que foi impedida de se misturar, é bem provável que os brancos não desejassem que os negros pudessem ser confundidos com seus tipos arianos perfeitos e estragassem todo um processo de separação e exclusão construído ao longo dos séculos. Infelizmente, isso não fica claro no folhetim de Monteiro Lobato, mas não é ficção científica, como seu porviroscópio-racista.

Os raios Omega criados pelo cientista alisavam os cabelos encarapinhados dos negros tornando-os iguais aos dos brancos: “*Com três aplicações apenas o mais rebelde pichaim tornava-se não só liso, como ainda fino e sedoso como o cabelo do mais apurado tipo de branco*”.²⁸⁰ Os negros finalmente conseguiriam a equiparação da raça, uma vez que cor da pele, apesar de ser uma cor “desagradável” aos olhos, a ciência solucionara assim como acabava de resolver o “estigma de Cam”:

“Os negros chegaram a tomar-se de puro êxtase, convictos de que das Alturas descera a pugnar por eles alguma alta divindade, como outrora os bons deuses do Olimpio. Mal repostos ainda da emoção conseqüente da vitória de Jim Roy,

²⁷⁷ Monteiro Lobato, “No ano 2228”. Op Cit. 14/09/1926. Página 05.

²⁷⁸ “O processo científico de embranquece-los aproximava-os dos brancos na cor, embora não lhes alterasse o sangue nem o encarapinhamento dos cabelos. O desencarapinhamento constituía o ideal da raça negra, mas até ali a ciência lutara em vão contra a fatalidade capilar. Se isso se desse, poderia o caso negro entrar por um caminho imprevisto, a perfeita camouflagem de negro em branco. Tal saída era apenas um sonho dos imaginativos impenitentes”. Monteiro Lobato, “Eficiência e Eugenia”. Op Cit. 17/09/1926. Página 05.

²⁷⁹ Monteiro Lobato, “O Orgulho da Raça”. Op. Cit., 22/09/1926. Página 05.

²⁸⁰ Monteiro Lobato, “Uma dor de cabeça histórica”, *O Choque. A Manhã*, 24/09/1926. Página 05.

*outra os empolgava agora – e esta mais fecunda, pois redundaria num aperfeiçoamento físico da raça. (...) Vir agora, assim de chofre, o resto, o cabelo liso e sedoso, a supressão do teimoso estigma de Cam, era, não havia dúvida, sinal de um fim de estágio. (...) O tipo africano melhorava a ponto de em numerosos casos provocar confusão com o ariano”.*²⁸¹

A descrição de como os negros correram para os Postos Desencarapinhantes é mais um indício da forma que nosso autor via a questão racial. Monteiro Lobato imagina que 100% da população negra aderiu à onda, ou melhor, ao desencarapinhamento dos cabelos, como se essa fosse uma solução. Podemos reconhecer nesta passagem o racismo sem véus, sem cortinas.

Entretanto, Lobato não parou por aí. Além dos negros já terem perdido sua cor característica, agora pelos mágicos raios Omega adquiriram duas novas características: além dos cabelos lisos e sedosos, uma consequência não explicitada antes no romance. Na verdade, a finalidade máxima da 73ª invenção de John Dudley era literalmente mortal para a raça negra: a total e completa esterilização! Como disse Miss Jane, ou melhor, Monteiro Lobato no início do folhetim o binômio racial, que agora se transformou em monômio, foi “*resolvido da maneira mais completa, sem sacrifícios dos negros existentes e sem transigência dos brancos*”. Traída pela astúcia do branco, a raça negra, agora, dentro de pouco tempo deixaria de existir em território norte-americano, como se fosse uma doença combatida por meio de vacinas. Durante alguns meses, esse foi um “segredo de estado”. Mas como a natalidade dos negros começasse a apresentar uma enorme baixa²⁸² foi necessários que o mistério viesse a público e o 88.º Presidente dos Estados Unidos leu

“o documento que até hoje, na vida da humanidade, mais fundo calou na alma do homem. Dizia essa peça para sempre memorável: O governo americano vem dar conta ao povo do golpe de força a que foi arrastado em cumprimento da suprema deliberação dos chefes da raça branca, reunidos em palácio no dia 7

²⁸¹ Monteiro Lobato, Idem. 25/09/1926. Página 05. É interessante observar como a literatura insiste em afirmar que o sonho dos negros é tornar-se branco um dia. Esta questão nos remete a uma música do grupo carioca O Rappa, que canta exatamente o contrário, como diversos outros exemplos: “Que bloco é esse/ eu quero saber/ é o mundo negro/ que viemos mostra pra você/ pra você/ como crioulo doido/ como bem legal/ temo cabelo duro/ como black pow/ branco se você soubesse/ o valor que o preto tem/ tu tomava um banho de piche, branco/ e ficava preto também/ não te ensino minha malandragem/ nem tão pouco minha filosofia/ por que? / quem dá luz ao cego/ é bengala branca/ e santa luzia/ ai, ai, meu deus!” (Paulinho Camafeu) – O Rappa. CD: “O Rappa Mundi”, 1996.

²⁸² “Um fato, entretanto, fez-se notado. Meses depois do aparecimento dos raios Omega o índice da natalidade negra caiu de chofre. Março, precisamente o nono mês a datar da abertura dos primeiros postos desencarapinhantes, acusa uma queda de 30%. Esta porcentagem subiu ao dobro em abril e chegou a 97% em maio. Em junho, as estatísticas só registravam 122 negrinhos novos”. Monteiro Lobato, “Crepúsculo”, *O Choque. A Manhã*, 01/10/1926. Página 05.

de maio de 2228. Foi aprovada nessa assembléia a moção Leland, resumida nestas palavras: 'A convenção da raça branca decide alterar a Lei Owen no sentido de incluir entre as taras que implicam a esterilização o pigmento negro camuflado... A raça branca autoriza o governo americano a lançar mão dos recursos que julgar convenientes para a execução desta sentença suprema e inapelável'".²⁸³

Desta forma, Monteiro Lobato solucionou o problema racial na América do Norte. O Publisher, como Lobato gostava de afirmar, não permitiu que o folhetim fosse editado na terra da Ku-Klux-Klan alegando que, apesar do tema e do enredo serem extremamente interessantes, esse era um assunto muito delicado para aquele país. Não temos notícia de nenhuma outra edição deste livro, a não ser as duas brasileiras: ambas pela Companhia Editora Nacional, em 1927 e 1945, nas quais Lobato dedica o livro a Arthur Neiva e a Coelho Neto.

A ciência criada por Francis Galton em 1883 está plenamente aplicada, desenvolvida, explicada didaticamente no livro de Monteiro Lobato. Nele não falta a demonstração de todos os princípios, meio e fins aos quais a ciência e seus prosélitos (e incluía-se o nome de Lobato entre eles), desejavam chegar na busca da humanidade perfeita. Os exemplos são múltiplos e todos estão localizados nos Estados Unidos da América do Norte em 2228. Mas não podemos nos utilizar desta localização geográfica e desta longínqua data para desculpar o autor deixando de atentar para aquilo que sua literatura quer a seus leitores dizer.

É significativo que este livro tenha sido esquecido ou apagado pela fortuna crítica de Lobato, em um país que cultua seu autor como um dos grandes da nossa literatura. Lobato escreveu livros para crianças que sobrevivem até hoje, reeditados sucessivamente; suas histórias são adaptadas para a televisão, sem que seus nexos e significados históricos e políticos sejam trazidos à luz. Entretanto, seus elos como o conjunto da obra lobatiana não podem ser escamoteados: da mesma pedagogia, o mesmo didatismo que o autor usou para encantar gerações sucessivas de pimpolhos brasileiros, ele lançou mão em seu único

²⁸³ Idem. "Pela primeira vez na vida dos povos realizava-se uma operação cirúrgica de tamanha envergadura. O frio bisturi de um grupo humano fizera a ablação do futuro de um outro grupo de cento e oito milhões sem que o paciente nada percebesse. Araçá branca, afeita à guerra como a ultima ratio da sua majestade, desviava-se da velha trilha e impunha um manso ponto final étnico ao grupo que ajudara a criar a América, mas com o qual não mais podia viver em comum. Tinha-o como obstáculo ao ideal da Super-Civilização ariana que naquele território começava a desabrochar, e, pois não iria render-se a fraquezas de sentimentos, nocivas à esplendorosa florescência do homem branco". Idem.

“romance” a serviço da idéia do “aperfeiçoamento físico e moral da espécie” que, embora comum e forte em sua época, estava longe de constituir uma unanimidade intelectual e política.

Com a aplicação das leis eugênicas, sonhavam Lobato, Kehl, Netto e tantos outros, as ruas ficariam mais agradáveis visualmente e não iríamos atrair turistas suecos para nossos “O Pátio dos Milagres”. O Jeca Tatu deixaria de ser símbolo nacional para virar uma simples referência do passado pronto para ser esquecido e, poderíamos, então, fazer uma visita à roça, ou melhor, ao Sítio de Dona Benta, sem nos incomodarmos com a miséria visual, física e moralmente desagradável de nossos caboclos em contraste com a sociedade letrada e culta que freqüentava os grandes salões dos hotéis chiques do Rio de Janeiro ou a famosa Confeitaria Colombo. Mas não pensem que o folhetim eugenista e racista foi a última referência, um descuido passageiro em relação à questão racial. Se a maneira para desculpá-lo pelo *Choque das Raças* é assinalar a trama futurista referida a outro país, uma carta escrita por ele e endereçada a Arthur Neiva, desfaz de vez a possibilidade das dúvidas.

Três páginas datilografadas e com a assinatura característica que acompanha toda a correspondência para esse amigo sanitarista guardada nos arquivos do CPDOc.... A data, 10/04/1928, nos faz lembrar que Monteiro Lobato já residia em Nova York como Adido Comercial do governo brasileiro há quase um ano. Como tal, e respeitando sua paixão pelo país e pelo povo norte-americano, que havia presenteado o mundo com Henry Ford, a expressão máxima do idealismo orgânico americano, como disse Miss Jane a Ayrton Lobo, empolga-se com o processo de produção de minério e ferro, chamado de processo Smith:

*“Mas na Ford Motor, depois de milhares de experiências, Mr. Smith chegou a um resultado imprevisto. Criou um tipo de forno muito maneiro (...). Esse forno trabalha com metade do calor necessário aos altos fornos e não funde o minério; transforma-o em uma massa esponjosa, friável que se reduz a pó facilmente e do qual o ferro é extraído por separação magnética. (...) Confessou-me ele que o processo vai mudar a atual situação de dependência de um país para com outro em matéria siderúrgica”.*²⁸⁴

Encantado com a possibilidade do Brasil começar a produzir ferro por conta própria, tarefa nacionalista que o empolgava, Lobato em Nova York, e Neiva no Rio de Janeiro começam a trabalhar para que o Brasil adquira os direitos de utilização do forno em solo nacional. Entretanto, não contavam com a falta de credibilidade que este processo

²⁸⁴ Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva. N. Y. 9/09/1927. Arquivo Arthur Neiva. Código 36.

encontraria no Brasil. Notas começam a sair nos jornais acusando Lobato de mentiroso e Neiva de cúmplice e assim começa sua série de ataques epistolares: “É tão mesquinha a nossa imprensa que já aparecem naqueles piolhentos jornais do Rio várias coisas atribuídas a mim, opiniões, frases, etc. – que eu nunca tive nem comuniquei a ninguém. Até em telegrama já vi uma opinião minha sobre o Instituto do Café, instituição da qual estou virgem de idéias”.²⁸⁵ Inconformado com a falta de credibilidade que encontra no país natal acerca de questões estrangeiras, Lobato afirma que o brasileiro “que não passa de português degenerado”²⁸⁶ não tem capacidade para compreender o fenômeno americano e nele se espelhar. O exemplo a ser seguido não era Inglaterra, França ou Canadá. O país no qual devíamos nos espelhar em todos os aspectos da vida era o país que não dorme sobre os louros da vitória. Lobato realmente acreditava nisso e queria segui-los em tudo.

Quando Lobato foi para os Estados Unidos, com seu livro debaixo do braço na esperança frustrada de lá editá-lo, não pensou que pudesse dar um outro desfecho no romance. O efeito seria o mesmo, mas talvez o editor achasse mais agradável um final mais familiar, com algo que realmente estivesse acontecendo por lá. Um desfecho que ao invés de esterilização em massa dos negros contemplasse hordas de assassinos que, com objetivo de assustar, amedrontar e eliminar os negros andavam pelas noites encapuzados, vestidos de branco e carregando uma cruz. O romance, por enquanto, ficou no âmbito da ficção, ou do desejo de um talentoso literato. Ainda bem que o trecho que se segue também ficou apenas no desejo feroz de um racista chamado Monteiro Lobato:

*“Diversos amigos me dizem: Por que não escreve suas impressões? E eu respondo: Porque é inútil e seria cair no ridículo. Escrever é aparecer no tablado de um circo muito mambembe, chamado imprensa, e exhibir-se diante de uma assistência de moleques feeble-minded e despídos da menor noção de seriedade. Mulatada, em suma. País de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan é país perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa frase as duas atitudes. ‘Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brasil.’ Um dia se fará justiça ao Klux Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro no seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo o jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destroem a capacidade construtiva”.*²⁸⁷

²⁸⁵ Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva. N. Y. 10/04/1928. Arquivo Arthur Neiva. Código 39.

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ Idem.

O choque das raças

Insuaça americana de Monteiro Lobato



A Manhã, 3/09/1926.

Capítulo 3: A Eugenia no Sítio de D. Benta.

3.1)O lúdico a serviço da nação:

Alguns meses antes do fim da gestação da idéia-mãe de seu romance americano, Monteiro Lobato já parecia antever o fracasso do livro. Em carta a seu melhor amigo e correspondente de quarenta anos, o autor afirmou já estar enjoado de escrever para adultos e que gostaria de dedicar-se às crianças: “*Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. (...) Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar*”.²⁸⁸

Se as idéias eugênicas não haviam sido muito bem recebidas pelo público “adulto”, uma outra forma de propagá-las e disseminá-las poderia ser através das crianças. O velho ditado “é de pequenino que se torce o pepino” deve ter parecido a Lobato uma boa alternativa. Já que as gerações em idade de compreender a importância e a necessidade de se realizar “reformas” sociais com o intuito do progresso e da civilização não as abraçaram, talvez o resultado esperado fosse alcançado nas gerações seguintes de governantes, médicos, professores, engenheiros, advogados, enfim, os futuros tutores da nação.

Quando escreveu esta carta para Godofredo Rangel, Lobato já havia começado a saga dos livros do Sítio do Pica-Pau-Amarelo. *A Menina do Narizinho Arrebitado*, o primogênito de todos, teve sua primeira publicação, em formato de livro, em 1920, alcançando enorme sucesso entre as crianças. No ano seguinte foi adotado pelas escolas públicas de São Paulo pelo então presidente do Estado, Washington Luís²⁸⁹. Alguns episódios da história já haviam saído na *Revista do Brasil* em janeiro e fevereiro do mesmo ano, periódico que ainda era de propriedade do autor. Durante a década de 20, Monteiro Lobato publicou diversos “pequenos” episódios, como *O Marquês de Rabicó* em 1922 que, mais tarde, em 1931 seriam reunidos no livro *Reinações de Narizinho*. Entretanto, não pretendemos tratar aqui das edições e reedições dos livros da série do Sítio do Pica-Pau

²⁸⁸ Monteiro Lobato. *A Barca*. Tomo II. Página 293. Rio, 07/05/1926.

²⁸⁹ Washington Luís foi o secretário que nomeou Monteiro Lobato para a Promotoria de Areias em 1907 e 20 anos mais tarde designou o autor para o cargo de adido comercial do governo brasileiro em Nova York, já como Presidente da República. Pode ser que a “adoção” do livro se deu por relações pessoais, mas não deixa de ser tentador imaginar que sua “utilidade” política tenha sido percebida pelos governantes.

Amarelo. Não que esta análise não seja importante. Mas nosso objetivo neste capítulo é mostrar de que forma Monteiro Lobato divulgou idéias eugênicas (e racistas) nos seus livros “infantis”.

Em primeiro lugar, cabe questionar os critérios que instituíram a divisão feita entre literatura “adulta” e literatura “infantil”, já sugerida no capítulo anterior. Na verdade, ambas mantinham um claro sentido pedagógico e, mais importante, um mesmo objetivo ou horizonte político. A distinção, feita quando o autor era ainda vivo, não cabe mais nos dias de hoje. Da mesma maneira que Monteiro Lobato abusou da didática em seus contos e crônicas – como, por exemplo, Jeca Tatu ou as crônicas do saneamento ou ainda em *O Choque das Raças*, para mostrar e convencer seu leitor, assim fez no Sítio do Pica-Pau-Amarelo. Podemos admitir, é claro, uma grande diferença na linguagem utilizada por Lobato. É bem provável que uma criança não entendesse bem o vocabulário nem o significado de muitas “lições” contidas na obra do autor.

Muitas vezes Monteiro Lobato vinculou didaticamente temas e pontos de vista expressos em seus livros para adultos e crianças. Por exemplo: se escreveu *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*, em 1936, narrando sua luta em defesa do “ouro negro” nacional, no ano seguinte os personagens do Sítio (e seus milhares de leitores) aprendem a importância do petróleo para o Brasil pela voz do Visconde de Sabugosa em *O Poço do Visconde*. Se Lobato não aceitava certas regras da língua portuguesa e, por vezes, tinha até algumas dificuldades em seu uso, em *Emília no País da Gramática*, de 1934, os personagens aprendem o português de uma forma clara e divertida, e a boneca de pano chega até a reformar regras gramaticais e ortográficas. Plano que não obtém sucesso, mas demonstra o descontentamento de Lobato/ Emília com arcaísmos da língua.

Seguindo o sucesso da visita dos personagens à terra do português, o autor dedicou-se a ensinar matemática, em *Aritmética da Emília* de 1935. Entretanto, não é a este tipo de didática que estamos nos referindo. Está claro que livros como os dois citados constituem uma excelente tática para buscar o interesse de crianças para matérias que, geralmente não eram as prediletas do pequeno público. O que buscamos aqui é discutir de que maneira essa pedagogia serviu para outros fins e interesses que, ao contrário das explicações das regras de matemática ou gramática, nem sempre estão explícitos nas obras do Sítio.

Um histórico da literatura infantil brasileira nos mostra que, antes de Lobato, poucos foram os livros destinados à infância. A maior parte deles eram livros portugueses, que não eram adaptados ou atualizados para o público brasileiro gerando uma certa dificuldade de compreensão entre as crianças²⁹⁰. Ou, ainda, eram livros sérios com objetivos claros de educar e moralizar as crianças brasileiras, ensinando práticas e costumes que elas deveriam seguir durante toda a vida.

*“A produção inicial de uma literatura endereçada à criança no Brasil data dos primeiros anos deste século. Esta se caracterizava por uma concepção de escrita voltada para descrição de um cotidiano infantil modelar, apresentando personagens esquemáticos, dotados de virtudes a serem incorporadas e defeitos a serem evitados e corrigidos pelo leitor infantil, veiculando-se através do texto preceitos morais, cívicos e religiosos”.*²⁹¹

Neste artigo, a autora procura demonstrar que a produção literária infantil de Lobato tem uma forte característica de ruptura com aquilo que era produzido para crianças, com caráter pedagógico, procurando se afastar dessa concepção da vida na infância como miniatura da vida adulta. Segundo Soares Gouvêa, Monteiro Lobato percebeu que a melhor maneira de se falar às crianças era através da imaginação e do fantástico, criando universos paralelos e negando, dessa forma, a realidade da vida: *“A construção de um texto de caráter não realista constitui um dos eixos centrais de sua ruptura. (...) O texto deveria não auxiliar a criança na inserção na realidade adulta, transmitindo-lhe preceitos morais, mas permitir que ela se evadisse da vida cotidiana, transpondo-se para um universo interno ao texto”.*²⁹²

Está claro que o lúdico faz parte da literatura de Lobato, não só para crianças, como também em *O Choque das Raças*. A perspectiva pedagógica alia-se à dimensão de fantasia na literatura voltada para adultos. Ensinar a língua portuguesa ou a matemática para crianças com fantasias divertidas foi uma excelente maneira encontrada por Lobato não apenas para vender livros, como também para suprir uma necessidade e uma demanda

²⁹⁰ “Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso – abraçar a linguagem”. Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 275. S. Paulo, 11/01/1925. É importante observar que a indústria do livro no Brasil sofreu uma grande revolução pelas mãos de Lobato, uma vez que a maior parte dos livros não era impressa no Brasil e sim em Portugal.

²⁹¹ Maria Cristina Soares de Gouvêa, “A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim” in Eliane Marta Teixeira Lopes & Maria Cristina Soares de Gouvêa (org.). *Lendo e Escrevendo Lobato*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 1999. Página 13.

²⁹² Idem. Página 17.

dentro da literatura brasileira. Tal necessidade foi sentida pelo próprio autor ao procurar histórias que pudesse contar para seus filhos:

*“Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura, que nada acho para a iniciação de meus filhos”.*²⁹³

Se encontramos na obra para crianças de Lobato uma saudável intenção pedagógica, seu conteúdo pode não ser tão inocente, ou tão saudável assim. Da mesma maneira que ensinou pela voz de Emília, D. Benta e outros personagens do Sítio, matemática, geografia, português e outras matérias ministradas nas escolas, Lobato foi, aos poucos, incutindo nas crianças o racismo e os preceitos da eugenia quando pretendia transmitir-lhes princípios cívicos e higiênicos. Assim como Miss Jane, ao longo do livro analisado no capítulo anterior, doutrinou seu ouvinte Ayrton Lobo sobre as vantagens da aplicação prática da ciência eugênica, nos livros do Sítio do Pica-Pau-Amarelo essas idéias foram desenvolvidas e ensinadas, de maneira implícita, gradual, articulada e constante.

Ao misturar o lúdico, o mundo do irreal (com visitas de Peter Pan ou um Reino das Águas Claras) com uma linguagem de fácil entendimento e rápida absorção pelas crianças, Monteiro Lobato produziu uma coleção de cunho eugênico e racista, como *O Choque das Raças* – embora com resultados melhores do ponto de vista de sua eficácia comunicativa. As pistas são dadas pelo próprio autor, através das falas de seus famosos e inesquecíveis personagens. Em *Emília no País da Gramática*²⁹⁴ o livro tem início com uma constatação de Pedrinho: a gramática ensinada por D. Benta era muito mais fácil de se aprender que aquela ensinada em sua escola: *“Ah, assim, sim! – dizia ele. – Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas,*

²⁹³ Monteiro Lobato. *A Barca*. Página 104. Fazenda, 8/9/1916.

²⁹⁴ Todas as referências dos livros do Sítio aqui utilizadas são da coleção do Círculo do Livro, publicadas na década de 80 em 15 volumes, mas sempre colocaremos a data da primeira publicação de cada um de seus livros aqui analisados. Sabemos das reedições que o próprio autor fez de suas obras, muitas vezes alterando dados, acrescentando ou retirando fatos. Entretanto, o que nos importa realmente nesta dissertação são as idéias do autor, o que encontramos plenamente desenvolvidas nesta coleção de capa amarela, muito bem ilustrada e que é fiel sempre a última edição ou revisão feita por Monteiro Lobato antes de falecer, para a edição de suas obras completas pela Editora Brasiliense em 1947 com dezessete volumes.

gerúndios...”²⁹⁵ A idéia de irem passear pelo País da Gramática foi da boneca de pano, que sempre atenta a tudo e a todos, estava junto com Pedrinho recebendo as lições sobre a língua portuguesa. Mas o mais importante deste trecho é a idéia já arraigada da facilidade com que os meninos aprendem as coisas que a avó ensina e que é apenas confirmada por Pedrinho. Os pequenos leitores de Lobato deviam ter essa mesma sensação.

Em *O Choque das Raças* as crianças eram a grande preocupação da sociedade norte-americana de 2228:

*“A criança tinha na América de 2228 uma importância capital. Toda a vida do país girava-lhe em torno. Era a criança, além do encanto do presente, o futuro plasmável como a cera. Os maiores gênios da raça se consagravam a estudá-la, com tão dúctil matéria prima irem esculpindo a obra única que apaixonava o americano – o Amanhã”.*²⁹⁶

Na obra do Sítio esta preocupação permanece, só que desta vez pela voz dos personagens infantis que têm plena consciência de sua importância no mundo: *“Nós precisamos endireitar o mundo, Pedrinho. Nós quem, Emília? Nós crianças; nós que temos imaginação. Dos adultos nada há a esperar... Dobre a língua, hein? Quando falar em adultos, excetue vovó e Simão Bolívar”.*²⁹⁷ Além de instruir as crianças de que são elas que podem “endireitar” o mundo, Lobato ainda demonstra pela voz de Emília seu descontentamento com os adultos; é claro que D. Benta não pode entrar nesta lista uma vez que ela é o ideal de adulto e de avó: muito inteligente e sempre atenta aos últimos lançamentos em matéria de livros; compreensiva com seus netos mas, ao mesmo tempo, sempre procurando mostrar o que é certo e o que é errado. É através dela que os personagens vão sendo paulatinamente instruídos, é ela que passa suas idéias para os meninos sobre o mundo, sobre história, geografia e outros assuntos que Lobato considerava

²⁹⁵ Monteiro Lobato. *Emília no País da Gramática*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., sem data. Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 6. Página 9/10. Primeira edição: Companhia Editora Nacional, 1934.

²⁹⁶ Monteiro Lobato, “Crepúsculo”. *O Choque das Raças. A Manhã*, 29/09/1926. Página 05.

²⁹⁷ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., sem data. Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato. Volume 4. Página 261. Grifos do autor. Primeira edição: Companhia Editora Nacional, 1933. Pedrinho estava encantado com Simon Bolívar, pois no serão da noite anterior D. Benta havia falado aos pequenos sobre o homem que havia libertado várias colônias latino-americanas: *“Ah, meu filho, esses Bolívar - Simão Bolívar – foi a maior figura política da América Latina. Aparece na história do nosso continente como o Aconcágua aparece na geografia dos Andes. Daí ser conhecido como El Libertador. Foi o grande criador das nações. O que fez George Washington para os Estados Unidos fez Bolívar para uma série de países da América do Sul – libertou-os do domínio espanhol”.* Idem. Página 258.

importante²⁹⁸. Assim, o autor tomou aparentemente para si, através dos seus personagens, a tarefa de instruir e moldar, através das crianças, o futuro do país.

3.2)O lugar da negra.

A idéias de Emília, por todos os personagens chamada de “torneirinha de asneiras” e, por isso mesmo, autorizada, devem ser investigadas. Seus arroubos de racismo explícito são inúmeros²⁹⁹. Se fôssemos citar todos, esta humilde dissertação seria pequena demais. Mas vamos ver um deles: “*Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora!...*”³⁰⁰ Um excelente estudo sobre a representação do negro na obra de Monteiro Lobato é “Negros e Negras em Monteiro Lobato”, de Marisa Lajolo. A autora aborda algumas questões em torno do racismo em dois livros específicos de Lobato (*Histórias de Tia Nastácia* e *O Choque das Raças*), procurando demonstrar que o autor não era o único:

*“Efetivamente, a representação do negro, em Lobato, não tem soluções muito diferentes do encaminhamento que a questão encontra na produção de boa parte da intelectualidade brasileira, e não só da contemporânea de Lobato, como vem ensinando os estudos de Heloísa Toller. Longe de desqualificar a questão, esta ambigüidade torna-a ainda mais relevante. Mas os melhores ângulos para discuti-la não se esgotam nos xingamentos bem intencionados de Emília, absolutamente verossímeis e, portanto, esteticamente necessários numa obra cuja qualidade literária tem lastro forte na verossimilhança das situações e na coloquialidade da linguagem”.*³⁰¹

²⁹⁸ É interessante notar que Tia Nastácia não é salva por Pedrinho da crítica emiliana aos adultos, mesmo sendo uma figura que todos do Sítio diziam amar, mas que veremos que não respeitavam...

²⁹⁹ Mas vamos ver mais dois exemplos apenas: “*Cale a boca! – berrou Emília. – Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e toicinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto fada porque elas não aparecem para gente preta. Eu, se fosse Peter Pan, enganava Wendy dizendo que uma fada morre sempre que vê uma negra beijuda....*”. Monteiro Lobato. *Peter Pan*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., sem data. Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 5. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1930. Página 127. Ou ainda: “*Burrona! Negra beijuda! Deus te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo*”. Monteiro Lobato. *Memórias de Emília*. São Paulo, Círculo do Livro, S.A., sem data. Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 5. Página 81. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional 1936.

³⁰⁰ Monteiro Lobato. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo, Círculo do Livro S.A., sem data. Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 11. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1937. Página 96. “*Em relação à boca, temos a notar, em primeiro lugar, os lábios. Entre os indivíduos da raça branca, são finos e delicados. Na raça negra, ao contrário, são grossos e carnosos. Patologicamente se observam lábios carnosos, em indivíduos linfáticos, principalmente, nos escrofulosos*”. Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 52.

³⁰¹ Marisa Lajolo, “Negros e Negras em Monteiro Lobato” in Eliane Marta Teixeira Lopes & Maria Cristina Soares Gouvêa (org.). *Lendo e Escrevendo Lobato*. Op. Cit. Página 67.

Ao analisar o livro *Histórias de Tia Nastácia*, Lajolo faz uma pequena comparação acerca do lugar que a cozinheira ocupa como narradora assim, como em outros livros do mesmo período, como *Histórias do Pai João* de Oswaldo Orico ou *Histórias da Velha Totonha*, de José Lins do Rego, nos quais negros também assumem o posto de narrador. Em *Histórias de Tia Nastácia*, a narradora dos contos folclóricos³⁰² não é D. Benta ou Emília. O espaço antes ocupado por uma narradora autorizada pela sua sabedoria, por sua cor, pelo seu lugar hierárquico ou familiar de avó bondosa e social de proprietária, passa a ser ocupado por aquela que, em outros livros, tem seu lugar de exclusão reconhecido por todos, inclusive por D. Benta e por ela mesma: a cozinha.

Lajolo chama a atenção para o fato de que as tensões, ao longo do livro, entre Tia Nastácia e seus ouvintes vão se acentuando. As crianças não fazem nenhum esforço para esconder sua insatisfação com as histórias folclóricas que em nada lembravam aquelas que os personagens estavam acostumados a ouvir de D. Benta, a patroa branca. Quando o estoque de histórias de Tia Nastácia acaba, a avó assume a narração do livro, o que visivelmente agrada mais às crianças, dissolvendo a tensão existente entre os personagens e a narradora negra. Além disso, as crianças pedem que D. Benta conte histórias folclóricas de países europeus, e não do folclore brasileiro, como havia feito Tia Nastácia.

*“E agora? – perguntou Narizinho. – Ainda sabe mais alguma coisa do jabuti? Arre, menina. Que tanto quer?”- respondeu a preta. – Não sei mais nada, não. Chega. Tenho de ir cuidar do jantar. Até logo. Então vovó que conte mais algumas. Dona Benta respondeu: Eu sei centenas de histórias. O difícil está na escolha. Sei histórias do folclore de todos os países. Então conte uma do folclore da Índia! –pediu o menino. Da Índia, não. Da China – pediu Narizinho. Da China, não. Do Cáucaso – pediu a boneca, que andava com mania de coisas russas. E Dona Benta contou uma história do folclore do Cáucaso”.*³⁰³

³⁰² O interesse pelo folclore parte de Pedrinho que, ao ler uma notícia de jornal (mais uma vez Pedrinho está lendo jornal, como todo bom menino inteligente e, além de ler se interessa por aquilo que lê), quer saber mais sobre folclore. Ao pedir que Emília questionasse a avó sobre o que seria este termo: “*Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos – os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc e tal. Por que perguntas isso, Pedrinho? O menino calou-se. Estava pensativo, com olhos lá longe. Depois disse: Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai contando de um para o outro, ela deve saber. Estou com plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela. Emília arregalou os olhos. Não está má a idéia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe. As negras velhas – disse Pedrinho – são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se Tia Nastácia não é uma segunda Tia Esméria? Foi assim que nasceram as Histórias de Tia Nastácia”.* Idem. Página 7/8.

³⁰³ Idem. Página 127/128.

É interessante, nesta citação observar dois fatos: em primeiro lugar, além do estoque de Tia Nastácia terminar, ela precisa ir cuidar da cozinha, seu lugar de confinamento e reclusão, abrindo espaço para D. Benta que assume o posto até o final do livro. Ou seja, um pouco menos da metade do livro, que talvez não devesse chamar *Histórias de Tia Nastácia* e sim, como sugeriu Marisa Lajolo, *Um parêntesis na vida do Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Além disso, a avó afirma que sabe histórias de vários lugares, o que apenas cristaliza sua posição de superioridade frente a Tia Nastácia, que teve seu estoque rapidamente esgotado. Outra questão é a forma como o livro termina, ajudando a cristalizar a idéia de que as histórias européias são mais interessantes e inteligentes do que as folclóricas ou, como diriam os personagens do Sítio, do povo - que, coincidentemente, Monteiro Lobato traduziu e publicou: “*Também estou farta – disse Narizinho. – Histórias do povo não quero mais. De hoje em diante, só as assinadas pelos grandes escritores. Agora cama! Narizinho bocejou três vezes... E a criançada foi dormir*”.³⁰⁴

Lajolo é uma das poucas especialistas que se dedicam ao estudo de Monteiro Lobato a reconhecer e, principalmente, analisar o racismo na obra do autor. Tio Barnabé, considerado pela autora a versão masculina de Tia Nastácia, também é marginalizado e excluído do lugar de destaque do Sítio no qual só tinham espaço os personagens brancos e os sábios, como o Visconde ou ainda a boneca de pano.

*“A hipótese [de que os serões de Tia Nastácia são um parêntesis na vida do Sítio] e ganha força em outras passagens da obra lobatiana como, por exemplo, no fato de Tio Barnabé (versão masculina de Tia Nastácia...) também ficar confinado, ao longo de toda a obra infantil lobatiana, a papéis secundários. Mesmo em *O Saci*, obra que aparentemente desmente essa secundariedade, o papel dele é o de coadjuvante de Pedrinho, auxiliar ao qual o menino recorre em situação bastante próxima da que original as Histórias de Tia Nastácia”.*³⁰⁵

Nos livros em que D. Benta conta histórias para os personagens, os famosos serões, Tia Nastácia muitas vezes aparece no livro apenas para avisar que a pipoca está pronta ou o chá está servido anunciando, desta forma, o fim da aula de cultura e civilização da patroa branca³⁰⁶. Quando Tia Nastácia se interessa em tomar parte dos serões junto com os outros personagens, como em *Peter Pan* ou em *O Poço do Visconde*, sempre dorme e nunca

³⁰⁴ Idem. Página 147.

³⁰⁵ Marisa Lajolo, “Negros e Negras em Monteiro Lobato”. Op. Cit. Página 75.

³⁰⁶ Apenas um dos muitos exemplos: “*Pipoca! Pipoca! – berrou lá na cozinha Tia Nastácia – e naquela noite ninguém mais quis saber dos teutões*”. Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 135.

consegue acompanhar³⁰⁷. Podemos pensar que Tia Nastácia está dormindo porque trabalhou o dia inteiro cuidando do Sítio, de D. Benta e de seus netos. Mas não há nenhum tipo de referência a isso. Pelo contrário. As sonecas da cozinheira durante os serões são encarados pelos personagens como falta de interesse e incapacidade da negra, sempre recriminados como forma de, mais uma vez, excluí-la das aulas oferecidas por D. Benta.

Em *Geografia de Dona Benta* a necessidade de Tia Nastácia acompanhar os personagens ao redor do mundo é pura e simplesmente pelo fato de precisarem de uma cozinheira. Mais uma vez Tia Nastácia aparece apenas para avisar que o jantar está servido ou para dizer que a comida a bordo está acabando. Quando fazem uma pequena parada nos Estados Unidos da América, mais precisamente em Nova York e na Califórnia, Tia Nastácia desembarca junto com todos os outros. Para tanto, D. Benta afirma ser necessário que aprendessem um pouco de inglês para não envergonharem o Brasil em terras estrangeiras. Enquanto se aproximam do país símbolo para Monteiro Lobato, Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde, Quindim – Rabicó não viaja com os personagens neste livro - tomam lições da língua com D. Benta. Com exceção de Tia Nastácia, que não consegue aprender uma única palavra do idioma e ainda faz questão de afirmar que essa língua é do Diabo, já que ninguém consegue entendê-la.

*“Desde esse dia a rotina a bordo mudou muito. Só se cuidava de aprender inglês. Era Yes para cá, How are you para lá, Goodbye, Thank you e mil frasezinhas das de uso mais freqüente. Quem sofreu com a mudança foi o cozinheiro, porque os meninos, a fim de praticar, só queriam falar inglês. Mr. Cook – dizia por exemplo a menina - , give a knife. Aquilo era simples, era o mesmo que dizer: Senhor cozinheiro, arranje-me uma faca, mas a pobre negra não entendia patavina”.*³⁰⁸

Apesar dos protestos³⁰⁹ de Tia Nastácia, os personagens continuam seu treino e Quindim, com pena da cozinheira, resolve dar-lhe uma lição, na qual Tia Nastácia aprende

³⁰⁷ “*Credo!* – exclamou Tia Nastácia, que estivera cochilando e acordara naquele ponto”. Monteiro Lobato. *Peter Pan*. Página 123. Neste livro, a exemplo da história de Peter Pan que teve sua sombra cortada, Emília resolve ir aos poucos cortando a sombra de Tia Nastácia, que chega ao final do livro quase sem sombra. Outro exemplo dos cochilos de Tia Nastácia? “*Todos concordaram que a lição do Visconde fora boa, exceto Tia Nastácia. A negra dormira o tempo inteiro. E quando Narizinho a censurou por causa disso, respondeu com a maior sinceridade: Pra que ouvir, menina? Não entendo nada mesmo...*” Monteiro Lobato. *O Poço do Visconde*. São Paulo, Círculo do Livro S.A., sem data. Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 10. Página 19. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1937.

³⁰⁸ Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., sem data Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 7. Página 84. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1935.

³⁰⁹ “*Que moda essa agora! – protestava a coitada derrubando o beijo. – Estou que já não sei onde estou. O dia inteiro levam estes diabretes a falar uma língua que só o Diabo entende, e até Dona Benta às vezes*

algumas poucas expressões, como *all right*. Notem que não foi D. Benta que teve paciência de ensinar-lhe e sim o rinoceronte, que vinha das mesmas terras que Tia Nastácia e, provavelmente não queria que uma conterrânea sua fizesse feio no maior país do mundo. Mas foi a boa senhora que recomendou que a tudo que lhe perguntassem a cozinheira deveria responder *all right*:

*“E para Tia Nastácia recomendou: E você, que não sabe nada de inglês, responda All right a tudo quanto perguntarem. Assim não errará muito. A pobre negra já estava sentindo o coração aflito diante das prováveis conseqüências daquela aventura. Mas como sabia da existência de milhões de negros na América, sossegou. Entre eles havia de arranjar-se”.*³¹⁰

Os personagens desembarcam em Nova York e começam a passear por uma das cidades símbolos norte-americanas: “O cortejo seguiu, sempre a mascar chewing gum e com Tia Nastácia a responder All right! a todas as perguntas que lhe eram feitas. Infelizmente sempre saía Ó raio! – e os perguntantes ficavam na mesma”.³¹¹ As esperanças de Tia Nastácia de se arranjar entre os negros norte-americanos foram totalmente frustradas, uma vez que acreditava que todos seriam iguais a ela e, principalmente fariam sua língua:

*“E esses negros que só falam inglês? É outra coisa que me parece arte do Diabo. Ontem criei coragem e saí e cheguei até a esquina. Estava lá olhando aquelas casas que somem na altura quando passou por mim uma negra, tal e qual a Liduína, cozinheira do Coronel Teodorico. Eu arreganhei uma risada de gosto. Uma negra! Uma patrícia minha! E me dirigi para ela dizendo: Como vai? Pois há de crer, sinhá, que a diaba não me entendeu? Olhou para mim, como quem olha para bicho do mato, e disse uma palavra que Seu Pedrinho depois me ensinou: Ai donte anderstande que é como quem diz que não está entendendo nada. Já se viu alguma assim? Fiquei desapontada, porque nunca imaginei que negro falasse inglês. Desde que nasci só vi negro falar brasileiro – inglês só um ou outro branco, ou aqueles estranjas de cara vermelha que às vezes portavam lá no sítio. Mas aqui é isso – até negro – até as negras falam esse raio de língua que ninguém entende...”*³¹²

escapa e me dá ordens nessa língua. Isso assim não serve. Falam esquisito com quem quiserem, mas comigo só quero língua de gente... E inglês não é língua de gente? Língua de gente é língua que a gente entende. Essas que vocês deram de falar só o Diabo entende; logo não é língua de gente. Pelo menos não é língua de cristão. Todos riram da pobre, menos o Quindim, que resolveu dar-lhe umas lições. De noite quando estava de guarda a preta vinha para perto dele e punha-se a decorar palavras inglesas. Aprendeu a dizer All right, que saía sempre Ó raio. Aprendeu o Yes, que é Sim, o No que é Não, e mais algumas coisinhas. E com isso declarou que se arranjaría.” Idem.

³¹⁰ Idem. Página 109.

³¹¹ Idem. Página 111.

³¹² Idem. Página 116.

É interessante notar que Tia Nastácia tem plena consciência de seu lugar, não apenas no Sítio do Pica-Pau Amarelo como também nos Estados Unidos. A cozinheira procurou outra negra para conversar e sentir-se mais à vontade entre seus “irmãos de cor”; mas provavelmente nunca procuraria um branco.

Assim, podemos perceber que os “xingamentos bem intencionados” da boneca de pano não se restringem apenas ao livro *Histórias de Tia Nastácia*. Tampouco o racismo fica restrito a Emília. O extremo desconforto de todos os personagens diante das histórias que Tia Nastácia conta – além, é claro, de ser uma maneira de desqualificar o folclore nacional, parte de uma discussão mais ampla nos anos 20 sobre a questão nacional - não é apenas um xingamento à boa cozinheira. Na verdade, Monteiro Lobato transferiu para a personagem negra que criou em sua obra todo o preconceito e racismo que já havia demonstrado em *O Choque das Raças*. Há uma passagem de *Geografia de Dona Benta* que nos faz recordar o livro analisado e a carta com a qual fechamos o capítulo anterior. Se Monteiro Lobato, em carta a Arhtur Neiva, faz um claro elogio à Ku-Klux-Klan, por que não falaria sobre a barreira entre brancos e negros que havia nos Estados Unidos da América na época em que seus personagens aportaram em terras americanas?

*“Os Estados Unidos são hoje um país de mais de 130 milhões de habitantes, dos quais 14 milhões negros e o resto branco. Mas há lá uma barreira entre os brancos e pretos, de modo que as duas raças pouco se misturaram. Quem é branco fica branco e quem é preto fica preto”.*³¹³

Tudo muito natural e bem organizado, da mesma maneira que não houve nenhuma crítica em relação às “leis espartanas”, aqui também não houve nenhum tipo de questionamento sobre a divisão entre as raças, nem mesmo uma asneira emiliana. Muito pelo contrário: nosso autor dedica quase vinte páginas do livro para falar das virtudes do povo norte-americano, da mesma maneira que fez com a civilização grega em *História do Mundo para Crianças*, como veremos mais adiante.

Se em *O Choque das Raças* nosso autor reavivou as leis espartanas nos EUA de 2228 como uma das melhores formas de aplicação da eugenia, em “O Sítio” não fez o mesmo. Lobato não apresentou personagens defeituosos, com exceção do Saci, que nada mais é que uma lenda. Ao contrário, Lobato criou todos personagens saudáveis, inteligentes, bonitos, robustos e sadios exceto a negra bondosa, servil e ignorante.

³¹³ Idem. Página 98.

Note-se o ideal eugênico de criança, que aprende as lições que os adultos lhes ensinam, sempre pela voz de D. Benta. Pedrinho, de acordo com o adequado perfil de gênero projetado, sempre lia as notícias nos jornais. É sempre ele que demonstra uma aguda capacidade intelectual e curiosidade acerca das coisas, mostrando assim que um menino esperto, saudável, inteligente procura se informar e é capaz de fazer as relações necessárias, até mesmo lembrando de livros do próprio Sítio e os referenciando quando algum assunto já havia sido abordado. Assim, Monteiro Lobato aproveitou, mais uma vez para fazer propaganda de seus livros, dos livros publicados por sua editora e por ele traduzidos e, principalmente, mostrar a importância da leitura.³¹⁴ Narizinho, a menina bondosa, que tem piedade de Tia Nastácia, sempre a defendendo dos ataques ferozes de Emília que é considerada o alter-ego de Monteiro Lobato. A menina é também muito esperta e atenta, assim como seu primo, mas ao mesmo tempo, muito meiga e companheira de sua avó - e evidentemente os papéis de gênero são decisivos na construção de seu perfil. Se participa das aventuras dos personagens do Sítio, é sempre ela a mais cuidadosa e preocupada de todos eles³¹⁵. Se a esperta³¹⁶ boneca de pano é realmente a expressão máxima do nosso autor da infância brasileira, precisamos repensar que sociedade seria a ideal: que Brasil Emília, ou Monteiro Lobato desejava ver surgir?

D. Benta acreditava que as crianças não tinham culpa de não saber, era para isso que existiam as avós: *“Uma criança não tem culpa de não saber, e para que saiba uma porção de coisas úteis é que as vovós contam estas histórias do mundo”*.³¹⁷ Realmente, Monteiro

³¹⁴ “A mentalidade da nossa gente roceira está ainda muito próxima da dos primeiros colonizadores. Por quê, vovó? Por causa do analfabetismo. Como não sabem ler, só entra na cabeça dos homens do povo o que os outros contam – e os outros só contam o que ouviram. A coisa vem assim num rosário de pais a filhos. Só quem sabe ler, e lê os bons livros, é que se põe de acordo com os progressos que as ciências trouxeram ao mundo”. Monteiro Lobato. *Histórias de Tia Nastácia*. Página 64.

³¹⁵ Um excelente estudo sobre Narizinho é o artigo enfeitado em *Lendo e Escrevendo Lobato*, já aqui citado: Karina Klinke. “Um faz-de-conta das meninas de Lobato”.

³¹⁶ Na primeira história contada por Tia Nastácia que os meninos aprovam, das muitas que rejeitam, é sobre esperteza: “A história deve estar errada – disse Emília. – Em vez de macaco devia ser uma raposa. Só as raposas têm idéias assim. Mas gostei. Está bem arrumadinha. Grau 10. Notem – disse Dona Benta – que a maioria das histórias revelam sempre uma coisa: o valor da esperteza. Seja o Pequeno Polegar, seja a raposa, seja um macaco como este do aluá, o esperto sai sempre vencedor. A força bruta acaba perdendo – e isto é uma das lições da vida. Já observei esse ponto, vovó – disse Pedrinho. – Todas as histórias frisam uma coisa só – a luta entre a inteligência e a força bruta. A inteligência não tem muque, mas tem uma sagacidade que no fim derruba o muque. E a gente quer que seja assim – disse Emília. – Se vier um conto em que a força bruta derrota a inteligência, os ouvidores são até capazes de dar uma sova no contador. (...) Por isso vivo eu dizendo que a esperteza é tudo na vida – gritou a boneca. – Se eu tivesse um filho, só lhe dava um conselho: Seja esperto, Emilinho!” Monteiro Lobato. *Histórias de Tia Nastácia*. Página 92.

³¹⁷ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 171.

Lobato escreveu uma obra na qual não apenas as vovós ganharam lugar de destaque na vida das crianças brasileiras, como criou um “reino” matriarcal no qual, entretanto, os papéis de gênero permanecem intactos. Afinal de contas, Tia Nastácia também teve voz ativa na saga do Sítio. É bem verdade que a condução da obra ficou por conta de D. Benta e seus netos brancos e eugenicamente perfeitos; a boneca de pano que virou gente e passou a ter opinião, mas foi criada pela preta velha que tanto desprezou pela pena de seu maior criador; pelo sábio que também ganha vida pelas mãos da cozinheira e que pode ser considerado a expressão máxima de um ateniense dos tempos de Péricles. Mas além de ter idealizado a avó perfeita – (que neto não gostaria de ter uma avó que até viaja pelos países para ensinar geografia ou a importância da Grécia Antiga?) - Monteiro Lobato fez com que D. Benta enveredasse por caminhos complicados cristalizando preconceitos e visões, comuns à sociedade brasileira de sua época.

3.3)Um passeio pela Grécia Antiga: o passado e o futuro.

Em *História do Mundo para Crianças* escrito no início da década de 30, revisado nove vezes até a edição definitiva em 1947, D. Benta, após receber pelo correio o livro *Child's history of the world*, de V. M. Hillyer, resolveu contar a seu modo a história universal para os personagens do Sítio. Os serões começariam às sete horas da noite em ponto e terminariam às nove, impreterivelmente. Para começar, a avó explica rapidamente aos netos, a Emília e ao Visconde de Sabugosa a formação da terra desde a constituição dos oceanos e as primeiras plantas até a evolução dos mamíferos e a “transformação” do macaco em homem³¹⁸. D. Benta e seus netos, serão após serão, iniciam um passeio pela história, dando evidentemente uma importância maior para a história dos povos considerados mais importantes para o desenvolvimento da civilização.

Para D. Benta, ou melhor, Monteiro Lobato, o povo mais importante para o desenvolvimento da civilização atual foi o grego. Antes de falar dos gregos, a boa avó fez um pequeno apanhado sobre os povos que se desenvolveram perto dos rios Tigre e Eufrates

³¹⁸ D. Benta questiona o que será que virá após os homens, e Emília afirma que serão as bonecas: “*Eu prevejo! – gritou Emília lá do seu cantinho. – Depois dos homens virão as bonecas. Eu já sou uma amostra do que está para vir... Será verdade, vovó? – perguntou Narizinho impressionada com a idéia. – Como saber, meus filhos? Emília acaba de apresenta uma hipótese, aliás muito interessante. Mas não percamos tempo com isto. Continuemos.*” Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 11.

e do rio Nilo, em uma rápida descrição do modo de vida e de algumas curiosidades sobre a cultura de povos como os egípcios, os fenícios, os persas. Entretanto, já começa a explicar certas coisas para as crianças como, por exemplo, a importância do conceito raça:

“Todos os povos que viviam na Mesopotâmia eram pertencentes à raça branca e dividiam-se nas três famílias, ou ramos, que deram origem a todos os atuais povos brancos. Havia os indo-europeus, também chamados arianos. Havia os semitas e havia os hamitas. Essas raças estão hoje muito espalhadas até aqui entre nós. Você, Pedrinho, só porque se chama Pedro já sei que é ariano. (...) Qual a principal dessas raças, vovó? - perguntou a menina. A ariana, evidentemente, embora eu seja um tanto suspeita para afirmar isso. Se eu fosse semita, é possível que tivesse uma opinião diversa. Em todo caso os arianos foram os primeiros a domesticar o cavalo selvagem, o boi e o carneiro. Conseguiram criar as bases da civilização pastoril. (...)”³¹⁹

Apesar de apresentar elementos que pudessem contestá-la, como ser ela da raça ariana e portanto ter sua opinião de maneira a valorizar sua “origem”, D. Benta começou a ensinar que os homens desde o início estavam divididos em raças e uma delas, a ariana, teria sido a mais importante para a criação do mundo moderno, já incutindo nas crianças a idéia de hierarquia das raças.

Após dedicar algumas páginas aos egípcios e babilônios, Monteiro Lobato começou a falar do povo que para ele, foi o mais importante da história universal, aquele na qual as bases da cultura ocidental estariam assentadas: os gregos. *“Também em terras banhadas pelo Mediterrâneo – disse ela – outro povo apareceu, de muita importância na história do mundo: os helenos ou gregos. Tinham o nome de helenos porque foi um homem chamado Heleno, de origem ariana, que se estabeleceu naquelas terras e formou o povo. Hélade era o nome da terra dos helenos”*.³²⁰ D. Benta explica aos netos e demais ouvintes sobre os deuses gregos, seus mitos e suas atribuições.

Em outro livro da série do Sítio do Pica-Pau-Amarelo, os personagens de Monteiro Lobato aprendem a gostar e cultivar o gosto pelo povo grego. Por meio do pó de pirlimpimpim, viajam e conhecem personagens históricos da Grécia Antiga. Em *O Minotauro*³²¹, D. Benta, Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde de Sabugosa, Rabicó,

³¹⁹ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 19/20. É interessante notar que após essa lição de D. Benta sobre raças, Pedrinho passa a se interessar em saber qual a raça dos povos aos quais ela se refere durante o livro, principalmente para compará-los aos gregos: *“Quem eram esses tais fenícios, vovó? Da mesma raça dos gregos?”* Idem. Página 46.

³²⁰ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 35/36.

³²¹ Monteiro Lobato. *O Minotauro*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., sem data. Obra Infante-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 12. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1939.

Quindim e o Burro Falante vão em busca de Tia Nastácia que havia sido raptada pelo Minotauro no episódio anterior dos personagens, *O Pica-Pau-Amarelo*³²². Assim, à procura de sua indispensável e estimada cozinheira, os habitantes do Sítio, a bordo do *Beija-Flor das Ondas* - nome dado ao navio por Emília - rumam para o “berço da civilização ocidental”.

“Só depois do desastre é que Dona Benta e os meninos puderam ver o quanto a estimavam. Que choradeira! Quindim derrubou o focinho... O Burro Falante desistiu da sua habitual ração de fubá. Só não choraram Emília e Pedrinho; Emília porque não era de choros; e o menino, porque andava com uma idéia de bom tamanho”.³²³

Na verdade, a história do salvamento de Tia Nastácia das mãos do Minotauro constitui o “gancho” encontrado por Lobato para fazer com que os personagens viajassem e, principalmente, ensinassem aos leitores da saga a importância da Grécia Antiga. Um dos indícios é o ano de publicação de ambos os livros: 1939, ou seja, o mesmo ano, o que torna possível pensar na hipótese de uma continuação proposital. É verdade que Monteiro Lobato sempre fazia referências a seus livros nas histórias que se seguiam, aludindo a uma necessidade de leitura de todos os volumes. Mas o que verificamos é que não havia uma obrigação em ler todos os episódios do Sítio para que se compreenda a história completa de D. Benta e seus netos, com exceção de *O Minotauro* e *O Pica-Pau-Amarelo*.

Em *O Minotauro* enquanto o *Beija-Flor das Ondas* rumava em direção à Grécia, D. Benta ia explicando aos tripulantes a importância daquele país. É interessante notar que Monteiro Lobato não se cansava de reafirmar as virtudes e o legado da civilização helênica.

³²² Monteiro Lobato. *O Pica-Pau-Amarelo*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., sem data. Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 11. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1939. Neste livro, vários personagens de histórias infantis, como Peter Pan, Alice do País das Maravilhas, Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela e muitos outros resolvem ir todos morar no Sítio de D. Benta. Várias aventuras acontecem, Emília e Narizinho ficam encantadas com a beleza das princesas, Pedrinho entusiasmado com a valentia de Peter Pan ou de D. Quixote. Entretanto, o Capitão Gancho durante a festa de casamento de Branca de Neve, invade a casa de D. Benta junto com outros malfetores e Tia Nastácia estava dentro da casa: “*Que será?, murmurou Pedrinho, apreensivo, e subiu depressa ao iate. Que há? – perguntou. Dona Beta, Narizinho, o Visconde, todos choravam – menos a Emília. Que há, Emília? Há que não há mais Tia Nastácia. Logo que você partiu, fizemos a contagem dos tripulantes. Faltava um – ela... Sim, Pedrinho! – confirmou Dona Benta enxugando os olhos. – Naquele tumulto, perdemos a nossa querida e fiel companheira. Ficou no palácio invadido pelos monstros. Imagina os horrores por que não estará passando com o Minotauro, com o Briareu de cem cabeças... Mas Pedrinho não se conformou com aquela atitude chorosa e resignada. Era preciso lutar, vencer. Perdão, vovó! – disse ele com a decisão dum herói da Fábula. – Não penso que o caso seja de choro. Temos de agir sem demora. Temos de organizar uma expedição para o salvamento de Tia Nastácia! Emília sentiu o peito estufadíssimo de entusiasmo. Bis-bravo! – berrou batendo palmas. – Isso é que é falar! Avante, avante! Toca a salvar Tia Nastácia!...*” Página 297.

³²³ Monteiro Lobato. *O Minotauro*. Página 99/100. Grifo do autor.

Já havia falado sobre isso em *História do Mundo para Crianças* e em *Geografia de Dona Benta*, livros de publicação anterior. A avó sempre afirmava que o importante em um país não é o tamanho do território ou do número de habitantes mas a qualidade de seu povo. E esse era o caso da Grécia:

*“A importância de um país não depende do tamanho territorial, nem do número de habitantes. Depende da qualidade do povo. Pequena foi a Grécia em tamanho – e tornou-se o maior povo da Antigüidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas. Tão grande foi o seu valor, que até hoje o mundo anda impregnado de Grécia. (...) A língua que falamos está toda embutida de palavras gregas”.*³²⁴

Até a boneca de pano concorda com D. Benta sobre a Grécia, fato não muito comum, e ouve atentamente os ensinamentos da avó: *“Então, vovó, a Grécia foi mesmo uma danadinha...”*.³²⁵ O assunto sobre as maravilhas realizadas pela Grécia absorveu tanto os personagens que só de vez em quando lembravam de Tia Nastácia, que teoricamente era o motivo da viagem à Grécia³²⁶: *“A pobre! – suspirou Narizinho. – Por onde andar neste momento? Para mim, o Minotauro a devorou – disse Emília. – As cozinheiras devem ter o corpo bem temperado, de tanto que lidam com sal, alho, vinagre, cebolas. Eu, se fosse antropófaga, só comia cozinheiras. Narizinho teve vontade de jogá-la aos tubarões”.*³²⁷ Como sempre, Emília não tem pena de nada....

³²⁴ Idem. Página 101. Grifo do autor. Em *Geografia de Dona Benta* esta idéia é novamente colocada por D. Benta ao falar do Japão: *“Isto serve para mostrar que o que vale para a grandeza dum povo não é a extensão do território e sim a qualidade da gente. Com um território pequeno e de más terras, cheio de vulcões, todo picadinho e, além do mais, sujeito a terríveis terremotos, esse maravilhoso império vem assombrando o mundo. Tinha uma civilização só sua, fechada às idéias e coisas da Europa; mas um dia resolveu largar a velha civilização para adotar a nova – e realizou a mais impressionante adaptação que a história menciona. Mandaram alunos cursar as grandes escolas européias e americanas, para que aprendessem as ciências lá ensinadas – e esses alunos vieram depois transformar o país”.* Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., sem data. Obra Infante-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 7. Página 154. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1935.

³²⁵ Monteiro Lobato. *O Minotauro*. Página 102.

³²⁶ Isso se verifica no capítulo seguinte. Os personagens estão discutindo como vão fazer para chegar à Grécia Antiga e para qual dos vários períodos interessantes vão visitar, sem lembrar que precisam resgatar Tia Nastácia: *“Resta saber qual dos períodos antigos o mais interessante. Para mim foi o tempo de Péricles. – disse Dona Benta -, mas para a gana de heróismos que vejo em meus netos, deve ser o tempo ainda muito anterior, em que aquilo por lá era uma coleção de pequeninos reinos, de tribos em luta, de famílias poderosas; o tempo da Guerra de Tróia que Homero descreve na Ilíada; e o tempo dos heróis tebanos, da viagem dos argonautas, dos monstros fabulosos, como a Hidra de Lerna e outros. É exatamente o que desejamos, vovó – mas com uma paradinha antes para a senhora regalar-se com o tal Péricles. Quem era ele? Dona Benta tomou fôlego. AH, meu filho, esse Péricles foi um homem de tantos méritos que chegou a dar o seu nome ao século. Ninguém fala da Antigüidade sem referir-se ao Século de Péricles, que foi o quinto século antes de Cristo”.* Idem. Página 107/108.

³²⁷ Idem. Página 105.

D. Benta prossegue nas explicações sobre a Grécia Antiga e Pedrinho questiona a avó sobre o segredo do povo helênico para alcançar tão alto grau de civilização obtendo a seguinte resposta:

*“Liberdade, meu filho. Bom governo. A coisa teve início quando um legislador de gênio, chamado Sólon, fez as leis da democracia. Antes disso, a Grécia estava em plena desordem, com o povo escravizado a senhores. Sólon endireitou tudo. (...) Isso quer dizer que as leis de Sólon deram aos gregos a verdadeira liberdade, a maior que um povo ainda gozou. Conseqüência: tudo se desenvolveu de modo felicíssimo. (...) Porque para homem o clima certo é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência. Como dou a vocês a máxima liberdade, todos vivem no maior contentamento, a inventar e realizar tremendas aventuras. Mas se fosse uma avó má, das que amarram os netos com cordéis do não pode – não pode isto, não pode aquilo, sem dar as razões do não pode – vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem direito de dizer o que sentem e pensam. A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Pica-Pau-Amarelo da Antigüidade, foi a terra da Imaginação às soltas”.*³²⁸

Em outro livro da série, Monteiro Lobato também faz uma alusão ao excelente “governo” de D. Benta no Sítio. Em *A Reforma da Natureza* a história tem início porque D. Benta, Tia Nastácia e os outros personagens viajam para a Europa. A boneca Emília fica sozinha no Sítio e, junto com sua amiga Rãzinha, promove mudanças na natureza. O motivo da viagem é o que nos interessa: após o fim da guerra ditadores, reis e presidentes passam a discutir a paz, mas sem nenhum tipo de entendimento. O rei da Romênia propõe, então, que convidassem algum representante da humanidade que fosse neutro e que pudesse ajudá-los sem “puxar a sardinha para nenhum lado”.

“Só conheço – disse ele – duas criaturas em condições de representar a humanidade, porque são as mais humanas do mundo e também são grandes estadistas. A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade. Mussolini, enciumado, levantou o queixo. Quem são essas maravilhas? Dona Benta e Tia Nastácia – respondeu o Rei Carol, as duas respeitáveis matronas que governam o Sítio do Pica-Pau-Amarelo, lá na América do Sul. Proponho que a conferência mande buscar as duas maravilhas para que nos ensinem o segredo de bem governar os povos. (...) Eis explicada a

³²⁸ Idem. Página 111. Se prestarmos atenção à data de publicação do livro, 1939, veremos que o Brasil vivia um período ditatorial, sob comando de Getúlio Vargas, com Monteiro Lobato se indispôs sobre a questão do petróleo nacional. Por esse motivo Lobato foi preso em março de 1941, ainda sob o regime do Estado Novo getuliano. Entretanto, como veremos mais adiante, esta crítica, provavelmente era dirigida única e exclusivamente a Vargas, uma vez que em *Geografia de Dona Benta*, a avó faz um grande elogio a Salazar, ditador de Portugal; em *A reforma da natureza*, Dona Benta convida Hitler e Mussolini para uma visita ao Sítio; em *A Chave do Tamanho* Emília tem um encontro com Hitler.

razão do convite a Dona Benta, Tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa para irem representar a Humanidade e o Bom Senso na Conferência da Paz de 1945”.³²⁹

Essa idéia de Monteiro Lobato acerca do “governo” de D. Benta e Tia Nastácia revela novos elementos para a análise. Ao mesmo tempo em que o autor elogia ditadores como Salazar, também afirma que o princípio da felicidade de um povo é a liberdade, e que as matriarcas do Sítio são a expressão mais bem acabada de um governo. Precisamos lembrar um argumento recorrente para justificar soluções políticas autoritárias, tão em voga no período: quando um povo não alcança um certo grau de desenvolvimento é necessário que líderes fortes conduzam a história, ditadores tomem as rédeas do governo para que isso ocorra, como faziam Hitler ou Mussolini, Salazar ou Franco, Vargas ou Perón em alguns países. Em Portugal, por exemplo, país que Lobato acreditava ser habitado por um povo não muito desenvolvido, era necessária a presença de um ditador que colocasse a casa em ordem, para mais tarde, dar um governo de plena e total liberdade. Quando *Geografia de Dona Benta* foi publicado pela primeira vez, 1935, Salazar já havia sido nomeado primeiro ministro de Portugal exercendo o poder ditatorial. Vamos ver o que dona Benta fala a seus netos quando, durante a viagem ao redor do mundo, passam pela Península Ibérica: “*Que Salazar é esse, vovó? Um homem que pôs em ordem as finanças portuguesas. Um verdadeiro grande homem. Endireitar as finanças de um país é um trabalho de Hércules*”.³³⁰

Mas vamos voltar ao *Beija-Flor das Ondas* e navegar em direção à Grécia Antiga com os personagens do Sítio. A viagem prossegue e ao chegarem ao porto de Pireu, no século XX, os meninos se decepcionam. Acham que nem vale a pena descer. Rumam direto para o século de Péricles, como queria D. Benta. No desembarque, o encanto foi geral. Não só com as roupas usadas pelos gregos e gregas em que nada lembravam as roupas da época de Lobato, mas principalmente com a tranqüilidade das ruas:

³²⁹ Monteiro Lobato. *A Reforma da Natureza*. São Paulo, Círculo do Livro S. A., sem data. Obra Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 12. Página 10/11. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1941. É interessante ver a razão pela qual D. Benta permite que Emília permaneça sozinha no Sítio: “*Mas Dona Benta era a democracia em pessoa: jamais abusou da autoridade para oprimir alguém. Todos eram livres no sítio, e justamente por essa razão nadavam num verdadeiro mar de felicidade. Emília recusava-se a ir? Pois então que não fosse. Como forçá-la a ir? Com que direito? E que adiantaria ir a contragosto, emburrada? Emília teve licença para ficar*”. Idem. Página 14.

³³⁰ Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. Página 237.

*“O movimento urbano não lembrava o das grandes cidades modernas. Nada do tumulto que vemos nesses horrores a que chamamos ruas centrais. Quase toda a gente a pé, caminhando em sossego. De quando em quando uma liteira trazida por escravos. (...) Dona Benta concordou que o progresso mecânico só servia para amargurar a existência dos homens. As ruas, feitas originalmente para os pedestres, foram invadidas pelas máquinas de correr e de empestar o ar com o fedor da gasolina – máquinas tremendamente destruidoras, que fazem mais vítimas num ano do que as fizeram na Grécia antiga todos os minotauros e quimeras”.*³³¹

Lembram das ruas norte-americanas de 2228? São as ruas gregas que os personagens do Sítio percorrem durante a aventura no século de Péricles. Sem buzinas de carros, sem tumultos, sem o cheiro desagradável de gasolina; os motivos, obviamente são diferentes. Na Grécia, as máquinas simplesmente não existiam; nos EUA futuro, as máquinas eram tão avançadas que existia o rádio-transporte, invenção que possibilitou a locomoção automática, sem necessidade de qualquer tipo de veículo.

Após a surpresa das calmas ruas gregas, os personagens continuam a verificar as maravilhas da Grécia Antiga. D. Benta chama atenção de seus companheiros de viagem para a expressão feliz e sem preocupações das pessoas que andavam pelas ruas:

*“Comparem a expressão sossegada destes gregos com a dos homens que vimos nas grandes capitais modernas, de cara amarrada, toda ruga, muitas vezes falando sozinhos.. Sim, vovó, todos aqui me parecem olímpicos. É que todos estão livres do atropelo e cultivam uma sábia ginástica, de modo que adquirem esses corpos cheios de força e beleza que vocês estão vendo. Até as roupas que eles usam deixam os modernos envergonhados”.*³³²

Mais uma vez o elogio à beleza e perfeição gregas estão presentes na obra de Monteiro Lobato. Bom, mas a viagem deve continuar; afinal de contas, os viajantes – vale lembrar o leitor - precisam resgatar Tia Nastácia; a pé, os personagens chegam a Atenas em busca de Péricles. No caminho conhecem Fídias, o construtor do templo da deusa Palas Atena, que os levou até a casa de Péricles, um *“homem de méritos excepcionais”*.³³³

³³¹ Monteiro Lobato. *O Minotauro*. Página 115.

³³² Idem. Página 116. É interessante ver a resposta de Emília a esta observação de D. Benta: *“Os homens modernos – disse Emília - vestem-se de canudos de cores tristes. Dois canudos para as pernas – as calças. Dois canudos para os braços – o paletó. E há o colete e a mania dos bolsos. Naquele sujeito que esteve lá no sítio contei dezesseis bolsos. Cada bolso para uma coisa. Carregam um bazar consigo: tesourinha, canivete, lenço, carteira, porta-níqueis, relógio, piteira de filtro, algodão para piteira, cigarros, óculos, fósforos ou acendedor de gasolina, caneta-tinteiro, lápis, selos, caderno de endereços, alfinetes, papéis, listinhas de jogo do bicho, etc. Os homens modernos são verdadeiras bestas de carga. Já aqui, nada disso. Estes gregos não carregam nada – só trazem para a rua a sua beleza, o seu sossego e a sua serenidade, coisas que não precisam de bolsos. Agora é que estou compreendendo como é grotesco o vestuário moderno...”* Idem.

³³³ Idem. Página 120.

D. Benta explica de onde veio e quem são ela e seus netos. O espanto é geral. Péricles, Fídias e seus contemporâneos a princípio acreditam ser aquela senhora maluca, depois acreditam ser ela uma vidente, mas acabam se encantando com as histórias que ouvem e ficam pasmos com o conhecimento que ela demonstrou ter sobre a Grécia. Além disso, a curiosidade em torno das histórias que D. Benta conta sobre o mundo e seu futuro não permite que a mandem embora. A avó conta toda a história da Grécia, como guerras, destruições, o que deixa os dois homens completamente confusos. D. Benta e Narizinho hospedam-se na casa de Péricles, enquanto Pedrinho, Emília e Visconde voltam nos séculos em busca de Tia Nastácia. Mas não sem antes passearem pelo templo da deusa Atena que estava em construção com os dois idealizadores. D. Benta, a cada explicação dada pelos novos amigos ou a cada ângulo novo apresentado pelos construtores, entristecia-se pela construção não chegar aos tempos modernos: *“Que maravilha! – exclamou Dona Benta deslumbrada. – (...) E pensarmos que este prodígio não chegará aos tempos modernos – será em caminho destruído pela bárbara rudeza dos fanáticos...”*.³³⁴

Um diálogo muito interessante se estabelece entre D. Benta e Péricles, sobre governo e escravidão. Péricles acreditava que a Grécia era governada pelo povo e que era o povo que escolhia seus governantes, graças às leis de Sólon. Entretanto, D. Benta não pensava assim; para ela os escravos gregos, que não tinham direito a voto, faziam parte do povo e esta divisão da sociedade seria fatal para o país. Entretanto, Péricles não se conformava com estas idéias; para ele escravo era escravo. Além disso, o grego não conseguia imaginar uma sociedade sem escravos, uma vez que não teria ninguém apto para fazer os trabalhos pesados.

“Uma sociedade justa não pode ter escravos, senhor Péricles, e nela todos os trabalhos serão feitos por homens livres. Assim é lá no mundo moderno donde vim. (...) Péricles abriu a boca. Ele julgava perfeita a forma social de Atenas e aquela misteriosa criatura tinha o topete de dizer que não...”.³³⁵

Aqui, Lobato adverte que o culto ao passado não pode prescindir das conquistas da modernidade: o passado, na forma de “origem” (buscadas na cultura clássica como na “raça ariana”) legitimava o progresso expresso e consolidado na ciência moderna. Há um elo

³³⁴ Idem. Página 154/155.

³³⁵ Idem. Página 133/134.

constante a ligar, em sua visão, o século V a.C. ao então longínquo ano de 2228. Desta forma, o tema da escravidão pode servir ao autor para reunir estes elementos.

Em *História do Mundo para Crianças e Geografia de Dona Benta*, Monteiro Lobato, sempre pela voz da doce avó, fala sobre a escravidão moderna, mas não a discute de maneira enfática. Os meninos concordam que a forma pela qual os negros foram escravizados era cruel e desumana, mas não há nenhum tipo de crítica contundente a esta questão. Dona Benta explica a seus ouvintes a história de Simón Bolívar, que qualifica como o grande libertador. Eis o comentário de Narizinho, a bondosa: “*Muito bem – aplaudiu Narizinho. – Já estou gostando desse homem. Escravidão é coisa que me faz mal aos nervos....*”.³³⁶ Outro aspecto interessante em relação à visão de Lobato sobre a escravidão é que o autor acreditava na maior docilidade da raça negra, sendo este o motivo de sua escravização:

*“Os índios americanos tinham horror à escravidão. Preferiam a morte, de maneira que o trabalho das plantações de cana-de-açúcar e outras sofriam grandemente a falta de braços. Um padre, Las Casas, concebeu a grande idéia – trazer negros africanos para substituir os índios eternamente rebeldes. Esse Las Casas tinha boas intenções. Queria libertar os índios da escravatura, e como os africanos fossem mais dóceis e já estivessem treinados na escravidão lá entre si, pareceu-lhe que seria um mal menor. Mas tudo saiu às avessas – o remédio proposto dobrou a doença. A ganância dos colonizadores fez que continuasse a escravidão dos índios e a ela se juntasse a escravidão dos negros”.*³³⁷

Dona Benta continua então a contar sobre o tráfico negreiro, a luta dos negros pela liberdade no continente americano e a exploração européia no continente africano, além da divisão ocorrida lá. Após falar sobre a partilha que foi entre os europeus, Narizinho - sempre ela - pergunta com o que os africanos haviam ficado de sua terra. Emília responde: com a mosca tsé-tsé.

*“Dona Benta achou graça. Sim, ficaram com a mosca e a honra de serem explorados pelos povos de mais alta civilização do mundo ocidental. Devem estar satisfeitíssimos. Livres, na África, só existem hoje duas nações: a República da Libéria, formada em 1820 para benefício dos negros americanos libertos... Formada por quem? Pelos próprios americanos na esperança que todos os negros dos Estados Unidos se mudassem para lá”.*³³⁸

³³⁶ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 259.

³³⁷ Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. Página 204.

³³⁸ Idem. Página 208.

Mais uma vez Monteiro Lobato reafirmou suas posições políticas em relação à escravidão – de discordância com os métodos utilizados. Porém, ao mesmo tempo, teve oportunidade de demonstrar sua idéia acerca da inferioridade de uma raça e da superioridade de um país cuja imagem se confundia com a da técnica e da ciência – os Estados Unidos. O comentário mais explícito e, mais uma vez autorizado pela cor branca e pela posição social de D. Benta reiterava ser a civilização ocidental a mais desenvolvida. Além disso, a idéia de separação das cores da população norte-americana aparece: uma nação havia sido criada para que os negros para lá se mudassem. Como esse desejo não havia se concretizado, a divisão foi feita em solo americano, como já vimos.

Durante a hospedagem de D. Benta e Narizinho na casa de Péricles, Monteiro Lobato aproveitou para fazer uma espécie de “propaganda” da sociedade grega. É claro que o autor não imaginava que pudéssemos voltar no tempo, deixar de lado todos os avanços tecnológicos e sociais, como o carro ou o fim da escravidão e viver como os gregos em todos os aspectos da vida em sociedade. Mas, Lobato provavelmente acreditava que alguns sentidos da vida grega podiam ser resgatados para o mundo moderno. O conceito de arte³³⁹, por exemplo, ou as roupas que não deformavam o corpo, ou ainda e, principalmente, as leis espartanas...

³³⁹ Não pretendemos aqui discutir o conceito de arte para Monteiro Lobato, assunto já bastante analisado. Também não pretendemos questionar o artigo “Paranóia ou Mistificação”, no qual o autor ataca a arte de Anita Malfatti e que segundo os modernistas, foi o principal motivo do recuo artístico da pintora. Um excelente estudo sobre este tema é o livro *Um Jeca nos Vernissages*, de Tadeu Chiarelli. Nosso interesse é naquilo que o autor procurou passar para as crianças em seus livros, ou seja, o culto à arte grega, ou para os modernos, clássica. Há uma passagem bem interessante acerca da idéia de Monteiro Lobato sobre arte. Conversando com Péricles, D. Benta novamente afirma que as belíssimas esculturas gregas não chegaram inteiras ao futuro e que os homens vão se afastar deste conceito de arte, para espanto do grego: “*Ao ver aqui em sua casa estas maravilhas da escultura grega, sinto pontadas no fígado. Por quê, minha senhora? Porque o futuro vai afastar-se disto... Como? Não admite então que nestas estátuas há o máximo de beleza que os escultores já conseguiram? Admito, sim – mas sei que no futuro isto será motejado, e esta beleza substituída por outra, isto é, pelo horrendo grotesco que para os meus modernos constituirá a última palavra da beleza. Como prova do que estou dizendo vou mostrar um papel que por acaso tenho aqui na bolsa – e Dona Benta tirou da bolsa uma página de arte moderna, onde havia a reprodução dumas esculturas e pinturas cubistas e futuristas. Péricles olhou para aquilo com espanto, e mostrou-o a Fídias. Mas é simplesmente grotesco, minha senhora! – disse depois. – Estas esculturas lembram-me obras rudimentares dos bárbaros da Ásia e das regiões núbias abaixo do Egito... Pois não são. São as maravilhas que embasacam os povos mais cultos do meu tempo – a dois mil trezentos e setenta e sete anos daqui.... Os dois gregos ficaram literalmente tontos, sem saber o que pensar. As revelações da estranha velhota vinham opor-se a todas as suas idéias sobre a marcha indefinida do progresso humano. Totalitarismo, cubismo, futurismo... Pobre humanidade!*” Idem . Página 135/136.

Enquanto Dona Benta e Narizinho conheciam mais de perto os costumes e personagens famosos da Grécia Antiga, como por exemplo, Heródoto ou Sócrates³⁴⁰, os outros personagens resolveram ir em busca de Tia Nastácia e até conseguiram provar as mais duas famosas comidas dos deuses gregos: a Ambrosia e o Néctar. Enquanto os três personagens viviam as mais diversas aventuras para resgatar a cozinheira, já totalmente ambientadas aos costumes gregos avó e neta vestiram-se a moda local³⁴¹, experimentaram a comida e conversaram com seus “ídolos”. O autor foi entremeando as histórias e claro que tudo termina com um final feliz: os meninos encontram Tia Nastácia no labirinto do Minotauro, conseguem tirá-la das mãos do monstro e todos voltam felizes e contentes para o Sítio do Pica-Pau-Amarelo.

Para Monteiro Lobato a sociedade grega era o exemplo a ser seguido e assim também pensavam os eugenistas, como argumentei no capítulo anterior. Se em *O Choque das Raças* o autor não desenvolveu essa idéia³⁴², como no Sítio, foi porque poderia utilizar uma linguagem mais direta com seus leitores. Nas aventuras do Sítio não podemos ler a palavra eugenia, mas seguramente podemos encontrar várias referências àquilo que os eugenistas apregoavam.

Em *A Cura da Fealdade* Renato Kehl afirma que: “*A perfeição plástica da raça é um empreendimento perfeitamente realizável. Nestes domínios a vontade humana pode fazer-se valer*”.³⁴³ O autor acreditava nesta afirmativa porque, segundo ele, uma raça

³⁴⁰ Dona Benta conhece os personagens gregos acima citados em um jantar na casa de Péricles e pergunta quem era Sócrates para dona Aspásia, esposa de seu anfitrião da seguinte maneira: “*E aquele moço de nariz feio que está a conversar com o historiador? – quis saber Dona Benta. – Suponho que já o vi no Agora, numa roda de amigos. Aquele? É um moço que esteve na guerra e hoje anda a ganhar fama de bom argumentador. Sócrates. Dona Benta quase caiu no chão. Suas pernas bambearam. Sócrates! O grande Sócrates, cujo nome iria atravessar os séculos ali diante dela, tão feio em moço como seria na velhice...*” Idem Página 207. Daqui a pouco veremos mais informações sobre os narizes gregos!

³⁴¹ “*Dona Benta envergou a túnica e botou por cima o peplo, sempre ajudada pela camareira, que foi acertando as pregas e colocando os broches. Pronto!, disse por fim Aglae. Narizinho rolava na cama de tanto rir. Eu só queria que Nastácia aparecesse agora. O espanto dela, vovó. Mas sabe que ficou uma notável matrona? Sim, senhora! Até casamento é capaz de sair. Juro que se o Senhor Heródoto a enxergar deste jeito, pede-lhe a mão. Ele tem ar de viúvo. Dona Benta sentiu não encontrar ali um espelho moderno, dos que permitem ver o corpo inteiro. Os espelhos de Atenas eram de parta polida e pequenos. Depois de pronta a velha, Aglae vestiu Narizinho – e imponentemente as duas saíram do quarto para a refeição da manhã.*” Idem. Página 247.

³⁴² Monteiro Lobato apenas cita, pela voz de Miss Jane, as idéias gregas, como mostrado no Capítulo anterior.

³⁴³ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 12. Vamos ver de que maneira D. Benta explica aos netos o que é beleza: “*Beleza é isso: harmonia de proporções. Por que motivo achamos feio um homem de pernas muito compridas ou muito curtas, ou de cabeça grande demais, ou de mãos enormes, como as do Elias Turco? Simplesmente porque esses membros não guardam proporção com o resto do corpo*”. Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. Página 215.

plasticamente perfeita já havia existido e um dos objetivos eugênicos era perseguir essa perfeição. Assim como todo bom livro sobre eugenia, *A Cura da Fealdade* tem início com uma análise das virtudes da sociedade grega. Várias fotos das “quinze” estátuas gregas que chegaram até nós, como por exemplo, Afrodite de Milos³⁴⁴ ou Apolo de Belvedere, que estão reproduzidas no livro, entremeadas por textos como esse:

*“Os gregos são os precursores do aperfeiçoamento humano. Quem folhear as páginas da Odisséia, lerá no canto oitavo, o segredo da beleza da raça helênica, da glória eterna do povo mais saudável que habitou o planeta. É que os helenos tinham em tão alta conta a saúde, a robustez, a beleza física, que se esforçavam por aprimorá-las no mais alto grau. Os gregos sabiam que a herança governa o mundo: que a seleção natural é constantemente burlada na sua ação benéfica de eliminar os degenerados e incapazes da perpetuação de indivíduos sãos e vigorosos. Daí se acautelarem pelas leis à Lycurgo e inspirarem, na índole popular, o horror pelos degenerados, pelos fracos e o desdém a todos que não soubessem lutar, correr e lançar o disco”.*³⁴⁵

Assim como para Kehl e seus prosélitos e mais tarde, para Hitler, o ideal de beleza física a ser perseguido era o grego. Mas, se prestarmos atenção a esta citação, poderemos perceber que não é apenas o físico grego que está em questão. As idéias da sociedade grega são o exemplo a ser seguido, já que os gregos concordaram em aceitar os sacrifícios exigidos para a constituição do ideal: *“Todo o nosso segredo consiste em sacrificar a nossa existência para existir”.*³⁴⁶

Em um jantar na casa de Péricles, D. Benta foi apresentada a Policleto, considerado pela senhora um grande escultor, que havia determinado as medidas humanas perfeitas. O trecho que descreve o encontro é longo, mas muito interessante:

“Péricles, que havia saído da sala para atender a um negócio, voltou acompanhado dum conviva retardatário. Permita-me, Senhora Encerrabodes, que lhe apresente um dos nossos grandes escultores – Policleto. Falar a Dona Benta em Policleto era o mesmo que falar no Tio Barnabé, no Elias Turco ou outro qualquer conhecidíssimo personagem do Pica-Pau Amarelo. A velhinha sabia toda a história desse grande escultor grego, não só a que vinha desde o seu nascimento em Argos até aquele momento, como ainda a que iria dali até a sua morte no ano 403 a. C. (...) Muito honrada me sinto, meu senhor, de ser apresentada ao grande artista de tantos primores, e sobretudo do Diadúmeno e do Cânon... Policleto julgou que ela o estivesse confundindo com algum outro e respondeu a sorrir: Sua erudição a traiu, minha boa senhora. Entre meus

³⁴⁴ A foto da estátua de Afrodite tem a seguinte legenda: “Estátua descoberta em 1820 na ilha de Milo; é uma das obras primas do Louvre. Expressão da beleza simples, nobre e serena.” Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Sem página.

³⁴⁵ Idem. Página 14.

³⁴⁶ Idem. Página 14.

trabalhos não há nenhum Diadúmeno. Sei disso – replicou Dona Benta -, mas vai haver. O senhor vai esculpir um jovem efebo na atitude de atar na testa uma faixa: o Diadúmeno. E depois de escrever um pequeno tratado sobre as proporções, esculpirá uma formosa estátua de adolescente em que as boas proporções do corpo humano serão fixadas de modo definitivo e à qual dará o nome de Cânon...”³⁴⁷

É óbvio que Monteiro Lobato não ordena às crianças, como fazia Renato Kehl aos adultos, que se tornassem como as estátuas de Policleto. Entretanto, este tipo de linguagem utilizada pelo autor pretendia normalizar o padrão dos ideais de beleza. Agora vale a pena vermos como Kehl referiu-se a Policleto e suas medidas:

“Em relação aos povos cultos, cada um dos cânones pessoais corresponde a cânones satélites de um cânone único. E este não é outro senão o clássico cânone de Policleto, o mais popular padrão de beleza dos gregos, transmitido através das gerações, até os tempos atuais. Os povos civilizados educaram o senso estético, para a apreciação da beleza humana, na contemplação das artes gregas”³⁴⁸.

É essa contemplação e educação que nosso autor procurou impingir nos leitores do Sítio. Se é pela voz de D. Benta que Monteiro Lobato ensina quais são as medidas ideais para um ser humano, não é impossível imaginarmos que seus leitores, de uma forma ou de outra, aceitariam naturalmente tais convenções eugênicas, obviamente sem saber que estavam aprendendo teorias científicas.

Se a sociedade grega era a expressão máxima da beleza, a brasileira para Monteiro Lobato, Renato Kehl e tantos outros intelectuais, estava muito aquém desse ideal. Uma pequena amostra disso, já foi dada na crônica “O Pátio dos Milagres”, analisada no capítulo anterior, em *O Choque das Raças*. Referências não faltam. Desde 1907, Lobato já fazia críticas mordazes à “feiúra” do brasileiro em carta a Rangel:

“Há uma semana que estou preso em casa porque lá fora é semana santa. Há procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. (...) Por toda parte, povo – o nosso povo, essa coisa feia, catiuguda e suada. Sovacos ambulantes. (...) A carapinha assanhada, a venta larga fuzilando o coronel, (...) Rangel, Rangel... Os olhos cansam-se de feiúras semoventes. (...) Não há mulheres, há macacas e macaquinhas. Não há homens, há macacões. Raro um tipo decente, uma linha que nos leve os olhos, uma cor, uma nota, um tom, uma atitude de beleza – nada que lembre a Grécia”³⁴⁹.

³⁴⁷ Monteiro Lobato. *O Minotauro*. Página 210. Grifos do autor.

³⁴⁸ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 25.

³⁴⁹ Monteiro Lobato. *A Barca*. Tomo I. Página 157/158. Taubaté, 2/4/1907.

Alguns anos mais tarde, Renato Kehl escreveria algo semelhante, apenas com elementos alegadamente científicos, para comprovar tal constatação do jovem Lobato. Kehl, abertamente contrário à miscigenação entre raças díspares como vimos, atribuiu a fealdade nacional às doenças (nosso Jeca Tatu) e à mestiçagem. Preocupava-se também com a produtividade do trabalhador nacional que, segundo ele, não poderia competir com os estrangeiros, sendo este fator um dos responsáveis pelo atraso brasileiro. Mas a conclusão a que chega é a mesma de Lobato: o povo brasileiro é feio.

*“Em consequência desses estado de morbidez, é que os nacionais são, na quase generalidade, feios, esqueléticos, fracos, minguados, não podendo competir com os estrangeiros que aportam às nossas plagas com saúde e robustez, cheios de vida e de ânimo para o trabalho. (...) Os brasileiros, fisicamente inferiores, sem constância, iniciativa, resistência e disciplina e outras qualidades requeridas para o sucesso no comércio, na indústria, na lavoura, vão aos poucos entregando-lhes as nossas riquezas e patrimônios”.*³⁵⁰

Se Monteiro Lobato não podia ser tão direto em textos destinados ao público infantil como foi para Rangel em sua infeliz missiva, ou como seu companheiro de ideais Renato Kehl, ao menos foi bastante sutil em sua preleção lúdica e educativa. Além da constatação, expressa por D. Benta, Narizinho e outros personagens, do valor dos gregos nas artes, na literatura, na filosofia, na arquitetura, uma outra comprovação que puderam ter de sua superioridade foi em relação aos narizes. Narizes? Sim, narizes!

D. Benta e Narizinho encantaram-se com a perfeição plástica dos narizes gregos. É verdade que o nariz de Sócrates³⁵¹ foi considerado feio pela avó, mas os demais foram mais um sinal da beleza e do apuro estético dos gregos. Enquanto a escrava Aglae ajudava D.

³⁵⁰ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 167. A incidência da afirmação de que o povo brasileiro é feio é recorrente entre Kehl e os demais eugenistas: “No Brasil a Eugenia tem muito e muito a fazer. A nossa raça periclita. (...) Olhai um pouco para nosso povo e vereis como na sua maioria, ele é mirrado, esquelético e feio”. Renato Kehl. *Eugenia e Medicina Social. (Problemas da Vida)*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1920. Página 121. “De um sóbrio exame de consciência resulta que não pode ser mais oportuno o momento para estabelecermos o confronto entre os nossos patentes defeitos de raça e as medidas profiláticas, que temos posto em prática para atenuá-los”. Dr. Luiz Pereira Barreto, “Eugenia. Meninas feias e meninas bonitas. O que podem a medicina e a cirurgia em prol da estética da nossa raça”. *O Estado de São Paulo*, 10/04/1918. Página 03. No ano seguinte este artigo, em conjunto com o publicado no mesmo jornal no dia 09/05/1918 foi compilado junto com vários outros em um volume de capa dura, pela primeira editora de Monteiro Lobato: Sociedade Eugênica de São Paulo. *Annaes de Eugenia*. São Paulo, Edição da Revista do Brasil, 1919.

³⁵¹ “Sócrates era muito feio; careca e de nariz arrebitado. Mas apesar de serem os atenienses grandes amigos da beleza, todos gostavam dele, porque se não possuía a beleza física tinha em compensação todas as belezas morais – e não há belezas que valham estas”. Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 88.

Benta e Narizinho a se trajarem adequadamente à moda grega, as três mulheres conversam sobre a esposa de Péricles, Aspásia, e comentavam seu amor pelo marido e sua beleza:

*“O que ela tem – observou Narizinho – é uma perfeição de nariz como ainda não vi nenhum. Uma coisa está me parecendo, vovó... Que é, minha filha? Está me parecendo que os narizes degeneram muito. No nosso povo moderno um nariz realmente bonito é um fenômeno de raridade. Uns são batatudos; outros, finos demais; outros, de papagaio; outros, chatos, como o de Tia Nastácia – até o meu não é lá nenhuma perfeição... O seu é dos mais engraçadinhos – murmurou Dona Benta, com um sorriso de vovó amorosa. – Que tal... como é seu nome? – perguntou à escrava. Aglae. Que tal, Aglae, o narizinho de minha neta? Aglae achou-o mimosamente petulante. Mas não é perfeito – disse a menina. – Narizes perfeitos só vi em Atenas. O de Dona Aspásia, então, é ótimo. Você é daqui de Atenas, Aglae? Não, sou de Mileto, da mesma terra de Aspásia. Pois meus parabéns. O seu nariz miletiano também merece grau dez”.*³⁵²

Renato Kehl, na 1ª Parte do seu livro já citado, *A Cura da Fealdade*, “O Homem e a Mulher Normais” - um tratado sobre as deformidades humanas e suas curas - após descrever diversos caracteres comuns a homens e mulheres normais, eugenicamente perfeitos, descreve como deve ser a face e a importância que ela tem na constituição humana:

*“A face é a parte anterior da cabeça limitada pela linha de inserção dos cabelos e pelo mento. Ela tem a máxima importância na caracterização individual. É na face que se compõe a fisionomia e a fisionomia é o símbolo, a síntese, a fórmula química do homem na expressão de Waynbaum. A face sendo o ponto onde se exteriorizam as sensações, as emoções, o dinamismo dos nossos sentimentos, é bem o espelho da alma humana”.*³⁵³

Segundo Kehl, a face é constituída pela boca, dentes, olhos, orelhas, cabelos e claro, pelo nariz. O eugenista ensina como deve ser medido o “índice nasal” e apresenta vários deles como elementos de comparação. Os índices encontrados entre parisienses, italianos e franceses não ultrapassa 70, sendo esses narizes chamados de leptorinos e mesorinos, respectivamente os narizes afilados e intermediários. Já os narizes platirinos, os largos, apresentam índice entre 85 e 99,9. Segundo Kehl, o índice comum entre os negros é superior a 100, sendo os narizes denominados ultraplaturinos³⁵⁴.

Mas vamos deixar os narizes de lado, ou melhor, em seus lugares. Retornaremos ao Minotauro, que certamente não tinha um nariz, muito menos um corpo ou mente

³⁵² Monteiro Lobato. *O Minotauro*. Página 246.

³⁵³ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 50.

³⁵⁴ Idem. Página 52. “Entre os brasileiros brancos, Roquette Pinto encontrou, para os do norte 64, 15, do centro 59,25 e do sul 60,37”. Idem. Ou seja, os brasileiros brancos não tinham nenhum problema em relação ao seu índice nasal, tendo os do centro um índice menor que os parisienses, italianos e franceses.

eugenicamente perfeitos. Após se helenizar, como disse Péricles, D. Benta afirma que a sociedade moderna apenas desenvolve as idéias gregas:

*“Período nenhum da história da humanidade será mais belo que este. Nunca a arte florescerá tanto, nunca haverá maior produção de idéias. O mundo em que vivo, ou o que chamamos Civilização Moderna, está ainda profundamente influenciado pelo que os gregos deste século criaram e estão criando. Nós, modernos, nada mais fazemos senão desenvolver idéias gregas, embora na maioria coadas através dos romanos”.*³⁵⁵

Assim também pensavam Renato Kehl e seus prosélitos. A ordem era imitar:

*“Imitemos os gregos dos tempos heróicos, no que eles tinham de belo e salutar. Esforcemo-nos como eles para reabilitar física e moralmente os atributos humanos, que a degeneração se propõe a alterar. Embelezemos a espécie humana, certos de que a beleza pode ser criada à nossa vontade”.*³⁵⁶

Vamos continuar nossa viagem pela Grécia Antiga, embarcando em outro texto. No livro *História do Mundo para Crianças*, a avó explica aos meninos a importância da pátria, considerada por ela, o berço da civilização. Após explicar sobre os deuses gregos, a avó resolve contar a história da Guerra de Tróia, despertando uma certa curiosidade sobre a cidade de Esparta. Os meninos pedem, então, para que a história desta *polis* grega seja contada.

*“Era [Esparta] uma cidade da Grécia de costumes bastante especiais. Escutem. Novecentos anos antes de Cristo, por lá apareceu um homem de nome Licurgo, que sonhou fazer de Esparta a mais poderosa cidade do mundo. Para isso saiu a viajar, correndo os países que pôde para ver as causas da força de uns e da fraqueza de outros. Viu que os povos que só davam importância aos prazeres da vida eram fracos, ao passo que os que punham o trabalho acima de tudo e cumpriam os seus deveres, fossem agradáveis ou não, eram fortes”.*³⁵⁷

³⁵⁵ Monteiro Lobato. *O Minotauro*. Página 248. Mais uma vez Monteiro Lobato em outro livro da sua saga nos fala da importância da Grécia nos dias atuais: “A Grécia foi um clarão, cuja luz até hoje ilumina o mundo. Quando eu digo mundo refiro-me ao Ocidente, porque para o orgulho do Ocidente o resto do mundo não é mundo. Até hoje ilumina, vovó? Por quê? Porque até nós, que somos lá dum confinzinho do Brasil, não exprimimos um pensamento sem recorrer a idéias, expressões ou palavras que tiveram origem nesse clarão da Grécia. (...) Como vocês estão vendo, a Grande Grécia vive dentro de nós, nas nossas palavras e nas nossas idéias. E no entanto essas Grécia imensa morreu”. Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. Página 14.

³⁵⁶ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 14.

³⁵⁷ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 48. É interessante notar como D. Benta fala sobre a questão dos “prazeres da vida” e da necessidade de se trabalhar, fosse isso agradável ou não. A relação que é feita por Lobato para explicar isso e Licurgo é semelhante à feita pelos eugenistas. A idéia é, como feito em outros livros de Lobato para crianças, mostrar que um povo que trabalha e produz pode se tornar o povo ou o país mais poderoso do mundo. Um outro bom exemplo disso é forma como nosso autor apresenta os Estados Unidos da América à suas crianças: “Muitas, meu filho. O território dos Estados Unidos é abençoado. Tem tudo. Produz tudo. Se o mundo desaparecesse inteirinho e só ficassem os Estados Unidos, eles continuariam a viver a mesma vida que vivem, sem precisar de nada. Só deixariam de tomar café. (...) O

Ora, uma das maiores bandeiras eugenista era a luta contra os chamados “vícios” da civilização moderna como por exemplo, os “prazeres da vida” como disse D. Benta, ou ainda o álcool, a vida desregrada que, para Kehl e seus companheiros, era um dos principais fatores de degeneração da raça. Claro que a boa velhinha, não poderia falar de sífilis, tuberculose ou prostitutas para seus netos. O assunto seria considerado inadequado e seu condenado pela sociedade conservadora da época de Lobato. Assim, o autor foi aos poucos imputando idéias e conceitos na infância brasileira, mobilizando sua grande habilidade em manejar a dimensão lúdica.

*“Eliminados muitos fatores deletérios, restam ainda hoje, para serem combatidos, uma série de outros, que impedem a realização soberba da saúde e felicidade gerais e a conseqüente longevidade dos nossos semelhantes. São esses fatores certas doenças, vícios e degenerações, quase todos frutos malignos de uma civilização mórbida, enxertada, como um terrível neoplasma, na árvore florida da civilização sadia e boa. A sífilis, a tuberculose, o alcoolismo, e todos os males da luxúria e dos requintes sociais, são os principais entraves à realização do grande ideal eugênico do aperfeiçoamento, bem assim para o prolongamento da vida”.*³⁵⁸

Mas, o desfecho crucial em relação a Esparta ainda estava por vir. Além de afirmar que Esparta era uma cidade de “costumes bastante especiais”, Monteiro Lobato, pela voz de D. Benta, explicou o que eram as leis espartanas sem criticar, em nenhum momento, o regime dessas leis.

“Voltando a Esparta, começou Licurgo a organizar a vida dos espartanos conforme as lições que aprendeu. Fez um código de leis severíssimas, que pegava o espartaninho ao nascer e ia até o fim da vida a governá-lo com toda a

segredo da grandeza americana está na sua tremenda indústria do ferro e do combustível”. Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. Página 99. Ou seja, além de possuírem tudo quanto precisam, menos o café, produto brasileiro, os americanos produziam aquilo que não tinham.

³⁵⁸ Renato Kehl. *A Cura da Fealdade*. Op. Cit. Página 151. Vamos ver a semelhança de pensamento? “A vida dos espartanos – continuou Dona Benta – era bem dura. Simplicidade na comida, ausência de conforto e supressão completa de tudo quanto fosse luxo. Isso os transformou num povo extremamente rijo. Eram ensinados até a falar com energia e economia, dizendo o máximo com mínimo de palavras. Como se chamava este modo seco de falar, Narizinho? Eu já ensinei. Lacônico – respondeu a menina”. Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 49/50. Em comparação a completa supressão do luxo espartano, Monteiro Lobato falou da extrema importância que a Babilônia dava ao luxo e aos prazeres da vida. “Afim! a Babilônia tornou-se a cidade mais majestosa do mundo – e a mais cheia de vícios. Os seus habitantes só queriam saber de prazeres e festas. Havia o dia de hoje; o dia de amanhã era como se não fosse existir. O excesso de riqueza faz mal. O excesso de poder também. Nabuco ficou de tal modo poderosos que enlouqueceu. Na sua loucura considerava-se touro – e passava os dias de quatro, pastando na grama”. Idem. Página 61. Finalmente, D. Benta ensina aos meninos que existem dois tipos de prazeres: “Mas cumpre distinguir o que é prazer. Há os prazeres que fazem bem à gente e aos outros. A sabedoria da vida está em separar estas duas espécies de prazeres. Epicuro, que foi um filósofo notável, queria que só procurássemos o prazer útil, o prazer de boa qualidade. Muita gente ruim, porém, faz quanta patifaria há e diz-se epicurista. O pobre Epicuro nada tem a ver com tais epicuristas”. Idem. Página 127.

*duresa. É de cedo que se torce o pepino, devia ser a divisa desse código. Se os recém-nascidos eram fracos, ou possuíam qualquer defeito físico, a lei mandava abandoná-los numa montanha, para que morressem. Licurgo não queria que houvesse um só aleijado de nascença em Esparta”.*³⁵⁹

Se no Capítulo anterior tivemos uma pequena amostra de como Monteiro Lobato e Renato Kehl apreciavam as leis espartanas, aqui poderemos explorar isso um pouco mais. Como nosso mais famoso escritor infantil, nosso mais famoso eugenista, também fez um grande elogio a Licurgo:

*“Licurgo, legislador de Esparta, foi o campeão da obra selecionadora, a avaliara pelo seu capricho obstinado e selvagem, porque determinava fossem lançadas ao Eurotas as pobres e infelizes crianças, cuja sorte lhes ditara a má sina de virem ao mundo raquíticas e degeneradas. Esse tirano, que viveu no 9º século antes da era cristã, não concebia a existência de entes cacogênicos que viessem perpetuar a sua monstruosidade, fealdade ou doença. O Eurotas era o remédio radical contra a degeneração, - o túmulo da anormalidade”.*³⁶⁰

Entretanto, os eugenistas apontavam falhas nas leis espartanas e afirmavam que esses erros cometidos pelos gregos seriam por eles consertados. A eugenia apregoava a beleza física e moral, e seguia a máxima de Juvenal, *mens sana in corpore sano*. Por isso, os espartanos falharam; por não se preocuparem com a elevação da inteligência:

*“Não obstante, como faz notar judicioso comentador, a organização espartana pecava em dois pontos fundamentais: o espartano era um guerreiro e não um trabalhador e, conquanto rude e honesto, um aristocrata. Com desprezo abandonava o trabalho aos escravos ou ilotas. Desse modo estes progrediam, enquanto eles se estagnavam. Não compreendiam ainda o valor estimulante do trabalho útil para o cérebro e para o corpo... todos os seus esforços visavam apenas a força muscular, a destreza corporal, a coragem, a honestidade e a simplicidade de costumes, nunca, entretanto, a elevação da inteligência e dos sentimentos”.*³⁶¹

Desta forma, os eugenistas acreditavam que, se conseguissem superar esse velho erro - a falta de culto à inteligência e o horror ao trabalho – poderiam, junto com diversas

³⁵⁹ Idem. Página 48/49.

³⁶⁰ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. Op. Cit. Página 19. Apesar do rigor das propostas e pensamentos eugênicos, seus divulgadores reconheciam a crueldade das leis espartanas, mas afirmavam serem estas necessárias. Reconhecimento este que Monteiro Lobato não fez: “Para alcançar tal *desideratum*, quase utópico naquelas eras, em que a ciência iniciava os passos, houve espíritos vigorosos e clarividentes que não hesitaram em estabelecer leis severas, mesmo cruéis, para garantir o futuro do povo ímpar, como o grego, cujas gloriosas tradições se acham impressas, indelevelmente, no seu belo passado milenário”. Idem. Página 18/19. Ou ainda: “Que se estivéssemos sob a jurisdição de um Licurgo, mas de um Licurgo do século XX, sem crueldades e ímpetos de degolador, veríamos a humanidade em nova fase de regeneração, elevando-se para o ideal, mas que ideal? O considerado hoje por muitos como utópico, de se ver o planeta povoado de gente sã e moral somaticamente”. Renato Kehl. *Eugenia e Medicina Social*. Op. Cit. Página 94/95.

³⁶¹ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. Op. Cit. Página 19/20.

medidas eugênicas como a esterilização, a proibição dos casamentos entre degenerados e o combate efetivo às doenças, recriar uma sociedade como a grega aperfeiçoada pelo domínio científico da “hominicultura”. É bom notar que, na verdade, os eugenistas acreditavam que o ideal de civilização seria a comunhão entre o culto ao corpo dos espartanos com o culto à inteligência e ao espírito dos atenienses, amalgamando a afirmativa da sociedade grega como a mais perfeita e a fórmula de Juvenal como a máxima eugênica. Mas vamos ver a opinião de D. Benta sobre o método espartano. Quando Pedrinho questiona sua avó se o sistema de Licurgo havia dado bom resultado, a avó responde como qualquer bom eugenista:

*“Deu e não deu, meu filho. Deu num ponto e não deu noutra. Licurgo errou muito cuidando mais dos músculos do que da cabeça, e apesar de todo aquele esforço Esparta nunca teve a importância de Atenas, a cidade grega que lhe ficava perto. Os atenienses também cuidavam do corpo, mas como não desprezavam o espírito, tornaram-se o povo mais culto e artista da Antigüidade. Cultivavam os bíceps nos ginásios, e fora deles, a música, a poesia, a retórica, a pintura e a escultura”.*³⁶²

O mais interessante é que, ao invés de se manifestar contra essas leis que permitiam a matança de crianças, os personagens se calaram. A única observação foi da boneca de pano, que comparou o sistema de Licurgo ao sistema de Tia Nastácia de escolher os pintinhos do Sítio: *“Sistema de Tia Nastácia com os pintinhos – observou a Emília. – Ela torce o pescoço de todos que não prometem bons frangos”.*³⁶³ Esse sistema ao qual Emília se refere, não por coincidência, é o sistema que a eugenia afirmava querer seguir. O argumento que os eugenistas utilizavam para convencer a população e os governantes para a aplicação da ciência era que a seleção animal e vegetal já estava bastante avançada e que poderia e deveria ser aplicada nos seres humanos. Além disso, outro questionamento que faziam em relação à seleção animal e vegetal, a zootecnia, era que, se homens podiam se preocupar tanto com a seleção de cavalos, bois, carneiros, orquídeas ou milhos, por que não fazer o mesmo com os seres humanos? Não que Tia Nastácia dispusesse de alguma técnica

³⁶² Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 50. É interessante um caso que D. Benta conta para ilustrar a diferença entre Esparta e Atenas, mostrando que a cidade guerreira, a despeito de todo e qualquer rigor de suas leis, era mais humana que a cidade da inteligência: *“Uma vez, numa festa esportiva, um velho que entrara à última hora pôs-se a procurar assento na parte das arquibancadas que os atenienses ocupavam. Nenhum lhe cedeu o lugar. Vendo isso, os espartanos, que estavam do outro lado, chamaram o velho e ofereceram-lhe o melhor lugar. Os atenienses aplaudiram com palmas o belo gesto dos espartanos. Estes comentaram laconicamente: Sabem, mas não praticam, querendo dizer que os atenienses sabiam o que era direito mas não o faziam – de ruindade”.* Idem.

³⁶³ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 49.

científica. Ela simplesmente sabia através da observação que os pintinhos “degenerados” não dariam boas galinhas e bons galos. Mas, segundo os eugenistas esse tipo de técnica era passível de erro. Por isso, era necessária a utilização da ciência como forma de evitar esses desacertos. Emília acreditava que a seleção natural era injusta, mas sempre acertava.³⁶⁴ E já que a seleção estava sendo feita em animais e vegetais, por que não praticar a hominicultura?

*“Pelo que dissemos relativamente à zootecnia, ninguém poderá duvidar da eficácia dos processos da hominicultura. Os conhecimentos derivados da prática e da experimentação, recolhidos através de tantos anos de seleção animal e vegetal, constituem valiosas indicações para o futuro apuramento do gênero humano. Os homens, do mesmo modo que os animais domésticos, são suscetíveis às mesmas influências modificadoras”.*³⁶⁵

Se os personagens não criticaram as leis espartanas, com uma história um pouco semelhante seria diferente. Quando D. Benta está contando aos meninos sobre a sociedade fenícia, afirma que os deuses deste povo exigiam como sacrifícios a queima de crianças vivas. Narizinho ficou extremamente chocada e foi contar a Tia Nastácia – que neste livro aparece apenas para avisar que o chá está servido ou a pipoca pronta – sobre os sacrifícios:

*“Os fenícios adoravam deuses terríveis, verdadeiros monstros como um tal Baal e um tal Moloque, que diziam deuses do Sol. Também adoravam uma deusa da Lua, de nome Astarté. Eram deuses cruéis, aos quais eles faziam sacrifícios de crianças. Vejam que horror! Que sacrifícios eram esses? – perguntou Pedrinho. Queimavam-nas vivas... Num romance de Flaubert, Salambô, há um terrível capítulo sobre uma queima de crianças na cidade de Cartago... E há um ainda mais horrível no romance O Nazareno, de Sholem – Asch. Mas ainda é cedo para a leitura desses romances. Você tem que crescer e aparecer.... Narizinho revoltou-se contra os tais fenícios e foi contar a Tia Nastácia a história da queima das crianças”.*³⁶⁶

É no mínimo curioso que Narizinho tenha se revoltado contra os sacrifícios fenícios e não tenha feito nenhum comentário em relação às leis espartanas; afinal de contas são

³⁶⁴ “Quem governa é uma invisível lei natural. E que lei natural é essa? Simplesmente a Lei de Quem Pode Mais. (...) Não exista a palavra justiça. A natureza só quer saber duma coisa: quem pode mais. O que pode mais tem o que quer, até o momento em que apareça outro que possa ainda mais e lhe tome tudo. E por que essa maldade? O Visconde diz que é por causa duma tal seleção natural, a coisa mais sem coração do mundo, mas que sempre acerta, pois obriga todas as criaturas a irem se aperfeiçoando. ‘Ah, você está parado, não se aperfeiçoa, não é’? Diz a seleção para um bichinho bobo. ‘Pois então leve a breca’. E para não levar a breca, o bichinho trata de inventar toda sorte de defesas e astúcias”. Monteiro Lobato. A Chave do Tamanho. São Paulo, Círculo do Livro, sem data. Obra Infante - Juvenil de Monteiro Lobato, Volume 13. Página 32. Primeira Edição: Companhia Editora Nacional, 1942.

³⁶⁵ Renato Kehl. Lições de Eugenia. Op. Cit. Página 31/32.

³⁶⁶ Monteiro Lobato. História do Mundo para Crianças. Página 46.

métodos praticamente semelhantes. Crianças são mortas em nome de algo. A diferença é que os fenícios sacrificavam seus pimpolhos em nome de deuses, uma simples superstição de um povo “atrasado”, para Lobato; os espartanos, por sua vez, sacrificavam crianças em nome da perfeição da raça, causa que parece tão fundamental para D. Benta, como para Monteiro Lobato. Apenas a boneca de pano, que não podia ficar calada, fez uma observação – sobre pintos - que coincide com um dos principais argumentos utilizados pelos homens de ciência para a aplicação das leis eugênicas. Além disso, é interessante ressaltar que esta observação tenha surgido pela voz de Emília: reconhecidamente desaforada e malcriada, esta colocação da boneca, de certa forma, está autorizada pelo seu comportamento ao longo da obra. É ela quem manda Tia Nastácia para a cozinha, ou que xinga a cozinheira de preta velha, ou ainda é Emília que não chora, porque não é de choros³⁶⁷, diferente da menina Narizinho.

Outro ponto interessante a ser notado é o motivo apontado para a decadência da Grécia. Em *Geografia de Dona Benta*, enquanto passavam pelas costas gregas e tinham a oportunidade de observar alguns monumentos pela luneta da avó, ela ia contando aos netos, mais uma vez, histórias do maravilhoso século de Péricles e a importância desse povo para a civilização moderna. Em determinado momento, D. Benta é questionada se os gregos que vivem hoje na Grécia são os mesmos dos tempos da civilização que modificou o mundo. A resposta é bem enfática: “*Não. Misturaram-se demais. Os gregos de hoje formam uma colcha de retalhos de raças*”.³⁶⁸ Como já visto no capítulo anterior, um dos grandes problemas para os eugenistas era a mistura de raças, haja visto que nem sempre os caracteres perfeitos podem ser transmitidos. Se a civilização grega havia falhado não foi por outro motivo senão a miscigenação³⁶⁹. A mesma razão, como acreditavam os eugenistas e Monteiro Lobato, da inviabilidade brasileira identificada na formação racial.

³⁶⁷ “*Emília sempre teve fama de não possuir coração. Mentira. Tinha sim. Está claro que não era nenhum coração de banana como o de tanta gente. Era um coraçãozinho sério, que pensava que nem uma cabeça*”. Monteiro Lobato. *A Chave do Tamanho*. Página 46.

³⁶⁸ Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. Página 214.

³⁶⁹ Nossa boneca de pano também acreditava que a civilização havia falhado e que ela havia dado um jeito, diminuindo o tamanho dos homens em *A Chave do Tamanho*. É bem verdade que a diminuição acontece por um erro de Emília, que procurava pela chave da guerra, para acabar com ela. Mas como não conseguia saber qual a chave que se referia a cada fato da humanidade, resolve experimentar uma por uma e, por coincidência, a primeira foi justamente aquela que reduzia o tamanho dos homens, dando início assim, ao livro. Emília, durante suas façanhas para se habituar ao seu novo tamanho e conseguir sobreviver em um mundo completamente diferente do que estava habituada, encontra o Visconde de Sabugosa. O sábio do Sítio, que não havia perdido seu tamanho, pois era feito de milho, constrói uma casa, ou melhor, um sítio, para a boneca

Um grande elogio que Renato Kehl fez às leis espartanas de Lycurgo foi em relação à proibição do contato entre espartanos e estrangeiros, (leia-se procriação). Assim acreditava que estaria contribuindo para a constante melhoria da raça de Esparta.

“Ia além seus cuidados premonitórios a bem da raça. Afim de não serem alterados os costumes pátrios, considerava-se perigo o contato com estrangeiros. Estabeleceu-se, assim, completo isolamento no sentido de evitar que o povo espartano fosse contaminado pelo amor das riquezas, do luxo e das orgias. Lycurgo, sábio e precavido, para manter o prestígio moral e físico da raça, determinou, ainda, a expulsão dos estrangeiros perniciosos (...).”³⁷⁰

Da mesma forma que Kehl e seus prosélitos construíram caminhos, que, além de pregar a aversão aos degenerados, procuravam prevenir a sociedade em relação aos estrangeiros. Assim também fez Monteiro Lobato na preocupação que demonstrou, pela voz de D. Benta, com a “colcha de retalhos” que a Grécia havia se tornado no século XX.

“Mas como pode a Grécia decair assim, vovó? Meu filho, a Grécia teve a desgraça de ficar à beira dum caminho muito trafegado. Não houve derrame de invasores da Ásia para a Europa e da Europa para a Ásia que não passasse por cima dela. Só das avalanches dos cruzados, que de todas as partes iam a Jerusalém bater nos turcos, a Grécia sofreu mais que os turcos. Além disso, até bem pouco tempo andou como peteca, de tão conquistada por esse ou aquele povo. Foi conquistada pelos macedônios, pelos romanos, pelos godos, pelos vândalos, pelos eslavos, pelos venezianos, pelos turcos. Só nas unhas dos turcos esteve dois séculos.”³⁷¹

Assim, de uma forma ou de outra, Monteiro Lobato estava ensinando às crianças que, além da mistura de raças não ser um fator desejável, pior ainda seria se a mistura

em sua cartola e ambos saem em busca da casa das chaves para desfazer, a contra gosto dela, a diminuição da humanidade: “Pense bem, Visconde. A tal civilização clássica estava chegando ao fim. Os homens não viam outra solução além da guerra – isto é, matar, matar, matar, destruir todas as coisas criadas pela própria civilização – as cidades, as fábricas, os navios, tudo. Pense bem, Visconde. Essa tal civilização havia falhado. Havia enveredado por um beco sem saída - e a saída que achava qual era? Suicidar-se a tiros de canhão.(...)Quis o bem da humanidade. Acabei com a estupidez maior de todas, que era o tamanho. Mas não querem? Não estão contentes?” Monteiro Lobato. *A Chave do Tamanho*. Página 84. Daqui a pouco veremos qual era o real problema das guerras...

³⁷⁰ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. Op. Cit. Página 19.

³⁷¹ Monteiro Lobato. *Geografia de Dona Benta*. Página 215. Lembrem-se de como Lobato se referiu aos turcos, mais precisamente ao Elias Turco, personagem do Sítio. É bom lembrar também que a imigração turca era condenada pelos eugenistas, sendo proposta a imigração da raça ariana, como já discutido no capítulo anterior. Outro indício: “Essa questão das raças é das mais complexas. Mas em linhas gerais podemos dizer que existem três grandes raças ou grupos raciais ocupando este continente. Os germânicos, isto é, os ingleses, os alemães, os suecos, os noruegueses, os dinamarqueses, os holandeses, os flamengos e metade dos suíços. Depois temos os latinos – italianos, franceses, portugueses, espanhóis e romenos. Depois temos os eslavos – russos, polacos, iugoslavos, búlgaros, tchecos. Existem outros grupos raciais de menos importância, visto que os três já mencionados formam mais de noventa por cento do total da população européia. Existem, por exemplo, os húngaros, os turcos, os bascos, os ciganos...” Idem. Página 223.

ocorresse com raças que não tinham características consideradas ótimas como a grega ou, no caso específico brasileiro, a ariana.

Durante o livro *História do Mundo para Crianças*, toda vez que a avó conta sobre alguma guerra da história da humanidade, Narizinho se revolta com a “crueldade” do homem³⁷². A menina não se conforma como eles podem perder tempo com guerras, destruindo tudo aquilo que haviam construído ao longo dos anos: “*Que horror, vovó. Mais guerras, e logo de trinta anos...*”³⁷³ Crueldade, crime, geralmente, são as palavras que utilizava para se referir às guerras. Mas, crueldade em relação a que? A menina nunca deixa muito claro. Em uma obra extremamente maniqueísta, como é o Sítio, na qual os fatos - principalmente os históricos - são postos na forma da luta entre o bem e o mal, o esperado seria que Narizinho tomasse parte de algum lado. Com exceção, é claro, das guerras promovidas pelos gregos. Destas a menina não se queixava, uma vez que traziam benefícios para a civilização: a oportunidade de ser “colonizado” pela maior sociedade já existente, na visão tanto dos eugenistas como de Monteiro Lobato.

Já discutimos a idéia de Monteiro Lobato, Renato Kehl e outros eugenistas sobre a miscigenação. A queda da civilização grega ocorreu, na sua visão, devido às guerras e a conseqüente mistura de raças. Entretanto, em relação às guerras há uma outra questão que deve ser posta em discussão. Para os eugenistas, a guerra era uma atrocidade não porque colocava um ponto final na vida de indivíduos inocentes. Sua negatividade vinha do fato de que colocava um fim à vida de homens saudáveis; afinal de contas, os “aleijados”, degenerados de todo tipo, aqueles que não correspondiam ao ideal de ser humano, não eram enviados para o campo de batalha. Para estar na guerra é preciso ser perfeito: ter a robustez de um espartano, a inteligência de um ateniense, a perseverança e o gosto pelo trabalho de um americano, a vivacidade de um sueco. Essa era a maior crítica dos eugenistas em relação à guerra, principalmente porque assistiram a Primeira Grande Guerra Mundial e suas conseqüências:

“Nestes momentos que se sucedem às angústias de tantos lares em pranto, que a humanidade avalia atônita as desgraças despejadas ao seu redor; nestes momentos que se seguem ao fechar de túmulos onde se encerram elites – o escol da mocidade européia; nos dias em que vivemos e nos exultamos pela

³⁷² Curioso ela não ter se revoltado com as leis espartanas, não?

³⁷³ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 241. “*Dona Benta bem mostrava ser avó de Narizinho. Apesar da cidade, que traz filosofia, nunca deixou de indignar-se diante da brutalidade humana*” Idem .Página 222.

*regeneração moral, social e econômica da terra, a mais transcendental das questões a se focalizar é a da eugeniação da espécie”.*³⁷⁴

Desta forma, podemos imaginar que a menina Narizinho, ao criticar as guerras pela sua crueldade, defendia entre as crianças essa idéia do horror da guerra segundo seus pontos de vista particulares. Se a sociedade eugenicamente ideal fosse constituída, como desejavam nosso autor e outros eugenistas, (com homens sãos e robustos, como os gregos de antigamente), não haveria o que temer. Toda a obra, a duras sacrifícios conquistada, não seria posta em risco pelas futuras gerações que, apuradas pela genética, não precisariam as guerras e nem mandariam seus melhores jovens para o campo de batalha.

Outra grande bandeira eugênica que Monteiro Lobato também defendeu, como já vimos, não apenas em sua obras “adultas”, foi a campanha contra o álcool. A passagem é bem interessante. D. Benta estava contando aos netos sobre os árabes e afirmou que eles tiveram um importante papel na civilização. Vários feitos foram realizados por eles: o estilo arquitetônico arabesco, descobriram o café³⁷⁵, o algodão.... Entretanto, Narizinho ficou indignada com a maneira pela qual os árabes tratavam as mulheres: “*Que horror! – exclamou Narizinho.- Eram uns malvados com as mulheres. Não as deixavam sair à rua de cara descoberta, mas sempre enleadas num xale onde havia dois buraquinhos para os olhos. Imagine o mundo inteiro assim. Que horror!...*”³⁷⁶ D. Benta, então, começa a descrever outras invenções atribuídas aos sarracenos, como os algarismos árabes, o aço de Damasco, o xadrez³⁷⁷ e o álcool. Enquanto D. Benta ia contando o que os árabes fizeram, Narizinho foi, aos poucos perdoando-os pela maneira como tratavam as mulheres.

Entre as maravilhas descobertas ou inventadas pelos árabes a avó incluiu o álcool. O trecho é longo, mas muito interessante: “*Mas os árabes igualmente inventaram o álcool. Viram que fermentando o caldo de certas plantas açucaradas aparecia esse líquido*

³⁷⁴ Renato Kehl. *Eugenia e Medicina Social*. Op. Cit. Página 194.

³⁷⁵ “*Até eu sou produtora de café. O ano passado vendi duas mil arrobas, que neste momento estão... Onde estarão? Em que país estará sendo bebido o meu cafezinho do ano passado? Quem sabe na Arábia, vovó! – sugeriu Pedrinho. Pode ser. Como também pode ser que estejam queimando lá em Santos...*”. Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 152. Clara alusão de D. Benta a política de Getúlio Vargas que queimou milhares de arrobas de café em virtude do baixo preço pago pelo mercado internacional.

³⁷⁶ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 150.

³⁷⁷ “*Jogavam xadrez, que é o jogo das pessoas que fazem uso do cérebro – e parece mesmo que foram os inventores desse jogo. Inventaram também o relógio*”. Idem. Página 154. Monteiro Lobato era um grande apreciador desse jogo. Há relatos de que na redação da Revista do Brasil, vários intelectuais encontravam-se lá para jogarem xadrez e papearem. Na correspondência com seu melhor amigo, há também um jogo de xadrez que Lobato e Rangel jogavam através das cartas.

transparente que pega fogo e, que bebido, deixa os homens fora de si, como loucos. Espantados com os efeitos do álcool, perceberam tratar-se de um veneno lento".³⁷⁸ Já falamos sobre a campanha antialcoólica feita pelos eugenistas no capítulo anterior. Entretanto, o que mais nos interessa aqui é ver como Monteiro Lobato, em total congruência com as idéias eugênicas, soube transportar isso de maneira simples e convincente para sua obra infantil³⁷⁹. "*O conceito da nocividade do álcool é tão velho como a própria humanidade. Estudos sobre a sua influência degeneradora constituem um aluvião. Todos os dias aparecem novas obras demonstrando os perigos que oferecem as bebidas alcoólicas. Nem por isso, infelizmente, diminuem os adoradores de Baco*".³⁸⁰ A idéia é absolutamente a mesma; apenas utilizam linguagens diferentes, adaptadas aos públicos diversos aos quais se dirigiu.

Se Narizinho estava aos poucos perdoando os árabes, um dos seus fortes motivos foi o fato de terem proibido terminantemente o uso de bebidas alcóolicas, como contou D. Benta: "*Daí proibirem o seu uso da maneira mais terminante. Quer dizer que se os árabes houvessem conquistado o mundo, como pretendiam, talvez estivéssemos hoje livres do vício de beber, que tanto males tem causado à nossa pobre humanidade*".³⁸¹ Essa proibição era uma das grandes reivindicações dos eugenistas aos poderes públicos em todo o mundo. O exemplo a ser seguido era o norte-americano, país que estava sob regime da lei-seca. Para eles, boa parte dos problemas brasileiros se agravariam pela degeneração alcoólica. O álcool, segundo eles, além de transmitir a degeneração dos pais para os filhos, enfraquecia a espécie e, além de tudo, causava um grande desequilíbrio familiar, já que o "chefe de

³⁷⁸ Idem. Página 152/153.

³⁷⁹ Outro indício da congruência de Monteiro Lobato com as teorias eugênicas e sua transposição para o Sítio está em *Memórias de Emília*. A boneca resolve escrever suas memórias para deixá-las para a posteridade. Um dos fatos que conta é a visita que as crianças inglesas fizeram ao Sítio de D. Benta em virtude do anjinho que Emília pegou do céu no livro *Viagem ao Céu*. A notícia de um anjo na Terra, que Emília nomeou de Flor das Alturas, corre o mundo e é feito um sorteio para a escolha do primeiro grupo de crianças que o conheceria. As crianças inglesas ganham e partem rumo ao Brasil acompanhadas pelo Almirante Brown. Enquanto as crianças conheciam Flor das Alturas, o almirante começa a conversar com D. Benta: "*Queira sentar-se, senhor almirante – disse a boa velha (...) E para dentro: - Nastácia, veja depressa um cafezinho. Eu preferiria um uísque, minha senhora – murmurou o almirante, que estava morto de sede, mas sede de inglês, dessas que só uísque mata. Não havendo uísque na casa, Dona Benta fez sinal a Pedrinho para que mandasse buscar na venda do Elias Turco uma garrafa*". Monteiro Lobato. *Memórias de Emília*. Página 30. Ou seja, o Sítio, o lugar perfeito e principalmente, a metáfora do Brasil, não tinha bebidas alcóolicas.

³⁸⁰ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. Op. Cit. Página 149.

³⁸¹ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 153.

família” perdia o interesse pelo trabalho e, conseqüentemente, passava a alimentar e a cuidar mal de sua família.

Enaltecer a tentativa de coibir o álcool era uma maneira clara de controle do trabalhador. *“Terrível é, pois o efeito não só imediato como remoto da paixão pelo álcool; as suas garras assentam-se nas vítimas, enquanto as suas asas assombram a família, a raça, uma nação”*.³⁸² Além disso, há uma dimensão política clara, uma vez que diminuir a produção significava aumentar a pobreza do país. A família, para os eugenistas, tinha um papel extremamente relevante na luta pela sociedade eugenicamente perfeita. Os pais deveriam estar atentos às atitudes de seus filhos, evitando o comportamento desregrado e a possível morbidez decorrente de orgias e bebidas causadoras de doenças, como a sífilis e a tuberculose, outros dois grandes medos ou “cancros sociais”, como diziam.

Narizinho, após saber de todas as criações e medidas eugênicas dos árabes, acaba perdoando por completo o tratamento dispensado às mulheres. É interessante notar que o perdão total da menina, que no início havia ficado tão revoltada com a burca, é um forte indício do peso que Monteiro Lobato atribuiu a determinadas questões presentes em sua época. Aos poucos, nosso autor, faz com que a menina veja as vantagens das descobertas dos árabes, dando um valor muito maior aos avanços que esta civilização trouxe para o mundo moderno do que à condição da mulher na mesma sociedade. Quando os eugenistas se referem à mulher é sempre no sentido de que é ela que carrega por nove meses a futura geração e, principalmente, é ela quem vai amamentar, cuidar e educar a prole. Ou seja, existe tanto na obra de Monteiro Lobato quanto na dos eugenistas uma forte tendência a valorizar o espaço da domesticidade, em uma circunstância em que as mulheres ocupavam crescentemente o espaço público. Ela nada mais é que a procriadora e geradora da vida e a “educadora do lar”, por isso deve cuidar-se para garantir a saúde perfeita da prole e, conseqüentemente, da raça. Assim, homem e mulher seriam o complemento ideal para a regeneração da espécie; ele a força ativa, ela a força potencial:

“A influência da mulher é incisiva no tocante ao futuro da espécie. Da robustez e beleza feminina depende a sua melhoria progressiva. A mulher, em face da biologia humana, representa o elemento de garantia conservadora por excelência, enquanto o homem representa o fator ativo da evolução. São forças cruzadas para o indispensável equilíbrio do todo. A mulher, constitui, em outros

³⁸² Renato Kehl. *A Eugenia*. São Paulo, sem editora, 1917. Página 08.

*termos, o reservatório das energias potenciais da espécie, ao passo que o homem é a energia ativa, em permanente estado de impulsão”.*³⁸³

Assim, o tratamento dispensado pelos árabes a suas mulheres, para Narizinho foi menos importante e merecedor de indignação do que as maravilhas descobertas em terras distantes e, principalmente, a grande medida moralizadora por eles tomada com a proibição de bebidas alcóolicas.

Pela voz de Emília, Lobato dá sua cartada final. Quando Narizinho está prestes a perdoar o povo árabe, sua avó pede que ela escute mais um pouco sobre o tratamento dispensado às mulheres:

*“Eles as consideravam como seres inferiores, boas para escravas do homem apenas, não para companheiras. Deviam pertencer aos homens como animais de luxo. Por isso cada homem podia ter quantas mulheres quisesse. Você agora resolva se lhes perdoa ou não”.*³⁸⁴

Pela voz autorizada da boneca de pano, Lobato fez um comentário extremamente preconceituoso que, afinal, levou Narizinho a decidir que perdoaria os árabes completamente: *“Narizinho vacilou, indecisa, e quem resolveu o caso foi Emília. Que castigo para um homem ter muitas mulheres! – disse ela. Uma só já os deixa tão tontos... Todos riram-se e Narizinho perdoou os árabes completamente”.*³⁸⁵ Esse recurso, utilizado por Monteiro Lobato de ser sempre a “torneirinha de asneiras” a fazer os comentários mais racistas, preconceituosos, sob uma forma humorística que desmancha a própria tensão do que é enunciado foi, talvez, a melhor maneira encontrada pelo autor de expor suas idéias sem ser atacado por adversários políticos ou literários. E é o próprio Monteiro Lobato que atribuiu esse apelido à personagem, como quem já avisa que não devem ser levados muito a sério os comentários da boneca asneirenta.

Marisa Lajolo questiona se haveria no Brasil de Monteiro Lobato lugar para os negros, se no Sítio de D. Benta não tinha. *“Se não havia lugar para os dois negros no sítio de Dona Benta, como haveria lugar para eles no Brasil de Lobato?”*³⁸⁶ Se nos é permitido responder, acreditamos que não havia lugar nem no Sítio da boa e branca avó, nem no Brasil por ele almejado. No país em que Lobato viveu 55 anos de sua vida, o lugar dos

³⁸³ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. Op. Cit. Página 296.

³⁸⁴ Monteiro Lobato. *História do Mundo para Crianças*. Página 155.

³⁸⁵ Idem.

³⁸⁶ Marisa Lajolo, “Negros e Negras em Monteiro Lobato”. Op. Cit. Página 76.

negros era a marginalização e a exclusão de uma sociedade da qual nosso autor fez parte, sendo agente ativo de suas idéias e ideais. Com todos os indícios que deixou em sua vasta obra podemos suspeitar que Monteiro Lobato queria que a situação da raça negra brasileira fosse modificada. Como o próprio autor nos disse em sua carta para Arthur Neiva, se tivéssemos aqui uma Ku-Klux-Klan....

CONCLUSÃO:

Estudar um dos maiores escritores nacionais não é tarefa fácil. Muito já foi escrito, discutido e analisado na obra deste personagem brasileiro. A empreitada pode não ser simples mas, com certeza, é muito prazerosa. Não apenas por ter a oportunidade de revisitar livros que foram meus companheiros de infância, ganhos mensalmente a cada visita da representante do Círculo do Livro mas, e talvez principalmente, por ter a oportunidade de conhecer, mesmo que muito pouco, o autor que povoou muitos de meus sonhos infantis.

Escritor de temas os mais diversos, editor de grande sucesso, empresário de vida atribulada, defensor ardoroso de campanhas tidas como nacionalistas, intelectual de posições muitas vezes divergentes, Monteiro Lobato provocou amores e ódios. Apesar de falar da “má semente” com a qual havíamos nascido e nos constituído como “povo brasileiro” não podemos acusar o autor por seus ‘pecados’ ideológicos. Mas tampouco nos cabe endeusá-lo como um homem a frente de seu tempo, boa semente para as futuras gerações.

Lendo seus incontáveis textos e, principalmente, suas cartas, podemos encontrar um Lobato apaixonado por seu país, que não se envergonha em confessar sentir saudades. Entretanto, nos deparamos também com o menino nascido na roça, que “conheceu” o Jeca Tatu ainda criança; sentimos um Lobato, assim como seus pares, preocupado com a situação brasileira frente ao desenvolvimento, que acompanhava pelos jornais e revistas devorados ao longo de sua vida. Nas primeiras cartas para Godofredo Rangel, lemos um grande debate sobre literatura. O jovem Monteiro Lobato, apesar de promotor em Areias, depois dono de uma relativamente rica propriedade rural, falava sobre sua necessidade de estar sempre lendo; e lia tudo que lhe indicavam ou que, muitas vezes simplesmente pelo título, lhe interessava. Conduto, aos poucos parece perceber que sua pena podia servir não apenas para trazer-lhe fama e prestígio: parece encarar a “literatura como missão”, para usar a expressão de Nicolau Sevcenko.

Foi exatamente esta fase da vida do autor que mais interessou aos propósitos desta dissertação. O Monteiro Lobato do Sítio do Pica-Pau-Amarelo, amplamente conhecido do público, cristalizou-se como o pai da Emília, a boneca de pano atrevida. Mas e o autor de *O*

Choque das Raças? E o intelectual que, ao reformar o Jeca Tatu visualizava uma nova esperança para o Brasil, calcada na ciência? Pior: uma ciência tão expressamente comprometida com projetos políticos totalitários, como a Eugenia? Além de criar um mundo da imaginação, da fantasia, do lúdico, Lobato aproveitou-se dessa forma bem sucedida de fazer literatura para crianças para colocar sua saga infantil a serviço de uma causa pouco inocente.

Para uma leitora fiel e emocionada de sua obra para o público infantil, como eu mesma, descobrir Monteiro Lobato entre as máquinas e o burburinho da cidade de São Paulo, ou ainda no Salão do Hotel Avenida ou na livraria carioca Leite Ribeiro foi uma forma de perceber que o autor era um ser humano comum, sem motivos para o culto e a mistificação de que virou objeto. Entretanto, descobrir um Lobato coadunado com teorias raciais radicais e totalitárias, confesso, não foi uma surpresa muito agradável.

*“Lembra-se das nossas conversas sobre a ruindade da nossa gente?”*³⁸⁷ Em diversas cartas, Lobato insistia no erro da “má semente” ou da ruindade do brasileiro. Mas cartas são cartas e algumas vieram a público, enquanto que outras ainda encontram-se em arquivos. Algumas obras procuram discutir o racismo de Monteiro Lobato. Mas muitas delas isentam-se de responder ou de realizar uma análise mais aprofundada acerca da questão. Não que esta dissertação tenha dado conta de elucidar todo o pensamento lobatiano e suas possíveis conseqüências na sociedade brasileira. Mas espero que alguns indícios para uma melhor compreensão do autor e sua obra tenham sido mapeados e indicados. Uma das maiores preocupações foi evitar análises como esta de Henrique Alves:

*“Um dos aspectos de transcendental importância na obra de Monteiro Lobato, reside na influência que negro ou africano contribuiu para consolidar, glorificar e perpetuar o nome do autor de Negrinha. Desde o primeiro trabalho, publicado em 1918, Monteiro Lobato iniciou uma epopéia de exaltação à cultura afro-brasileira, estudando-lhes as particularidades e procurando através de sua pena oferecer páginas antológicas, indispensáveis em qualquer literatura”*³⁸⁸.

Procurando evitar análises que, ao invés de questionarem posições políticas e sociais do autor, ajudaram a cristalizar a imagem de “amigo das crianças”, procurei descortinar a figura de Monteiro Lobato, e encará-lo de frente. Desta forma o Sítio, o lugar

³⁸⁷ Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva. S. Paulo, 15/7/1922. Arquivo Arthur Neiva. Código 12.

³⁸⁸ Henrique L. Alves, “O Negro na Obra de Monteiro Lobato (I)” in *Revista Brasiliense*, n° 45, Jan/Fev. 1963. P. 128.

perfeito, pode ser encarado como a possibilidade de Lobato formar cidadãos brasileiros com idéias a respeito do mundo e, principalmente, sobre o Brasil. Se *O Choque das Raças* não teve a repercussão esperada pelo nosso autor, sua saga infanto-juvenil até hoje continua a fazer sucesso.

Pretendi simplesmente enfatizar que, apesar de toda a magia dos livros nos quais as crianças podem morar sonhando em um dia conhecer a Emília e toda a sua turma, experimentar o pó de pirlimpimpim e viajar para tempos passados, Monteiro Lobato procurou instruir e catequizar àqueles que um dia iriam governar e dirigir o país. O país do futuro lobatiano seria como o Sítio, onde as práticas de exclusão, até hoje perpetuadas em nossa sociedade, estariam plenamente constituídas e em funcionamento. Não é à toa que a segunda versão para a televisão de *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, na década de 70, teve um duplo destino, como nos mostra Sérgio Caparelli:

“O novo Sítio integra a segunda fase da televisão brasileira marcada pelo sistema de rede que une o norte ao sul. E vai mais longe: marcado pelo intercâmbio a nível internacional, fazendo, por exemplo, que cassete da série fizesse parte do acervo da Unesco e, ao mesmo tempo, fosse recusado pelo Governo de Angola como racista”³⁸⁹.

Este duplo movimento é sintomático não apenas do que pretendi analisar, mas principalmente das relações sociais que Lobato discutiu, veladamente ou não, e do pensamento do autor.

³⁸⁹ Sérgio Caparelli, “Lobato na TV” in Regina Zilberman (Org). *Atualidade de Monteiro Lobato. Uma Revisão Crítica*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. Página 120.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro)

Fundação Casa de Ruy Barbosa (Rio de Janeiro)

Arquivo Edgar Leuenroth (AEL – Unicamp)

Centro de Estudos e Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE – Unicamp)

Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea (CPDOC – FGV – RJ)

Biblioteca Central (BC – Unicamp)

Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL – Unicamp)

Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH – Unicamp)

A - Fontes impressas:

I. Arquivo Arthur Neiva. (AN. 18.06.21) CPDOC – FGV - RJ

II. Coleção Biblioteca Lobatiana (CEDAE – Unicamp)

III. Biblioteca Belisário Penna (IEL – Unicamp)

Periódicos Consultados:

A Manhã (Rio de Janeiro) – 1925-1927.

O Estado de São Paulo (São Paulo) - 1914-1918.

Revista Brasiliense (São Paulo) – 1963.

Revista do Brasil (São Paulo) - 1916-1928.

B – Livros da Literatura Geral de Monteiro Lobato:

Cidades Mortas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.

Negrinha. São Paulo, Editora Brasiliense, 1964.

A Onda Verde e O Presidente Negro. São Paulo, Editora Brasiliense, 1951.

Na Antevéspera. São Paulo, Editora Brasiliense, 1946.

Escândalo do Petróleo e do Ferro. São Paulo, Editora Brasiliense, 1957.

Mr. Slang e o Brasil e O Problema Vital. São Paulo, Editora Brasiliense, 1946.

A Barca de Gleyre. São Paulo, Editora Brasiliense, 1946- 2 Volumes.

Prefácios e Entrevistas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1946.

Cartas Escolhidas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1959.

C - Coleção Infanto-Juvenil de Monteiro Lobato. Círculo do Livro S.A., sem data.

Reinações de Narizinho. Volume 1.

História do Mundo para Crianças. Volume 4.

Memórias da Emília/ Peter Pan. Volume 5.

Emília no País da Gramática/ Aritmética da Emília. Volume 6.

Geografia de Dona Benta. Volume 7.

O Poço do Visconde. Volume 10.

Histórias de Tia Nastácia/ O Pica-Pau-Amarelo. Volume 11.

A Reforma da Natureza/ O Minotauro. Volume 12.

A Chave do Tamanho/ Fábulas. Volume 13.

Bibliografia:

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir.
Monteiro Lobato. Furacão Na Botocúndia. São Paulo, Editora SENAC, 1998.

BARBOSA, Rui. *Campanha Presidencial.* Obras Completas de Rui Barbosa, Volume XLVI 1919, Tomo I. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1956.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira.* São Paulo, Editora Cultrix, 1978.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Pica Pau Amarelo. Uma Leitura de Monteiro Lobato.* São Paulo, Martins Fontes, 1986. Coleção Leituras.

CÂNDIDO, Antonio [et.al]. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato. Vida e Obra.* São Paulo, Editora Brasiliense, 1962, 2 Volumes.

- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *A História Contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nas Vernissagens. Monteiro Lobato e o desejo de uma Arte Nacional no Brasil*. São Paulo, Editora da USP, 1995. Coleção Texto e Arte, Volume 11.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo. Juqyery, História de um Asilo*. São Paulo, Paz e Terra, 1986. Coleções Estudos Brasileiros, Volume 96.
- KEHL, Renato. *A Cura da Fealdade (eugenia e medicina social)*. 1º Edição. São Paulo, Monteiro Lobato&Cia Editores, 1923.
- _____. *A Eugenia*. São Paulo, sem editora, 1917.
- _____. *Certificado Pré-Nupcial. Regulamentação Eugênica do Casamento*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1930.
- _____. *Eugenia e Medicina Social (Problemas da Vida)*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1920.
- _____. *Lições de Eugenia*. 2º Edição. Refundida e Aumentada. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1935.
- _____. *Povo São e Povo Doente; algumas considerações e dados antropométricos*. Rio de Janeiro, Publicação Brasil-Médico, 1920.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1982.
- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato. Um Brasileiro sob Medida*. São Paulo, Editora Moderna, 2000.
- LAJOLO, Marisa e Zilberman, Regina. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo, Ática, 1984.
- LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro. História de uma Ideologia*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1983.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira e GOUVÊA, Maria Cristina Soares. *Lendo e Escrevendo Lobato*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a nação*. São Paulo, Fundação UNESP, 1999.

- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A Medicalização da Raça. Médicos, Educadores e Discurso Eugênico*. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1994. Coleção Ciências Médicas.
- MOTTA, Marly Silva da. *A Nação faz 100 Anos. A Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas- CPDOC, 1992.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua Própria Terra. Representações do Brasileiro 1870-1920*. São Paulo, Annablume, 1998.
- NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato. O Editor do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 2000. Série Identidade Brasileira, Volume 4.
- _____. *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro, MPM Propaganda, 1986.
- _____. *Novos Estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília, Editora da UNB, 1998.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- REIS, José Roberto Franco. *Higiene Mental e Eugenia. O Projeto de "Regeneração Nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)*. Campinas, Dissertação de Mestrado, 1994.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- STEPAN, Nancy Leys. *The Hour of Eugenics. Race, Gender and Nation in Latin America*. London, Cornell University Press, 1996.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

ZILBERMAN, Regina (org). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*.
Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.